

Nuvem da Morte

Andrew Lane

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Nuvem da Morte

Andrew Lane

ANDREW LANE



O JOVEM
**SHERLOCK
HOLMES**
NUVEM DA MORTE

ANDREW LANE



O JOVEM
SHERLOCK
HOLMES

O JOVEM
SHERLOCK
HOLMES



ANDREW LANE

NUVEM DA MORTE

LIVRO 1

Tradução de Débora Isidoro



Dedicado à memória dos escritores de literatura para jovens, cuja obra eu costumava devorar quando era mais novo: capitão W. E. Johns, Hugh Walters, Andre Norton, Malcolm Saville, Alan E. Norse e John Christopher; também à amizade e ao apoio dos integrantes da geração mais recente que tenho a sorte de conhecer: Ben Jeapes, Stephen Cole, Justin Richards, Gus Smith e o incomparável Charlie Higson.

E com enorme gratidão a: Rebecca McNally e Robert Kirby, pela confiança; Jon Lellenberg e Charles Foley, pela autorização; Gareth Pugh, por ter me contado tudo sobre abelhas, e Nigel McCreary, por manter-me lúcido durante a jornada.



PRÓLOGO

NA PRIMEIRA VEZ QUE MATTHEW Arnatt viu a nuvem da morte, ela flutuava para fora da janela do primeiro andar de uma casa perto de onde ele vivia.

O garoto caminhava apressadamente pela High Street, na cidade mercantil de Farnham, à procura de frutas ou de cascas de pão que algum transeunte descuidado pudesse ter deixado cair. Seus olhos deveriam estar atentos ao chão, mas ele olhava para cima, para as casas, para as lojas e a multidão ao redor. Tinha apenas catorze anos e, pelo que podia lembrar, nunca estivera em uma cidade daquele tamanho antes. Ali, na parte mais próspera de Farnham, os edifícios mais antigos, construídos com vigas de madeira, debruçavam-se sobre a rua, e seus aposentos mais altos se assemelhavam a nuvens densas pairando sobre todos.

A rua tinha um trecho pavimentado com pedras arredondadas e lisas, do tamanho de um punho fechado, mas pouco adiante elas eram substituídas por terra batida, da qual se erguiam nuvens de poeira quando cavalos e carroças passavam com estrépito. Separadas por alguns metros, pilhas de excremento de cavalo pontilhavam o caminho: algumas recentes e fumegantes, cercadas por moscas; outras, secas e velhas, como fibras de feno ou grama que, postas juntas, tivessem ficado ali, amassadas.

Matthew sentia o cheiro de esterco fumegante e putrefato, mas também o aroma de pão quente e do que poderia ser um porco assando em fogo alto. Quase podia ver a gordura pingando da carne e queimando nas chamas. A fome oprimia-lhe o estômago, e ele quase se dobrou de tanta dor. Já se haviam passado alguns dias desde que comera uma refeição decente. Ele não sabia quanto tempo mais poderia aguentar.

Um dos transeuntes, um homem gordo com um chapéu-coco marrom e um terno escuro que aparentava ter bastante tempo de uso, parou e estendeu a mão para Matthew como se quisesse ajudá-lo. Matthew se afastou. Não queria caridade.

Caridade levava uma criança sem família ao abrigo público ou à igreja, e ele não queria percorrer o caminho que conduzia para nenhum dos dois destinos. Estava se saindo bem sozinho. Tudo o que precisava fazer era conseguir um pouco de comida.

Quando tivesse alguma coisa no estômago, ficaria bem.

Ele esgueirou-se por um beco antes que o homem pudesse segurá-lo

pelo ombro; depois virou em uma esquina e seguiu por uma rua tão estreita, que os andares superiores das casas que ficavam de um lado quase encostavam nos das

casas do lado oposto. Uma pessoa poderia passar diretamente de um quarto a outro, que ficasse na casa da calçada em frente, se estivesse disposta a fazer isso.

Foi quando viu a nuvem da morte. Não que ele soubesse o que era, naquele momento. Isso aconteceria mais tarde. Não, tudo o que viu foi uma mancha escura do tamanho de um cachorro grande, que parecia escapar como fumaça por uma janela aberta. Mas uma fumaça que se movia por vontade própria: parou por um momento, depois fluiu lateralmente para uma calha, e então fez uma curva e subiu, deslizando para o telhado. Esquecendo a fome, ele observou boquiaberto enquanto a nuvem flutuava sobre os telhados dos edifícios e desaparecia.

Um grito agudo rompeu o silêncio, um grito que veio da janela aberta, e Matthew se virou e voltou pela rua tão depressa quanto suas pernas malnutridas podiam levá-lo. As pessoas não gritavam daquele jeito quando se surpreendiam.

Não gritavam daquele jeito nem mesmo quando sofriam um choque. Não, Matthew sabia que um ser humano só gritava dessa maneira se temesse pela própria vida, e o que quer que tivesse provocado aquele grito não era algo que ele desejasse ver.



CAPÍTULO UM

— VOCÊ AÍ! VENHA AQUI! Sherlock Holmes virou-se para ver quem era chamado e quem estava chamando. Havia centenas de alunos sob o sol radiante do lado de fora da Escola Deepdene para Meninos naquela manhã, todos vestindo um imaculado uniforme escolar, e, aos pés de cada um deles, como se fosse um cão leal, via-se um baú de madeira com alça de couro ou um punhado de malas muito cheias.

Qualquer um poderia ter sido o alvo do chamado. Os professores de Deepdene faziam questão de nunca chamar os alunos pelo nome — era sempre —Você!,

—Rapaz! ou —Criança!. Isso, além de dificultar a vida dos garotos, mantinha-os alerta, e provavelmente era a razão desse costume. Ou então os professores, havia muito tempo, tinham desistido de tentar lembrar o nome de seus alunos; Sherlock não sabia qual era a explicação mais provável. Talvez as duas.

Nenhum dos outros alunos prestava atenção. Ou conversavam com parentes que tinham ido buscá-los, ou olhavam ansiosos para os portões da escola, à espera de verem a carruagem que os levaria para casa. Relutante, Sherlock virou-se para ver se o maligno dedo do destino apontava em sua direção.

Apontava. O dedo em questão pertencia, nesse caso, ao Sr. Tulley, o professor de latim. Ele acabara de aparecer na esquina do prédio, onde Sherlock estava, afastado dos demais alunos. Seu terno, normalmente coberto de pó de giz, fora especialmente limpo para o fim do período e os inevitáveis encontros com os pais que pagavam pela educação dos filhos, e seu capelo permanecia reto sobre a cabeça, como se colado ali pelo diretor.

— Eu, senhor? — Sim, senhor. Você, senhor — respondeu irritado o Sr.

Tulley. — Dirija-se à sala do diretor *quam celerrime*. Lembra-se o suficiente das aulas de latim para saber o que isso significa? — Significa —imediatamente, senhor.

— Então, mova-se.

Sherlock voltou o olhar para o portão.

— Mas, senhor... Estou esperando meu pai vir me buscar.

— Tenho certeza de que ele não irá embora sem você, rapaz.

Sherlock fez uma última e ousada tentativa.

— Minha bagagem... O Sr. Tulley olhou com desdém para a velha arca de madeira de Sherlock — uma herança das viagens do pai quando era militar, coberta por manchas de sujeira e arranhões deixados pelo tempo.— Não creio que alguém

vá querer roubá-la, exceto, talvez, por seu valor histórico — ele disse. — Vou providenciar para que um monitor tome conta dela. Agora vá.

Relutante, Sherlock abandonou seus pertences — camisas e roupas

íntimas, livros de poesia e cadernos nos quais adquirira o hábito de anotar ideias, pensamentos, especulações e alguma melodia que surgisse em sua cabeça — e dirigiu-se à galeria que, sustentada por colunas, levava à entrada do prédio da escola. Enquanto atravessava o mar de alunos, pais e irmãos, mantinha o olhar fixo no portão estreito, que vários cavalos e carruagens tentavam cruzar ao mesmo tempo.

O saguão da entrada era revestido de carvalho e adornado com bustos de mármore dos antigos diretores e patronos, cada qual em seu pedestal. Raios de sol atravessavam o espaço no sentido diagonal: entravam pelas janelas altas e incidiam sobre o piso de lajotas pretas e brancas, iluminando a poeira de giz que pairava no ar. O ambiente tinha o cheiro do ácido carbólico que as criadas usavam para limpar o piso todas as manhãs. A aglomeração no saguão dava a impressão de que a qualquer momento um daqueles bustos cairia. Alguns deles já tinham rachaduras que marcavam a superfície de mármore, e isso dava a impressão de que, a cada ano, pelo menos um deles caía e era reparado.

Sherlock andava e desviava-se das pessoas, ignorado por todos, até livrar-se da multidão e chegar a um corredor que saía do saguão. A sala do diretor ficava alguns metros adiante. Ele parou na soleira, respirou fundo, ajeitou as lapelas e bateu na porta.

— Entre! — respondeu a voz alta e teatral.

Sherlock girou a maçaneta e empurrou a porta, tentando sufocar o nervosismo que se espalhava como raios por seu corpo. Estivera naquela sala apenas duas vezes: uma com o pai, quando chegaram a Deepdene, e, um ano mais tarde, com outros alunos, todos acusados de colar em uma prova. Os três líderes do grupo tinham sido castigados com a palmatória e expulsos; quatro ou cinco seguidores foram açoitados até o traseiro sangrar, mas permaneceram na escola; Sherlock, cujos trabalhos tinham sido copiados pelo grupo, escapara da palmatória dizendo que não sabia de nada sobre o episódio. Na verdade, ele sabia de tudo, mas sempre fora um excluído na escola, e, se o fato de deixar que outros alunos copiassem seu trabalho fosse torná-lo mais tolerado, se não aceito, ele não faria objeções éticas. Por outro lado, também não iria delatar os colegas que tinham colado, porque isso certamente lhe renderia uma surra, e talvez fosse mantido à força diante de uma das fogueiras que ardiam na frente dos alojamentos, até que sua pele comesse a fazer bolhas e as roupas fumessem. A vida escolar era assim: um eterno malabarismo entre professores e colegas. E Sherlock odiava isso.

A sala do diretor era exatamente como ele lembrava: ampla, escura e com um

cheiro que combinava couro com fumo para cachimbo. O Sr. Tomblinson estava sentado atrás de uma escrivaninha grande o bastante para que se pudesse jogar boliche nela. Era um homem corpulento, que vestia um terno ligeiramente apertado, talvez com a intenção de convencer-se de que não era tão grande quanto obviamente era.

— Ah, Holmes, não é? Entre, rapaz, entre. E feche a porta.

Sherlock fez como fora instruído, mas, ao fechar a porta, viu que havia outra pessoa na sala: um homem parado diante da janela, com um cálice de xerez na mão.

A luz do sol se transformava em fragmentos de arco-íris ao incidir sobre o vidro da taça.

— Mycroft? — disse Sherlock, surpreso.

Seu irmão mais velho virou-se para encará-lo, e um sorriso tremulou tão rapidamente em seus lábios, que, se Sherlock tivesse piscado no momento errado, não o veria.

— Sherlock. Você cresceu.

— Você também — respondeu Sherlock. De fato, o irmão engordara. Estava quase tão roliço quanto o diretor, mas seu terno fora feito de forma a esconder o sobrepeso, não acentuá-lo. — Você veio na carruagem de nosso pai.

Mycroft ergueu uma sobrancelha.

— Como diabos chegou a essa conclusão, jovem? Sherlock encolheu os ombros.

— Notei que há vincos paralelos na sua calça, onde ela foi pressionada pelo estofamento, e lembro que, no assento da carruagem, ele tem um rasgo, que foi grosseiramente remendado há alguns anos. A impressão desse conserto ficou em sua calça, perto dos vincos. — Sherlock fez uma pausa. — Mycroft, onde está nosso pai? O diretor *pigarreou* para atrair a atenção do aluno.

— Seu pai está... — Papai não virá — Mycroft o interrompeu com um tom ameno. — Seu regimento foi destacado para a Índia, a fim de

reforçar a força militar atual. Há certa agitação na região da fronteira noroeste. Sabe onde fica? — Sim.

Estudamos a Índia nas aulas de geografia e história.

— Bom menino.

— Não sabia que os nativos estavam causando problemas outra vez — resmungou o diretor. — Não foi divulgado pelo jornal *The Times*, certamente.

— Não são os indianos — contou Mycroft. — Quando recuperamos o território da Companhia das Índias Orientais, os soldados que ali estavam foram postos de volta sob o comando do Exército. Eles consideram o novo regime muito mais... severo... que o anterior. Tem havido muito ressentimento, e o Governo decidiu aumentar drasticamente o tamanho do contingente na Índia, para dar-lhes um exemplo de como devem ser os soldados *de verdade*. Já é ruim lidar com uma

revolução dos nativos; um motim dentro do Exército britânico é inaceitável.

— E *haverá* um motim? — perguntou Sherlock, sentindo o coração apertar como se fosse uma pedra que afundasse em águas profundas. — Papai estará seguro? Mycroft encolheu os ombros largos.

— Não sei — ele respondeu com simplicidade. Essa era uma das coisas que Sherlock respeitava no irmão. Ele sempre dava uma resposta direta a uma pergunta direta. Não enrolava. — Infelizmente, não tenho todas as informações. Ainda não, ao menos.

— Mas você trabalha para o Governo — insistiu Sherlock. — Deve ter alguma ideia do que pode acontecer. Não é possível enviar um regimento diferente?

Manter nosso pai aqui na Inglaterra? — Estou no Ministério das Relações Exteriores há apenas alguns meses — respondeu Mycroft — e, embora esteja lisonjeado por você pensar que tenho o poder de alterar coisas tão importantes, receio não tê-lo.

Sou um conselheiro. Apenas um funcionário administrativo, na verdade.

— Quanto tempo nosso pai ficará fora do país? — indagou Sherlock,

lembrando o homem grande vestido com o paletó de sarja vermelha e os cintos brancos cruzando o peito, a pessoa de riso fácil e que raramente perdia a calma, que era seu pai. O jovem sentiu a pressão no peito, mas controlou as emoções. Se aprendera uma lição durante seu tempo em Deepdene, era que uma pessoa nunca deveria demonstrar emoção. Caso contrário, isso seria usado contra essa pessoa.

— Seis semanas até o navio chegar ao porto, estimo que uns seis meses no país, e mais seis semanas para a viagem de volta. Nove meses, ao todo.

— Quase um ano. — Sherlock abaixou a cabeça por um momento, recompondo-se, depois assentiu. — Podemos ir para casa agora? — Você não vai para casa — respondeu Mycroft.

Sherlock ficou parado, absorvendo as palavras, sem dizer nada.

— Ele não pode ficar aqui — avisou o diretor. — O lugar está sendo limpo.

Mycroft transferiu o olhar calmo de Sherlock para o diretor: — Nossa mãe... não se sente bem — disse. — Sua constituição é, na melhor das hipóteses, delicada, e essa questão envolvendo nosso pai a abalou muito. Ela precisa de paz e tranquilidade, e Sherlock precisa de alguém mais velho que cuide dele.

— Mas eu tenho *você*! — protestou Sherlock.

Mycroft balançou a cabeça com tristeza.

— Agora vivo em Londres, e preciso trabalhar muitas horas todo dia. Receio não poder ser o guardião apropriado de um menino, especialmente um tão inquisitivo quanto você. — Ele se virou para o diretor, quase como se fosse mais fácil dizer a ele a informação seguinte que anunciá-la a Sherlock. — Embora a casa da família fique em Horsham, temos parentes em Farnham, não muito longe daqui. Um tio e uma tia. Sherlock ficará com eles durante as férias escolares.

— Não! — Sherlock explodiu — Sim — Mycroft anunciou calmamente. —

Já está arranjado. Tio Sherrinford e tia Anna aceitaram hospedá-lo durante o verão.

— Mas eu nem os *conheço*! — Mesmo assim, são da família.

Mycroft despediu-se do diretor enquanto Sherlock ficava ali, parado, tentando assimilar a enormidade do que acabara de acontecer. Não iria para casa.

Não veria o pai e a mãe. Não exploraria os campos e os bosques em volta da mansão que fora seu lar por catorze anos. Não dormiria em sua antiga cama no último andar da casa, no quarto onde guardava todos os seus livros. Não iria escondido até a cozinha, onde a cozinheira lhe daria uma fatia de pão com geleia se ele lhe sorrisse. Em vez disso, passaria semanas com pessoas que não conhecia, comportando-se da melhor maneira possível, em uma cidade, em uma *região* sobre a qual não sabia nada. Sozinho, até voltar para a escola.

Como suportaria? Sherlock saiu com Mycroft da sala do diretor e seguiu-o pelo corredor até o saguão na entrada do prédio. A carruagem fechada os aguardava do lado de fora, com as rodas cobertas de lama e as laterais empoeiradas da viagem de Mycroft até ali. O brasão da família Holmes fora pintado na porta. O baú de Sherlock já tinha sido acomodado na parte de trás. Um condutor sério que Sherlock não reconhecia ocupava o assento na frente do veículo, segurando com uma atitude relaxada as rédeas que ligavam a carruagem aos dois cavalos.

— Como ele sabia qual era minha bagagem?

Mycroft fez um gesto com as mãos que indicava que aquilo não era nada especial.

— Eu vi sua arca pela janela do diretor. Era a única que estava abandonada.

Além do mais, ela pertencia a nosso pai. O diretor teve a gentileza de mandar um menino dizer a nosso condutor para trazê-la para a carruagem. — Ele abriu a porta do veículo e fez um gesto que convidava Sherlock a entrar. Em vez disso, Sherlock olhou em volta, para a escola e para os outros alunos.

— Está agindo como se achasse que nunca mais irá vê-los — disse Mycroft.

— Não é isso — respondeu Sherlock. — É que esperava sair daqui para um lugar melhor. Agora sei que estou indo para um lugar pior. Ou, na melhor das hipóteses, tão ruim quanto este lugar.

— Não será assim. Tio Sherrinford e tia Anna são boas pessoas. Sherrinford é irmão de nosso pai.

— Então, por que nunca ouvi falar deles? — perguntou Sherlock. — Por que nosso pai nunca mencionou que tinha um irmão? Mycroft encolheu-se quase imperceptivelmente.

— Receio que tenha havido um problema na família. As relações estiveram tensas por algum tempo. Mamãe retomou o contato por cartas há alguns meses. Não sei nem se nosso pai sabe disso.

— E é para esse lugar que você vai me mandar? Mycroft bateu no ombro de Sherlock.

— Se houvesse alternativa, eu não teria tomado essa decisão, acredite.

Agora, ainda precisa se despedir de seus amigos? Sherlock olhou à volta. Havia garotos que ele conhecia, mas será que algum deles era de fato um amigo? — Não

— o menino respondeu. — Vamos embora.

A viagem até Farnham durou várias horas. Depois de passar pela cidade de Dorking, que era a área habitada mais próxima de Deepdene, a carruagem seguiu adiante por estradas rurais, e viajou sob árvores frondosas, passando por um ou outro chalé de sapê ou casa de alvenaria, e por campos cobertos de plantações de cevada. O sol brilhava no céu sem nuvens e transformava a carruagem em um forno, apesar da brisa que soprava fora. Insetos zuniam preguiçosos nas janelas. Sherlock ficou algum tempo vendo o mundo passar do lado de fora. Eles pararam em uma hospedaria para almoçar, e lá Mycroft comprou um pouco de presunto e queijo e um pedaço de pão. Em algum estágio da jornada, Sherlock adormeceu. Quando acordou, minutos ou horas depois, a carruagem ainda se movia pelo mesmo cenário. Por algum tempo ele conversou com Mycroft sobre o que acontecia na casa da família, sobre a irmã deles, sobre a saúde frágil da mãe. Mycroft perguntou sobre os estudos de Sherlock, que contou a ele alguma coisa sobre as diversas aulas a que tinha assistido, e mais sobre os professores que as administraram. Ele reproduziu vozes e maneirismos, e fez o irmão mais velho rir da crueldade e do humor das imitações.

Depois de um tempo surgiram mais casas ao longo da estrada, e logo entravam em uma cidade grande, com os cascos dos cavalos fazendo barulho nas pedras do calçamento. Debruçado na janela do veículo, Sherlock viu o que parecia ser uma sede administrativa: um edifício de três andares, todo de reboco branco e vigas pretas, com um grande relógio que pendia de um suporte sobre a porta dupla da entrada.

— Farnham? — ele conjecturou.

— Guildford — respondeu Mycroft. — Agora falta pouco para chegarmos a Farnham.

A estrada depois de Guildford percorria uma serra cercada por precipícios dos dois lados; campos e bosques se espalhavam como brinquedos, com trechos ocupados por flores amarelas.

— Esta serra é chamada de Hog's Back — Mycroft comentou. — Há uma estação de semáforo por aqui, em Pewley Hill; é parte da cadeia que se estende desde o Almirantado em Londres até o porto de Portsmouth. Eles já ensinaram sobre semáforos na escola? Sherlock balançou negativamente a cabeça.

— Típico — murmurou Mycroft. — Todo latim que um menino seja capaz de enfiar na cabeça, mas nada que possa ter alguma utilidade prática... — Ele

suspirou. — O semáforo é um método para transmitir mensagens rapidamente por uma longa distância, o que levaria dias para um mensageiro a cavalo. As estações de semáforos têm no topo tábuas que podem ser vistas de longe, e nelas há seis grandes buracos que podem ser abertos ou fechados por obturadores. Dependendo dos buracos que são abertos ou fechados, as tábuas formam letras diferentes. Um homem em cada estação observa com um telescópio tanto a estação anterior quanto a seguinte. Se vê uma mensagem sendo escrita, ele a anota e a repete em sua estação.

Dessa forma a mensagem viaja. Esta cadeia em particular começa no Almirantado, segue por Chelsea e Kingston e acompanha o Tâmis até aqui, e continua até o porto de Portsmouth. Existe outra cadeia até o porto de Chatham e outras para Deal, Sheerness, Great Yarmouth e Plymouth. Foram construídas para que o Almirantado pudesse transmitir mensagens rapidamente para a Marinha, no caso de uma invasão francesa ao país. Agora, diga-me: se há seis buracos e cada um deles pode estar aberto ou fechado, quantas combinações diferentes existem que representem letras, números ou outros símbolos? Lutando contra o impulso de dizer ao irmão que ele estava de férias, Sherlock fechou os olhos e fez cálculos durante um tempo. Um buraco podia ter duas posições: aberto ou fechado. Dois buracos podiam representar quatro posições: aberto-aberto; aberto-fechado; fechado-aberto; fechado-fechado.

Três buracos... Ele trabalhou rapidamente estudando as possibilidades

e logo percebeu que um padrão emergia.

— Sessenta e quatro — respondeu.

— Muito bem — Mycroft aprovou. — Fico feliz por ver que sua matemática, pelo menos, está afiada. — Ele olhou pela janela à direita. — Ah, Aldershot! Lugar interessante. Há catorze anos foi designado para lar do Exército britânico pela rainha Vitória. Antes, era só um vilarejo com menos de mil habitantes.

Agora são dezesseis mil, e a cidade ainda está em crescimento.

Sherlock esticou o pescoço para enxergar o que havia além da janela ao lado do irmão, mas, de onde estava, só conseguia ver um amontoado de casas e o que talvez tivesse sido uma ferrovia que corresse paralelamente à estrada ao pé da encosta. Ele voltou a acomodar-se no assento e fechou os olhos, tentando não pensar no que o esperava.

Depois de um tempo sentiu que a carruagem descia uma ladeira. Logo depois eles começaram a descrever uma série de curvas, e o som do solo sob os cascos dos cavalos mudou. O calçamento de pedra dava lugar à terra batida. Ele fechou os olhos com mais força ainda, tentando adiar o momento em que teria de aceitar o que estava acontecendo.

A carruagem parou sobre o cascalho. O som de pássaros cantando e do vento soprando por entre as folhas das árvores invadiu o veículo. Sherlock ouviu passos que se aproximavam.

— Sherlock — Mycroft chamou com um tom gentil. — Hora de encarar a realidade.

Ele abriu os olhos.

A carruagem estava diante da entrada de uma casa ampla. Construída com tijolos vermelhos, ela se erguia muito imponente com seus três andares, além do que parecia ser um conjunto de cômodos no sótão, a julgar pelas pequenas janelas no telhado de placas cinzentas. Um criado preparava-se para abrir a porta do lado de Mycroft. Sherlock se deslocou pelo banco e seguiu o irmão para fora do veículo.

Uma mulher os esperava no alto da escada de três largos degraus de pedra, no pórtico sombrio diante da porta de entrada. Estava vestida inteiramente de preto.

O rosto era magro e contraído; os lábios eram apertados, e os olhos, estreitos, como se naquela manhã alguém tivesse trocado sua xícara de chá por vinagre.

— Bem-vindos à mansão Holmes; eu sou a Sra. Eglantine — ela disse com voz seca, áspera. — Sou a governanta. — E olhou para Mycroft. — O Sr. Holmes o receberá na biblioteca quando você puder. — Seu olhar deslizou para Sherlock. — E

o criado vai levar sua... bagagem... para o seu quarto, Sr. Holmes. O chá da tarde será servido às três horas. Por favor, tenha a bondade de permanecer em seu quarto até lá.

— Não ficarei para o chá — informou Mycroft com sua voz suave. —

Infelizmente, preciso retornar a Londres. — Ele se voltou para Sherlock, e em seus olhos havia uma expressão que era parte solidariedade, parte amor fraternal, parte advertência. — Cuide-se, Sherlock — disse ele. — Virei buscá-lo para levá-lo de volta à escola no fim das férias, e se puder virei visitá-lo antes disso. Seja bom, e aproveite a oportunidade para conhecer o lugar. Acredito que tio Sherrinford tenha uma excelente biblioteca. Peça-lhe permissão para tirar proveito da sabedoria acumulada nesses livros. Vou deixar meus contatos com a Sra. Eglantine; se precisar de mim, mande um telegrama ou escreva uma carta. — Ele tocou o ombro de Sherlock para confortá-lo. — Essas pessoas são boas — disse, com a voz baixa o bastante para que a Sra. Eglantine não pudesse ouvi-lo —, mas, como todos da família Holmes, têm suas excentricidades. Fique atento e tome cuidado para não chateá-las. Escreva-me quando tiver tempo. E lembre-se: não é para o resto da vida.

Serão apenas dois meses. Coragem. — Ele apertou o ombro do irmão.

Sherlock sentiu uma bolha de raiva e frustração subir pela garganta e a suprimiu. Não queria que Mycroft visse sua reação, e também não queria começar mal esse período de hospedagem na mansão Holmes. Suas atitudes nos próximos minutos determinariam o tom do restante da estada.

Ele estendeu a mão. Mycroft soltou o ombro de Sherlock e apertou a mão do irmão, sorrindo com afeto.

— Adeus — Sherlock disse com o tom mais neutro que conseguiu empregar.

— Diga à mamãe que a amo. E à Charlotte, também. E se tiver alguma

notícia de nosso pai, por favor, avise-me.

Mycroft virou-se e começou a subir a escada que levava à porta de entrada.

A Sra. Eglantine, com seu rosto inexpressivo, e Sherlock olharam-se por um momento, e então ela se virou e conduziu Mycroft ao interior da casa.

Sherlock olhou para trás e viu o criado lutando para equilibrar o baú sobre o ombro. Quando conseguiu equilibrá-lo, subiu cambaleante a escada atrás de Sherlock, que, cabisbaixo, o acompanhou.

O piso do saguão era de ladrilhos pretos e brancos; o revestimento das paredes era de mogno; uma escada de mármore ornamentada descia dos andares superiores como uma cachoeira congelada, e quadros de cenas religiosas, paisagens e animais cobriam as paredes. Mycroft entrou, por uma porta à esquerda da escada, em um quarto que, pelo pouco que Sherlock conseguiu ver, era cheio de coleções de livros encapadas com couro verde. Um homem magro, idoso, num terno preto antiquado, levantou-se de uma cadeira estofada com um tom de couro exatamente igual ao das capas dos livros atrás dela. O homem tinha barba, o rosto era enrugado e pálido, e havia manchas amareladas em seu couro cabeludo.

A porta foi fechada enquanto eles se cumprimentavam com um aperto de mão. O criado seguiu em frente até o pé da escada, ainda equilibrando o baú sobre os ombros. Sherlock seguiu-o.

A Sra. Eglantine estava ao pé da escada, na frente da biblioteca. Olhava, por cima da cabeça de Sherlock, para a porta fechada.

— Criança, tenha certeza de que *não* é bem-vinda aqui — a governanta sibilou quando Sherlock passou por ela.



CAPÍTULO DOIS

DE ONDE ESTAVA SENTADO, no bosque nos arredores de Farnham, Sherlock via um barranco que descia até uma trilha de terra que serpenteava pelo mato rasteiro, como um leito seco de rio, até sumir de vista. Do outro lado da cidade, na encosta de uma colina, um

pequeno castelo erguia-se por entre as árvores. Não havia mais ninguém por perto. Havia tanto tempo que Sherlock estava ali, sentado e quieto, que os animais acabaram por habituar-se à sua presença. De vez em quando se ouvia um farfalhar na relva alta, quando algum rato passava por ali, enquanto falcões descreviam círculos no céu azul, à espera de que algum animal pequeno fosse estúpido o bastante para aparecer em área aberta.

O vento sacudia as folhas das árvores atrás de Sherlock. Ele deixava a mente divagar, tentando não pensar no passado ou no futuro, vivendo apenas o momento por tanto tempo quanto pudesse. O passado doía como um hematoma e o futuro imediato não era algo pelo qual ele ansiasse. A única maneira de prosseguir era não pensar no assunto, apenas se deixar embalar pela brisa e observar os animais que se moviam à sua volta.

Estava hospedado na mansão Holmes havia três dias, e a situação não era muito melhor que aquela que ele encontrara ao chegar. O pior de tudo era a Sra.

Eglantine. A governanta era um espectro onipresente a perscrutar pelos cantos mais obscuros da casa. Sempre que se virava, ele a encontrava lá, parada na penumbra, observando-o com seus olhos enrugados. A mulher mal falara três frases com ele desde sua chegada. Sherlock tinha a impressão de que se esperava que ele comparecesse à mesa para o café da manhã, o almoço, o chá da tarde e o jantar, não dissesse nem uma palavra, comesse o mais silenciosamente possível e depois desaparecesse até a refeição seguinte; essa seria sua rotina até o final das férias, quando Mycroft voltaria para libertá-lo de sua sentença.

Sherrinford e Anna Holmes — o tio e a tia — normalmente estavam presentes no café da manhã e no jantar. Sherrinford era uma figura dominadora: tão alto quanto o irmão, porém muito mais magro; faces proeminentes, testa arredondada no centro e funda nas laterais, barba branca e espessa que descia até o peito, mas sobre a cabeça o cabelo era tão escasso, que, para Sherlock, parecia que cada fio tinha sido pintado no couro cabeludo e recoberto por uma camada de verniz. Entre as refeições, o tio desaparecia no escritório ou na biblioteca, nos quais, pelo que o menino podia deduzir de fragmentos de conversas que conseguira ouvir, escrevia

panfletos religiosos e sermões para vigários de todo o país. A única ocasião em que ele disse algo concreto a Sherlock nos três dias anteriores foi quando o encarou com um olhar profundo durante um

almoço e disse: — Qual é o estado de sua alma, menino?

Sherlock piscara, parando o garfo a meio caminho da boca. Lembrando-se do Sr. Tulley, professor de latim em Deepdene, respondera: — *Extra ecclesiam nulla salus* — que, ele tinha certeza, significava — Fora da Igreja não há salvação.

E funcionara, aparentemente: Sherrinford Holmes assentira e murmurara: —

Ah, São Cipriano de Cartago, é claro! — E voltara a comer.

A Sra. Holmes — ou tia Anna — era uma mulher pequena e inquieta, que parecia estar em constante movimento. Mesmo quando sentada, suas mãos se mexiam o tempo todo, sem nunca pousarem por mais de um instante em qualquer lugar. Ela falava sem parar, mas não exatamente *com* alguém. Era como se gostasse de conduzir um eterno monólogo, e não parecia esperar que participassem da conversa ou respondessem a alguma de suas questões retóricas.

Ao menos a comida era razoável — melhor que as refeições em Deepdene.

Normalmente, um monte de vegetais — cenouras, batatas e couve-flor, que ele acreditava serem cultivadas no terreno da mansão —, mas também havia sempre algum tipo de carne, e, em vez da coisa cinzenta, gordurosa e impossível de identificar a que Sherlock se acostumara na escola, ali ela era bem-temperada e saborosa: presunto, coxas de frango, filés de algo que lhe disseram ser salmão e, em uma ocasião, grandes fatias de paleta de carneiro cobertas com um molho grudento.

Se não tomasse cuidado, engordaria tanto, que acabaria parecido com Mycroft.

Seu quarto ficava no último andar da casa; não era propriamente a ala dos criados, mas também não era com a família. O teto entre a porta e a janela era inclinado, de forma a acompanhar a linha do telhado, e por isso Sherlock tinha de curvar-se para andar pelo aposento. O piso era formado por tábuas lisas e coberto por um tapete de idade duvidosa. A cama era tão dura quanto a que ele ocupava na escola. Nas duas primeiras noites, o silêncio o mantivera acordado durante horas.

Acostumara-se de tal forma a ouvir outros trinta garotos roncar, falar enquanto dormiam, ou soluçar e chorar no travesseiro, que a

repentina ausência de sons o perturbava, mas então abriu a janela para respirar um pouco de ar fresco e descobriu que a noite não era nada silenciosa — os ruídos só eram mais sutis.

Desse dia em diante, passou a dormir embalado pelo pio das corujas, pelos gritos das raposas e pelo súbito bater de asas provocado por alguma coisa que assustava as galinhas atrás da casa.

Apesar do conselho do irmão, não conseguira ir à biblioteca para ler um livro. Sherrinford Holmes passava a maior parte de seu tempo ali, pesquisando para escrever seus textos religiosos, e Sherlock tinha medo de incomodá-lo. Então

passara a percorrer perímetros cada vez maiores em torno da casa: começou pelos terrenos da frente e dos fundos, o jardim murado, o galinheiro, a horta, depois ultrapassou a muralha de pedra que cercava a casa e seguiu a estrada externa da propriedade e, finalmente, expandiu a área até o ancestral bosque que existia atrás da mansão. Estava acostumado a andar, a explorar as matas perto de casa, fosse sozinho, fosse com a irmã, mas aquele ali parecia mais antigo e misterioso que os que já conhecera.

— Para alguém da cidade, você é capaz de ficar bastante quieto e imóvel, não? — Você também — Sherlock respondeu sem se virar para a voz atrás de si. —

Está me observando há meia hora.

— Como soube? Sherlock ouviu um baque surdo, como se alguém tivesse saltado dos galhos mais baixos de uma árvore para as samambaias que cobriam o solo.

— Há pássaros cantando em todas as árvores, menos em uma: esta em que você estava escondido. É evidente que estavam com medo de você.

— Não vou fazer mal nenhum a eles, como também não farei mal a você.

Sherlock virou a cabeça devagar. A voz pertencia a um menino mais ou menos da idade dele, porém mais baixo e mais parrudo que o magricela Sherlock. O

cabelo era comprido o bastante para tocar os ombros.

— Não sei se você conseguiria — ele respondeu, tão calmo quanto era

possível naquelas circunstâncias.

— Sei brigar bem — avisou o menino. — E tenho uma faca.

— Sim, mas eu tenho assistido às lutas de boxe na escola, e meus braços são longos. — Sherlock observou o menino com olhar crítico. Suas roupas eram de tecido barato remendadas em alguns lugares, e estavam sujas, assim como seu rosto, suas mãos e suas unhas.

— Escola? — disse o garoto. — Ensinam boxe na escola? — Na minha, sim. Dizem que nos deixa mais fortes.

O menino sentou-se ao lado de Sherlock.

— A vida é que nos deixa mais fortes — murmurou, antes de acrescentar: —

Meu nome é Matty. Matty Arnatt.

— Matty de Matthew? — É, acho que sim. Você mora naquela casa grande perto da estrada, não é? Sherlock assentiu.

— Vim passar o verão aqui. Com meus tios. Meu nome é Sherlock. Sherlock Holmes.

Matty observou-o com ar crítico.

— Isso não é um nome de verdade.

— O quê? Sherlock? — Ele refletiu por um momento. — O que há de errado com ele? — Conhece algum outro Sherlock? Ele deu de ombros.

— Não.

— E qual é o nome de seu pai? Sherlock franziu a testa e respondeu: —

Siger.

— E o de seu tio? Aquele que está hospedando você? — Sherrinford.

— Você tem irmãos?

— Sim, um.

— Qual o nome dele? — Mycroft.

Matty balançou a cabeça, irritado.

— Sherlock, Siger, Sherrinford e Mycroft. Que grupo! Por que não escolher algo tradicional, como Matthew, Mark, Luke e John? — São nomes de família —

Sherlock explicou. — E são tradicionais. Todos os homens de nossa família têm nomes assim. — Ele fez uma pausa. — Certa vez meu pai contou-me que parte da família veio da Escandinávia para a Inglaterra, e é de lá que são esses nomes. Ou algo parecido. — Siger pode ser escandinavo, eu acho, mas os outros na verdade soam mais como topônimos em inglês arcaico. De qualquer maneira, a origem do nome — Sherlock é um mistério. — Sher Lock, ou — Sheer Lock, quer dizer

— comporta íngreme, então talvez exista algum canal com uma comporta assim.

— Você sabe um monte de coisas — Matty disse. — Mas não sabe muito sobre canais. Nunca topei com nenhuma — Sher Lock ou — Sheer Lock. E irmãs, tem? Mais nomes bobos? Sherlock retraiu-se e desviou o olhar.

— Então, você mora por aqui? Matty olhou-o por um momento, e aparentemente aceitou o fato de Sherlock querer mudar de assunto.

— Sim — respondeu. — Por enquanto. Estou em viagem, mais ou menos isso.

Aquilo chamou a atenção de Sherlock.

— Em viagem? Quer dizer que é um cigano? Ou faz parte de um circo?

Matty torceu o nariz, zombeteiro.

— Costumo bater em quem me chama de — cigano. E também não faço parte de circo nenhum. Sou honesto.

De repente Sherlock lembrou algo que Matty dissera alguns momentos antes.

— Disse que não conhecia nenhuma — Sher Lock ou — Sheer Lock. Você vive nos canais? Sua família tem um barco? — Tenho uma pequena embarcação, mas nenhuma família. Sou só eu. E Albert.

— Seu avô? — Sherlock arriscou.

— Meu cavalo — Matty corrigiu. — Albert puxa o barco.

Sherlock esperou por um momento, mas Matty não continuou a falar. Então, perguntou: — E sua família? O que aconteceu com ela? — Você faz muitas perguntas, não é? — É uma maneira de descobrir as coisas.

Matty deu de ombros.

— Meu pai era da Marinha. Partiu em um navio e nunca mais voltou. Não sei se naufragou, se ficou em um porto qualquer do mundo ou se voltou para a Inglaterra e não se deu o trabalho de percorrer os últimos quilômetros. Minha mãe morreu há alguns anos. Tuberculose.

— Sinto muito.

— Não me deixaram vê-la — Matty continuou, como se não tivesse escutado, olhando para algum ponto no horizonte. — Ela simplesmente definhou.

Ficou mais magra e pálida, como se estivesse morrendo aos poucos. Tossia sangue todas as noites. Eu sabia que me levariam para o abrigo dos sem-teto quando ela morresse, então fugi. De jeito nenhum iria para um abrigo. A maioria das pessoas que vai para esses lugares nunca mais sai, ou sai doente do corpo ou da mente.

Escolhi os canais, em vez de andar em terra firme, porque assim poderia chegar mais longe em menos tempo.

— Onde você conseguiu o barco? — Sherlock perguntou. — Pertencia à sua família? — Não mesmo — o menino respondeu, em tom de desprezo. — Digamos apenas que o encontrei, e ponto final.

— Mas como você se mantém? Como arranja comida? Matty deu de ombros, de novo.

— Trabalho nos campos durante o verão: colho frutas ou corto trigo. Todo o mundo quer mão de obra barata e não se incomoda em contratar crianças. Durante o inverno faço trabalhos variados: um pouco de jardinagem aqui, trocar as telhas de uma igreja ali... Eu me viro. Faço qualquer serviço, menos limpar chaminés e trabalhar em minas. Isso é morte lenta.

— Tem razão — Sherlock concordou. — Há quanto tempo está em Farnham? — Umas duas semanas. É um bom lugar — Matty

comentou. — As pessoas são até simpáticas, e não me perturbam muito. A cidade é segura, respeitável. — Hesitou brevemente. — Exceto...

— O quê?

— Não é nada. — Matty balançou a cabeça, recompondo-se. — Escute, já faz um tempo que o observo. Você não tem amigos por aqui, e não é estúpido. Pode perceber as coisas. Pois bem, vi algo na cidade que não sei explicar. — Ele corou ligeiramente e desviou o olhar. — Esperava que você pudesse me ajudar.

Sherlock deu de ombros, mas estava intrigado.

— Posso tentar. O que é? — Melhor ver você mesmo. — Matty esfregou as mãos nas calças. — Quer dar uma volta pela cidade antes? Posso mostrar quais são os melhores lugares para comer, beber, ou só ficar olhando o movimento das pessoas. E também quais as melhores vielas por onde fugir e os becos que você deve evitar.

— Vai me mostrar seu barco também? Matty olhou para Sherlock.

— Talvez. Se eu decidir que posso confiar em você.

Juntos, os dois desceram a encosta para a estrada que os levaria até a cidade. O céu estava azul, e Sherlock sentia o cheiro da fumaça que vinha de uma fogueira e ouvia à distância alguém cortar lenha com um machado em um ritmo tão regular quanto o tique-taque de um relógio. Em certo momento, enquanto atravessavam um pequeno aglomerado de árvores, Matty apontou uma ave que voava alto no céu.

— Um milhafre — disse simplesmente. — Está perseguindo alguma coisa.

A distância até a cidade era de uns bons quilômetros, e eles levaram quase uma hora andando. Sherlock sentia os músculos das pernas e da região lombar alongarem-se com a caminhada. No dia seguinte estaria dolorido, mas no momento o exercício afastava a depressão profunda que se instalara nele desde a chegada à mansão Holmes.

À medida que se aproximavam da cidade e as casas apareciam ao longo da estrada de forma cada vez mais regular, Sherlock começou a sentir um cheiro desagradável de mofo pairando no ar.

— Que cheiro é esse? — Que cheiro? — Matty respirou fundo.

— *Esse cheiro.* Não é possível que você não esteja sentindo. É como um tapete molhado que não secou direito.

— São as cervejarias. Há várias delas espalhadas perto do rio. A de Barratt é a maior. Está em expansão, por causa das tropas em Aldershot. Esse cheiro é de cevada molhada. Foi a cerveja que estragou meu pai. Ele se alistou na Marinha para ficar longe dela, mas então o rum o alcançou.

Estavam nos limites da cidade, e ali havia mais casas e chalés que espaços vazios. Muitas casas eram construídas com tijolos vermelhos e telhas de um tom escuro de vermelho ou sapé amarrado de um jeito que formava volumes parecidos com massa de pão. Atrás das casas, uma ladeira suave conduzia a um castelo de pedras cinza que se debruçava sobre a cidade. A ladeira continuava a subir, para além do castelo, e seguia até uma plataforma distante. Sherlock não conseguia deixar de perguntar-se de que serviria um castelo naquela posição, se qualquer atacante poderia ficar acima dele e lançar flechas, pedras e fogo pelo tempo que quisesse.

— Há um mercado aqui todos os dias — Matty contou. — Na praça da cidade. Vendem ovelhas, vacas, porcos e tudo o mais. Bom lugar para ir quando estão limpando tudo, no final do dia. Os comerciantes estão sempre com pressa, tentando partir antes do pôr do sol, e todo tipo de coisa acaba caindo das barracas, ou sendo descartado, por estar um pouco podre ou com bichos. Dá para alimentar-se muito bem apenas com as coisas que eles deixam para trás.

— Ah, que delícia — Sherlock respondeu, e seu tom era seco. Pelo menos as refeições na mansão Holmes eram algo que ele aguardava com interesse, embora o

clima reinante durante o almoço e o jantar não fossem.

Estavam agora cercados pela cidade, e havia tanta gente na rua, que os dois meninos precisavam descer o tempo todo da calçada para a pista, para não dar de cara com alguém. Sherlock passou a maior parte do percurso prestando atenção ao chão, para não meter o pé em algum monte de excremento. O padrão de vestuário melhorara, de maneira geral: os homens usavam paletós e gravatas decentes, e as mulheres, vestidos, e não havia tantos calções, coletes e calças, como tinham visto na área rural. Os cachorros estavam por toda parte: alguns, fortes e saudáveis, usavam coleiras; outros, magros e desnutridos, eram animais sem dono à procura de alimento. Os gatos permaneciam nas sombras, magros e de olhos grandes. Na via pública,

cavalos puxavam carruagens e carroças nos dois sentidos, afundando o excremento cada vez mais no solo sulcado.

Quando chegaram a uma viela que saía da via principal, Matty parou.

— Que foi? — perguntou Sherlock.

Matty hesitou.

— Aquela coisa que eu vi. — Ele encolheu os ombros, titubeante. — Foi ali, alguns dias atrás. Algo que não entendo.

— Quer me mostrar o que é? Em vez de responder, Matty correu pela viela.

Sherlock disparou para alcançá-lo.

A viela fazia uma curva fechada e terminava em uma rua tão estreita, que Sherlock conseguia tocar as construções de ambos os lados. Pessoas debruçavam-se nas janelas dos andares mais altos e conversavam com facilidade, como se estivessem curvadas sobre cercas de jardim. Matty olhava para cima, para uma janela específica. Estava vazia, e a porta embaixo dela, fechada. O lugar parecia deserto.

— Estava ali em cima — ele disse. — Vi fumaça, mas ela se movia. Saiu pela janela, rastejou pela parede e desapareceu por cima do telhado.

— Fumaça não faz isso — comentou Sherlock.

— Essa fumaça fazia — insistiu Matty, falando com firmeza.

— Talvez estivesse sendo soprada pelo vento.

— Talvez. — Mas Matty não parecia convencido. Franziu o cenho enquanto lembrava o que tinha acontecido ali. — Ouvi alguém gritar dentro da casa. Corri, porque senti medo, mas voltei depois. Havia uma carroça do lado de fora, e carregavam um defunto nela. Um lençol envolvia o corpo, mas ficou enroscado na porta e caiu. Eu vi o corpo. Vi aquele rosto. — Ele se virou para Sherlock, e sua expressão era uma máscara de medo e incerteza. — Ele estava coberto de bolhas.

Bolhas grandes e vermelhas, que cobriam o rosto, o pescoço e os braços. E o rosto estava todo retorcido, como se a pessoa tivesse morrido em agonia. Acha que foi a praga? Ouvi dizer que ela devastou o país no passado. Acha que está de volta?

Sherlock sentiu um arrepio nas costas.

— Suponho que possa ser o início de outro surto, mas uma única morte não faz uma praga. Pode ter sido escarlatina, ou muitas outras coisas.

— E aquela sombra que vi movendo-se sobre o telhado? Era a alma do morto? Ou algo que veio buscá-la? — Isso — respondeu Sherlock com firmeza —

foi só uma ilusão criada pelo ângulo do sol e por uma nuvem que passava sobre a casa. — Ele segurou Matty pelos ombros e o levou para longe dali. — Venha, vamos embora.

Sherlock conduziu Matty pela rua estreita. Em pouco tempo os dois garotos estavam de volta à estrada principal que passava por Farnham. Matty estava pálido e quieto.

— Você está bem? — Sherlock indagou suavemente.

Ele assentiu com a cabeça.

— Desculpe-me — disse, envergonhado. — Eu só... fiquei assustado. Não gosto de doenças, desde que... — Eu entendo. Escute, não sei o que você viu, mas vou pensar nisso. Meu tio tem uma biblioteca; a resposta pode estar lá. Ou nos arquivos do jornal local. Eles atravessaram uma pequena ponte e voltaram à cidade.

Ao longo da rua havia uma muralha de pedra com um portão de madeira, próximo ao qual um animal estava deitado. Suas patas estavam estendidas e rígidas, imóveis. A pele, suja e sem brilho. Por um momento, Sherlock pensou que fosse um cachorro, mas, quando chegaram mais perto, ele viu o focinho pontudo, as patas curtas e a alternância das listras pretas e brancas — agora, tons claros e escuros de cinza —

que desciam desde a cabeça. Era um texugo, e Sherlock notou que o ventre do animal estava quase espremido contra a estrada. Ele tinha sido atropelado, provavelmente pela roda de uma carroça.

Matty reduziu a velocidade dos passos ao aproximar-se.

— Você precisa tomar cuidado ao passar por aqui — disse, como se estivesse em total segurança e só Sherlock devesse se preocupar. — Não sei o que fazem ali, mas sei que tem guardas lá dentro. E eles têm porretes e ganchos de ferro.

E são caras muito grandes.

Sherlock ia dizer alguma coisa sobre a probabilidade de os homens estarem apenas garantindo a segurança de quem trabalhava lá dentro quando o portão se abriu. Dois homens saíram para a rua; seus rostos, carrancudos, eram marcados por cicatrizes, mas as roupas eram de um veludo preto impecável. Olharam para a direita e para a esquerda, observando os garotos por um rápido instante antes de ignorá-los, e então gesticularam para alguém que estava dentro da propriedade.

Uma carruagem puxada por um único cavalo negro saiu do pátio. O condutor era um homem enorme, com mãos que lembravam pás e uma cabeça calva coberta de cicatrizes. Os homens fecharam o portão, depois pularam na parte traseira da

carruagem, segurando-se enquanto ela se afastava.

— Vejamos se o camarada nos dá um tostão — Matty cochichou. Antes que Sherlock pudesse detê-lo, ele já corria em direção à carruagem.

Surpreso, o cavalo recuou contra os varais que o prendiam à carruagem. O

condutor tentou controlar o animal, açoitando-o com o chicote, mas o gesto só tornou tudo ainda pior. A carruagem foi jogada de um lado para o outro enquanto o cavalo tentava afastar-se de Matty.

Sherlock ficou temporariamente chocado ao ver pela janela da carruagem um rosto pálido, quase esquelético, emoldurado por escassos cabelos brancos, encarando-o sem piscar, com olhos pequenos e rosados como os de um rato branco.

O menino sentiu um impulso instintivo de repulsa, como se, ao tentar pegar uma folha de alface no prato de comida, tivesse encontrado uma lesma. Queria mover-se, afastar-se, mas aquele olhar pálido e malévolo paralisara-o, de modo que ele se sentia incapaz de sair do lugar. Mas então o motorista grandalhão conseguiu recuperar o controle, levando o cavalo, a carruagem e seus ocupantes para longe dos meninos.

— Não tive a menor chance — Matty queixou-se, limpando a poeira das roupas. — Achei que aquele cara fosse vir para cima de mim com o chicote.

— Quem era o homem que estava dentro da carruagem? — perguntou

Sherlock com voz trêmula.

Matty balançou a cabeça.

— Não consegui nem olhar para ele. Parecia rico? — questionou, esperançoso.

— Parecia alguém que estivesse morto havia três dias — Sherlock respondeu.



CAPÍTULO TRÊS

NUVENS DE FUMAÇA DA CHAMINÉ do trem subiam por entre as ripas da ponte, escaldando as pernas dos meninos. Sherlock correu para um lado, Matty foi para o outro, ambos risonhos e molhados. O trem passava por baixo deles, majestoso, a caminho da estação de Farnham, e reduzia a velocidade ao aproximar-se; então os garotos voltaram para o meio da ponte de madeira que ligava as duas plataformas, e viram o comboio parar completamente com um estalar de correntes e o apito desafinado de quando o maquinista libera o vapor restante.

Era a manhã do dia seguinte. A plataforma estivera deserta antes da chegada do trem, mas em instantes, como se fosse magia, transformara-se numa massa efervescente de pessoas que se dirigiam à saída. Homens usando longos casacos pretos e cartolas emergiam dos compartimentos da primeira classe como insetos que saíssem de casulos, espremendo-se na plataforma junto aos ocupantes da segunda classe — homens barrigudos com paletós de lã e boinas, e mulheres em vestidos modestos —, e aos diversos trabalhadores musculosos e endurecidos, em suas camisas puídas e calças remendadas, que saíam da apinhada terceira classe. Homens uniformizados abriram uma porta deslizante em um dos vagões e começaram a descarregar caixotes de madeira e malotes que Sherlock imaginou que contivessem cartas. Carregadores da estação surgiram das salas em que costumavam ficar escondidos e começaram a empilhar as caixas e os malotes em carrinhos e a levá-los para longe do trem. Logo a plataforma estava quase vazia outra vez, exceto por um punhado de moradores locais que conversavam, colocando em dia os assuntos da semana. Um guarda, altivo em seu dólmã e chapéu azuis, aproximou-se do trem,

observou-o de uma ponta à outra, levou à boca um apito e soprou um silvo curto e agudo. O trem pareceu estremecer, e em seguida entrou em movimento, deixando a estação — a princípio, bastante devagar, mas acelerando continuamente. Os vagões emitiam um som metálico à medida que suas conexões distendiam-se, uma após a outra, e eles eram puxados pela locomotiva.

— Esse trem *vai* para Londres ou *vem* de Londres? — Sherlock perguntou.

Matty olhou para um lado da linha, depois para o outro.

— Para Londres — respondeu finalmente. — Daqui o trem segue para Tongham, Ash, Ash Wharf, e de lá para Brookwood e Guildford, de onde é possível pegar outro trem direto para Londres.

Londres. Sherlock olhou para os trilhos, seguindo o caminho do trem, que já

começava a desaparecer além da curva. No final da viagem a composição estaria a dois ou três quilômetros de seu irmão Mycroft, sentado em seu escritório lendo documentos ou estudando um mapa do mundo pintado de vermelho nas áreas em que o Império Britânico deixara sua marca. Por um momento a vontade de correr atrás do trem e pular para dentro dele foi quase incontrolável. Sherlock sentia saudade do irmão. Sentia saudade do pai, da mãe e da irmã. Sentia saudade até da Escola Deepdene para Meninos, mas não tanto.

— O que há em Brookwood? — ele perguntou, mais para tentar distrair os próprios pensamentos que para qualquer outra coisa.

Matty pareceu estremecer.

— Nem me pergunte — disse.

— Não, é sério. — Sherlock agora estava realmente curioso. — Tem algo lá que justifique uma visita? Matty balançou a cabeça.

— Não há nada lá que você queira ver à luz do dia — respondeu com determinação. — E você não vai querer ficar lá à noite, acredite em mim.

— Eu pensei que pudéssemos conseguir umas bicicletas — sugeriu Sherlock. — Para dar uma volta por aí, ver os vilarejos e as cidades da região.

Matty o encarou com um olhar de reprovação.

— E por que faríamos isso? — Por curiosidade? — Sherlock perguntou. —

Você nunca imagina como são as coisas, antes de vê-las? — Cidades são cidades e vilarejos são vilarejos, e todas as pessoas são parecidas — Matty declarou. — A vida é assim. Venha, vamos embora.

Ele conduziu Sherlock pela ponte, desceram pela escada de ferro e chegaram à plataforma na qual os passageiros tinham desembarcado. De lá eles caminharam para a rua.

Uma carroça estava parada próximo à calçada, e três homens a carregavam com engradados de gelo com palha que tinham sido retirados do trem.

Um dos homens tinha rosto fino e dentes amarelos, e, enquanto os meninos passavam por ele, dirigiu-lhes um olhar aborrecido.

— Jovem Sr. Sherlock — uma voz cortante soou atrás dele. — Que decepção vê-lo relacionando-se com mendigos árabes molambentos. Seu irmão ficaria mortificado.

Sherlock virou-se, corando imediatamente, mesmo antes de saber quem se dirigia a ele, e viu a governanta, a Sra. Eglantine, a alguns passos de distância. Dois homens que Sherlock reconheceu da mansão Holmes carregavam várias caixas de compras em uma carroça acoplada a um cavalo grande e aparentemente manso. As caixas certamente tinham chegado no trem.

— Mendigos árabes? — Sherlock olhou em volta. A única outra pessoa ali era Matty, que observava a Sra. Eglantine com um olhar cauteloso, como se

estivesse pronto para correr caso a situação complicasse. — Se acha que ele é um mendigo árabe, precisa sair mais de casa, Sra. Eglantine — respondeu o menino com ousadia, irritado com a atitude da governanta.

Os lábios da mulher comprimiram-se.

— O Sr. Holmes deseja vê-lo quando você voltar para casa — ela anunciou, enquanto os homens acomodavam a última caixa na carroça. — Por favor, não o faça esperar. — Ela virou-se e ocupou um dos bancos da frente do veículo. — O almoço será servido com ou sem

sua presença — acrescentou, enquanto um dos carregadores sentava-se a seu lado e o outro subia na traseira. — Seu amigo *não* está convidado.

O cavalo afastou-se trotando, puxando a carroça. A Sra. Eglantine continuou a olhar para a frente, sem se virar para Sherlock. O homem sentado na parte de trás da carroça olhou para o menino e acenou com simpatia, tocando a frente do boné.

Faltavam-lhe vários dentes, e havia um corte em sua orelha que parecia ter sido feito com uma faca, um machado, ou algo desse tipo.

— Quem era ela? — perguntou Matty, parando ao lado de Sherlock.

— A Sra. Eglantine, governanta da casa em que estou hospedado. — O menino fez uma pausa. — Ela não gosta de mim.

— Acho que ela não gosta de ninguém — respondeu Matty.

— É melhor eu ir embora — disse Sherlock. — Vou levar meia hora para voltar, se for rápido, e aquilo sobre a comida era sério. Se perder o almoço, ficarei com fome até a hora do jantar. — Ele olhou para Matty. — Eu o verei amanhã? O

garoto assentiu.

— Aqui, às dez horas?

Sherlock levou quase quarenta e cinco minutos para caminhar de volta até a mansão Holmes, e chegou bem na hora em que o gongo soava, anunciando o almoço.

Removeu com as mãos o grosso da poeira das roupas e entrou na sala de jantar.

Sherrinford Holmes estava sentado à cabeceira da mesa, o que não era comum, e lia um panfleto. Sua esposa, Anna, andava de um lado para o outro, verificando os talheres e falando sozinha. A Sra. Eglantine estava em pé atrás do tio Sherrinford.

Ela não reagiu ao ver Sherlock entrar, mas a maneira como evidentemente evitava olhar para o menino sugeria que notara sua presença.

— Boa tarde, tio Sherrinford, tia Anna — Sherlock disse educadamente enquanto se sentava. Sherrinford respondeu movendo a

cabeca, sem desviar os olhos do panfleto. Anna conseguiu incluir em seu interminável monólogo algo parecido com um cumprimento.

Uma criada entrou com uma terrina de sopa e distribuiu porções nos pratos, sob a supervisão da Sra. Eglantine. Sherlock observava sem muito interesse, até que Sherrinford deixou de lado o panfleto, inclinou-se sobre a mesa e disse: — Rapaz,

espero visitas depois do almoço, e ficaria satisfeito se você pudesse estar presente.

Seu irmão pediu-me que prosseguisse com sua educação durante as férias escolares, e também deixou claro que o quer longe de confusões. Para isso contratei os serviços de um tutor. Ele passará três horas diárias com você, todos os dias da semana, exceto aos domingos, quando você deverá ir à igreja com o restante da família. O nome dele é Amyus Crowe. — Ele fungou. — O Sr. Crowe é visitante em nosso país, veio das Colônias, creio, mas mesmo assim demonstrou ser homem de conhecimentos e distinção. Ele tem excelente domínio do latim e do grego. Espero que você siga suas orientações.

Sherlock sentiu o rosto queimar com uma raiva súbita. Quando chegara à mansão Holmes, vira dias intermináveis e vazios à sua espera, e não soubera o que fazer para preencher esse tempo, mas conhecer Matty Arnatt abria toda uma nova gama de possibilidades. Agora, tudo indicava que essas possibilidades deixariam de existir.

— Obrigado, tio Sherrinford — ele murmurou. Tentou parecer satisfeito, mas seu rosto não obedeceu. A Sra. Eglantine sorria ligeiramente, sem encará-lo.

Depois da sopa, veio uma torta de carne com muito recheio e molho, e em seguida foi servido um pudim de frutas. Sherlock comeu, mas mal sentiu o sabor da refeição. Seus pensamentos giravam em torno do fato de que suas férias estavam se tornando um inferno pessoal, e ele mal podia esperar para voltar à estabilidade e à previsibilidade da escola.

Depois do almoço, Sherlock pediu licença para deixar a mesa.

— Não vá muito longe — preveniu-o Sherrinford. — Lembre-se do visitante.

Sherlock ficou pelo saguão, enquanto a família seguia para seus interesses distintos — Sherrinford para a biblioteca, tia Anna para a estufa. Ele passou algum tempo olhando os quadros e tentando decidir

qual deles tinha sido pintado de forma mais amadora. Então, uma criada abordou-o. Ela trazia uma bandeja de prata, na qual havia um envelope.

— Sr. Holmes — ela chamou-o em voz baixa. — Esta carta chegou para o senhor hoje cedo.

Sherlock pegou o envelope da bandeja.

— Para mim? Obrigado! Ela sorriu e afastou-se. Sherlock olhou em volta, quase esperando ver a Sra. Eglantine materializar-se e arrancá-lo de sua mão, mas estava sozinho. O envelope de fato fora endereçado a "Sr. Sherlock Holmes, mansão Holmes, Farnham". O carimbo postal era de *Whitehall*. Mycroft! A carta era de Mycroft! Ansioso, passou a unha sob o lacre de cera e abriu-o.

Dentro dele havia uma única folha de papel. O endereço de Mycroft em Londres estava impresso no alto da página, e embaixo, escrita com a letra tipicamente cuidadosa de seu irmão, a mensagem dizia:

Meu caro Sherlock: Espero que esta carta o encontre gozando de boa saúde. Sem dúvida, deve estar se sentindo solitário e abandonado a esta altura, e isso o deixa zangado. Por favor, entenda que compreendo seus sentimentos, e adoraria se houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo.

Há algo, sim!, Sherlock pensou. *Você poderia me deixar passar as férias com você!* Afastou o pensamento na mesma hora. Mycroft tinha os próprios problemas: um trabalho que exigia muito dele, e agora a obrigação de ocupar o posto de chefe da família, na ausência do pai, e de cuidar da mãe, cuja saúde física era frágil, e da irmã, que também tinha suas questões a resolver. Não, Mycroft fizera o melhor para ambos. Às vezes, Sherlock pensou, as únicas alternativas disponíveis são injustas, e é necessário escolher a que minimize as consequências ruins, não a que maximize as boas. Isso parecia um pensamento particularmente adulto, e Sherlock não gostava de inferir dele que a vida adulta era daquele jeito.

Toda carta que você enviar para o endereço acima chegará a mim em um dia, e prometo responder imediatamente a qualquer solicitação que você venha a fazer – exceto, obviamente, a de vir para Londres ficar comigo.

Ah, um passo à minha frente, como sempre, Sherlock pensou. Seu irmão sempre demonstrara uma habilidade misteriosa de prever o que Sherlock pretendia dizer. Ele continuou lendo: *Sugeri que tio Sherrinford contratasse um tutor com a finalidade de dar impulso a seus*

estudos. Recebi boas referências de um homem chamado Amyus Crowe, e indiquei o nome dele a Sherrinford. Acredito que você possa confiar no Sr. Crowe. Pelo que eu soube, ele também tem uma filha. Por intermédio dela você pode fazer alguns amigos de sua idade na região.

Isso mostra que você não sabe tanto quanto imagina, Sherlock refletiu. Já comecei a fazer minhas amizades.

Para concluir, peço que lembre que esta é apenas uma situação temporária.

As coisas vão mudar, como sempre mudam. Tire proveito da situação em que se encontra. Como escreveu o poeta persa Omar Khayyam: "Com um pedaço de pão à sombra da ramada, uma jarra de vinho, um livro de poesia, e tu, a cantares junto a mim diante do deserto, ó deserto, serás agora um paraíso!"

Sherlock leu as palavras e tentou compreender o que significavam. Conhecia superficialmente os *Rubaiyat* de Omar Khayyam, graças a uma cópia que fora doada pelo tradutor da obra, Richard Burton, para a biblioteca da escola Deepdene. O

sentido geral das várias quadras parecia ser que a roda do destino seguia girando e ninguém conseguiria detê-la, mas que a humanidade poderia encontrar algum prazer ao longo desse caminho. A quadra citada por Mycroft sugeria que Sherlock deveria procurar o próprio "pedaço de pão" — algo simples que pudesse ajudá-lo a enfrentar o período. Mycroft tinha algo específico em mente, ou tratava-se apenas de um conselho vago? Sherlock sentia-se tentado a escrever de volta imediatamente,

pedindo mais detalhes ao irmão, mas sabia o suficiente sobre Mycroft para entender que, depois de dizer alguma coisa, o irmão raramente fornecia mais detalhes.

Sherlock leu as linhas finais da carta.

Um último conselho: tome cuidado com a Sra. Eglantine. Apesar de ocupar um posto de confiança, ela não é amiga da família Holmes.

Sei que você não deixará esta carta em qualquer lugar, de forma desleixada, mas a guardará em local seguro.

Seu amoroso irmão, Mycroft.

Sherlock sentiu um arrepio percorrer seu corpo quando leu as últimas

linhas.

O alerta direto sobre a Sra. Eglantine não era uma atitude típica de Mycroft, o que levava à questão: por que ele *estava* sendo tão explícito? Será que queria que Sherlock entendesse sem sombra de dúvida sua opinião sobre a Sra. Eglantine? Sua sugestão final — não, sua *instrução* final —, de que ele não deixasse a carta em qualquer lugar, era o código de seu irmão para dizer que ela deveria ser *destruída*.

Isso, sim, era mais típico de Mycroft.

Sherlock guardou novamente a carta no envelope, mas havia algo mais dentro dele: outra folha de papel. Ele a pegou e topou com uma Ordem de Pagamento Postal no valor de cinco xelins. Cinco xelins! Sentira receio de abordar com os tios a questão de dinheiro para pequenas despesas, mas aparentemente Mycroft se encarregaria disso.

A carta deixou Sherlock em conflito. De um lado, sentia-se mais seguro e feliz agora que Mycroft fizera contato e sabia que o irmão aprovava Amyus Crowe; por outro lado, estava preocupado de verdade com algo que antes não passara de um desconforto persistente: a Sra. Eglantine e sua evidente antipatia por ele.

— Carta interessante? A voz era profunda e calorosa, e tinha um sotaque que Sherlock não conseguia identificar. Ele se virou, dobrou a carta e a guardou no bolso.

O homem parado do outro lado da porta aberta era alto, de peito largo. Os cabelos encaracolados e rebeldes eram completamente brancos, e a pele do pescoço era enrugada, mas sua postura desmentia a idade evidente. Sua pele era marrom e envelhecida, como se ele tivesse passado muito tempo exposto a um sol mais quente que aquele que a Inglaterra podia oferecer. Vestia um terno bege de corte e tecido que Sherlock não conhecia, e segurava entre as mãos um chapéu de aba larga.

— É de meu irmão, Mycroft — respondeu Sherlock, sem saber ao certo como proceder. Devia chamar uma criada ou convidar o visitante a entrar?

— Ah, Mycroft Holmes! — disse o homem. — Acredito que temos conhecidos em comum. E como me recuso a crer que você seja velho o bastante para ser o Sr. Sherrinford Holmes, suponho que seja o jovem Sherlock, então.

— Sherlock Scott Holmes, a seu dispor — ele confirmou, erguendo os ombros e olhando em volta. — Ah, gostaria de entrar, Sr...?

— Sr. Amyus Crowe — o homem respondeu. — Venho de Albuquerque, no estado do Novo México, parte dos Estados Unidos da América. E você é muito gentil. — Ele entrou. — Mas, provavelmente, já tinha deduzido minha identidade.

Estou aqui por recomendação de seu irmão, e ele não teria escrito para você sem mencionar esse fato, correto?

— Devo chamar uma criada, ou... Antes que ele pudesse concluir a frase a Sra. Eglantine surgiu das sombras ao lado da escada principal. Há quanto tempo ela estava ali? Teria visto Sherlock lendo a carta?

— Sr. Crowe? — perguntou a governanta. — O Sr. Sherrinford o espera. Por favor, venha comigo. — Ela indicou a porta do gabinete.

Sherlock sentiu um arrepio involuntário. Ela não podia saber o que estava escrito na carta, a menos que a tivesse aberto e depois voltado a fechá-la, e o menino recusava-se a acreditar que a mulher pudesse fazer tal coisa. Mesmo assim, sentia-se como se houvesse sido surpreendido fazendo algo errado.

Amyus Crowe entrou no saguão, deixou o chapéu e a bengala junto do cabide para casacos e aproximou-se de Sherlock.

— Conversaremos mais tarde — disse, pousando a mão sobre o ombro do menino. Sherlock era alto para a idade, mas Amyus Crowe era muito maior, fazendo-o sentir-se como se tivesse dez anos. — Fique por perto, filho. — Ele olhou pelo saguão. — Enquanto espera, tente descobrir quantas dessas telas são cópias.

A Sra. Eglantine reagiu.

— Nenhuma dessas pinturas é falsificada! O Sr. Sherrinford nunca admitiria tal coisa!

— Nenhuma delas é uma resposta aceitável — disse Crowe, passando por Sherlock e piscando para ele. Ele entregou um cartão a Eglantine. — Agradeço se puder anunciar minha presença.

A Sra. Eglantine conduziu Amyus Crowe até a biblioteca. Momentos depois, voltou e seguiu seu caminho sem nem sequer olhar para Sherlock. Ele a viu desaparecer nas sombras ao lado da escada e

perguntou-se se ela teria parado ali, dado meia-volta e se posto a observá-lo.

Sherlock ouvia vozes dentro da biblioteca, mas não conseguia entender o que diziam. Caminhou pelo saguão, observando os detalhes de cada uma das telas.

Nenhuma estava identificada. Apreciação da arte não fazia parte do currículo em Deepdene, e ele descobriu que não conseguia se interessar muito pelas diversas paisagens e cenas de caça. Para ele, todas pareciam falsas, com suas árvores perfeitas, seus mares revoltos e seus cavalos de patas longas e ágeis.

Albuquerque. América. Tudo soava muito romântico. Sherlock sabia pouco sobre o país, exceto que fora colonizado pela Inglaterra havia mais de duzentos anos,

rebelara-se contra o domínio inglês cerca de um século depois e tinha um povo independente e arrojado. Ah, e acontecera uma guerra civil alguns anos antes, alguma coisa relacionada com a escravidão. Mas o menino gostara instantaneamente de Amyus Crowe, e, se Crowe servisse minimamente de referência a respeito de seus conterrâneos, então Sherlock gostaria de ir à América um dia.

Deve ter sido meia hora mais tarde que a porta do gabinete se abriu e Amyus Crowe apareceu. Ele sorria e apertava a mão de Sherrinford Holmes. Atrás deles, fileiras de livros com capas de couro verde fundiam-se como se fossem a paisagem de um gramado.

— Ah, Sherlock! — disse Sherrinford. — Sr. Crowe, permita-me apresentar meu sobrinho, Sherlock.

— Já nos conhecemos — Crowe respondeu, assentindo para Sherlock.

— Muito bem. Obrigado por ter vindo. Vou pedir a uma criada que o acompanhe até a porta.

— Não se preocupe, Sr. Holmes. Se for possível, gostaria de dar um passeio pelo jardim com o jovem Sr. Sherlock.

— É claro, é claro. — Sherrinford voltou para o gabinete como uma tartaruga que se encolhesse no casco, e Crowe caminhou até Sherlock.

— E então, qual delas? — ele perguntou. — Se é que há alguma.

Sherlock esquadrinhou as telas. Apesar da cuidadosa observação,

ainda não tinha certeza. Apontou para uma pintura especialmente estranha: um cavaleiro sobre um cavalo de patas tão finas, que elas não teriam suportado o peso.

— Aquela não é boa — ele arriscou. — A perspectiva é toda distorcida e a anatomia está errada. É a tela falsa? — O peculiar sobre os falsificadores —

comentou Crowe enquanto examinava a obra — é que os menos talentosos são os primeiros a ser desmascarados. É comum que uma falsificação seja mais convincente que a obra genuína. Você tem razão sobre a qualidade da execução da pintura, mas ela é autêntica. — Ele parou diante de uma cena litorânea dramática, com ondas que se quebravam em uma praia e um navio adernando ao fundo. — Esta é falsa.

Sherlock olhou para a tela.

— Como você sabe? — Como diversas obras de seu tio, é atribuída a Claude Joseph Vernet. Seu tio também tem algumas telas do filho de Vernet, Horace.

O Vernet mais velho é muito conhecido por suas paisagens litorâneas. Esta que vemos aqui retrata o porto de Dover, mas Vernet nunca visitou a Inglaterra. Os detalhes são muito realistas: está claro que ela foi pintada com base na realidade; portanto, por definição, não é um Vernet autêntico. É uma falsificação com o estilo dele.

— Eu não poderia saber — protestou Sherlock. — Jamais aprendi nada

sobre Vernet, ou sobre qualquer outro pintor.

— E o que isso lhe diz? — perguntou Crowe, olhando para Sherlock com os olhos azuis quase sumidos entre as rugas da pele.

Sherlock pensou por um momento.

— Não sei.

— Que você pode deduzir quanto quiser, mas dedução é inútil sem conhecimento. Sua mente é como uma roca a girar eterna e inutilmente, até que sejam introduzidas as fibras e ela passe a produzir os fios. A informação é a base de todo pensamento racional. Busque-a. Procure-a com assiduidade. Encha o depósito de sua mente com tantos fatos quantos couberem nele. Não tente distinguir entre fatos

importantes e triviais: todos são potencialmente importantes.

Sherlock pensou por um momento. Estava preparado para sentir-se constrangido e magoado, mas Crowe não tinha nenhum indício de crítica no tom de sua voz, e o que falava fazia sentido.

— Entendo — o menino disse, assentindo com a cabeça.

— Eu sei que sim — respondeu Crowe. — Vamos caminhar e ver o que encontramos por aí.

Crowe pegou o chapéu e a bengala ao passar pela porta, e juntos eles saíram para o radiante sol de verão. Crowe andava pelo gramado e passava por entre as árvores, falando sobre as diferentes formações de nuvens no céu e sobre o modo como elas estavam relacionadas com o clima.

— Você já parou para pensar em raposas e coelhos? — ele perguntou depois de um tempo.

— Não muito — Sherlock respondeu, tentando imaginar aonde a mudança de assunto os levaria.

— Digamos que haja cem raposas e cem coelhos em um bosque, e que exista uma cerca em torno dele, impedindo-os de sair. O que aconteceria? Sherlock pensou por um momento.

— Os coelhos teriam filhotes, as raposas teriam filhotes e as raposas comeriam os coelhos.

— Todos eles? — A maioria. Seria difícil encontrar os restantes, e eles provavelmente começariam a esconder-se.

— E o que aconteceria então? Sherlock deu de ombros, sem saber o sentido daquilo tudo.

— As raposas começariam a morrer de fome, acho.

— E os coelhos? — Permaneceriam escondidos, comendo relva e reproduzindo-se, e assim sua população aumentaria. — Uma luz brilhante, de compreensão, pareceu explodir em sua cabeça. — E então o número de raposas também aumentaria, porque elas pegariam mais coelhos e iriam alimentar-se melhor,

e procriariam. Com o tempo, o número de raposas aumentaria tanto, que elas passariam a comer cada vez mais coelhos, e o número de

coelhos voltaria a cair.

— E o processo seguiria repetindo-se, como duas ondas a subir e a descer, uma após a outra. Em algum lugar por trás de tudo isso existe um conceito da matemática chamado cálculo diferencial, que você deveria procurar conhecer. É

estranhamente útil. É possível aplicar essas mesmas equações a criminosos e policiais de determinada cidade, se quiser. — De repente ele riu. — Os policiais não costumam comer os criminosos, mas o fundamento é o mesmo. Isaac Newton e Gottfried Leibniz desenvolveram o conceito de maneira independente, mas ele foi aprofundado recentemente por Augustin Cauchy e Bernhard Riemann. Riemann morreu há alguns meses — uma grande perda para o mundo, creio, embora não tenha certeza de que o mundo já a tenha percebido.

Sherlock duvidava de que a matemática pudesse algum dia ser importante, e a deixara de lado. Ele adoraria —encher o depósito de sua mente com coisas como arte e música, que considerava interessantes, mas equações eram algo que podia dispensar.

Depois de um tempo eles chegaram ao muro de pedras que marcava o limite da propriedade dos Holmes. Crowe apontou para a direita.

— Siga naquela direção. Colha tantos cogumelos quantos seja capaz de carregar. Eu seguirei pelo outro lado. Voltaremos a nos encontrar aqui em meia hora, e eu mostrarei como se pode distinguir os venenosos dos inofensivos. Não prove nenhum antes disso, veja bem. Tentativa e erro certamente é uma técnica analítica válida, mas pode ser fatal.

Crowe saiu para a esquerda, afastando os arbustos e a vegetação mais rasteira com o auxílio da bengala e olhando embaixo deles. Sherlock seguiu na direção contrária, explorando o solo em busca dos discos brancos e carnudos que anunciavam o fungo crescendo entre as plantas.

Em pouco tempo Sherlock perdeu Amyus Crowe de vista. O menino continuava caminhando, mas, com exceção de algumas protuberâncias marrons achatadas que cresciam no tronco de uma árvore, e que ele não sabia ao certo se deveria colher, não encontrava nada.

Um lampejo de cor em meio às árvores chamou sua atenção: manchas vermelhas sobre um fundo branco. Sherlock chegou mais perto, pensando que se tratasse de um cogumelo gigante no chão, mas havia algo no formato que o incomodava. Parecia... Uma nuvem de fumaça

começou a desprender-se do objeto justamente quando Sherlock o reconheceu: o corpo retorcido de um homem caído no chão. A fumaça dissipou-se, levada pela brisa, mas não havia nenhum sinal de fogo.

Por um momento Sherlock pensou que o homem estivesse deitado ali fumando um cachimbo, por algum motivo com o rosto envolto em um lenço branco de estampas

vermelhas. Ao aproximar-se, contudo, percebeu que as manchas vermelhas não eram marcas em um cogumelo nem estampas em um lenço branco.

Eram bolhas de sangue no rosto de um cadáver.



CAPÍTULO QUATRO

AMYUS CROWE TIROU UM LENÇO do bolso e entregou-o a Sherlock. De outro bolso, tirou um cantil de metal, achatado e curvo para ajustar-se ao formato de seu corpo, e envolvido por uma faixa de couro. Crowe desenroscou a tampa e despejou um líquido marrom no lenço que Sherlock segurava, encharcando-o. Um cheiro acre se desprende do material ensopado, irritou o nariz de Sherlock e fez seus olhos lacrimejarem.

— Conhaque — Crowe explicou, em resposta à expressão hesitante de Sherlock. — Por precaução, caso o que tenha matado esse homem seja contagioso.

Não queremos pegar o que o levou deste mundo, seja o que for. — De outro bolso ele tirou mais um lenço, e repetiu o procedimento.

— O que o matou? — perguntou Sherlock, confuso. — Com certeza, foi algum tipo de doença. Olhe para o rosto dele! Os olhos azul-claros de Crowe fixaram o rosto de Sherlock. Ele o encarou com interesse por alguns instantes, ainda segurando o lenço.

— Você acredita que as doenças sejam apenas coisas que acontecem? Que as doenças não precisam de ajuda para desenvolver-se em um corpo? — Suponho que sim — admitiu o menino. — Nunca pensei nesse assunto de verdade.

— Mas você sabe que as doenças podem ser passadas de uma pessoa para outra, se elas se tocarem ou ficarem próximas.

— Sim... — Sherlock respondeu cauteloso, perguntando-se o que o tutor queria com aquilo.

— Então, não faz sentido que alguma coisa passe de uma pessoa doente para outra saudável, e faça esta adoecer? Sherlock ficou em silêncio. Sabia que isso se transformaria em mais uma lição, independentemente do que dissesse.

— Estive em Viena há alguns anos — disse Crowe. — Conheci um homem chamado Ignaz Semmelweis, que era húngaro e trabalhava com mulheres que estavam prestes a dar à luz. Ignaz percebeu que as mulheres atendidas por médicos ou estudantes de medicina tinham mais probabilidade de morrer de febre puerperal que as atendidas por parteiras. Sujeito inteligente, esse Semmelweis. Muitos outros médicos encerrariam o assunto por ali, mas ele percebeu que era comum os médicos acompanharem um parto imediatamente depois de fazerem uma necropsia. Obrigou-os, então, a lavar as mãos com água e cal antes de examinarem as gestantes, e os índices de mortalidade devido à febre puerperal despencaram no hospital que ele

comandava. Ficou evidente que a cal matava ou destruía algo nas mãos dos médicos que, de outra forma, teria passado dos cadáveres para as mulheres. — Ele levantou o lenço. — E por isso o conhaque. O efeito é semelhante.

— Que tipo de coisa? — perguntou Sherlock.

Crowe sorriu.

— O escritor romano Marco Terêncio Varrão disse: —...certamente existem criaturas minúsculas, invisíveis aos olhos, que flutuam no ar e penetram no corpo pela boca e pelo nariz, podendo causar graves doenças. Não é o tipo de clássico que você estudou na escola, eu acho. Fala-se sobre essas criaturas minúsculas há séculos, mas a medicina não leva isso a sério.

— Não podemos simplesmente deixar o corpo aqui e informar alguém? —

perguntou Sherlock. — Não seria mais seguro... para nós? Crowe olhou para as árvores e os arbustos que os cercavam.

— É muito provável que uma raposa ou um texugo aproximem-se e se

esbaldem de tanto comer. Não conheço este homem, mas não desejaria esse destino para ninguém, vivo ou morto. Não, mais cedo ou mais tarde, ele terá de ser removido do bosque para ser enterrado, e agora é um momento tão bom quanto qualquer outro. Não corremos nenhum risco, contanto que não o toquemos e que usemos essas máscaras.

Crowe amarrou o lenço cuidadosamente sobre o rosto. O conhaque que encharcava o tecido fez seus olhos lacrimejarem. Ele riu, e as linhas profundas em torno de seus olhos acentuaram-se.

— Eu nunca disse que esse conhaque era bom — disse ele. — Na verdade, sugiro que nem experimente. Agora, corra e vá buscar um carrinho de mão no jardim. Traga-o aqui depressa.

Deixando Crowe debruçado sobre o corpo e enfiando o lenço no bolso para usá-lo depois, Sherlock voltou apressado pelo bosque em direção à mansão.

Orientando-se pelas árvores, arbustos e plantas que Amyus Crowe apontara anteriormente, Sherlock correu, sentindo a relva roçar seus tornozelos. O cheiro de samambaias secas e lavanda invadia suas narinas. Suor brotava na testa e nas costas, e Sherlock sentia-o escorrer pelo rosto e pelo corpo.

Quando saiu do bosque e irrompeu no espaço aberto que o separava da casa, parou por um instante, para recuperar o fôlego e acalmar-se. O sol vespertino o cegou e perturbou por um momento, atingindo-o tão intensamente quanto uma pancada na cabeça. Ele curvou-se, apoiou as mãos nos joelhos e encheu os pulmões com o ar morno. Sons que tinham sido abafados pelas árvores — o corte de lenha, o grunhir distante de porcos, o canto de alguém — de repente pareciam gritar pela atenção de Sherlock.

Ao endireitar o corpo e levantar os olhos, o menino observou uma imagem à

distância: alguém montado em um cavalo, do outro lado da muralha, pouco depois do portão principal que levava à estrada. O cavalo estava parado, e Sherlock tinha a impressão de que a pessoa no animal olhava em sua direção. Ele ergueu a mão tentando proteger a vista contra o sol, mas no momento em que seus dedos passaram em frente aos olhos o cavalo moveu-se e a imagem desapareceu.

Parando de pensar no desconhecido, Sherlock encontrou um carrinho de mão perto do galinheiro e rapidamente o empurrou de volta pelo

bosque até onde o corpo jazia. Crowe vasculhava os bolsos do morto.

— Não há nada que diga quem ele é — ele disse sem olhar em volta. Sua voz soava abafada pelo lenço. — Você o reconhece? Sherlock olhou para o rosto inchado, sentindo um embrulho no estômago. Tentou ignorar as bolhas e a vermelhidão e enxergar os traços do rosto.

— Acho que não — ele respondeu depois de algum tempo —, mas é difícil dizer.

— Olhe as orelhas. Cada pessoa tem orelhas bastante características.

Algumas não têm lóbulos, algumas são dobradas e outras são conchas perfeitas. É

uma maneira simples de diferenciar as pessoas, especialmente se elas tentam se disfarçar.

Sherlock conteve o impulso de dizer que o homem no chão não estava em condições de disfarçar sua identidade e concentrou-se na orelha esquerda do cadáver, que estava visível. Notou uma marca na pele, mais ou menos na metade da orelha, como se o homem tivesse sofrido um corte com faca em alguma briga ou até com um machado, ao cortar lenha. O pensamento desencadeou uma lembrança: ele *já* tinha visto aquele homem. Mas onde? — Acho que ele trabalha para meu tio

—
disse, enfim. — Eu o vi conduzindo uma carroça.

— Quando foi isso? — Hoje de manhã. — Sherlock franziu a testa. — Mas a aparência dele é de ter estado enfermo por dias. Quando o vi, ele estava bem.

— Interessante — murmurou Crowe. — Muito bem: vamos colocá-lo no carrinho e levá-lo de volta para a casa. A governanta de cara de vinagre pode providenciar para que ele seja enviado ao corta-ossos da região.

— Corta-ossos? — Médico — Crowe riu. — Nunca ouviu a expressão

—
corta-ossos antes? Sherlock balançou a cabeça.

— São chamados assim porque, até não muito tempo atrás, isso era tudo o que eles podiam fazer: amputar dedos, mãos ou pés, braços ou

pernas, em caso de acidente — explicou Crowe, irônico. — Felizmente, a civilização avançou um pouco desde então. — Ele debruçou-se sobre o corpo, depois se endireitou e olhou para Sherlock. — Lembre-se: não toque a pele do morto — avisou. — Só as roupas. É melhor não arriscar.

A jornada pelo bosque levou quase meia hora. Amyus Crowe empurrou o

carrinho de mão, no qual o corpo estava precariamente equilibrado. Sherlock correu na frente, abaixando-se e retirando pedras e galhos que poderiam desestabilizar o carrinho ou fazer Crowe tropeçar. As mãos do morto pulavam sempre que o carrinho sofria um solavanco, e isso dava a impressão de que ele esforçava-se para ficar sentado. Sherlock tentava não olhar.

Quando avistaram a casa, o garoto respirava de modo ofegante e já sentia os músculos queimarem, como resultado da fadiga. Alguém devia tê-los visto aproximar-se, porque a Sra. Eglantine já caminhava em sua direção.

Ela os encontrou quando saíam do bosque.

— Vocês *não* vão — ela disse ríspidamente — levar essa *coisa* para perto da casa.

— Esta *coisa* — Crowe respondeu calmamente — trabalhava para seu patrão. Sei que ele está morto, mas acho que, mesmo assim, merece um pouco de respeito.

A Sra. Eglantine cruzou os braços.

— Empregado ou não, não permitirei que o leve para perto da casa. Olhe só para ele. Não sei se é varíola ou a praga, mas o corpo precisa ser queimado.

— Concordo — disse Crowe —, mas antes quero que ele seja visto por um médico. E, é claro, a família precisa ser avisada. Seja gentil e mande chamar um médico na cidade. Enquanto isso, há algum lugar no qual possamos deixar o corpo?

A Sra. Eglantine bufou.

— Há um galpão perto de onde acumulamos o estrume — disse. — O lugar não é usado para nada. Ponha-o lá. — Ela fez uma pausa. —

Depois podemos queimar o galpão — acrescentou, antes de virar-se e voltar para a casa.

— Uma dama adorável — murmurou Crowe.

Sherlock indicou o caminho, contornando a casa até o local em que era guardado o estrume que seria espalhado nas hortas e nos canteiros de flores. Apesar do lenço encharcado com conhaque, o cheiro era forte e quente, e invadiu a boca e o nariz, provocando uma ânsia no fundo da garganta.

O galpão estava em péssimo estado, e Sherlock e Crowe tiveram de remover grande quantidade de pedaços de madeira e ferramentas agrícolas enferrujadas antes que pudessem levar o corpo para dentro. A luz do sol penetrava por buracos no telhado e nas paredes, iluminando alguns pontos do corpo e tendo a misericórdia de manter o restante na escuridão. Sherlock ficou imaginando que aquilo parecia um boneco grotesco em tamanho natural que tivesse sido descartado sem nenhum cuidado, com braços e pernas pendendo para fora do carrinho.

— É inútil ficarmos aqui — disse Crowe, saindo do galpão e removendo o lenço do rosto. — Volte para a casa. Peça a uma das criadas que prepare um banho para você. Um banho quente. Esfregue-se bem com sabão carbólico. Vista roupas

limpas e mande queimar as que está usando agora, se elas não forem lhe fazer falta.

Se não tiver muitas mais, entregue-as a uma criada, para que sejam lavadas.

Depois do banho, quando sua pele estava vermelha e sensível de tanto ser esfregada com o sabão carbólico vermelho-escuro, Sherlock vestiu roupas limpas e saiu da casa. Ainda sentia em sua pele o cheiro forte deixado pelo sabão, e os olhos ardiam. Ao contornar a casa, ainda limpando as lágrimas persistentes, viu Amyus Crowe em pé do lado de fora do galpão decadente conversando com um homem encorpado que vestia um casaco preto. Devia ser o médico da região. Quando se aproximou um pouco mais, Sherlock ouviu a voz arrogante e aguda do médico, que dizia: — Precisamos alertar as autoridades civis. Este é o segundo corpo que encontramos apresentando os mesmos sintomas. Se isto *for* a praga, temos de tomar medidas preventivas imediatamente. A feira de amanhã terá de ser cancelada, e todos os estabelecimentos públicos terão de ser fechados, como forma de impedir que a doença

se espalhe. Céus, talvez tenhamos, inclusive, de isolar as estradas em torno da cidade, até que o perigo passe! — Calminha aí — disse Amyus Crowe com sua voz profunda e serena. — Só temos dois corpos. Dois pingos não formam uma tempestade.

— Mas, se esperar o temporal desabar para abrir o guarda-chuva, acabará encharcado — o médico respondeu.

De repente Sherlock percebeu que sabia mais que eles. O corpo, as bolhas, a nuvem de fumaça — tudo aquilo era exatamente o que Matty Arnatt vira quando o homem da cidade morrera. O que *era* aquela fumaça? — Vamos esperar pelo menos até que um perito possa examinar os corpos.

O médico balançou a cabeça irritado.

— Que perito? Eu posso fazer necropsias, mas ver aquelas bolhas enormes foi o suficiente para mim. Devemos presumir que estamos lidando com a peste bubônica, e precisamos tomar atitudes adequadas.

Crowe levantou a mão em um gesto tranquilizador.

— Conheço um estudioso das doenças tropicais, o professor Winchcombe.

Ele mora em Guildford. Podemos mandar buscá-lo. Escreverei uma carta.

— Escreva, se quiser — o médico disse —, mas, enquanto isso, eu vou falar com o prefeito e a câmara municipal, e também com o bispo de Winchester.

— Que tem ele com isso? — perguntou Crowe.

— O castelo de Farnham é a residência oficial de Sua Graça.

Sherlock chegou mais perto, mas Amyus o viu e acenou, mandando que se afastasse. O menino sentiu uma pontada de raiva. Fora ele quem encontrara o corpo, e agora Crowe parecia querer mantê-lo fora da história. O que Crowe esperava? Que Sherlock ficasse longe até a conversa terminar e depois retomasse os estudos do ponto em que pararam? Ele tinha coisa melhor que fazer. Se Crowe quisesse

reclamar, que escrevesse para Mycroft.

Irritado, Sherlock virou-se e caminhou na direção do bosque.

Embrenhou-se por entre as árvores e logo perdeu a casa de vista. A cada passo, sentia o solo macio sob os pés. À sua volta ouviam-se o estalar da vegetação que secava ao sol da tarde e um farfalhar ocasional quando uma ave ou uma raposa moviam-se por entre os arbustos. O cheiro de folhas úmidas emanava do solo, superando os resquícios do aroma acre do conhaque e o odor ainda mais pungente do sabão carbólico. Não havia trilhas nem caminhos que ele pudesse seguir, e Sherlock viu-se obrigado a andar com cuidado por cima de árvores caídas e a contornar arbustos espinhosos se quisesse fazer algum progresso.

Penetrara no bosque por um local diferente daquele pelo qual ele e Crowe tinham entrado antes, e não sabia ao certo onde estava. Tanto podia estar no meio da floresta quanto nos seus limites, e, se não prestasse atenção, continuaria andando até que de fato fosse parar no centro da mata. Não tinha como verificar em que direção seguia, e, por mais que tentasse catalogar a forma das árvores pelas quais passava, todas eram muito semelhantes.

Alguma coisa o atraía mais e mais para o interior do bosque, algo primitivo, que ele não entendia. Tinha gente que falava sobre cidades e vilarejos como se tivessem personalidade própria, e Sherlock experimentara essa sensação em Londres, nas visitas ocasionais que fizera com o pai, e em menor medida em Farnham, com Matty Arnatt, mas ali ele podia sentir um tipo diferente de personalidade. Algo sombrio e atemporal. O que quer que fosse, aquilo vira a morte do empregado da mansão Holmes e não se incomodara, assim como não se incomodara com centenas, milhares, milhões de mortes de humanos e animais testemunhados ao longo de milênios.

Afastando da mente seus receios, Sherlock encontrou por acaso as marcas deixadas pela roda do carrinho de mão e seguiu-as até o local da descoberta do corpo. A vegetação amassada pelo cadáver já voltara ao normal, e não havia nenhuma indicação de onde ele estivera. Ele só conseguiu identificar o ponto exato porque ali desapareciam as marcas da roda.

Sherlock olhou para o solo, sem saber ao certo o que procurava. Tentou visualizar como tinham sido os últimos momentos de vida do homem. Delirante, ele cambaleara até a clareira, caíra de joelhos e depois desabara completamente no chão; ou apenas caminhara, sem saber que estava doente, até de repente perder os sentidos e ficar ali caído e inconsciente enquanto as bolhas apareciam em seu rosto e em

suas mãos? Devia ter um jeito de saber, por meio do estudo de suas pegadas. Se ele tivesse delirado, seus passos marcariam um caminho irregular, mas, se tivesse andado normalmente, então as marcas formariam uma linha reta. Talvez fosse útil para o médico saber a que velocidade a doença se desenvolvesse, e, mesmo que a

informação não servisse para nada, ao menos poderia usá-la para impressionar Amyus Crowe com sua habilidade dedutiva.

Sherlock abaixou-se e examinou atentamente o solo. As botas do homem tinham deixado uma impressão clara no solo: a sola de um pé era mais desgastada que a do outro, e Sherlock descobriu que podia distinguir com facilidade as pegadas do morto das próprias pegadas, e das de Amyus Crowe. Ele seguiu-as de volta para o meio das árvores. Eram estranhas; às vezes as marcas apontavam para uma direção; às vezes, para outra, como se o homem estivesse girando. Dançando, talvez? Não, isso era bobagem. Tonto? Sim, mais provável. Talvez a enfermidade —

qualquer que fosse — tivesse afetado o equilíbrio.

O garoto acompanhou as estranhas pegadas por entre as árvores, distanciando-se da clareira, até um ponto em que elas, de súbito, tornavam-se normais. Daí em diante, seguiam numa linha reta, desviando-se aqui e ali de uma árvore ou de um tronco caído, afastando-se do que Sherlock supunha ser a mansão Holmes. Era como se o que o afetara tivesse surgido de repente: num minuto ele parecia caminhar normalmente; no outro, cambaleava e girava em círculos, como se estivesse bêbado. Então, pouco depois, ele caía. E morria.

Retornando ao local em que o estilo das pegadas mudava, Holmes ficou parado, olhando em volta, intrigado. Algo no terreno circundante o incomodava.

Olhou para as árvores, os arbustos e a grama por alguns momentos, tentando entender qual era o problema, e então percebeu. A grama tinha uma tonalidade ligeiramente distinta — mais amarelada que no restante do bosque. Sherlock ajoelhou-se e tocou o chão com o dedo, manchando-se com algum tipo de poeira.

Algo fora espalhado por ali; algo que não fazia parte do ambiente.

Sherlock esfregou a ponta dos dedos. Estavam engordurados. O que quer que fosse aquele pó amarelo, não se parecia com nada que ele conhecia. Sentiu um momento de pânico, o coração batendo depressa, ao pensar que o pó amarelo pudesse ser o causador da doença daquele

homem, mas logo Sherlock se convenceu de que doenças não são causadas por rastros de pó, mas transmitidas de uma pessoa para a outra. Veneno também era uma possibilidade, mas que veneno poderia fazer as mãos e o rosto de um homem cobrirem-se de bolhas? Pensando depressa, Sherlock tirou do bolso o envelope que continha a carta que recebera de Mycroft naquela manhã. Retirou a carta e a guardou de novo no bolso, depois segurou o envelope pelas beiradas para mantê-lo aberto como uma pequena boca e o arrastou na grama. Parte do pó amarelo transferiu-se para o interior do envelope. Voltou a fechá-lo rapidamente e o guardou em outro bolso. Sherlock não sabia se isso teria alguma importância, mas Amyus Crowe poderia reconhecer o pó.

Caminhando pelo bosque, acabou saindo em uma estrada, mas não sabia se era a que conduzia à mansão Holmes. Nas duas direções, a estrada desenhava uma

curva, fazendo com que fosse impossível a Sherlock situar-se. Sentou-se à beira da estrada e esperou. Em algum momento, pensou, uma carroça ou uma carruagem passariam por ali, e então ele poderia pedir carona.

Era fim de tarde. Para onde queria ir, a mansão ou a cidade? Depois de alguns segundos ele decidiu que voltar para a mansão seria ir ao encontro de uma tarde de tédio. A cidade parecia muito mais interessante.

As primeiras dez ou doze carroças que passaram seguiam todas na mesma direção, e todas transportavam caixas, engradados e sacos de lona. Condutores e passageiros tinham o temor estampado no rosto. Sherlock não tinha certeza, mas imaginava que aquelas pessoas tinham escutado a notícia das duas mortes e saíam de Farnham, afastando-se da suposta praga tanto quanto possível. Ele nem se deu o trabalho de pedir carona: a expressão daquela gente sugeria que não seria bem-recebido. Depois de mais ou menos meia hora, Sherlock ouviu o barulho das rodas de uma carroça na terra batida da estrada, em sentido oposto ao percorrido pelos demais veículos. Levantou-se e ficou esperando vê-la surgir na curva.

— Com licença — disse, chamando a atenção do condutor de cabelos grisalhos e rosto magro. — Em que direção você está indo? O homem moveu a cabeça ligeiramente para indicar a estrada à frente. Ele nem se incomodou em olhar para Sherlock, mas pelo menos puxou as rédeas para reduzir a velocidade da marcha do cavalo.

— Em que direção fica a mansão Holmes? — indagou Sherlock.

O homem inclinou a cabeça e indicou a estrada atrás de si com um gesto sutil.

— Poderia me levar até a cidade? O condutor refletiu por um momento, depois gesticulou com a cabeça, indicando a traseira da carroça. Interpretando o gesto como um sim, Sherlock embarcou. A carroça acelerou em seguida, quase jogando-o para fora, mas Sherlock acabou caindo para a frente, sobre um amontoado de feno.

O carroceiro não falou nem uma palavra durante todo o trajeto, e Sherlock descobriu que também não tinha nada que dizer. Seus pensamentos alternavam-se entre o homem morto, o condutor misterioso e a figura bizarra, mas interessante, de Amyus Crowe. Para um lugar que, à primeira vista, parecera um poço de tédio, a mansão Holmes e as redondezas revelavam-se exatamente o contrário.

Sua divagação acabou levando-o à história que Matty contara sobre o cadáver que fora retirado da casa em Farnham, e à estranha nuvem que Matty dissera ter visto sair pela janela. Na ocasião, Sherlock não dera importância à história — não ao trecho que falava da nuvem, pelo menos —, mas agora estava em dúvida. Se Amyus Crowe estivesse certo sobre o fato de doenças serem causadas por —criaturas minúsculas que podiam ser transmitidas de pessoa para pessoa,

então teria sido isso que ele e Matty viram? Uma nuvem dessas criaturas minúsculas causadoras de doenças? Não fazia sentido. Ninguém jamais mencionara ter visto essas nuvens de criaturas antes. Com certeza, ele e Matty não teriam sido os únicos no mundo a vê-las, certo? Alguma outra coisa estava acontecendo.

Só quando a carroça parou com um solavanco ele percebeu que já estavam em Farnham. O condutor permaneceu imóvel como uma estátua, esperando que Sherlock desembarcasse, e depois seguiu adiante sem nem ao menos olhar para trás, enquanto o menino apalpava os bolsos à procura de moedas, certo de que teria de pagar pela carona.

Sherlock olhou em volta. Reconhecia aquela rua: era a principal, que cortava o centro de Farnham. Adiante havia um grande edifício quadrado de tijolos vermelhos cercado por arcos, um local que Matty dissera ser um armazém de grãos.

Ao observar os arredores, Sherlock viu que o movimento na cidade mercantil parecia normal: pessoas andavam pelas ruas, paravam

diante de vitrines ou de barracas de comida, conversavam umas com as outras ou seguiam o próprio caminho. Seria difícil encontrar contraste maior em relação à solidão sombria do bosque.

Talvez fosse imaginação de Sherlock, mas parecia que pequenos grupos formavam-se nas esquinas e na frente das lojas. As pessoas estavam com a cabeça abaixada, como se cochilhassem, e olhavam desconfiadas para qualquer um que passasse pela rua. Estariam comentando a possibilidade da praga no vilarejo?

Analisavam o rosto de cada indivíduo, em busca de indícios de bolhas enormes ou do rubor provocado pela febre? Sherlock eliminou rapidamente os itens de uma lista de lugares nos quais Matty poderia ser encontrado. Ainda faltava uma hora, ou duas, para que o mercado fechasse; então, era pouco provável que ele estivesse à espreita de frutas ou vegetais descartados; e, de acordo com os horários dos trens que ele memorizara com cuidado, caso não suportasse mais ficar na mansão Holmes, não haveria mais nenhuma composição chegando ou partindo até a noite. Ele supôs que Matty pudesse estar perto de uma das tavernas da cidade, na esperança de que um ou outro cliente bêbado lhe atirasse uma moeda.

Sherlock acabou por concluir que não tinha evidências suficientes para deduzir *onde* Matty poderia estar. Como Mycroft dissera certa vez: —Teoria sem prova é um engano fatal, Sherlock. Então, caminhou pelas ruas até encontrar o lugar que Matty mostrara a ele — a casa na qual o primeiro homem morrera, e da qual a nuvem da morte saía pela janela e subira até o telhado.

O edifício parecia abandonado. Portas e janelas estavam fechadas, e alguém pregara um aviso na porta. Sherlock supôs ser uma advertência sobre alguém ter morrido de alguma febre ali dentro. Ele estava dividido por emoções conflitantes: parte queria entrar e dar uma olhada, ver se havia algum traço do pó amarelo por ali,

mas outra parte, uma parte mais primitiva, sentia medo. Apesar do lenço encharcado de conhaque que ainda levava no bolso, Sherlock não desejava expor-se à possibilidade de contágio.

A porta da casa abriu-se ligeiramente, e Sherlock recuou para as sombras de uma arcada do outro lado da rua. Quem estaria ali? Alguém que se arriscava a limpar o lugar, ou alguém que se mudara para lá, um morador novo ou antigo, apesar do perigo? Por alguns instantes a porta permaneceu entreaberta, e Sherlock sentiu, embora não visse, que havia alguém na escuridão atrás dela, observando.

Recuou um pouco mais nas sombras, sentindo o coração disparar sem saber por quê.

Depois de um tempo a porta se abriu um pouco mais, apenas o suficiente para deixar passar um homem. Estava vestido em vários tons de cinza e olhou para os dois lados da rua antes de sair. Carregava um saco em uma das mãos.

E a mão que segurava a boca do saco estava coberta por um fino pó amarelo.

Intrigado com o pó e com a atitude do homem, por quem não desejava ser notado ao sair da casa, Sherlock o observou seguir pela rua até outra via mais larga. Ali, o homem virou à esquerda. Sherlock esperou um momento, depois foi atrás dele. Não sabia o que estava acontecendo, mas pretendia descobrir.

Havia algo estranhamente familiar naquele homem. Sherlock sabia que o vira antes em algum lugar. Seu rosto era fino, com dentes salientes amarelados pelo uso do tabaco, e então Sherlock lembrou: vira o homem na estação Farnham quando lá estivera com Matty. Ele carregava uma carroça com engradados de gelo.

O trajeto do homem levou Sherlock de um lado a outro de Farnham. O

menino o acompanhou o tempo todo, escondendo-se em arcadas ou atrás de outras pessoas sempre que achava que ele se viraria. Depois de um tempo, o homem seguiu por uma via secundária que Sherlock reconheceu. Era o mesmo lugar em que ele e Matty tinham estado mais cedo, onde quase foram atropelados pela carruagem que transportava o estranho sujeito de olhos cor-de-rosa.

O homem caminhou furtivamente junto a um muro alto pintado com cal até os portões de madeira pelos quais a carruagem saíra e bateu: uma sequência complicada de toques que escapou da mente de Sherlock, por mais que ele tentasse memorizá-la. O portão abriu-se e o homem entrou. Em seguida, o portão foi fechado de novo, antes que Sherlock tivesse chance de ver o que havia lá dentro.

Ele olhou em volta, frustrado. Queria muito dar uma olhada por cima do muro e ver o que havia lá, mas não parecia possível. Tudo estava de alguma forma relacionado — as duas mortes, as nuvens que se moviam, o pó amarelo —, mas ele não conseguia encontrar os fios que faziam a conexão. As respostas que procurava podiam estar atrás daquela muralha, mas era como se estivesse na China.

O sol já estava avermelhado e baixo no céu. Faltava pouco para que Sherlock tivesse de voltar à mansão Holmes e preparar-se para o jantar. Não havia

muito tempo. Desesperado, olhou em volta mais uma vez. Atrás de si, onde a parede acompanhava a esquina, boa parte do reboco havia se desprendido, castigado ao longo dos anos pelo choque de carroças e carrinhos e erodido pela chuva. O tijolo exposto podia servir de apoio, ajudando-o a subir o muro.

Valia a pena tentar.

Sem parar para pensar, Sherlock aproximou-se do local e olhou para os dois lados. Ninguém observava. Ele ergueu os braços o mais alto que conseguiu, procurando com os dedos um nicho entre dois tijolos, depois fazendo o mesmo com o pé direito. Quando se sentiu preparado, deu impulso. Os músculos das pernas protestaram contra a repentina atividade, mas Sherlock não desistiria. Levantou a mão esquerda o máximo possível e sentiu o topo do muro. Segurando-se o melhor que pôde, ergueu o pé esquerdo e deslizou-o pela parede, descendo até encontrar um apoio. Então, transferiu o peso do corpo do pé direito para o esquerdo, esperando que o tijolo não se esfarelasse com a pressão. O tijolo sustentou seu peso, e ele deu impulso, usando, ao mesmo tempo, a mão e o pé esquerdos. O corpo subiu raspando na parede, e, como por milagre, Sherlock estava deitado sobre a muralha, equilibrando-se precariamente para não cair no pátio que se descortinava abaixo dele.



CAPÍTULO CINCO

DE SUA POSIÇÃO SOBRE O muro Sherlock podia ver toda a extensão do pátio. Não havia ninguém por perto. Um edifício de apenas um andar, sem janelas —

que mais parecia um celeiro —, dominava o terreno, e a área em torno dele era coberta de mato e terra. Vários sulcos deixados por rodas ligavam as enormes portas de madeira do edifício ao portão. Alguns eram pouco mais que arranhões na terra, enquanto outros eram profundos e ainda continham água das últimas chuvas.

Sherlock deduziu que carroças e outros veículos do tipo chegavam ao local com pouca carga, leves, deixando os sulcos superficiais, e partiam transportando algo pesado, o que os fazia afundar mais no solo fofo. Mas o que seria produzido ou estocado naquele galpão? Teria alguma relação com a morte do homem que Matty vira e com o pó amarelo? Sherlock passou uma perna por cima do muro, preparando-se para descer, mas um som repentino o fez recuar rapidamente. Alguma coisa escura e veloz surgiu das sombras em torno do edifício e movia-se sobre patas muito ágeis. Sherlock viu uma cabeça grande e forte com orelhas pequeninas voltadas para trás, e um corpo coberto de pelos curtos e eriçados. O cachorro não latiu, apenas grunhiu — um som profundo e áspero como o de um serrote cortando madeira dura. Saliva pingava das presas expostas do animal.

Ele parou bem embaixo de onde Sherlock estava e ficou olhando para ele atentamente e com a cauda baixa, inquieto em suas patas curtas e parrudas.

Sherlock precisava entrar naquele galpão. Havia um enigma ali dentro, e ele odiava enigmas sem solução. Mas o cachorro parecia faminto e treinado para ser agressivo.

O menino olhou para trás, para o outro lado do muro, por onde tinha subido.

Haveria outra entrada? Era pouco provável, e, agora que já o farejara, o cachorro simplesmente o seguiria até lá. Seria possível travar amizade com o animal?

Também improvável; ele precisaria descer do muro, e o castigo em caso de fracasso era terrível demais de imaginar. Poderia encontrar uma pedra grande ou um tijolo para jogar no animal, mas isso parecia uma brutalidade desnecessária. Seria possível drogá-lo de alguma maneira? Talvez pudesse voltar ao mercado de Farnham e comprar um pedaço de carne com o pouco dinheiro que tinha, mas e daí? Estudou o terreno dos dois lados da muralha, procurando algo que pudesse ser útil. Na esquina, onde a muralha encontrava o chão, perto do portão, viu algo que parecia ser um chapéu de pele abandonado. Era o texugo morto que vira mais cedo. Às pressas, ele

praticamente saltou do muro, quase caindo, e correu até onde estava o cadáver do animal e o recolheu. O pelo estava seco e sujo, e o corpo não pesava quase nada, como se a centelha de vida que o deixara no momento da morte tivesse de fato alguma massa. Sherlock sentia um repugnante cheiro rançoso. Murmurando um pedido de desculpas,

abaixou-se ligeiramente, esticou o braço e lançou o corpo por cima do muro. Os membros duros abriram-se durante o voo, enquanto o animal girava no ar. Ele desapareceu além do muro, e Sherlock ouviu o baque causado pela queda do corpo, quando ele encontrou o chão. Segundos depois, veio o ruído que ele esperava escutar: patas correndo na terra seca e rosnados, enquanto dentes rasgavam a carne do animal morto. O garoto rapidamente voltou a subir no muro e deu uma olhada. O cão segurava o texugo com as patas dianteiras e sacudia-o de um lado para o outro com suas mandíbulas poderosas, arrancando pedaços de carne. Quando Sherlock saltou para o chão, o animal parou subitamente, olhou desconfiado em sua direção, e voltou a atacar o bicho morto. Ou decidira que o garoto era seu amigo, por ter lhe fornecido um brinquedo muito divertido, ou optara por deixá-lo para a sobremesa. Sherlock torcia muito para que a primeira opção fosse a correta.

Sem perder tempo, antes que o cachorro dilacerasse o corpo do texugo e perdesse o interesse pelo animal, Sherlock correu pelo terreno até o celeiro. Havia uma porta lateral em uma das paredes, e ele a entreabriu. Silêncio e escuridão.

Empurrou a porta um pouco mais e entrou, fechando-a atrás de si.

Foram necessários alguns instantes até que os olhos de Sherlock se adaptassem à escuridão, mas depois ele viu que o espaço no interior do edifício era iluminado por claraboias. A luz do sol penetrava pelo vidro sujo, criando pilares diagonais luminosos que pareciam sustentar o teto como um andaime ilusório. O

lugar cheirava a terra seca e a suor, mas por trás havia outro odor, de algo doce e floral. Havia pilhas de caixas e engradados em vários pontos do espaço interno, e do outro lado do galpão inúmeros homens carregavam essas caixas até uma carroça. O

homem que ele seguira por Farnham era um deles. O saco de lona que ele estivera carregando fora largado no chão ali perto. Um cavalo tinha sido atrelado à carroça e comia feno tranquilamente de um bornal amarrado à sua cabeça. Uma segunda carroça estava parada em um canto do galpão, vazia e com os varais apoiados no chão.

Caixas vazias de madeira tinham sido empilhadas grosseiramente em um canto, e Sherlock moveu-se silenciosamente até esconder-se atrás delas. Observou com atenção enquanto os homens colocavam na carroça o que parecia ser o último carregamento: eles reclamavam e esbarravam uns nos outros enquanto levavam, uma a uma, as caixas

para o veículo. A julgar pela sujeira nas roupas e pelo suor nos rostos, o grupo devia estar trabalhando daquela maneira havia um bom tempo.

O homem que Sherlock seguira pela cidade ajudou com a última caixa,

depois esfregou as mãos e as limpou no colete como se tivesse trabalhado ali o dia todo. Suas mãos deixavam manchas amarelas à medida que o pó — o que quer que fosse — transferia-se para o tecido áspero. Um dos outros homens — um grandalhão de cabeça rapada, com tatuagens que cobriam os braços como mangas até os pulsos e uma lamparina a óleo presa ao cinto — olhou para ele com escárnio.

— Gostou da excursãozinha? — perguntou com interesse debochado.

— Ei, eu também estava trabalhando — respondeu o primeiro.

— Que história é essa sobre a casa de Wint? O recém-chegado balançou a cabeça.

— O barão tinha razão. Ele tava roubando nossas coisas pra vender. Tinha uma pilha de jaquetas e calças do lado da cama dele.

— Alguém te viu? — Ninguém. Fiz como um rato.

— Pegou tudo? O homem moveu a cabeça indicando o saco de lona.

— Recolhi tudo e pus ali dentro.

— Tudo bem, joga na carroça também.

Quando o recém-chegado foi pegar o saco, seu colega grandalhão perguntou:

— Queimou a casa de Wint? O recém-chegado balançou a cabeça.

— Não achei que precisasse.

O grandalhão deu de ombros.

— Pode explicar isso ao barão quando o vir.

— Ei, Clem, não vamos usar a outra — um homem gritou, apontando a carroça vazia.

O grandalhão se virou para os trabalhadores.

— Deixem aí — disse. — É bem provável que ela tenha sido só uma garantia, o barão não gosta de correr riscos.

Cauteloso, esse barão. — E virou-se novamente para o recém-chegado, apontando para as manchas amarelas em seu colete. — Tem um pouco daquela coisa em você. A casa de Wint também deve estar contaminada. O barão vai querer que ela seja queimada, como este lugar aqui. Sumir com todas as evidências.

O recém-chegado olhou para seu colete.

— O que é isto? — perguntou.

O outro riu, emitindo um som que era uma mistura de ronco e tosse.

— Melhor não saber — disse.

O recém-chegado olhou para as próprias mãos. Depois encarou novamente o grandalhão, e seu rosto empalideceu.

— Ei, Clem, isso significa que o que aconteceu com Wint vai acontecer comigo? Clem balançou a cabeça.

— Não se você lavar tudo direito, como o barão disse para fazer. — Ele olhou para os outros homens, que, agora que todas as caixas já estavam na carroça,

conversavam.

— Muito bem, cambada... Hora de ir. Martin e Joe, vocês vão na carroça.

Sabem para onde levá-la. Stouffer e Flynn, vocês vão atrás do barão.

— Ele olhou para o recém-chegado. — Denny, você e eu vamos dar um jeito aqui. Vamos queimar tudo. O lugar é tão grande, que não temos como saber o que poderíamos deixar pra trás.

O recém-chegado — Denny — olhou em volta pelo galpão.

— Precisamos mesmo? — perguntou com tom de lamúria. — Pense no que podemos fazer com este lugar quando o barão não mais precisar dele. Montar um negócio, talvez, ou abrir a maior taverna da região. Podemos ter garotas cantando, dançando e tal. Acho uma pena queimar tudo assim.

O rosto de Clem contraiu-se numa expressão ameaçadora.

— Se quiser explicar esse seu plano para o barão, fique à vontade. Vou seguir as instruções que recebi.

Denny parecia encolher sob o olhar intenso do outro homem.

— Eu só tava perguntando — ele disse.

Um dos homens perto da carroça ergueu a mão para chamar a atenção de Clem.

— Quando vamos receber? — ele gritou.

— Quando tudo for entregue — Clem grunhiu. — Vamos nos

encontrar amanhã na taverna da Molly, todos nós. Vou pegar o dinheiro com o barão, e lá dividimos.

— E como vamos saber que você vai estar lá? — outro homem perguntou, começando a levantar a mão, mas mudando de ideia de repente.

Clem o olhou com desdém.

— O barão está comprando nosso silêncio, não esqueçam. O de vocês e o meu. Se vocês não forem pagos e decidirem contar a alguém sobre o que estávamos fazendo, o barão virá atrás de mim, e isso é algo que não quero que aconteça. Todos serão pagos de acordo com o combinado, certo? O homem assentiu, convencido.

— Certo.

Sherlock encolheu-se ainda mais atrás da pilha de engradados quando os homens começaram a se dispersar: dois deles subiram na carroça; outros dois abriram o portão de madeira para a passagem do veículo, enquanto Clem supervisionava a operação e Denny ficava à toa, aparentemente perdido. O homem que conduzia a carroça estalou a língua e cutucou o lombo do cavalo com uma vara, e o animal começou a andar, ainda comendo de seu boral.

Clem caminhou até o grande portão de madeira, e a lamparina presa ao cinto batia contra sua coxa a cada passo. Sem olhar para trás, apontou o polegar para onde Sherlock estava escondido.

— Tranque aquela porta — grunhiu. — Depois venha me encontrar aqui na frente.

Sherlock sentiu o coração dar um pulo no peito quando Denny começou a andar na direção de seu esconderijo. Se ele contornasse a pilha de caixas, certamente o veria, e, se isso acontecesse, Sherlock sabia que não teria muitas chances de sobrevivência. Mudou de posição, preparando-se para correr. Seria capaz de chegar à porta lateral antes que Denny o alcançasse? Não tinha certeza, mas estava ainda menos certo de que houvesse alternativa.

Denny aproximou-se das caixas, acompanhado pelo cheiro de suor e sujeira de suas roupas sujas, e Sherlock olhou rapidamente para Clem, tentando determinar se o grandalhão estava perto o bastante para ajudar Denny a capturá-lo. Clem estava quase no portão principal. Sherlock se abaixou rapidamente e contornou a pilha de caixas. Quando Denny passou, ele voltou para a parte de trás da pilha. Se

Clem virasse a cabeça antes de passar pelo portão, veria Sherlock claramente. Mas ele não se virou. Sherlock prendeu a respiração e observou Clem, que já desaparecia lá fora, na luz radiante do sol vespertino. Momentos depois, uma das portas começou a ser fechada; a madeira pesada arrastava a terra do chão e as dobradiças enferrujadas rangiam.

Sherlock olhou por cima das caixas. Denny acabara de verificar se a porta lateral por onde ele entrara estava devidamente fechada e já se preparava para colocar as travas que impediriam que alguém entrasse por ali. Assim que ele fosse embora, Sherlock poderia remover as barras, abrir a porta e fugir.

Denny pegou um cadeado no chão e colocou-o em um orifício da trava superior, passando-o também por um anel de metal preso ao batente da porta. O

cadeado foi fechado com um clique definitivo. Denny retirou a chave e guardou-a no bolso, e então se virou, assobiando, e atravessou o galpão.

Sherlock sentia o coração disparado no peito e suas mãos suavam frio.

Lançou um breve olhar para trás, para a porta trancada com o cadeado, que parecia sólido. Não poderia sair por ali — pelo menos, não rapidamente, e não sem fazer muito barulho. Teria de esperar até que Denny e Clem fossem embora, e depois mais cinco minutos, para então sair pelo mesmo portão que eles tinham usado.

Denny passou pela saída quando Clem já empurrava a outra porta pelo lado de fora. O retângulo de luz que penetrava no galpão foi ficando mais e mais estreito, e diminuiu até virar uma barra, uma linha, e depois nada. As portas se fecharam com um baque.

E o ânimo de Sherlock encolheu e escureceu como a luz quando ele ouviu o som inconfundível de uma pesada barra de madeira sendo posicionada para travar as portas. Não havia por onde sair! Por um momento ele podia ouvir os dois homens conversando lá fora, mas não conseguia escutar o que diziam. Levantou-se,

preparado para ir até a porta principal e tentar entender as palavras, mas um ruído súbito o fez parar.

Era o som da lamparina de Clem sendo quebrada contra a porta.

Vidro estilhaçado, o líquido se espalhando pela madeira. Um instante

de silêncio e, em seguida, um estalo terrível quando as chamas do pavio da lamparina encontraram a madeira ensopada de óleo.

Clem e Denny tinham ateado fogo ao galpão.

O pânico ameaçava dominar Sherlock. Ele queria fugir, mas não sabia para onde, e ficou balançando-se para a frente e para trás, tremendo, sem sair do lugar.

Sentiu um gosto metálico na boca, e seu coração batia tão depressa, que ele podia sentir o ritmo nas têmporas e na garganta. Por um minuto, aproximadamente, não conseguiu raciocinar, não conseguiu ligar duas ideias de forma sensata, mas, aos poucos, sufocou o pânico ao repetir para si mesmo que tinha de haver uma saída.

Ele só precisava descobrir qual era. Sentiu o coração disparado acalmar-se aos poucos, até voltar ao normal, e o tremor nos braços e nas pernas diminuir lentamente.

O cheiro da fumaça já invadia o galpão. Pequenas chamas começavam a encontrar brechas para penetrar no espaço abafado, passando pelas junções entre as tábuas do portão como se fossem dedos curiosos.

Pense, Sherlock disse a si mesmo. Pense mais que nunca.

Olhou em volta atentamente. A maior parte das caixas fora levada por Clem e pelos outros homens, e Sherlock continuava sem saber o que havia nelas. Os engradados atrás dos quais ele se escondera continuavam empilhados perto da porta lateral, mas estavam vazios.

Ele correu até o outro lado do galpão e jogou-se contra a parede de madeira, usando o ombro. A madeira tremeu com o impacto, mas nada se quebrou nem se entortou. Tentou mais uma vez. Nada. Se ele queria abrir um buraco na parede, precisaria de um machado, um martelo ou alguma outra coisa. Não de um ombro.

Desesperado, Sherlock olhou em volta em busca de alguma ferramenta que pudesse usar para quebrar a parede ou soltar as tábuas, e viu a segunda carroça, que fora deixada para trás. Ela parecia estar em perfeitas condições de funcionamento, e Clem dissera que teria sido usada se houvesse mais caixas para transportar.

Sherlock poderia utilizá-la para fugir? Conseguiria ao menos *movê-la*? Só havia um jeito de descobrir. Ele correu até o veículo e agarrou uma das varas que servem para atrelar os cavalos às carroças. Levantou-a com facilidade. Tentou puxá-la, mas o veículo não saiu do lugar.

Puxou de novo, com mais força, e a carroça moveu-se ligeiramente, mas a segunda vara ainda estava apoiada no chão do galpão, e o esforço de Sherlock só fazia com que ela mergulhasse cada vez mais na terra e travasse o veículo.

Lógica. Use a lógica. Se não conseguia puxar a carroça, talvez pudesse empurrá-la. Sherlock soltou a vara e apoiou todo o peso do corpo contra a frente da carroça, onde se sentaria o condutor. E conseguiu movê-la! A carroça andou alguns centímetros para trás! Ele deu graças a qualquer divindade que o estivesse protegendo, pois a cautela do misterioso barão, quem quer que fosse, conseguiu impressionar de tal forma seus seguidores, que eles não só haviam providenciado uma carroça reserva, como também engraxaram bem seus eixos. Sherlock recuou alguns passos para correr e jogou todo o peso do corpo contra o veículo, batendo o ombro com força na madeira. Era o mesmo ombro que usara contra a parede do galpão, e ele sentiu uma onda de dor espalhar-se por seu braço e pelo pescoço, mas a carroça movimentou-se mais um tanto antes de parar novamente.

A fumaça já envolvia Sherlock, fazendo seus olhos arderem. Ele virou-se e viu as chamas, que subiam pelo portão principal e atingiam o lintel. De acordo com a lógica, o portão estaria enfraquecido pelo fogo e seria o lugar preferível para tentar arrebentar com o peso da carroça, se Sherlock conseguisse empurrá-la com velocidade suficiente e por toda aquela distância, mas ele teria de virá-la naquela direção, e, além disso, as chamas o amedrontavam. Sua única chance realista seria tentar empurrar a carroça contra a parede do outro lado do galpão.

Ignorando a dor que se espalhava pelo ombro, Sherlock apoiou as mãos na frente da carroça e cravou os pés na terra macia do chão, flexionando os joelhos.

Seu corpo estava quase na horizontal, e ele empregou toda a sua força — mais do que jamais usara, até mesmo nos jogos de rúgbi no campo em Deedene; mais do que empregara no ringue de boxe, no ginásio da escola. Por um momento teve a sensação de que seu corpo estava suspenso entre dois objetos inabaláveis, mas logo a carroça começou a mover-se. Uma das rodas encontrou um obstáculo — uma pedra ou um monte de terra — e o veículo quase voltou à posição inicial, mas Sherlock fincou os pés no chão e empurrou até que os músculos gritassem. A roda passou por cima do obstáculo e depois começou a ir para trás com mais e mais facilidade. Sherlock moveu o pé esquerdo, dando um passo bem grande, em seguida moveu o direito. Seus pés pisavam firmemente a terra, e ele aplicava toda a sua energia à

carroça, tirando-a do lugar pouco a pouco. Como uma locomotiva, ela ganhava velocidade à medida que se movimentava. Em poucos segundos, o arrastar sofrido tornou-se um andar lento, depois um andar rápido e, finalmente, um trote.

Sherlock sentiu algo estalar em seu ombro, um tendão sendo distendido como a corda de um violino puxada por um dedo. O braço quase pendeu inerte e sem forças, mas, usando toda a sua determinação, manteve as duas mãos em contato com a carroça, e depois de um momento a dor diminuiu. A carroça continuou a deslocar-se.

Ele não ousava erguer os olhos para verificar a que distância da parede estava, porque uma mudança em sua posição poderia reduzir a força que estava empregando

e o veículo perderia velocidade. Tudo o que fazia era contar passos: um, dois, três, quatro, cinco, seis — cada um mais rápido que o anterior. Já devia estar quase chegando à parede, certo? O calor se espalhava por sua nuca à medida que o fogo se apoderava do portão. Sherlock podia ver a própria sombra projetada pela luz das chamas, tremeluzente e contornada pelo tom vermelho.

De repente, a parte de trás da carroça chocou-se contra a parede. A carroça seguiu movendo-se, produzindo rangidos agudos ao arrebentar as tábuas e arrancar os pregos que as mantinham unidas. Uma rajada de ar fresco soprou no rosto de Sherlock, empurrando a fumaça para trás, mas espalhando o fogo. As rodas de trás da carroça ficaram presas na madeira, mas Sherlock podia ver a luz do dia em torno do veículo. Ele subiu no assento do condutor, passou pela caçamba da carroça e finalmente saltou para o glorioso ar puro e a luz do sol.

Ingênuo, esperava encontrar a população local e os bombeiros da região com baldes e bombas manuais, mas o pátio estava deserto. Até o cachorro desaparecera, provavelmente atrás dos brutamontes. Embora o interior do galpão estivesse muito parecido com uma fornalha, do lado de fora as chamas eram praticamente invisíveis contra o céu radiante, e apenas uma fina coluna de fumaça erguia-se do edifício —

pouco mais espessa que a que seria produzida pelo fogão de uma cozinha. Alguém acabaria por notar e iria investigar, mas levaria algum tempo até que isso ocorresse.

O portão principal estava fechado, e Sherlock supôs que Clem e seus

comparsas tivessem-no trancado com outro cadeado. Eles demonstraram cautela semelhante em quase tudo o que fizeram. Ignorando o portão, Sherlock olhou pelo muro em busca de um lugar adequado no qual pudesse subir para saltar até o outro lado. O interior da muralha era de tijolos aparentes, e ele não teve dificuldade de escalar.

Parou no alto do muro e olhou para o galpão. O fogo já começava a ultrapassar o telhado, e as vigas queimavam. Ele tinha de sair dali.

Um pouco escalando e um pouco caindo no chão, Sherlock afastou-se mancando do muro. Continuou andando até sentir que os pulmões estavam prestes a explodir e os músculos das pernas imploravam por descanso. Deixando-se cair sentado no chão ao lado de um muro baixo de pedras, cedeu ao cansaço e ao pânico que tivera de controlar até então. Respirou profundamente e permitiu que o tremor que tentava conter se espalhasse pelo peito, pelos braços e pelas pernas. Depois de um tempo, sentiu que tinha força suficiente para levantar as mãos à altura do rosto.

A pele estava ferida e sangrava, e viu espetadas nas palmas dolorosas farpas que ele nem sentira antes. Uma a uma, ele as removeu, deixando as mãos cobertas por gotas de sangue.

Tanto esforço, tanto perigo, e o que descobrira, exatamente? Que, se a morte do homem na casa em Farnham tinha sido um acidente, fora provocada por algum

tipo de atividade criminosa. O homem roubara alguma coisa de seus comparsas, e essa coisa causara sua morte. Os criminosos então carregaram uma carroça com as caixas do que sobrara dessa coisa e as transportaram para um destino desconhecido; em seguida atearam fogo ao galpão, com o intuito de encobrir as pistas de suas atividades. E tudo isso fora realizado segundo as instruções de um misterioso —

barão.

Sherlock lembrou a primeira vez em que estivera diante do portão que dava naquele pátio, quando ele e Matty quase foram atropelados pela carruagem. O

homem a bordo daquele veículo — o de pele pálida e olhos cor-de-rosa —, seria *ele* o barão? Em caso afirmativo, o que exatamente estaria tramando? De repente Sherlock percebeu que já estava ficando escuro. O sol quase se pusera por completo, e ele precisava não apenas voltar à mansão Holmes, mas também se limpar e mudar de roupa —

e tudo isso antes de a Sra. Eglantine perceber que algo tinha acontecido. Por um momento chegara a pensar que seus problemas naquele dia tivessem terminado, mas então constatara, com desânimo, que ainda tinha um longo caminho a percorrer.



CAPÍTULO SEIS

SHERLOCK QUASE PERDEU A HORA do café, na manhã seguinte. As aventuras do dia anterior o deixaram cansado e dolorido, e sua cabeça parecia latejar no ritmo das batidas de seu coração. Sentia uma opressão no peito e um ardor na garganta que provavelmente eram consequência da fumaça que aspirara. Ele tinha perdido o jantar, mas sua tia providenciara para que uma bandeja com frios e queijo fosse deixada para ele. Deve ter sido a tia — a Sra. Eglantine certamente não se teria dado o trabalho. Passara a noite inquieto, oscilando entre o sono e a vigília, flutuando por entre sonhos e lembranças, até não poder mais distinguir uns dos outros. Só mergulhou num sono profundo e sem sonhos quando o sol já surgia no céu, e por isso, quando o gongo soou anunciando o café da manhã, Sherlock despertou sobressaltado e só teve dez minutos para preparar-se para o dia.

Felizmente, uma das criadas deixara em seu quarto uma vasilha com água, sem incomodá-lo. Ele lavou o rosto, escovou os dentes com um pó esbranquiçado e essência de canela que salpicou sobre a escova de cabo de osso e cerdas de pelo de javali, e vestiu-se com pressa. Logo teria de providenciar alguém que lavasse suas roupas — estava começando a ficar sem peças limpas para usar.

Olhou as horas no relógio de parede do corredor enquanto descia a escada correndo. Sete horas.

Sherlock entrou às pressas na sala de jantar, ignorando o olhar sombrio da Sra. Eglantine, e serviu-se do *kedgeree* oferecido na longa mesa repleta de pratos e vasilhas que ocupava um dos lados da sala. Era uma mistura saborosa de arroz, ovos e hadoque defumado, um prato que nunca tinha provado, até chegar à mansão Holmes, mas que começava a apreciar. Ele fez o possível para evitar contato visual com todos, enfiando a comida na boca com tanta rapidez, que mal conseguia sentir o gosto do alimento. Estava faminto: os eventos do

dia anterior tinham consumido muito de sua energia, que ele precisava repor. Tio Sherrinford lia um tratado religioso enquanto comia, e tia Anna falava sozinha, como sempre. Sherlock tinha a impressão de que cada ideia que passava pela cabeça da tia era pronunciada no mesmo instante, independentemente de sua relevância.

— Sherlock — disse seu tio, dirigindo o olhar para o menino. — Soube que ontem você esteve envolvido em um incidente infeliz. — Havia traços de mingau em sua longa barba.

Por um momento, Sherlock ficou petrificado, perguntando-se como o tio

sabia sobre o galpão e o incêndio, mas logo se deu conta de que Sherrinford falava sobre o corpo do homem que ele e Amyus Crowe encontraram no bosque.

— Sim, tio — o menino confirmou.

— Homem, que é nascido de uma mulher, tem pouco tempo de vida —

Sherrinford entoou — e é cheio de amargura. Ele nasce e é ceifado, como uma flor; vaga como uma sombra, e nunca permanece num só lugar. — Olhando para Sherlock de maneira penetrante, continuou: — No meio da vida estamos em morte. A quem podemos pedir ajuda além de vós, ó Senhor, que por nossos pecados estais descontente? Sem saber como responder, Sherlock apenas assentiu, como se entendesse completamente o que seu tio estava falando.

— Você teve uma vida de proteção com meu irmão e a esposa dele — continuou Sherrinford. — Os fatos da morte podem ter se esquivado de você, mas ela é parte natural do plano de Deus. Não deixe que isso o preocupe. Se precisar conversar, a porta do meu gabinete estará sempre aberta.

Sherlock sentiu-se emocionado ao perceber que, à sua maneira, o tio tentava ajudá-lo.

— Obrigado — disse. — O homem que encontramos trabalhava aqui, em sua propriedade? — Creio que se tratava de um jardineiro — Sherrinford respondeu. —

Não posso dizer que o conhecia, mas ele e a família serão lembrados

em nossas preces. Seus dependentes serão amparados.

— Ele era novo — disse tia Anna. — Acabara de juntar-se a nós, acho.

Antes, trabalhava em Farnham, fazendo roupas em uma fábrica que pertencia a um conde ou visconde, ou alguém da aristocracia. Suas referências eram excelentes...

— Como ele morreu? — Sherlock perguntou, mas sua tia continuou falando sozinha em voz baixa.

— Esse assunto — a Sra. Eglantine disse de seu posto ao lado da mesa de comida — não é adequado para ser discutido durante o café da manhã.

Sherlock olhou para ela, surpreso tanto com o atrevimento de sua declaração quanto com o fato de seus tios não a censurarem. Para uma criada, ela era muito ousada. Lembrou-se do aviso de Mycroft — *ela não é amiga da família Holmes*

— e ficou imaginando se a Sra. Eglantine e sua presença naquela casa reservariam mais segredos do que ele pensara.

— O menino é curioso — disse Sherrinford, dirigindo a Sherlock um olhar profundo. — Eu incentivo a curiosidade. Ela e nossa alma imortal são o que nos distingue dos animais. — Voltando-se para Sherlock, continuou: — O corpo foi entregue ao médico da região, que enviou um telegrama ao legista de North Hampshire. Eles vão dizer o que causou a morte, mas pelo que entendi o rosto e as mãos do homem estavam cobertos de bolhas características da varíola ou da peste bubônica. — Ele balançou a cabeça e franziu a testa. — A última coisa de que

precisamos por aqui é do surto de algum tipo de febre. O médico vai sofrer uma pressão terrível, se mais alguém adoecer. Parece que alguns comerciantes do mercado já começaram a levar suas mercadorias e barracas para outros lugares.

Pânico pode se espalhar mais depressa que doenças. Farnham existe por causa do comércio... carneiros, cereais, lã... Se esse comércio for transferido para outra cidade, a prosperidade de Farnham irá minguar até desaparecer.

Sherlock olhou para seu prato. Ele tinha comido *kedgeree* suficiente para mantê-lo alimentado por um bom tempo, e queria voltar a Farnham para ver se Matty estava por lá.

— Pode me dar licença, senhor? — ele perguntou.

O tio assentiu, dizendo: — Amyus Crowe pediu-me que lhe dissesse que estará de volta na hora do almoço para retomar seus estudos. Certifique-se de estar em casa.

Sua tia parecia ter dado algum tipo de resposta em meio a seu constante monólogo — era difícil dizer. Sherlock levantou-se e começou a andar em direção à porta, mas um pensamento repentino o fez parar.

— Tia Anna? — ele chamou. A mulher o encarou. — A senhora disse que o homem que morreu tinha trabalhado para um conde ou visconde? — Sim, querido.

Na verdade, eu me lembro... — Pode ter sido um barão? Ela parou por um momento, pensativa.

— Creio que você tem razão — respondeu. — *Era* um barão. Guardei a carta em algum lugar. Era só... — A senhora lembra o nome dele? — Maupertuis

— disse tia Anna. — O nome era barão Maupertuis. Um nome muito engraçado, achei. Francês, obviamente. Ou belga, talvez. Ele não escreveu as referências de próprio punho, é claro; foram escritas por... — Obrigado — disse Sherlock, deixando a sala enquanto a tia ainda falava.

Ele sentia arrepios enquanto passava pelo corredor. Não seria coincidência, certo? Dois homens mortos, aparentemente da mesma maneira, um deles que era associado a uma gangue de bandidos que trabalhava em um galpão em Farnham cujo dono era um misterioso —barão e o outro que deixara recentemente de trabalhar para um —barão Maupertuis. Não poderia haver dois barões ligados a toda essa história, poderia? O dono do galpão, o homem estranho que Sherlock e Matty viram saindo na carruagem, devia ser o barão Maupertuis. E se o homem cujo cadáver Sherlock e Amyus Crowe encontraram no bosque tivesse trabalhado antes para um barão Maupertuis em uma fábrica de roupas, será que essa fábrica funcionava no galpão em Farnham? E isso significaria que as coisas que o falecido Wint supostamente roubara do galpão — as coisas das quais Clem e Denny tinham falado

— seriam roupas? Sherlock sentiu como se várias peças do quebra-cabeça que estivera flutuando em sua mente de repente se conectassem. A imagem ainda não era

clara, ainda faltavam algumas peças, mas, estranhamente, tudo começava a fazer sentido.

Com base nas informações que tinha agora — sobre a fábrica, as roupas, o barão e os homens mortos —, Sherlock podia deduzir algumas coisas. Não era exatamente adivinhação, mas ele podia formular algumas teorias bastante prováveis.

Por exemplo: dois homens ligados a uma fábrica de roupas tinham morrido, aparentemente de varíola ou peste bubônica. Isso significava que suas roupas estavam de alguma forma contaminadas? Fundamentado no que lera nos jornais do pai, Sherlock tinha a impressão de que a maioria das roupas era fabricada nas cidades industriais da Escócia, da Irlanda e do norte da Inglaterra, mas sabia que algumas eram importadas: da China, se fosse seda, e talvez da Índia, no caso de musselina ou algodão. Talvez, vindo de um país qualquer, tivesse chegado a um porto inglês um carregamento contaminado pela doença ou infestado de insetos capazes de transmiti-la, e os operários da fábrica tivessem sido infectados. Era uma explicação possível, e Sherlock sentiu uma ansiedade, uma urgência de contá-la a alguém. Sua primeira ideia foi contar ao tio, mas ele desistiu em seguida. Sherrinford Holmes podia ser um adulto, mas não era muito prático, e, provavelmente, logo descartaria a teoria de Sherlock. Sentiu um desânimo passageiro. Quem mais iria escutá-lo? E então se lembrou de Mycroft. Sherlock poderia escrever tudo em uma carta e enviá-la ao irmão. Mycroft trabalhava para o Governo britânico. Saberria o que fazer.

O nó de preocupação afrouxou um pouco em seu peito quando pensou no confiável Mycroft, mas em seguida Sherlock tentou imaginar o que, exatamente, Mycroft faria. Abandonaria o trabalho e viria correndo a Farnham para comandar uma investigação? Mandaria o Exército? Provavelmente se limitaria a enviar um telegrama para o tio Sherrinford, o que levou Sherlock de volta à estaca zero.

Ele saiu da casa para a luz da manhã, parando um instante para apreciar o ar.

Sentia cheiro de madeira queimada, de feno fresco, e o aroma sutil de bolor da cervejaria em Farnham. O sol aparecia por cima das árvores, iluminando as folhas e contornando-as com um halo dourado, projetando pelo gramado e na direção dele longas sombras que lembravam dedos estendidos.

Havia outra sombra ali; essa se movia. Ele a seguiu pelo gramado até

o muro que separava o terreno da estrada. Ali, do lado de fora do muro, havia alguém montado em um cavalo. Parecia observar Sherlock. Quando o garoto ergueu a mão para proteger os olhos do sol, o cavaleiro esporeou o cavalo, que partiu trotando pela estrada e desapareceu além de uma inclinação do terreno.

Sherlock caminhou até o portão principal. Cavaleiro e montaria tinham sumido, mas, se tivesse sorte, poderia encontrar pegadas do cavalo, ou algum objeto que o cavaleiro tivesse deixado cair, algo que lhe permitisse identificá-los.

Não havia pegadas nem itens caídos, mas Sherlock encontrou Matty Arnatt sentado perto do portão. Ele tinha a seu lado duas bicicletas.

— Onde você as conseguiu? — perguntou Sherlock.

— Encontrei. Achei que você poderia querer dar uma volta. É mais fácil que andar, e podemos ir a mais lugares.

Sherlock o encarou por um momento.

— Por quê? Matty deu de ombros.

— Não tenho mais nada que fazer. — Ele parou e desviou o olhar. — Pensei em ir embora, seguir com o barco pelo canal, mas isso seria apenas começar tudo outra vez em uma cidade nova... descobrir onde conseguir comida e outras coisas.

Pelo menos aqui eu conheço algumas pessoas. Conheço você.

— Certo. Um pouco de exercício seria bom. Meus músculos estão enrijecidos, depois de ontem.

— O que aconteceu ontem? — Eu conto no caminho. — Sherlock olhou para a estrada que saía do portão. — Viu alguém passar por aqui a cavalo e parar por um instante? — Sim. Passou por mim e parou por ali. — Ele indicou com a cabeça o local onde Sherlock vira o cavaleiro. — Parecia estar à procura de alguma coisa, mas logo foi embora.

— Você o reconheceu? — Não tava prestando muita atenção. Isso é importante? Sherlock balançou a cabeça.

— Provavelmente não.

Eles partiram juntos pela estrada rumo a Farnham, na direção oposta à

tomada pelo cavaleiro. Sherlock não pedalava uma bicicleta havia algum tempo, e vacilou bastante enquanto seguia Matty, mas precisou de apenas alguns minutos para recuperar a prática e alcançá-lo. Enquanto percorriam, lado a lado, estradas sombreadas por arcos de árvores e passavam por campos cobertos de flores amarelas, Sherlock contou a Matty o que acontecera no dia anterior: o homem que ele seguira desde a casa da qual Matty vira brotar a estranha nuvem; o galpão; a carroça cheia de caixas e o incêndio. Matty fazia muitas perguntas, e Sherlock precisava repetir trechos da história, distraíndose por temas tangenciais ao explicar outras coisas e demorando a chegar a alguma conclusão. Contar histórias não era uma de suas habilidades naturais, e por um momento ele desejou ter alguém que pudesse organizar os fatos de uma forma que fizesse sentido.

— Você teve sorte de escapar com vida — Matty comentou quando Sherlock terminou o relato. — Eu trabalhei numa padaria há alguns meses. Pegou fogo. Eu tive sorte de sair vivo.

— O que aconteceu? — Sherlock perguntou.

Matty balançou a cabeça.

— O padeiro, ele era um idiota. Riscou um fósforo para acender o cachimbo

enquanto eu tava abrindo os sacos de farinha.

— E qual a relação disso com o incêndio? Matty encarou-o, perplexo.

— Achei que todo o mundo soubesse que farinha pairando no ar é como explosivo. Se um grão de farinha pega fogo, a chama espalha-se em um segundo, como uma fagulha saltando de um grão ao outro. — Ele balançou a cabeça. — A padaria inteira explodiu em pedaços. Eu tive sorte: tava atrás de uma mesa, na hora.

Ainda assim, levou um mês até meu cabelo crescer direito. — Ele olhou para Sherlock. — Enfim, o que você vai fazer agora? — Deveríamos contar ao chefe de polícia — Sherlock disse. As palavras soavam como erradas, mesmo que saídas de sua boca. Dois cadáveres, uma estranha nuvem de morte, um misterioso pó amarelo e um grupo de bandidos ateando fogo a um galpão — isso mais parecia uma fantasia de criança. Mesmo que metade da história pudesse ser verificada por fatos — dois homens *tinham* morrido, e os restos escuros e fumegantes do galpão estariam à vista de todos por algum tempo —, o restante era como uma confusão de suposições arrojadas e conjecturas fantásticas misturadas para tentar cobrir as lacunas.

Ao olhar para o rosto de Matty, Sherlock percebeu que o garoto pensava exatamente como ele. Contorceu a boca num gesto de frustração. Não sabia de ninguém na região que pudesse ajudar, e as pessoas que ele conhecia e que poderiam ser úteis não estavam por lá. Era um paradoxo.

E então ele se lembrou da figura imponente de Amyus Crowe, e uma onda de alívio o invadiu, banindo a nuvem de incerteza que pairava sobre ele como água fria que removesse lama e poeira de uma pedra. Crowe parecia capaz de conversar com jovens como se eles fossem adultos, e sua mente trabalhava de maneira lógica: para chegar a conclusões, usava as evidências como degraus, em vez de saltar diretamente para o fim do caminho. Era a única pessoa que poderia de fato acreditar neles.

— Vamos contar para Amyus Crowe — Sherlock disse.

Matty parecia inseguro.

— O grandalhão de voz estranha e cabelo branco? Tem certeza? Sherlock assentiu, decidido.

— Tenho. — Mas o desânimo retornou em seguida. — O problema é que não sei onde ele mora. Vamos ter de esperar até que ele apareça na casa de meu tio.

Ou perguntamos ao tio Sherrinford onde ele está.

Matty balançou a cabeça.

— Ele alugou uma casa na periferia da cidade — disse. — Era o chalé de um guarda-caça. Podemos chegar lá em meia hora, provavelmente. — Ao ver a expressão de surpresa de Sherlock, acrescentou: — Que foi? Sei onde quase todo o mundo mora. É o tipo de informação útil para eu saber onde conseguir comida a qualquer hora do dia. Tenho de conhecer como funciona um lugar como esta

cidade... onde as pessoas vivem, onde trabalham, onde fica o mercado, onde o cereal é estocado, onde o chefe de polícia costuma passar a manhã, a tarde e a noite e que pomares são guardados ou desprotegidos. É uma questão de sobrevivência.

Observação, Sherlock pensou, lembrando o que Amyus Crowe lhe dissera.

No final, tudo se resumia a observação. Se há fatos suficientes, é

possível esclarecer quase qualquer coisa.

E esse era o problema com os dois cadáveres e a nuvem da morte: simplesmente não havia fatos suficientes.

Os dois pedalarão juntos pela cidade, evitando os pontos mais centrais, nos quais havia mais movimentação de gente. A jornada foi bastante rápida, mas a mente de Sherlock ainda dava voltas com a coleção de fatos, suposições e hipóteses quando pararam diante do chalé de paredes de pedra em que Amyus aparentemente vivia.

Um movimento em um lado da casa chamou a atenção de Sherlock. Ele virou-se naquela direção e viu um garanhão que pastava. Um cavalo preto com uma mancha marrom no pescoço.

O mesmo animal que já vira duas vezes, em ambas as ocasiões, montado por um sujeito misterioso, que o observava.

Um arrepio percorreu seus braços e seu peito, eriçando os pelos. O que estava acontecendo? Matty esperou no portão enquanto Sherlock atravessava o jardim que havia na frente da casa. Sherlock olhou para trás, intrigado. Matty estava com uma expressão apreensiva no rosto.

— Vou esperar aqui — ele disse.

— Qual é o problema? — Não conheço esse cara. Ele pode não gostar de mim.

— Direi a ele que está tudo bem. Que você é confiável. Direi que você é meu amigo.

Quando a palavra —amigo saiu de seus lábios, Sherlock foi invadido por uma sensação de surpresa. Ele achava que Matty *era* um amigo, mas a ideia o confundia. Nunca tivera amigos — não na escola, com certeza, nem onde morava com sua família, o lugar que considerava seu lar. As crianças de lá costumavam evitar a casa, que pertencia, na opinião deles, a pessoas de posição social superior, à

—nobreza com terras, e Sherlock passara a maior parte do tempo sozinho. Nem mesmo Mycroft fora mais que uma presença reconfortante a ocupar a biblioteca do pai, estudando a vasta coleção de livros que a família amanhara ao longo de muitas gerações. Às vezes Sherlock deixava o irmão mais velho na biblioteca depois do café da manhã e o encontrava ainda ali à hora do jantar, na mesma posição, sendo a única mudança visível o fato de que a pilha de livros não lidos diminuía e a de livros lidos crescera.

— Mesmo assim — disse Matty —, vou ficar aqui fora.

Algo ocorreu a Sherlock.

— Fora — ele repetiu. — Você gosta de ficar em espaços abertos, não é?

Não o vi em um local fechado desde que o conheci.

A expressão de Matty ficou ainda mais fechada, e ele desviou o olhar, evitando encarar Sherlock.

— Não gosto de paredes — ele resmungou. — Não gosto de ter apenas uma porta por onde escapar quando não sei quem está do outro lado.

Sherlock assentiu.

— Entendo — disse com suavidade. — Não sei quanto tempo vou demorar.

Talvez o veja quando sair. — Ele virou-se de novo para a porta. — Presumindo que haja de fato alguém em casa. — E olhando de relance para o garanhão preto, que continuava a mastigar montes de grama, bateu com firmeza na porta.

Quando Sherlock olhou para trás, Matty tinha desaparecido com sua bicicleta.

A porta foi aberta pouco depois. Sherlock olhava para cima, esperando ver Amyus Crowe à sua frente, e por um momento ficou confuso com o espaço vazio.

Baixando os olhos, sentiu o coração perder o ritmo ao deparar com o rosto de uma garota da mesma estatura que ele. Suas roupas eram escuras, e seu rosto parecia flutuar no ar contra a penumbra do interior.

— Estou... estou procurando pelo Sr. Crowe — ele disse, sentindo-se corar ao ouvir a voz hesitante. Queria muito poder soar tão confiante e desinteressado quanto Mycroft soava, aparentemente sem fazer esforço.

— Meu pai não está — a garota respondeu. Sua voz tinha o mesmo sotaque de Crowe (americano, talvez?), o que deixava as palavras diferentes. O que quer que fosse, isso lhe dava um aspecto exótico. — Posso dar o recado de que você o procurou? Sherlock descobriu que

não conseguia desviar os olhos daquele rosto. A garota devia ser da mesma idade que ele. Tinha cabelos longos e encaracolados, de um tom dourado um pouco ruivo, que pareciam uma catarata de cobre que caísse sobre rochas e rebatesse para cima. Seus olhos eram de uma tonalidade violeta que Sherlock só vira antes em flores silvestres, e a pele era amorenada e sardenta, como se ela tivesse passado muito tempo ao sol.

— Meu nome é Sherlock. Sherlock Holmes.

— Você é a criança que ele está educando.

— Não sou criança. Tenho a mesma idade que você — ele protestou com toda a firmeza que conseguiu impor à voz.

A garota saiu para a luz do sol, e Sherlock viu que ela vestia calça marrom de montaria, mais apropriada a um garoto que a uma garota, e camisa de linho que enfatizava a forma do tórax.

— Direi a meu pai que esteve aqui — ela disse, como se Sherlock nem tivesse falado. — Creio que ele tenha ido à casa de seu tio procurar por você. Ele esperava encontrá-lo hoje.

— Eu me distraí — Sherlock ouviu-se explicando. Um pensamento ocorreu-lhe, sugerido pelo traje de montaria da garota e pelo cavalo no cercado próximo. —

Você esteve me observando! — ele disse sem pensar, sentindo uma súbita onda de constrangimento e vulnerabilidade.

— Não seja pretensioso — ela respondeu. — Eu o vi umas duas vezes quando estava cavalgando, mais nada.

— Para onde ia? Depois da mansão não há nada além de campo aberto.

— Então era para lá que eu ia. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Sabe cavalgar? Sherlock balançou a cabeça.

— Deveria aprender. É divertido.

Lembrando a silhueta que vira de longe, ele disse: — Você cavalga como um homem.

— Que quer dizer? — Toda vez que vejo mulheres cavalgando, elas sentam-se de lado sobre a sela, com as duas pernas colocadas para o

mesmo lado do animal.

Usam uma sela especial para isso. Você monta como um homem, com uma perna de cada lado do animal.

— Foi assim que me ensinaram. — Ela parecia zangada. — As pessoas aqui riem de mim por eu cavalgar desse jeito, mas, se eu cavalgasse como elas querem, cairia se escolhesse ir mais rápido que um trote. Este país é estranho. Não é como a minha terra. — Ela passou por ele, deixando a porta fechar-se atrás de si, e caminhou na direção do cavalo. Sherlock a observava enquanto ela se afastava.

— Como é seu nome? — ele perguntou.

— Por que quer saber? — Para não ter de pensar em você como —a filha de Amyus Crowe.

Ela parou e falou sem se virar: — Virginia. É um lugar na América. Um estado da Costa Leste, perto de Washington D.C.

— Já ouvi falar. Fica perto de Albuquerque? Ela virou-se, e a expressão em seu rosto mesclava desdém e diversão.

— Não mesmo! Milhares de quilômetros distante. Virginia é um lugar de florestas e montanhas, e Albuquerque fica no meio de um deserto. Mas lá também tem montanhas.

— Mas você veio de Albuquerque.

Ela assentiu.

— Por que saiu de lá? Virginia não respondeu. Em vez disso, virou-se e continuou a andar rumo ao cercado no qual seu cavalo pastava. Sherlock a seguiu, com a estranha sensação de agir como uma marionete puxada por fios, incapaz de

seguir a própria vontade. Olhou em volta, esperando que Matty não estivesse ali para testemunhar a cena, mas o menino e sua bicicleta estavam ausentes.

— Você não quer contar a alguém para onde vai? — ele perguntou enquanto Virginia encaixava o pé no estribo, agarrava a frente da sela com a mão esquerda e erguia-se para montar. Ela acariciou a crina do cavalo.

— Não há ninguém em casa — respondeu ela. — Lembre-se de que

meu pai saiu.

— E sua mãe? — Sherlock perguntou. A repentina mudança no rosto da menina, para uma expressão dura, mas de certa forma frágil, fez com que ele desejasse poder arrancar de volta as palavras do ar.

— Minha mãe está morta — Virginia respondeu, com um tom seco. —

Morreu no navio, quando atravessávamos o Atlântico rumo a Liverpool. É por isso que odeio este país, e odeio estar nele. Se não tivéssemos vindo, ela ainda estaria viva.

Com um puxão nas rédeas, ela girou o cavalo e partiu num trote. Sherlock observou-a enquanto se afastava, constrangido diante da dor que vira em seu rosto e irritado consigo mesmo por tê-la provocado.

Quando enfim se virou para ir embora, deparou com Amyus Crowe, que esperava pacientemente na entrada da casa, apoiado em uma bengala. Ele olhava para Sherlock com uma expressão impassível.

— Vejo que conheceu minha filha — disse o tutor finalmente, com o sotaque parecido com o de Virginia.

— Ela não me pareceu muito impressionada comigo — reconheceu Sherlock.

— Ela não se impressiona com ninguém. Passa o tempo todo cavalgando por aí, vestida como um menino. — Seus lábios distenderam-se em um sorriso distorcido. — E não posso criticá-la por isso. Ser arrastada de Albuquerque para cá teria causado mau humor em qualquer criança, sem... — Parou de repente, e Sherlock teve a impressão de que ele iria dizer mais alguma coisa, mas detivera-se a tempo. — Veio procurar-me por algum motivo específico, ou estava apenas interessado em mais uma aula? — Na verdade — disse Sherlock —, há um assunto específico. — E então resumiu rapidamente o que acontecera em Farnham: o homem com o pó amarelo, o galpão, o incêndio. Perto do final da história, começou a perder o entusiasmo, consciente de que admitia o que poderia ser visto, sob certa perspectiva, como atividade criminosa. Além disso, não conseguia interpretar a expressão de Crowe e determinar sua reação.

No final, Crowe apenas balançou a cabeça e olhou para um ponto distante.

— Seu dia foi bastante interessante — disse ele. — Mas não sei o que

tudo isso pode significar. Ainda há dois homens mortos e um possível surto de doença. Se quer minha opinião, deixe estar. Que os médicos e os administradores da cidade

cuidem disso. Uma regra muito útil na vida diz que não se deve tentar enfrentar todas as batalhas que aparecerem ao longo do caminho. É preciso escolher as importantes e deixar o restante para outros sujeitos. E, nesse caso, a batalha não é sua.

Sherlock sentiu-se invadido pela frustração, mas ficou quieto. Tinha uma forte sensação de que aquela batalha era dele, nem que fosse simplesmente porque ninguém mais vira o homem na carruagem ou considerara importante o pó amarelo, mas talvez Amyus Crowe tivesse razão. Tentar convencê-lo de que alguma coisa estava acontecendo talvez não fosse mesmo uma batalha que Sherlock devesse travar. Talvez existisse uma alternativa.

— Então, que temos para hoje? — ele perguntou, em vez de persistir no assunto.

— Creio que ainda não terminamos aquele ponto sobre os cogumelos comestíveis — Crowe respondeu. — Vamos andar um pouco, ver o que conseguimos encontrar. E no caminho aproveitarei para mostrar-lhe algumas plantas que podem ser comidas cruas e cozidas, ou consumidas em infusões que são capazes de aliviar a dor.

— Ótimo — respondeu Sherlock.

Ele e Amyus Crowe passaram as horas seguintes percorrendo o campo aberto, comendo tudo o que era seguro e de fácil alcance. Sherlock acabou aprendendo muito sobre como passar o tempo na natureza, e não só para sobreviver nela, mas também para prosperar. Crowe ensinou até como fazer uma cama confortável empilhando folhas de samambaia até a altura dos ombros, e depois subindo na pilha e usando o peso do próprio corpo para amassá-la e deixá-la com a espessura e a maciez de um colchão.

Mais tarde, enquanto pedalava de volta à mansão Holmes, Sherlock tentou pensar novamente nos dois homens mortos, no galpão incendiado, no pó amarelo e na misteriosa sombra rastejante da morte, mas seus pensamentos eram interrompidos pela imagem dos cabelos ruivos de Virginia caindo sobre seus ombros e suas costas eretas e altivas, pela visão da calça apertada e da maneira como o corpo se movia sobre o cavalo enquanto ela se afastava. Lembrou-se da amostra de pó amarelo que colhera do solo da floresta e guardara

no envelope. Se os bandidos que vira no galpão estivessem certos, havia alguma coisa relacionada com a morte dos dois homens que poderia ser contagiosa, ou contaminadora, ou que, no mínimo, poderia causar problemas de saúde a quem a tocasse. Presumindo que tal coisa fosse o pó amarelo, Sherlock precisava descobrir o que era, apesar do aviso sutilmente velado de Amyus Crowe. Ele não tinha conhecimento nem meios materiais, petrechos, para resolver isso sozinho. Precisava de um químico, um farmacêutico ou alguém com uma função semelhante, que analisasse o pó, e era pouco provável que pudesse

encontrá-lo em Farnham. Ele e Mycroft passaram por Guildford a caminho dali, e se essa era a cidade grande mais próxima, então era lá que Sherlock poderia encontrar alguém treinado em ciências naturais, capaz de determinar que pó era aquele. Amyus Crowe mencionara um especialista dali: o professor Winchcombe. Talvez Sherlock pudesse procurá-lo.

Ele só precisaria chegar a Guildford.



CAPÍTULO SETE

NO DIA SEGUINTE, SHERLOCK encontrou Matty Arnatt no mercado. Começava a conseguir prever os movimentos de Matty. Já era quase meio-dia, e os comerciantes tinham estado ali desde as primeiras horas da madrugada. Deviam estar começando a pensar em comida, e possivelmente já se revezavam para sair e almoçar: um cuidava de duas barracas enquanto outro ia buscar pão e um pouco de carne, ou uma torta, e talvez uma caneca de cerveja. Isso significava que a essa hora Matty conseguia surrupiar alguns legumes ou frutas do canto de uma barraca cujo dono tivesse saído. Sherlock não aprovava o roubo, mas também não aprovava que houvesse quem passasse fome, ou que crianças fossem recolhidas e enviadas para trabalhar em abrigos. Portanto, considerava a questão um equilíbrio de dilemas éticos e, para ser honesto, não condenava Matty por causa de uma ou outra maçã bichada. Não seria isso que derrubaria o Império.

O mercado ocupava uma pequena área delimitada por prédios em três de seus lados. Havia barracas que vendiam cebolas e cherivias, batatas e beterrabas, e outros vegetais, numa variedade de cores que Sherlock

nem reconhecia.

Outras mostravam presuntos pendurados em ganchos e rodeados por moscas, e peixe disposto na palha. Pessoas vendiam tecidos variados e também roupas —

drogues e bombazinas; tecidos mais leves, de lã; tecidos para o verão e tingidos, e sarjas. Um curral improvisado em um canto abrigava um rebanho de carneiros e um casal de porcos que estava deitado e dormia, apesar da agitação. A mistura de aromas era quase opressiva, e um toque sutil de podridão pairava no ar. Sherlock imaginava que até o pôr do sol toda a área estaria fedendo a vegetais passados e peixe podre, mas até lá a maioria dos fregueses já teria ido embora, restando apenas os habitantes mais pobres, cuja esperança era de que os comerciantes reduzissem seus preços, na tentativa de livrarem-se da mercadoria.

O clima parecia tenso no mercado nesse dia. Não estava tão movimentado quanto na lembrança de Sherlock. Em vez do barulho e da agitação típicos de um mercado de cidade pequena, que os moradores tratavam tanto como ambiente de evento social quanto como oportunidade para comprar aquilo de que precisavam, os fregueses pareciam determinados a encontrar os produtos necessários, comprá-los com o mínimo de barganha e ir embora logo em seguida.

— Crowe estava em casa? — perguntou Matty quando Sherlock se aproximou. Ele estava sentado sobre um caixote virado, observando atentamente os

comerciantes, à espera de um momento de distração.

— Não quando chegamos lá, mas conheci a filha dele.

— Sim, eu já a vi por aí.

— Podia ter falado a respeito dela — Sherlock queixou-se. — Ela me pegou de surpresa. Eu não esperava encontrá-la na casa. Devo ter parecido um idiota.

Matty observou-o por um instante, olhando-o de cima a baixo.

— É, com certeza — disse.

Sherlock sentiu-se constrangido e mudou de assunto.

— Tive uma ideia... Ele parou quando Matty se levantou de repente e

saiu correndo em meio às pessoas, passando por entre os fregueses como uma enguia por entre pedras. Pouco depois ele retornou, removendo terra de uma torta de carne de porco.

— Caiu de uma barraca — ele disse orgulhoso. — Estava esperando por isso. Tinha muita coisa empilhada, mais cedo ou mais tarde ia acabar caindo. — Ele abocanhou um pedaço enorme da torta, depois a ofereceu a Sherlock. — Aqui, experimente.

Sherlock mordeu uma beirada da massa. Era salgada, gordurosa e grossa.

Deu outra mordida, conseguindo pegar um pouco da carne rosada e do creme transparente do recheio. A carne era saborosa, misturada com pedaços de frutas —

ameixas, talvez? O que quer que fosse, a combinação era incrível.

Ele devolveu a torta.

— Já comi queijo e maçã — disse Sherlock. — Pode terminar.

— Você disse que teve uma ideia.

— Preciso ir a Guildford.

— Vai levar umas boas horas de bicicleta — Matty avisou, ainda observando a multidão.

Sherlock pensou na viagem da Escola Deepdene para Meninos até Farnham, passando por Guildford e Aldershot. Não gostava muito da solução de ir pedalando até Guildford e depois voltar: não sabia se conseguiria fazer isso em um dia, e ainda encontrar um perito com quem conversar sobre venenos e doenças.

Ele suspirou.

— Esqueça — disse. — Foi uma ideia estúpida.

— Não necessariamente — respondeu Matty. — Há outros meios de ir a Guildford.

— Não sei cavalgar e não tenho um cavalo.

— E o trem? — Prefiro ir sem deixar rastros, sem que ninguém saiba. A Sra.

Eglantine parece ser amiga do chefe da estação. Não quero que ela saiba o que faço o tempo todo.

A Sra. Eglantine não é amiga da família. As palavras da carta de Mycroft de

repente cruzaram seus pensamentos, dando arrepios em Sherlock.

— Há outro meio — Matty disse, cauteloso.

— Que é? — O Wey.

— Quem? — Wey. O rio Wey. Ele corre daqui até Guildford.

Sherlock considerou a ideia por um momento.

— Precisariamos de um barco. — E depois, antes que Matty conseguisse dizer qualquer coisa, exclamou: — E você tem um: bem, um bote, ao menos! — E

um cavalo para arrastá-lo.

— Quanto tempo levaríamos? Matty pensou por um instante.

— Provavelmente tanto quanto se fôssemos de bicicleta, mas o esforço é muito menor. Não creio que seja possível irmos hoje. Podemos nos encontrar amanhã, ao nascer do sol, e passar o dia todo na água, mas você não teria muito tempo em Guildford.

— E se partirmos antes do nascer do sol? — Sherlock perguntou.

Matty olhou para ele, curioso.

— Seus tios não vão ficar preocupados? A mente de Sherlock girava como um velho relógio prestes a soar suas badaladas.

— Posso voltar para o jantar, depois dizer a eles que vou me deitar. E posso escapar mais tarde, quando estiver escuro e todos tiverem ido dormir. Tenho certeza.

Ninguém nunca vai a meu quarto ver como estou. E posso deixar um bilhete na sala de jantar avisando que me levantei antes do café da manhã e saí com Amyus Crowe.

Só vão encontrar o bilhete de manhã. Vai dar certo! — O rio passa perto da casa de seu tio — Matty disse. — Posso desenhar um mapa e encontrar você lá. Estaremos em Guildford ainda de manhã, e de volta

antes do pôr do sol.

Usando uma pedra afiada que pegou do chão, Matty rabiscou rapidamente um mapa em um pedaço de madeira que arrancou do caixote sobre o qual estava sentado. Sherlock suspeitava de que o menino não soubesse ler nem escrever, mas o mapa era perfeito e quase em escala. Podia visualizar com precisão o local onde deveriam se encontrar.

— Preciso de um favor seu — Sherlock disse.

— O quê? — Quero que faça perguntas por aí. Veja se consegue informações sobre o homem que morreu, o daquela casa que você viu. Descubra o que ele fazia.

— Como assim? — Qual era o trabalho dele. Como ele ganhava dinheiro.

Acho que isso talvez seja importante.

Matty assentiu.

— Farei o possível — disse —, mas ninguém costuma contar muitas coisas para uma criança.

Depois disso, tudo transcorreu sem contratempos. Sherlock voltou à mansão

Holmes e chegou quando a família já se preparava para almoçar. Tentou analisar o plano, estudando cada etapa, para certificar-se de sua solidez em caso de eventos inesperados, verificando cada detalhe em busca de falhas, mas seus pensamentos sempre voltavam para Virginia Crowe. Não conseguia tirar da cabeça o rosto da menina, nem sua cascata de cabelos.

Amyus Crowe chegou depois do almoço e passou várias horas do lado de fora, na varanda, avaliando o processo de pensamento de Sherlock com jogos e enigmas. Um deles, em especial, ficou retido na mente do menino.

— Vamos imaginar que três sujeitos decidam dividir o custo de um quarto de hotel — disse Crowe. — O quarto custa trinta xelins por noite, incluindo jantar e café da manhã; um lugar de prestígio, é evidente. Então, os sujeitos pagam ao gerente dez xelins cada um. Tudo claro até aqui? Sherlock assentiu.

— Muito bem. Na manhã seguinte o gerente percebe que cometeu um erro grave: o quarto terá um valor especial, devido a uma obra no hotel. Então ele envia um mensageiro com cinco xelins de troco para o quarto dos sujeitos. Eles ficam tão felizes, que decidem guardar um xelim cada um e dar os outros dois de gorjeta ao mensageiro. Assim, cada um deles acabou pagando nove xelins, não dez, e o mensageiro ganhou dois. Certo? Sherlock assentiu de novo, mas pensava rapidamente, para acompanhar.

— Espere aí. Se cada homem pagou apenas nove xelins, são vinte e sete xelins no total. Junte a isso os dois xelins que o mensageiro ganhou, e serão vinte e nove xelins. Um xelim sumiu.

— Isso mesmo — Crowe confirmou. — E você vai me dizer onde ele está.

Sherlock passou os vinte minutos seguintes tentando resolver o problema, primeiramente na cabeça, depois no papel. No final, acabou reconhecendo a derrota.

— Não sei — disse. — O gerente devolveu cinco xelins, então não os guardou; o mensageiro recebeu dois xelins, então não está com ele, e cada um dos hóspedes recebeu um xelim de volta, então o valor também não ficou com nenhum deles.

— O problema está na descrição — explicou Crowe. — É: três vezes nove xelins resultam em vinte e sete xelins, mas a gorjeta já está incluída nisso. Não faz sentido adicionar a gorjeta ao valor para somar vinte e nove xelins. Se você reestruturar o problema, vai perceber que os homens pagaram vinte e cinco xelins pelo quarto e dois xelins de gorjeta, e receberam de troco um xelim cada um, somando trinta xelins. E a lição final é...? Sherlock assentiu.

— Não deixe ninguém formular o problema por você, porque eles podem induzi-lo ao erro. Tome os fatos descritos e formule você mesmo o problema de maneira lógica, que permita sua solução.

Amyus Crowe foi embora antes do jantar, e Sherlock voltou a seu quarto,

para pensar no que aprendera. Desceu para o jantar e comeu em silêncio, enquanto o tio lia e a tia falava sozinha. A Sra. Eglantine, na lateral da sala, olhou-o desconfiada, mas ele não a encarou de volta. A única conversa que surgiu foi quando o tio interrompeu a leitura e disse para a governanta: — Sra. Eglantine, qual o estoque de alimentos que temos dentro dos limites da propriedade?

— Produzimos vegetais suficientes para o suprimento de nossas necessidades — ela respondeu, com uma expressão carrancuda. — Podemos dizer isso também com relação a ovos e galinhas. Com respeito a carne e peixe, é provável que possamos nos manter por algumas semanas, até que se esgote o estoque, se ele for administrado cuidadosamente.

Tio Sherrinford assentiu: — Creio que devemos presumir o pior. Prepare-se para defumar ou preservar de qualquer outra forma o máximo possível de carne. E

estoque itens essenciais. Se a praga realmente devastar Farnham, talvez fiquemos isolados por algum tempo. Sei que Amyus Crowe está sugerindo cautela, mas temos de tomar medidas preventivas. — Ele virou-se para Sherlock. — O que me lembra: o Sr. Crowe contou-me que você não tem dedicado muito tempo ao estudo do latim e do grego.

— Eu sei — respondeu o menino. — O Sr. Crowe e eu temos nos concentrado em... matemática.

— O tempo do Sr. Crowe é muito valioso — prosseguiu tio Sherrinford, com um jeito calmo, comedido. — E seu irmão investiu um bom dinheiro para contratar seus serviços de tutor. Talvez você queira refletir sobre isso.

— Sim, tio.

— O Sr. Crowe retornará amanhã à tarde. Talvez você possa fazer algumas traduções para mim.

Lembrando a estimativa de Matty de que só estariam de volta na hora do jantar, Sherlock estremeceu. Mas não podia dizer ao tio que iria a Guildford. Ele poderia proibir sua ida. Ao erguer o olhar, percebeu que a Sra. Eglantine observava-o com seus olhos pequeninos e redondos. O que ela sabia? — Estarei aqui — ele prometeu, mesmo sabendo que não conseguiria voltar a tempo. Deixaria para preocupar-se com as explicações quando elas fossem necessárias.

Ao terminar de jantar, Sherlock pediu licença e dirigiu-se à biblioteca. O tio ainda estava sentado à mesa, comendo, e um ou dois dias antes ele dissera que Sherlock poderia ir à biblioteca se quisesse, mas o menino ainda se sentia um intruso naquele aposento silencioso, com as cortinas sempre fechadas para bloquear a luz do sol e um cheiro de couro e papéis velhos que impregnava todos os nichos e recantos.

Sherlock examinou as prateleiras, procurando alguma coisa relacionada com a geografia da região. Encontrou várias enciclopédias, volumes encadernados de periódicos eclesiásticos, incontáveis livros contendo coleções de sermões que

Sherlock supunha terem sido escritos por clérigos renomados do passado e muitas histórias da Igreja Cristã. Acabou encontrando diversas prateleiras de história e geografia local. Escolheu um livro sobre as vias aquáticas de Surrey e Hampshire, saiu da biblioteca e voltou para seu quarto no topo da casa.

Durante cerca de meia hora redigiu um bilhete explicando que saíra cedo e que voltaria mais tarde. As primeiras tentativas estavam muito detalhadas, especificando inúmeras inverdades sobre o que ele iria fazer e onde, mas depois de um tempo Sherlock percebeu que, quanto mais simples fosse o bilhete, e quanto menos os fatos narrados nele pudessem ser verificados, melhor. Assim que terminou, deitou-se na cama e leu o livro que tinha retirado da biblioteca.

Sherlock virava as páginas, procurando menções ao rio Wey, de preferência com um mapa que ele pudesse memorizar, mas logo descobriu mais do que esperava. O Wey, por exemplo, não era apenas um rio — era, aparentemente, algo chamado —canal de navegação. Rios normalmente serpenteavam pela terra em direções imprevisíveis, enquanto canais — construídos para fins de comércio entre cidades — eram retos sempre que possível, e utilizavam edificações parecidas com degraus, chamadas comportas, que faziam subir e descer o nível da água de acordo com a configuração da terra. O Wey, ele descobriu, era um rio natural que fora convertido em uma espécie de canal pela construção de diques e comportas.

A cabeça de Sherlock fervilhava com detalhes dos grandiosos feitos de engenharia que tinham sido necessários para submeter o rio à vontade do homem, e dos muitos anos que isso deve ter exigido até concretizar-se. Depois de um tempo, tentou dormir, sabendo que teria pela frente um dia longo. A mente estava repleta de ideias, imagens e fatos, mas Sherlock nem percebeu quando mergulhou num sono sem sonhos. Ao acordar, ainda estava escuro, mas uma brisa fresca penetrava pela janela e aves começavam a cantar em árvores e arbustos. Eram quatro da manhã.

Deitara-se vestido, então, em um instante, já percorria furtivamente a casa escura: alcançou a saída da área do sótão, desceu pela estreita escada de madeira —

certificando-se de pisar as extremidades dos degraus, para evitar rangidos — e atravessou cautelosamente o primeiro andar, passando pelo quarto do tio e da tia, então pelo closet do casal e pelo banheiro, tentando não respirar muito alto; depois desceu pela escada principal em curva, que conduzia ao saguão, no térreo, caminhando junto à parede e sentindo o peso dos quadros suspensos acima de si, cujas molduras de madeira entalhada conferiam relativa insignificância às telas propriamente ditas. O único som era o tique-taque do grande relógio que ficava no ponto em que a escada encontrava o piso de ladrilhos.

Ele parou ao chegar ao saguão. Agora teria de atravessar o amplo espaço ladrilhado até a porta de entrada. Não poderia mais esgueirar-se colado às paredes

— estaria exposto, visível a quem saísse por uma das portas ou olhasse da sacada

do primeiro andar para baixo. Ajoelhou-se por um momento, tentando ver se havia alguma luz sob uma das portas, mas estava tudo escuro. Sherlock reuniu coragem e percorreu o espaço aberto. Quando chegou perto da porta, seu coração batia duas vezes mais depressa que o tique-taque do relógio na parede.

A porta estava aferrolhada, mas ele removeu a tranca e a abriu lentamente.

Quando amanhecesse alguém poderia notar que a porta fora destrancada, mas provavelmente concluiria que alguma outra pessoa teria passado por ali antes.

A porta estava quase fechada quando Sherlock lembrou-se do bilhete que precisava deixar explicando que tinha saído cedo. Apoiou seu peso contra a porta, abrindo-a outra vez, entrou na casa e deixou o bilhete sobre uma mesinha lateral no saguão, ao lado da chapeleira, no mesmo lugar em que a correspondência da manhã e da tarde era deixada para que alguém a recolhesse.

O ar do lado de fora era frio e refrescante em comparação com a atmosfera abafada do interior da casa, e havia sobre as árvores um ligeiro brilho que antecipava o azul do amanhecer que em breve tomaria o lugar da escuridão.

Sherlock correu o mais rápido que pôde pelo caminho de cascalho, ouvindo o rangido das pedras sob os pés, até alcançar o silêncio do gramado.

Levou dez minutos para chegar à margem do rio, seguindo as orientações de Matty. Uma forma escura e comprida flutuava sobre a reluzente superfície da água, balançando suavemente. Tinha o aspecto estranho de uma cabana comprida e baixa construída sobre uma quilha estreita. O único vão ficava na parte de trás, onde a cabana terminava e havia uma plataforma com espaço para duas pessoas ficarem em pé, uma delas segurando o leme. Uma corda presa à frente do barco descia para a superfície da água, depois se erguia novamente até o local onde um cavalo pastava satisfeito a relva da margem do rio. Diferentemente do magnífico garanhão negro de Virginia Crowe, esse parecia ser uma criatura pesada, de patas grossas e crina volumosa. Ele olhou uma vez para Sherlock sem nenhuma curiosidade, e logo voltou a pastar.

Matty esperava-o na frente da embarcação, uma silhueta escura contra o céu do amanhecer, como a carranca de um navio ou uma gárgula em uma catedral.

Segurava um croque, um gancho de metal posto na extremidade de uma longa vara de madeira.

— Vamos — ele disse, assim que Sherlock, desajeitado, subiu a bordo.

— A propósito, aquele é Albert. — Ele estalou a língua. O cavalo olhou em sua direção com uma expressão de pesar e então começou a andar pela margem. A corda que o prendia ao barco esticou-se, e a embarcação começou a se mover, puxada por Albert. Matty usava o croque para afastá-la da margem e impedir que ficasse presa nos juncos.

— Ele sabe para onde vai? — perguntou Sherlock.

— O que há para saber? Ele caminha pela margem e puxa o barco. Se encontrar algum obstáculo, ele para e eu libero o caminho. Você vai ficar lá atrás cuidando do leme. Se começarmos a flutuar para o meio do rio, guie-nos de volta para perto da margem. Tem um cobertor na plataforma, se você sentir frio. É um cobertor de sela, para cavalo, mas aquece tanto quanto um cobertor chique.

O barco seguia. A água batia nas laterais com um ritmo regular que provocava sonolência em Sherlock, quase o hipnotizava. O rio estava deserto, exceto por um ou outro pato ou ganso que passava por eles.

— O que você descobriu sobre o homem que morreu? — Sherlock indagou em voz alta depois de um tempo. — O primeiro homem. Aquele da casa.

— Ele era alfaiate — Matty gritou de volta. — Trabalhava em uma empresa que fazia uniformes para o Exército em Aldershot. Aparentemente, era um pedido bem grande, então a empresa tava recrutando na região gente que pudesse cortar ou costurar as peças.

— Como você descobriu tudo isso? Matty riu.

— Eu disse que era filho dele, e que mamãe queria saber se ele tava recebendo de algum empregador. Parece que ele ia embolsar uns salários atrasados, mas o senhorio dele já tomou o dinheiro como pagamento do aluguel.

— Onde fica essa empresa? — Sherlock perguntou.

— Eles têm um escritório perto do mercado, mas também têm um galpão na periferia da cidade, onde funcionava a fábrica. Deve ser o lugar que você incendiou.

Sherlock pensava, enquanto o barco era levado pelo cavalo de Matty.
O

homem que morrera era alfaiate, fazia uniformes. O galpão no qual ele trabalhava estivera cheio de caixas, que os bandidos transferiram para uma carroça. Caixas de uniformes? Parecia provável. Mas isso ainda não explicava por que ele morrera, nem como, e também não explicava a morte do segundo homem, o do bosque.

O céu a leste estava com um tom púrpura que lembrava um hematoma, e as árvores nas margens pareciam silhuetas escuras contra um fundo um pouco menos escuro.

Uma estrela solitária brilhava intensamente perto do horizonte. Adiante, Sherlock podia ver um arco negro que atravessava o caminho que seguiam: uma ponte, provavelmente. Talvez fosse a mesma em que estivera com Matty, apenas um ou dois dias antes, vendo os peixes no rio.

Albert relinchou como se algo o tivesse assustado. Sherlock olhou para a margem, tentando identificar a silhueta do animal contra a escuridão do matagal que acompanhava o rio. O som dos cascos sobre a terra mudou. Para Sherlock, era como se o cavalo tentasse se desviar de alguma coisa que chegava perto demais.

Matty disse alguma coisa para acalmar o animal — mais um barulho que palavras de verdade —, mas Sherlock percebeu, pelo tom de voz do amigo, que ele

estava preocupado. Qual seria o problema? Haveria um animal vagando por ali, assustando o cavalo? Ou será que o animal apenas farejara algo que o surpreendera? Quando estava prestes a chamar Matty e a perguntar-lhe qual o problema, algo se moveu na ponte, atrás da silhueta escura da cabeça e dos ombros do menino. Sherlock fixou o olhar na direção da sombra que cruzava o rio diante dos dois. Algo interrompia o arco perfeito da ponte: um contorno irregular e ligeiramente descentralizado. Na verdade, *duas* formas irregulares, cheias de saliências, porque outra se juntou à primeira. Elas reuniram-se por um instante, inclinando-se uma em direção à outra, e depois se afastaram.

Habitantes de Farnham, que teriam começado cedo o dia? Ladrões, talvez?

Sherlock abandonou essas teorias quando a luz de um fósforo iluminou brevemente um rosto moreno, que ele reconheceu do galpão.

Era o bandido chamado Clem.

A chama transformou-se em um brilho suave que se espalhou pela ponte.

Clem erguia uma lamparina, iluminando o barco que se aproximava. Quando estavam mais perto, Sherlock viu os lábios de Clem torcerem-se em um sorriso cruel. A claridade da lamparina delineava a silhueta de Matty, que viajava em pé na proa da embarcação. Ele parecia prestes a falar alguma coisa, mas Clem balançou a lamparina sobre a cabeça, espalhando sombras em todas as direções, e depois a arremessou na direção da cabeça de Matty.

Matty abaixou-se e a lamparina quicou duas vezes antes de espatifar-se na parte de trás do barco, derramando óleo flamejante por toda parte. Minúsculas chamas de fogo espalharam-se, apoderando-se da madeira, lambendo, famintas, o verniz. Sherlock olhou em volta. Por Deus! Estavam em um rio, e ele não via nenhuma maneira de pegar a água de que precisavam! Seus olhos passaram pelo cobertor de sela que Matty indicara, embolado no canto, perto da cana do leme.

Sherlock pegou-o e lançou-o sobre as chamas, mas segurando uma das pontas, de modo a impedir que caísse na água. De baixo dele levantou-se fumaça, mas não havia mais chamas.

Sherlock puxou o cobertor de volta. Extinguira metade do fogo, sufocando-o com o tecido grosso, mas pequenas chamas ainda estavam explorando fendas no casco do barco.

Matty gritou quando uma segunda lamparina atingiu a borda da embarcação perto da cabeça de Sherlock e caiu no rio, onde afundou, sibilando e estalando quando o pavio aceso entrou em contato com a água. Sherlock virou-se e mergulhou o cobertor no rio, segurando-o com firmeza. Antes que ele ficasse saturado demais, o menino puxou-o de volta e jogou sobre a madeira. Dessa vez as chamas foram extintas pelo tecido encharcado.

Sherlock olhou para a ponte quando o barco passou por baixo dela, esperando ver uma terceira lamparina arremessada contra sua cabeça, mas os atacantes pareciam não ter mais nenhuma. Em vez disso, Sherlock viu com grande choque um corpo cair em sua direção. Clem tinha pulado. O bandido atingiu o teto do barco, rachando a madeira com suas botas. Então caiu de costas sobre o deque.

Levantando-se, com as mandíbulas travadas e um brilho intenso nos olhos, avançou para Sherlock. Com a mão direita sacou do cinturão uma faca de lâmina curva.

— Pensou que poderia invadir nosso galpão e escapar ileso? — ele rosnou.

— Te viram fugindo do fogo como um rato que você é. — Com a mão esquerda, tentou agarrar os cabelos de Sherlock. — Se prepara para ir encontrar o seu Criador! Sherlock recuou para o canto do minúsculo deque, sentindo o deslocamento de ar causado pela passagem da mão do agressor bem perto de seus olhos. O homem estava tão próximo, que o menino sentia o cheiro rançoso de suor que se desprendia de suas roupas grosseiras e via a sujeira incrustada sob suas unhas lascadas.

Clem investiu contra Sherlock, segurando-o pelos cabelos e puxando-o para a frente. Sherlock não conseguiu conter um grito de dor quando o homem quase arrancou seus cabelos. Por um momento bizarro, a imagem de Albert arrancando com os dentes a grama da margem do rio surgiu em sua mente.

Clem puxou Sherlock contra o peito e encarou-o. O garoto sentiu a mão direita do homem aproximar-se de seu pescoço, segurando a faca. Estava a poucos segundos de ter sua garganta cortada, e ele nem sabia por quê! Algo chocou-se contra as costas de Clem. Seus olhos abriram-se, numa reação de choque, e Sherlock sentiu que os dedos que seguravam seus cabelos relaxaram. Ele recuou um passo, empurrando Clem com as duas mãos. O homem não resistiu, e afastou-se,

cambaleando, antes de virar-se, dando passos exageradamente cautelosos.

Matty estava atrás dele. Ele segurava o croque com as duas mãos. Por um momento Sherlock não entendeu o que tinha acontecido, mas depois, quando Clem se virou para Matty, viu um corte profundo e sangrento na parte de trás da cabeça dele, que ia desde o topo até o pescoço grosso. A pele fora aberta, e Sherlock conseguia ver o branco do osso sob o sangue. Matty o acertara na cabeça em cheio com o croque.

Clem deu um passo na direção de Matty, depois outro. Levantou a mão que segurava a faca, mas parecia não saber o que fazer com ela. Olhou confuso para a lâmina, e então caiu para o lado, desabando do barco para o rio como se fosse uma árvore. A água que subiu com o impacto do corpo quase alcançou a ponte. Por um momento Sherlock ainda viu o rosto de Clem afundando, a expressão de incredulidade em seus olhos transtornados, mas logo ele desapareceu rumo à escuridão e ao lodo no fundo do rio. As mãos foram a última parte do corpo a sumir, os dedos acenando como algas levadas pela correnteza, e no instante seguinte elas

também se foram.



CAPÍTULO OITO

SHERLOCK AINDA TREMIA QUANDO o sol surgiu completamente no horizonte, pairando no céu acima das copas escuras das árvores como uma fruta muito madura.

A pressão da mão de Clem, ao agarrá-lo pelo ombro, deixara uma dor intensa que se irradiava pelas costas abaixo. Sherlock estava certo de que, se olhasse, veria hematomas: cinco marcas ovais deixadas pelos dedos do agressor.

Depois do ataque, depois que Clem desaparecera no rio e seu companheiro fugira, Matty e Sherlock simplesmente olharam-se por alguns momentos, chocados com a repentina violência e com sua interrupção igualmente súbita.

— Ele não tava querendo roubar o barco — Matty sussurrou depois de um tempo. — Queria que ele fosse destruído. Outros caras já tentaram roubar meu barco antes, mas por que alguém iria tentar pôr fogo nele? Nunca vi esses caras! O

que foi que eu fiz a eles? — Estavam atrás de mim — Sherlock disse de forma relutante. — Aquele era um dos homens que vi no galpão. Creio que fosse o chefe, ao menos dos outros que estavam lá. O barão sobre o qual eles falavam é o verdadeiro chefe. Ele deve ter me visto sair do galpão durante o incêndio e percebeu que eu os tinha escutado. Mas não sei como eles nos seguiram até o barco. —

Balançou a cabeça, incrédulo. — O que é que eles faziam naquele dia, que para proteger seu segredo estavam dispostos a nos matar? O que é assim *tão* importante?

Matty apenas olhou para Sherlock como se tivesse sido traído; depois se virou repentinamente e balançou a corda, induzindo o cavalo a mover-se outra vez.

E agora, enquanto o sol se erguia e o ombro de Sherlock doía como um dente podre, eles aproximavam-se de Guildford, e Sherlock ainda não descobrira o segredo que ele supostamente sabia. Tudo o que ele tinha eram perguntas, e o ataque só aumentara a lista.

Uma pequena matilha de cachorros de rua seguia-os ao longo da ribanceira, atenta, na esperança de que os meninos jogassem fora alguma sobra de comida.

Sherlock sorriu por um instante, pensando em como os cães eram parecidos com Matty, naquele aspecto. Ele olhou para a frente, para a nuca de Matty, e o sorriso desapareceu de seu rosto. Pusera em risco o barco do menino — o único lar que Matty possuía. Pior: pusera em risco a *vida* dele. E para quê? Naquele momento as pessoas começavam a aparecer na margem do rio. Algumas estavam a caminho da cidade, ou voltando de lá, usando o rio como rota conveniente, enquanto outras estavam sentadas sobre caixotes e usavam varas de pescar improvisadas, na

esperança de pegar um peixe para o café da manhã. Fumaça erguia-se para o céu diante deles, à medida que os habitantes de Guildford começavam os trabalhos de cozinha daquele dia. Edificações apareciam ao longo das margens: alguns barracos feitos apenas de tábuas presas em vários ângulos, e algumas construções mais resistentes, de tijolos. Surgiam vias calçadas com pedras, primeiro

somente alguns trechos isolados, depois uma espécie de pavimento que acompanhava a beira do rio.

Após um tempo, quando alcançaram uma série de edifícios que pareciam galpões aglomerados à beira do rio, Matty começou a puxar a corda. O cavalo reduziu a velocidade dos passos e o barco estreito aproximou-se com suavidade da margem. Matty havia calculado bem toda a operação: eles pararam bem perto de um grande anel de ferro afixado em uma das pedras do pavimento. Sherlock esperava que ele amarrasse a corda no anel, mas, em vez disso, Matty puxou da proa da embarcação uma corrente que parecia estar presa a um orifício na madeira, jogou-a para a margem e desembarcou. Após enrolar a corrente no anel de ferro, Matty tirou do bolso um cadeado grande e antigo e o prendeu a vários elos da corrente.

— Não se pode confiar em ninguém por aqui — ele resmungou, ainda sem olhar para Sherlock. — Uma corda pode ser cortada, mas quebrar uma corrente e um cadeado toma bastante tempo. Mais do que vale o barco, aposto.

— E o cavalo? — perguntou Sherlock.

— Se ele encontrar quem o trate melhor que eu, pode ir — respondeu Matty.

Ele pisou a grama e parou, olhando para Sherlock. Sua expressão não era muito amistosa, mas pelo menos agora ele se dispunha a fazer contato visual. — Ele está muito velho e fraco para puxar um arado ou uma carroça — explicou. — Um barco é o máximo que ele aguenta, e mesmo para isso ele é lento. Não vale a pena roubá-

lo.

— Lamento pelo que aconteceu — Sherlock disse, encabulado.

— Não é culpa sua — Matty respondeu, passando a manga da camisa na boca. — Você topou com alguma coisa, e essa coisa acabou pegando você. E me pegou também. O melhor é a gente tentar se livrar disso quanto antes e seguir em frente. — Ele olhou em volta. — Estamos no cais Dapdune — disse. — Se nos separarmos, o que é bastante provável, lembre-se de voltar para cá. Não vou sair daqui sem você. — Ele olhou para Sherlock com ar sério. — E tenho certeza de que você não pode partir sem mim. Agora, como é mesmo o nome daquele cara que você tá procurando? — Professor Winchcombe — Sherlock disse.

— Então, vamos procurá-lo. E talvez possamos arranjar alguma coisa para comer.

Juntos, os dois garotos afastaram-se do rio por um caminho que parecia levar a uma via maior. Passaram uma hora andando e pedindo informação a várias pessoas, até descobrirem que a casa do professor Winchcombe era na estrada

Chaelis, que saía da High Street, e depois levaram mais meia hora para encontrar a High Street, que subia uma ladeira a partir do rio e era cercada de lojas de dois e três andares construídas com vigas de madeira escura e reboco branco. Do lado de fora das lojas havia placas de madeira com desenhos de peixes, pães, vegetais e todo tipo de produtos. A maioria das pessoas que subiam e desciam a rua, e que olhavam as vitrines do comércio, vestia-se melhor que os habitantes de Farnham.

Suas roupas eram de tecido mais fino, tinham acabamentos de renda e fitas e eram mais coloridas e limpas que as que Sherlock vira recentemente.

Algumas barracas que vendiam frutas e carne cozida e fria localizavam-se na parte mais ao sul da High Street, ao longo de uma mureta baixa, que separava a cidade do rio. Matty estava prestes a esgueirar-se pela mureta, por trás das barracas, para procurar comida que tivesse caído, mas Sherlock aproximou-se e usou parte dos poucos recursos que Mycroft lhe enviara para comprar o café da manhã dos dois. Matty olhou para ele desconfiado: Sherlock teve a impressão de que o menino acreditava que a comida era mais saborosa se ele não tivesse de pagar por ela. De sua parte, Sherlock gostava mais da comida se ela não tivesse rolado na terra, ou se ele não precisasse brigar por ela com um cachorro.

A estrada Chaelis ficava na metade da High Street, e os dois garotos estavam ofegantes quando finalmente a alcançaram. A estrada continuava depois de uma curva fechada, e Sherlock começou a percorrê-la, mas parou ao perceber que Matty não o seguia. Ele se virou e olhou com curiosidade para o menino.

— Qual é o problema? Matty balançou a cabeça.

— Não é meu tipo de lugar — disse, olhando as casas altas e os jardins bem-cuidados ao longo da via. — Vá em frente. Eu espero aqui. — Olhou em volta. —

Em algum lugar por aqui, pelo menos.

Sherlock assentiu. Matty estava certo — a presença de um —mendigo árabe molambento, como a Sra. Eglantine o descrevera, provavelmente traria problemas para eles. Limpando a poeira das roupas o melhor que pôde, Sherlock seguiu adiante.

A casa que procurava ficava logo além da curva. Sherlock abriu o portão e aproximou-se da porta, que era protegida por um pórtico em estilo grego. Uma placa de bronze fora presa a um dos pilares. Nela estavam gravadas as palavras:

—Professor Arthur Albery Winchcombe. Especialista em Doenças Tropicais.

Antes de se deixar dominar pelo nervosismo Sherlock puxou a corda da campainha.

Um homem num austero terno preto com colete cinza abriu a porta. Ele observou Sherlock através de óculos minúsculos que mal cobriam seus olhos.

— O professor Winchcombe está em casa? — Sherlock perguntou.

O homem — Sherlock supôs que ele fosse um mordomo — encarou-o por

um instante.

— Quem devo anunciar? — ele perguntou enfim.

Sherlock abriu a boca, prestes a apresentar-se, mas hesitou. Talvez fosse melhor usar o nome de outra pessoa — alguém de quem o professor já tivesse ouvido falar. Mycroft, talvez? Ou Amyus Crowe? Qual deles seria melhor? No final, ele escolheu ao acaso.

— Por favor, diga ao professor que um aluno do Sr. Amyus Crowe deseja consultá-lo.

O mordomo assentiu.

— Gostaria de esperar na sala de estar? — ele perguntou, mantendo a porta aberta. Tratando Sherlock como um integrante da realeza, e não como um menino nervoso e descomposto, ele indicou uma porta do outro lado do saguão.

O papel de parede que revestia a sala era coberto por estampas de plantas altas e finas que Sherlock não reconhecia, como se fossem

enormes talos de mato.

Pareciam ter anéis em torno dos caules, posicionados em intervalos regulares em toda a extensão. Sherlock ficou fascinado por elas, e ainda olhava para os desenhos quando a porta se abriu e um homem entrou na sala. Ele era pequeno — menor que Sherlock — e sua barriga era saliente como se ele tivesse enfiado uma almofada sob seu paletó. Havia sobre sua cabeça um engraçado chapeuzinho vermelho sem aba ou bicos: apenas uma torre curta e grossa feita de seda vermelha.

— Bambu — ele disse.

— Desculpe-me? — As plantas no papel de parede. Bambu. É uma espécie de sempre-viva, uma planta perene lenhosa pertencente à família das gramíneas.

Passei um bom tempo na China quando jovem, e lá conheci muito bem. O bambu é a planta lenhosa que cresce mais depressa dentre todas no mundo, sabe? As maiores podem crescer até sessenta centímetros em um dia, sob certas condições. A propósito, o próprio papel de parede é chinês. Papel de arroz.

Sherlock não sabia se havia entendido.

— Papel feito de *arroz*? — Um equívoco comum — respondeu o professor.

— Na verdade, o papel de arroz é feito da medula de uma pequena árvore, a *Tetrapanax papyrifer*. — Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Disse que é aluno de Amyus Crowe? — perguntou. Seus olhos por trás dos óculos eram brilhantes e perspicazes, repletos de curiosidade.

— Sim, senhor — respondeu Sherlock, tomado por uma estranha sensação de ter voltado à escola Deepdene.

— Recebi uma carta do Sr. Crowe hoje de manhã. Muito incomum. Muito mesmo. É por isso que você está aqui? — A carta era sobre dois homens mortos?

O professor assentiu.

— De fato, era.

— Foi por isso que vim. Ouvi o Sr. Crowe comentar que o senhor é especialista em doenças.

— Sou especialista em doenças tropicais, mas, sim, minha área de conhecimento abrange a maioria das doenças contagiosas graves, desde a febre de Tapanuli e o cancro negro de Formosa até a cólera e a febre tifoide. Ouvi dizer que esses dois homens podem ter morrido de alguma enfermidade desconhecida.

— Não tenho tanta certeza. — Sherlock enfiou a mão no bolso do paletó e retirou o envelope que guardara a carta de Mycroft e agora continha uma amostra do pó amarelo. — Colhi isto aqui de um lugar perto de um dos corpos, mas sei que estava presente em ambos os restos mortais — ele disse, apressado. — Não sei o que é, mas imagino que esteja ligado às mortes. Pode ser venenoso.

O professor estendeu a mão para o envelope.

— Nesse caso, terei cuidado ao manuseá-lo — disse.

— Acredita em mim? — Sherlock indagou.

— Você veio até aqui para falar comigo; então, presumo que esteja levando tudo isso a sério. O mínimo que posso fazer é tratar o assunto com a mesma seriedade. Além do mais, conheço Amyus Crowe e sei que ele é um homem íntegro.

Não consigo imaginá-lo aceitando um aluno que tenha o hábito de pregar peças. —

Ele sorriu de repente, e seu rosto se transformou em uma imagem angelical. —

Agora, vamos dar uma olhada nessa amostra que você me trouxe.

Ele indicou o caminho através do saguão de entrada até outro cômodo da casa. Esse estava cheio de livros, e havia uma escrivaninha bem grande ao lado de uma janela onde a iluminação era melhor. Junto a um bloco de mata-borrão verde na escrivaninha, entre papéis e diários espalhados e uma vela acesa, havia um microscópio.

O professor Winchcombe sentou-se em uma cadeira com estofamento de couro e convidou Sherlock a puxar outra cadeira e sentar-se a seu lado. Retirou de uma gaveta uma folha de papel amarelado e a colocou sobre o mata-borrão, e depois abriu o envelope cuidadosamente com a ponta de um abridor de cartas e despejou o conteúdo sobre o papel. Logo ele tinha diante de si um montinho de pó amarelo.

Com a ponta do abridor pegou uma pequena porção do pó e a transferiu para a lâmina que já estava presa na platina sob a lente do microscópio. Ajustou um espelho sob a platina, posicionando-o de forma que refletisse a luz da vela por meio de um orifício na platina e da lâmina de vidro até as lentes. Enquanto Sherlock observava, tentando não respirar muito forte, para não espalhar o pó, o professor olhava pela lente do microscópio, girando os botões laterais a fim de ajustar o foco sobre o pó.

— Ah — ele disse. E depois: — Hum. — Tirou o chapéu vermelho, coçou a cabeça, e recolocou-o exatamente no mesmo local.

— O que foi? — Sherlock sussurrou.

— Pólen apícola — o professor respondeu. — É inconfundível.

— *Pólen apícola*? — Sherlock repetiu, sem saber se ouvira corretamente.

— Já estudou as abelhas? — o homem perguntou, recostando-se na cadeira.

— Criaturas fascinantes. Recomendo que as investigue com seriedade. — Ele tirou os óculos e coçou os olhos. — As abelhas colhem o pólen das flores e o levam para sua colmeia.

— O que é pólen? — Sherlock perguntou, sentindo-se estranhamente desapontado. — Já ouvi a palavra antes, mas nunca soube ao certo o que significava.

— Pólen — o professor explicou — é um pó que consiste em microgametófitos, que produzem os gametas masculinos, ou células reprodutoras, das plantas que produzem sementes. O pólen é produzido pelos estames, ou órgãos reprodutores masculinos das flores, e é levado pelo vento, ou por insetos, até o pistilo, ou órgão reprodutor feminino, de outra flor de natureza semelhante. Lá eles se fundem para formar uma semente. — Ele examinou os óculos e os devolveu ao nariz.

Sherlock tentou entender o que o professor lhe dissera, mas se deu conta de que o homem estava falando novamente.

— No caso das abelhas, elas recolhem o pólen das flores e levam para suas colmeias na forma de bolinhas armazenadas nas patas traseiras. O benefício para a planta, claro, é que, à medida que a abelha vai de uma flor a outra, ela acaba derrubando um pouco do pólen do estame

de uma flor em cima do pistilo de outra, ajudando assim na reprodução. Então, na parte superior das patas traseiras das abelhas há pelos minúsculos que funcionam como um cesto, onde elas misturam os grãos de pólen com o néctar para formar uma bolinha. E é isso que chamamos de

— pólen apícola.

— E é perigoso? — Para a maioria das pessoas, não, mas alguns desafortunados têm aversão física à substância. — Recostou-se e refletiu por um momento. — Isso poderia ter causado as bolhas que o Sr. Crowe descreveu em sua carta? Hum, duvido. As reações ao pólen costumam surgir mais na forma de urticárias que na de bolhas, e seria pouco provável encontrar, supostamente por acaso, dois homens com a mesma sensibilidade exacerbada. — De repente ele bateu com a mão na escrivaninha. Sherlock deu um pulo. — É claro! Estou ignorando a resposta óbvia! — Óbvia? — Sherlock estava quebrando a cabeça. Qual era a explicação óbvia para a formação de bolhas relacionada com as abelhas? Então, a compreensão o atingiu como um raio. — Picadas! — ele exclamou.

— Muito bem, meu rapaz. Sim, picadas de abelha. Picadas muito virulentas, por sinal. A maioria das abelhas, pelo menos neste país, causa dor e um pequeno

calombo com suas picadas, mas nada parecido com as bolhas que o Sr. Crowe descreveu. — Ele olhou para Sherlock. — Você também deve ter visto as bolhas.

De que tamanho eram? Sherlock levantou a mão direita.

— Do tamanho da ponta do meu polegar, mais ou menos — ele respondeu.

— O que indica uma variação bastante virulenta de veneno, e talvez um tipo muito agressivo de abelha.

— Como o senhor sabe tanto sobre abelhas? O professor sorriu.

— Eu disse que passei alguns anos na China. Os chineses criam abelhas há milhares de anos, e descobri que o mel é muito valorizado entre eles devido às suas propriedades medicinais. De acordo com os registros no grande trabalho médico *Bencao Gangmu*, ou *O compêndio de matéria médica*, escrito por um homem chamado Li Shizhen há trezentos anos, o mel tem a capacidade de harmonizar o baço, aliviar a dor, remover toxinas, reduzir aflição, dar brilho aos olhos e

prolongar a vida. — Desviou os olhos de Sherlock, voltando-os para a parede, e o menino ficou com a impressão de que ele lembrava coisas que tinham acontecido muitos anos antes. — Aqui na Grã-Bretanha estamos acostumados à dócil abelha europeia, *Apis mellifera*. A abelha asiática, *Apis dorsata*, é consideravelmente mais agressiva e sua picada é muito mais dolorosa, mas, mesmo assim, os chineses as criam e colhem o mel de suas colmeias. Diferentes das que vemos aqui, que têm a forma de sinos, os chineses utilizam troncos cavados ou cestos cilíndricos de tecido para abrigar as abelhas. Às vezes, na China, era possível ver os camponeses carregando montanha acima suas colmeias, duas de cada vez, penduradas nas extremidades de varas de bambu equilibradas sobre os ombros. Lembro-me de vê-los subir, com as abelhas zunindo à sua volta como uma nuvem de fumaça.

Uma nuvem de fumaça. As palavras atingiram Sherlock como um soco no meio do rosto.

— Então, era *isso* — ele murmurou.

— O quê? — Vi uma sombra afastar-se de um dos corpos, e meu amigo viu a mesma coisa sair por uma janela da casa na qual o outro corpo foi encontrado.

Deviam ser as abelhas! O professor assentiu.

— Deviam ser bastante pequenas, para ser confundidas com uma sombra, e provavelmente eram de cor escura, diferentes das nossas abelhas comuns, que são amarelas e pretas. Acredito que existam abelhas africanas muito pequenas e praticamente pretas. E elas também são muito agressivas.

— O senhor poderia me fazer um favor? — Sherlock perguntou.

— É claro que sim.

— Escreveria uma carta para Amyus Crowe relatando sua teoria sobre o que causou a morte daqueles dois homens? Eu levarei a carta de volta a Farnham e a entregarei a ele. — O menino desviou o olhar, sentindo o rosto corar. — Acho que

vou ter problemas com meus tios quando voltar, e isso pode me salvar de uma punição.

O professor assentiu. Ele despejou o pó amarelo — o inofensivo pó amarelo, Sherlock lembrou a si mesmo — da folha de papel no mata-borrão. Estendendo a mão até um tinteiro no canto da escrivaninha,

pegou uma pena e começou a escrever sobre a folha. Sua letra era bastante sinuosa, mas Sherlock conseguia identificar as palavras.

Caro Sr. Crowe: Tive o prazer de conhecer seu aluno... — Como é seu nome, meu jovem? — ele perguntou, olhando para Sherlock.

— Holmes, senhor. Sherlock Holmes.

... o senhor Sherlock Holmes, que me trouxe uma amostra de pó amarelo que me contou ter sido encontrada próximo aos sujeitos desafortunados cujo falecimento o senhor descreveu-me em sua carta, recebida por mim nesta manhã. Examinei o pó e identifiquei-o como simples pólen apícola, e, portanto, deduzo que os dois homens de que me falou não foram mortos pela peste bubônica nem nenhuma enfermidade semelhante, mas por picadas de abelhas. Se pedir a um médico da sua região que examine as supostas —bolhas, acredito que ele encontrará pequenos ferrões encravados em cada uma delas, ou, ao menos, as marcas deixadas por esses ferrões.

Enalteço a decisão desse rapaz de ter-me trazido a amostra do pó. Caso ele não o tivesse feito, os rumores sobre uma doença fatal a assolar o país poderiam ter causado grande pânico.

Espero ansioso por nosso reencontro em oportunidade que lhe for conveniente.

Minhas sinceras lembranças, Sr. Dr. Arthur Winchcombe O professor dobrou a folha, colocou-a em um envelope retirado de uma gaveta da escrivaninha, o qual selou com uma gota da cera da vela usada para iluminar o microscópio, e entregou-o a Sherlock.

— Espero que isto sirva para poupá-lo de uma punição muito severa

—

disse. — Por favor, transmita meus respeitos a seu tutor.

— Certamente. — Sherlock fez uma pausa, e então acrescentou: —

Obrigado.

O professor Winchcombe fez soar uma sineta que estava sobre o mata-borrão, ao lado do microscópio.

— Meu mordomo o acompanhará até a porta. Se quiser saber mais sobre doenças tropicais, apicultura, ou sobre a China, sinta-se à vontade para procurar-me novamente.

Quando saiu, Sherlock surpreendeu-se ao constatar que o sol não mudara sua posição no céu mais que alguns graus. Tinha a sensação de que passara horas na casa do professor Winchcombe.

Matty estava sentado sobre o muro do jardim. Comia alguma coisa de dentro de um cone de papel.

— Já fez o que veio fazer? — perguntou.

Sherlock assentiu. Depois apontou o cone de papel.

— Que é isso? — Mariscos — o menino respondeu, inclinando a abertura do cone na direção de Sherlock. — Quer um pouco? Dentro do cone havia um punhado de conchas.

— Foram cozidos? — Sherlock perguntou.

— Fervidos — Matty respondeu, de forma sucinta. — Encontrei uma barraca de pescador. Ele tava vendendo isso. Deve ter vindo de Portsmouth durante a noite.

Eu ajudei um pouco, arrumei suas caixas, fui buscar mais gelo, essas coisas. Ele me deu uma porção disso como pagamento. — Matty pegou uma concha do cone.

Deixando-o sobre o muro, ele tirou um canivete do bolso e enfiou a ponta da lâmina dentro da concha, espetando o que estava lá dentro. Em alguns segundos puxou uma coisa escura e gelatinosa, que pôs na boca. — Delicioso. — Matty tinha um sorriso largo. — Não é sempre que dá para arranjar isso, a menos que se viva perto do mar.

Quando se arranja, é bom aproveitar.

— Acho que não quero, obrigado — Sherlock disse. — Vamos para casa.

Dessa vez eles desceram a High Street até o rio, depois caminharam pela margem até encontrar o barco. Conforme Matty previra, a embarcação e o cavalo ainda estavam ali. Sherlock perguntou-se como fariam para virar o barco e voltar, mas Matty levou o cavalo pela margem na direção da cidade até chegar a uma ponte e, então, atravessou-a guiando o animal, puxando a proa da embarcação, enquanto Sherlock usava o croque para impedir que o barco se chocasse contra as margens do rio. Então começou a lenta viagem de volta; dessa vez Sherlock ia na frente, conduzindo o cavalo, e Matty viajava na plataforma, manejando o leme.

Os dois meninos conversavam enquanto o barco acompanhava lentamente a correnteza. Sherlock contou a Matty a respeito do professor Winchcombe e de sua explicação sobre as abelhas e as picadas. No início Matty duvidou, mas Sherlock conseguiu convencê-lo de que não era necessária nenhuma explicação sobrenatural para a nuvem da morte. Matty parecia dividido entre o alívio pelo fato de nenhuma praga ter se precipitado sobre Farnham e a irritação causada por uma explicação tão prosaica. Sherlock não disse nada, mas, ao longo do trajeto, cada vez mais julgou-se certo de terem desvendado um mistério para encontrar outro. Por que as abelhas picaram aqueles dois homens em locais diferentes, mas não atacaram mais ninguém?

Aliás, por que havia abelhas africanas na Inglaterra? E qual a relação de tudo isso com o galpão, as caixas que foram carregadas na carroça pelos bandidos e o misterioso barão? Depois de um tempo, Sherlock percebeu que outro cavalo juntara-se ao deles na margem do rio. Era um garanhão preto de pelo brilhante, com

uma mancha marrom no pescoço, e Virginia Crowe o cavalgava. Ela ainda vestia calça de montaria e camisa, com uma jaqueta por cima.

— Olá! — Sherlock cumprimentou.

Ela acenou de volta.

— Matty, essa é Virginia Crowe — ele disse por cima de um ombro. —

Virginia, esse é Matthew Arnatt. Matty.

Matty acenou com a cabeça para Virginia, e ela respondeu com um gesto semelhante, mas nenhum dos dois disse nada.

Sherlock ficou em pé, equilibrando-se precariamente sobre a proa do barco por um momento, sentindo-o balançar sob seus pés, e saltou para a margem. Ele segurou a rédea do cavalo de Matty e conduziu o animal adiante, caminhando ao lado de Virginia e de seu cavalo.

— Este é Albert — Sherlock disse pouco depois.

— Este é Sandia — Virginia respondeu. — Você deveria aprender a cavalgar, sabia? Ele balançou a cabeça.

— Nunca tive a oportunidade.

— É fácil, mas vocês, meninos, estão sempre fazendo um drama sobre como é difícil. Guie o animal com os joelhos, não com as rédeas. Use-

as para reduzir a velocidade do cavalo.

Sherlock não conseguiu pensar em uma resposta adequada para isso. Eles seguiram por um tempo em um silêncio desconfortável.

— Onde você esteve? — a garota acabou por perguntar.

— Em Guildford. Queria visitar uma pessoa. — Lembrou-se então de tirar do bolso a carta escrita pelo professor Winchcombe. — Preciso entregar isto a seu pai. Você sabe onde ele está? — Ainda procurando por você. Você deveria estar em sua aula.

Ele olhou para a menina para ver se ela estava falando sério, mas havia um sorriso sutil em seus lábios. Virginia olhou para Sherlock, e ele desviou o rosto.

— Dê-me a carta — ela disse. — Vou entregá-la a ele.

Sherlock estendeu a mão com o envelope, mas o puxou de volta.

— É importante — disse, hesitante. — É sobre os dois homens que morreram.

— Então vou entregá-la imediatamente. — Virginia pegou a carta da mão estendida de Sherlock. Os dedos não se tocaram, mas ele quase podia sentir o calor da mão da garota quando chegou perto da sua. — Os homens morreram com a praga, não é? É o que as pessoas estão comentando.

— Não foi a praga. Foram abelhas. Por isso tive de ir a Guildford. Precisava conversar com um especialista em doenças. — Percebeu que estava falando mais depressa, mas não conseguiu evitar. — Encontrei um pó amarelo perto dos corpos.

Queria que alguém me dissesse o que aquilo era, então levei uma amostra a Guildford. Era pólen. Por isso concluímos que as mortes foram causadas por abelhas.

— Mas você não sabia disso quando encontrou o pó — Virginia observou.

— Não.

— Nem quando recolheu a amostra e levou-a até Guildford.

— Não.

— Até onde você sabia, isso podia ter sido alguma coisa que *causava* a praga. Alguma coisa contagiosa.

Sherlock sentiu que estava sendo encurralado.

— Sim — disse, soltando a palavra de um jeito mais parecido com —Si-i-i-m.

— Então, você arriscou sua vida com base no fato de que achava que todo o mundo estivesse errado, e que você poderia *provar* que estavam errados.

— Acho que sim. — Sentia-se confuso e constrangido. Virginia estava certa: solucionar o mistério havia sido mais importante para ele que a própria segurança.

Ele podia ter se enganado; não sabia muito sobre doenças nem como eram transmitidas. O pó amarelo podia ter sido alguma coisa produzida pelos cadáveres em decorrência de uma doença, como uma escamação de pele seca e infectada...

algo que podia conter a enfermidade e transmiti-la. Estivera tão concentrado no esforço de resolver o enigma, que nem pensara naquilo.

O restante do trajeto até Farnham foi percorrido em silêncio.



CAPÍTULO NOVE

— VOCÊ ME DESAPONTA, GAROTO.

Sherrinford Holmes estava sentado atrás da enorme escrivaninha de carvalho em seu gabinete, e em pé atrás dele, respectivamente à esquerda e à direita, estavam Amyus Crowe e a Sra. Eglantine. As roupas pretas da governanta mesclavam-se tão bem às sombras, que apenas as mãos e o rosto eram visíveis. Com a barba branca e longa de tio Sherrinford e as várias Bíblias em hebraico, grego, latim e inglês espalhadas sobre a escrivaninha, Sherlock sentia-se como se disciplinado por Deus, com dois anjos vingadores em pé atrás de seu trono; o efeito era prejudicado apenas pelo fato de o tio usar um roupão sobre o terno.

O rosto de Sherlock queimava, de vergonha e raiva. Queria protestar, dizer que seus atos tinham sido movidos pelas melhores intenções, mas bastou um olhar para o rosto do tio e ele soube que não adiantaria argumentar.

— Sinto muito, senhor — ele disse, depois de um longo momento de silêncio, quando percebeu que o tio esperava por uma resposta. — Não farei isso de novo.

— Seu pai, meu irmão, o confiou a meus cuidados, e acertamos que eu daria continuidade à sua educação moral e o impediria de envolver-se com más companhias ou de fazer más escolhas. Estou mortificado por saber que falhei em ambas as tarefas.

Outra longa pausa. Sherlock sentiu-se pressionado a pedir desculpas de novo, mas tinha a sensação de que isso seria interpretado como um sinal de insolência.

— Sei que não deveria ter ido até Guildford sozinho — disse, enfim.

— Essa é a menor entre suas transgressões — respondeu tio Sherrinford. —

Ainda hoje de manhã você saiu desta casa antes do nascer do sol, como um criminoso qualquer... — A cama dele nem estava usada — interrompeu a Sra.

Eglantine. — Ele deve ter saído antes da meia-noite.

Sherlock sentia os ombros tremerem devido ao esforço de conter a ira. Sabia que a governanta mentia: ele *tinha* dormido por algumas horas, e saíra logo antes do amanhecer, mas não podia desmenti-la, apesar do ardente desejo de dizer a verdade.

Ela tentava piorar sua situação, e discutir seria interpretado como um ato de rebeldia e apropriadamente punido.

— Vou escrever a seu irmão — continuou Sherrinford — para dizer-lhe que a confiança que depusitei em você foi traída. E você não terá permissão para deixar

esta casa durante a próxima semana.

— Se me permite — Amyus Crowe manifestou-se atrás de Sherrinford —, gostaria de dizer uma ou duas palavras em favor do garoto. — Ele levou a mão ao bolso interno do paletó incrivelmente branco e retirou

um envelope. — A carta que o menino trouxe do eminente professor Winchcombe tranquilizou os receios de um surto de peste bubônica na região. Levar aquela amostra de pólen para ser analisada demonstra força de vontade, pensamento independente e relutância em aceitar conclusões prontas; atributos que devem ser incentivados, eu diria.

— O senhor sugere que o menino não deve ser punido, Sr. Crowe? — a Sra.

Eglantine perguntou em um tom afável.

— De maneira nenhuma — Crowe respondeu. — Sugiro que, em vez de proibi-lo completamente de sair de casa, determinem que ele possa sair apenas comigo. Assim *eu* poderei manter o acordo que fiz com o irmão dele.

Sherrinford Holmes refletiu por um momento, afagando a barba com a mão direita. E então: — Muito bem — pronunciou. — Vamos firmar um compromisso.

Você ficará confinado a esta casa hoje e amanhã, o dia inteiro. Depois, ficará em casa o tempo todo, exceto quando estiver estudando com o Sr. Crowe. Quando estiver em casa, deverá ficar em seu quarto, exceto à hora das refeições. — Seus lábios esboçaram um quase sorriso. — No entanto permitirei que você retire da biblioteca quaisquer livros que desejar para passar o tempo: use esse tempo com sabedoria, para aprimorar-se e para refletir sobre seus atos.

— Sim, senhor — Sherlock disse, tendo de esforçar-se para pronunciar as palavras. A tensão nos ombros diminuía um pouco. — Obrigado, senhor.

— Agora, vá, e não volte até a hora do jantar.

Sherlock virou-se e saiu do gabinete. Sentia uma vontade desesperada de discutir, de dizer que o que fizera era *certo*, mas conhecia o suficiente da dinâmica do mundo dos adultos para saber que discutir só iria piorar as coisas. *Certo* não era importante. *Obedecer às regras*, sim.

Ele subiu a escada larga e acarpetada até o primeiro andar, e depois a escada estreita de madeira até o andar de seu quarto. Deitou-se na cama e ficou olhando para o teto, deixando que os pensamentos se agitassem em sua cabeça.

O tempo passou depressa no restante daquele dia e no dia seguinte. O corpo de Sherlock, cansado e castigado por suas aventuras, aproveitou a oportunidade para recuperar o máximo de sono possível, mas quando Sherlock estava acordado, seus pensamentos vagavam sem rumo, como mariposas em torno da chama de uma vela.

O que estava acontecendo? O que, exatamente, planejava o barão Maupertuis, e quem o impediria? Ele gastou algum tempo na tentativa mental de compor uma carta para o irmão, não porque esperasse que Mycroft fizesse algo, mas porque queria contar a alguém de confiança o que estava acontecendo. Depois de um tempo,

quando conseguiu elaborar as palavras como queria, transferiu-as para o papel.

Querido Mycroft:

Gostaria de poder dizer que estou seguindo seu conselho e dedicando-me a uma mistura de estudos na biblioteca de tio Sherrinford com explorações dos campos da região, mas creio que me meti em uma situação problemática, e agora não sei o que fazer. A boa notícia – se é que existe alguma – é que fiz duas amizades. Uma delas chama-se Matthew Arnatt, e ele mora em um barco no canal.

Creio que você pode gostar dele. A outra é Virginia Crowe. Ela é filha de Amyus Crowe, que diz ensinar-me sobre a natureza e o modo como observar o mundo à minha volta, mas acho que, na verdade, ensina-me a pensar. Eu gostaria que você não tivesse considerado necessário achar um tutor para mim durante as férias, mas, de todos os tutores que poderia ter encontrado, creio que o Sr. Crowe é o melhor.

Coisas estranhas têm acontecido aqui em Farnham... quem me dera poder conversar com você sobre elas. O corpo de um homem foi encontrado na cidade, coberto de bolhas, e outro foi descoberto aqui no terreno da mansão Holmes. Os habitantes da cidade pensaram que fosse a praga, mas um homem chamado professor Winchcombe provou que os dois homens foram mortos por centenas de picadas de abelhas. Acredito que as abelhas tenham alguma relação com um homem chamado barão Maupertuis, que é proprietário de um galpão em Farnham, mas não sei qual.

O galpão foi destruído por um incêndio, e com ele todas as evidências.

Direi como isso aconteceu quando o encontrar.

Em resumo, a vida aqui é mais interessante do que eu esperava – quando posso sair da casa. No momento, estou confinado a meu quarto, por ter ido a Guildford procurar o professor Winchcombe, mas essa é outra história que lhe contarei quando nos virmos.

Tem notícias de nosso pai? Ele ainda está a caminho da Índia? E recebeu mais alguma informação sobre quando os problemas de lá podem terminar? Diga à mamãe e à nossa irmã que as amo. Por favor, venha visitar-me em breve.

Seu irmão, Sherlock

Depois de concluir a carta e passar o mata-borrão sobre o papel, ele a deixou sobre a mesa da entrada na hora do almoço, para ser recolhida por uma criada e levada ao posto de correio em Farnham. Quando desceu novamente para o chá, a carta tinha desaparecido. A Sra. Eglantine passava pelo saguão, com um rosto que parecia flutuar nas sombras, e sorriu para ele com frieza. Será que ela viu a carta?

Será que a *leu*? Será que a carta ao menos chegou ao posto do correio, ou a

governanta a destruiu? Sherlock disse a si mesmo que estava sendo tolo — que razões a Sra. Eglantine teria para fazer tal coisa? —, mas o aviso de Mycroft ecoava em sua cabeça. *Ela não é amiga da família Holmes.*

Deitado em seu quarto, Sherlock tinha a mente dominada por esses pensamentos. O gongo distante anunciando a refeição seguinte o despertou de um estado sonolento, e ele desceu ao térreo. A Sra. Eglantine deixava a sala de jantar.

Ela o encarou com os lábios esticados em uma expressão de desprezo e afastou-se.

Sherlock não estava com fome. Ele olhou para a porta por alguns instantes, tentando convencer-se a comer algo, só para não perder a força, mas não sentia nem um pouco de vontade. Deu meia-volta e começou a encaminhar-se para a biblioteca para procurar livros sobre abelhas ou apicultura.

Quando atravessava o saguão, notou uma carta na bandeja de prata sobre a mesinha lateral. Será que não estava ali antes, ou ele que não a percebera? Por um momento imaginou que pudesse ser outra carta de Mycroft, então a pegou. Seu nome estava escrito no envelope, seguido do endereço da mansão, mas a letra não era de seu irmão. Era mais arredondada. Mais... feminina. Como seria possível? Sherlock olhou em volta, quase convencido de que encontraria a Sra. Eglantine observando-o das sombras, mas estava sozinho no saguão. Pegou a carta, abriu a porta da frente e sentiu no rosto o sol de fim de tarde, mas permaneceu na soleira, para não ser acusado de sair da casa.

Havia uma única folha dentro do envelope. O papel era de um lilás bastante claro. Nele, abaixo do nome e do endereço dele, estava escrito: *Sherlock: Está acontecendo uma feira nos prados logo abaixo do castelo.*

Encontre-me lá amanhã às nove horas da manhã — se tiver coragem! Venha sozinho.

Virginia

Sherlock sentiu uma vertigem momentânea e respirou fundo. Virginia queria vê-lo? Por quê? Nas duas ocasiões em que se encontraram, Sherlock tivera a impressão de que ela não gostava muito dele. Eles

certamente não conversaram muito. E agora ela queria encontrá-lo — a sós? Mas ele não podia ir! Fora proibido de deixar a casa! Seus pensamentos afluíam à mente, rápidos, em sua tentativa de encontrar uma justificativa que lhe permitisse sair na manhã seguinte sem causar-lhe problemas. Com certeza, devia existir um argumento lógico que ele pudesse elaborar para resistir ao escrutínio de tio Sherrinford. Virginia pedira que Sherlock fosse encontrá-la. Pelo pouco que sabia dela, podia dizer que era mais independente que as meninas inglesas de sua idade. Sabia cavalgar — cavalgar de verdade, não sentando-se de lado sobre a sela — e era capaz de sair sozinha por aí. Mas, se fosse

inglesa, não iria à feira sem a companhia da família. E isso significava que seria razoável interpretar a carta como um convite para encontrar Virginia *e seu pai*, o que queria dizer que ele poderia sair de casa sem violar as regras do acordo que fizera com o tio. Sherrinford não acreditaria que uma menina fosse arranjar um encontro com um garoto sem que sua família estivesse presente. Sherlock sabia que não era bem assim, mas, se fosse interrogado, não abriria o jogo.

Uma ideia passageira fez com que ele hesitasse: e se alguém da mansão Holmes estivesse na feira? Mas logo ele se convenceu de que seus tios não estariam lá, nem a Sra. Eglantine. E, se um dos criados domésticos ou empregados da propriedade estivesse presente, o mais provável seria que nem o reconhecesse.

Sherlock passou o restante da tarde e boa parte da noite oscilando entre a decisão de ir e a de não ir. Na manhã seguinte, ainda não tinha certeza, mas ao descer a escada para tomar o café ficou pensando no rosto de Virginia e decidiu que iria. Sem dúvida, iria.

Sherlock conferiu as horas no relógio de parede: eram pouco mais de oito horas. Se saísse agora e usasse a bicicleta, poderia chegar lá a tempo. Sabia onde ficava o castelo — no alto de uma colina sobre a cidade — e imaginava que a feira acontecia em uma parte dessa encosta.

Deveria deixar um bilhete? Depois dos eventos recentes, Sherlock pensou que isso seria sensato, então rabiscou uma explicação rápida, dizendo que saía para encontrar Amyus Crowe, e deixou o envelope sobre a bandeja de prata. Em seguida, andou, quase correndo, até o local onde deixara a bicicleta, abaixando-se ao passar por janelas e permanecendo atrás de muros sempre que possível.

A cabeça girava cheia de pensamentos e especulações enquanto ele pedalava. Jamais tivera uma amiga antes. Havia a irmã, claro, mas ela

era mais velha e interessava-se por coisas diferentes: pintura, crochê, piano. E, é claro, havia sua enfermidade, que a mantivera isolada e acamada durante boa parte da infância de Sherlock. Ele nunca fizera amizade com as crianças da região em torno da propriedade de seus pais, muito menos com as meninas, e Deepdene era uma escola exclusiva para garotos. Não sabia ao certo como se comportar com Virginia, sobre o que falar ou como agir.

Chegando a Farnham, Sherlock saiu por uma estrada secundária que subia em direção ao castelo, que ele podia ver, debruçado sobre a cidade. Pedalou com esforço até suas pernas começarem a doer, e então desmontou para caminhar, empurrando a bicicleta. Quando chegou ao terreno que cercava o castelo, estava exausto.

Estendendo-se pelo prado, sob o sol matinal, Sherlock viu um cenário representativo da vida humana. Como se fosse uma miniatura de cidade, ao longo de largas vielas gramadas tinham sido montadas barracas e cercados delimitados por

cordas, entre os quais as pessoas passeavam, apreciando e comentando o que viam.

Pairava sobre tudo uma camada de fumaça, e os cheiros de gente, carne assada e excremento de animais faziam coçar o nariz de Sherlock. Havia áreas para malabaristas, lutas de boxe, duelos travados com varas e brigas de cachorros.

Charlatões vendiam ilegalmente remédios patenteados; engolidores de fogo levavam à boca carvões flamejantes presos em hastes de metal, e moradores da região faziam caretas grotescas para ganhar um chapéu, disputavam corridas em troca de um roupão e engoliam tortas o mais rápido que podiam para ganhar o prêmio em dinheiro reservado a quem comesse mais.

Sherlock examinou a multidão, procurando o característico cabelo avermelhado de Virginia, mas havia tanta gente ali, que ele não conseguia distinguir uma pessoa da outra. Ela não marcara um local exato para o encontro, então suas únicas opções eram esperar onde estava e torcer para ser encontrado ou misturar-se ao povo para tentar localizá-la. E Sherlock nunca foi muito bom em esperar.

Com um pouco de receio, o menino deixou sua bicicleta encostada em uma cerca em um dos lados do padoque. Não tinha certeza de que a encontraria ali ao voltar, mas a multidão compacta de gente indicava que ele não teria como levá-la consigo.

A primeira coisa que viu ao percorrer a feira foi um barril completamente cheio de água. Havia pessoas reunidas em torno dele, que riam e gritavam palavras de incentivo umas às outras. A superfície da água parecia estar fervendo, o que fez Sherlock suspeitar de que algo era cozido ali dentro, mas não havia fogo embaixo do barril. Alguém na plateia, um menino magro com um lenço de bolinhas amarrado em torno do pescoço, tentava impressionar uma menina de faces rosadas e vestido branco, que estava parada a seu lado. Ele entregou uma moeda ao homem que parecia ser o dono do barril, agarrou as bordas com as duas mãos e mergulhou subitamente a cabeça na água.

Sherlock prendeu o fôlego, ainda um tanto convencido de que a água fervia, mas o garoto não pareceu se machucar. Ele movia a cabeça de um lado para o outro na água, como se procurasse alguma coisa, mergulhando mais fundo de vez em quando e retrocedendo em seguida. Depois de um tempo, tirou toda a cabeça de dentro do barril. A água escorria por seu rosto, pelo pescoço e pelas roupas, mas isso não parecia incomodá-lo. Havia algo entre seus dentes, algo prateado, que se debatia com desespero, tentando fugir. Por um momento Sherlock não conseguiu identificar o que era, mas então percebeu. Era uma enguia, um pouco maior que o dedo de um homem. Sherlock seguiu em frente, fascinado. Já ouvira falar de gente pescando maçãs em barris, mas enguias? Era incrível.

— Vejam o mais extraordinário carneiro do mundo! — um homem gritava, em frente a uma barraca. — Um carneiro que tem quatro patas e metade de uma quinta!

Você jamais verão nada parecido com isso! — Ele atraiu o olhar de Sherlock, que passava por ali. — Você, jovem... veja a imagem mais impressionante nesta terra verde de Deus. Jamais a esquecerá. As meninas irão absorver encantadas cada palavra sua quando você descrever para elas o incrível carneiro que tem quatro patas e metade de uma quinta.

Sherlock passou por uma barraca na qual duas marionetes eram exibidas em uma janela, movidas por uma pessoa cujo corpo ficava escondido lá dentro. A cabeça dos bonecos era esculpida em madeira, com nariz e queixo exagerados, e as roupas eram de fitas de cores vivas. Enquanto Sherlock observava, uma das marionetes apoiou a cabeça no parapeito da janela — quase se dobrando ao meio no processo — e, no mesmo instante, a outra decapitou-a com um minimachado. A cabeça caiu, e fitas de um vermelho vivo explodiram do pescoço, simulando o jorro de sangue. A multidão aplaudiu e

acenou com chapéus.

Havia um lago em um dos extremos da área da feira, e um pato era jogado na água por um homem de cartola e colete de cor vibrante. As patas da ave estavam amarradas a um peso por uma corda fina, e o peso a impedia de voar. Em torno do lago, cachorros rosnavam e tentavam libertar-se de cordas e coleiras. Ao ver dinheiro na mão de todos na plateia, Sherlock imaginou horrorizado o que iria acontecer ali. O homem de colete deu um passo para trás e levantou a mão. A multidão ficou em silêncio, expectante. Os cães redobram os esforços para libertar-se, e rosnavam com uma intensidade que parecia fazer tremer o chão. O

homem abaixou a mão e os proprietários dos cães os soltaram. Todos juntos, eles mergulharam no lago, tentando capturar o pato, jogando água em todas as direções.

Apavorado, o pato movia-se de um lado para outro, seus movimentos limitados pela corda e pelo peso, e tentava evitar as investidas. Enquanto isso, os cães evitavam ir para a parte mais funda do lago, excetuando um corajoso terrier que nadava freneticamente em perseguição ao pato. Sherlock desviou o olhar antes que o cachorro cravasse os dentes no pescoço da ave. Era uma conclusão inevitável. A única dúvida era a identidade do dono vencedor do prêmio.

Enojado, Sherlock afastou-se dali.

Passou por barracas que vendiam salsichas quentes e maçãs no palito, cobertas de calda doce, biscoitos sabor laranja e volumosos pedaços de torresmo.

Não sabia se a sensação que vinha de seu estômago era fome ou nervosismo. Ou as duas coisas.

A multidão avolumava-se e tornava-se cada vez mais barulhenta, e Sherlock sentiu que era empurrado e imprensado por trás. As pessoas à sua volta falavam e riam. Uma voz soou mais alta, gritando: — Quem enfrentará o campeão invicto?

Quem tem coragem para encarar Nat Wilson, o Colosso Verde de Kensal? Um soberano, se você vencer; nada além de escárnio e humilhação, se perder! Sherlock

caiu sobre um joelho. Quando se levantou, foi empurrado para o lado. Algo pesado o atingira nas costas. Ele virou-se e descobriu que, de repente, estava na frente da multidão. O objeto em que tropeçara era

uma estaca de madeira, uma das quatro que marcavam os cantos de um quadrado. Cordas tinham sido estendidas entre as estacas. Um homem que vestia apenas calça de couro ocupava o centro do ringue e fazia poses e gestos para a multidão. O peito e os braços eram bastante musculosos.

Outro homem, esse vestido com terno empoeirado e um chapéu de aba simples, olhava diretamente para Sherlock.

— Temos um desafiante! — ele gritou. A multidão aplaudiu.

Sherlock tentou recuar, mas a multidão o empurrava para a frente. As cordas foram afastadas para abrir espaço, e Sherlock foi empurrado para dentro do ringue.

— Não! — gritou ao perceber que, de alguma forma, era *ele* o desafiante. —

Eu não... O sujeito de terno passou na frente de Sherlock e disse: — Regras de Broughton: sem enchimentos nem soqueira. Vale tudo, menos bater no oponente quando ele estiver no chão. Quando o lutador *estiver* no chão, terá trinta segundos para descansar e mais oito segundos para voltar à risca. A luta termina quando um dos lutadores não conseguir mais se levantar. — Ele olhou para Sherlock, que desesperadamente procurava ao redor, por entre a multidão, uma brecha pela qual pudesse escapar.

— Menino — o sujeito murmurou —, não acredito que consiga resistir por mais de um minuto. Se ficar em pé por cinco minutos, dobro o prêmio. Preciso manter a plateia entretida.

— Eu não deveria estar aqui! — Sherlock protestou.

— É um pouquinho tarde demais — respondeu o locutor.

— Mas isto é um acidente! — Não. — O homem sorriu, exibindo dentes pretos e podres. — Isto é um massacre.

O locutor dirigiu-se a uma das laterais do ringue, onde outras pessoas afastaram as cordas para deixá-lo passar. Sherlock tentou segui-lo, mas as cordas voltaram à posição normal e a plateia de homens, mulheres e crianças vaiou quando ele tentou fugir. Pedras foram arremessadas nele, obrigando-o a recuar para o centro do ringue.

O outro lutador andava pelo ringue, olhando para os espectadores e provocando aplausos. Ele era uns quinze centímetros mais alto que

Sherlock, pelo menos, e tinha o peito muito mais largo. As mãos eram como duas bolsas de couro cheias de castanhas.

— À risca — ele grunhiu.

— O quê? O lutador apontou duas linhas paralelas que tinham sido cortadas na grama, com cerca de um metro de distância uma da outra.

— Você fica atrás de uma; eu fico atrás da outra. Quando o sino soar, nós

lutamos. É assim que funciona.

— Não quero lutar — protestou Sherlock.

— A escolha é sua, garoto — o homem rosnou. — De qualquer jeito, preciso fazer isso durar cinco minutos, e sua cabeça vai parecer carne moída se você não se proteger. — Ele olhou para Sherlock com ar crítico. — E é capaz de ficar desse jeito mesmo se você tentar — acrescentou. Empurrou Sherlock para trás da linha mais próxima. — Mãos para cima, proteja o rosto. E trate de ficar em pé. Se cair, vou chutar até você se levantar.

— Ouvi o árbitro dizer que não pode bater no oponente quando ele estiver no chão.

O lutador deu de ombros.

— Ele não disse nada sobre chutar.

Incrédulo, Sherlock posicionou-se. Seu oponente, que calçava botas, ficou atrás da outra linha. Sherlock olhou em volta, procurando alguém que pudesse ajudá-

lo, qualquer pessoa, mas os rostos voltados em sua direção eram suados, vermelhos, distorcidos pela agressividade. Não havia saída.

Um sino soou.

Sherlock recuou um passo no instante exato, e o punho do adversário passou a milímetros de seu nariz. Ergueu as mãos para defender-se, e recuou novamente enquanto o oponente avançava. A multidão rugia. Ele já vira fotografias de boxeadores em livros, tinha assistido a algumas lutas no ginásio da Deepdene e até participado de alguns treinos, então adotou a posição de que se lembrava: mãos fechadas e erguidas diante do rosto. Seu adversário, porém, obviamente não lera

os mesmos livros, e avançava balançando os braços para os dois lados na altura dos ombros. Sherlock levou um golpe no ombro esquerdo, aquele que Clem machucara na noite anterior, e a dor explodiu pelo braço como metal derretido. A mão caiu inútil junto ao corpo. Como isso acontecera? Apenas um minuto antes ele era só um anônimo no meio da multidão e agora era o centro de todas as atenções! Era quase como se alguma coisa, *alguém*, estivesse guiando o povo, manipulando-o até este momento.

O oponente chegou mais perto, pronto para aplicar um golpe que atingiria o rosto de Sherlock de baixo para cima, então o menino recuou um passo e atacou com o punho direito. Inacreditavelmente, o soco acertou o nariz do homem. Sentiu alguma coisa partir-se sob seus dedos e viu o sangue descer como uma cachoeira pelo queixo e pelo peito do oponente. O lutador cambaleou para trás e soprou violentamente, respingando sangue na camisa de Sherlock, e depois lançou um soco direto no peito do garoto com o punho direito. O impacto jogou Sherlock para trás, e a dor espalhou-se pelas costelas. Por um momento, ele achou que seu coração tinha parado de bater. Tentou respirar, mas os pulmões não funcionavam. Sherlock dobrou

o corpo, tentando fazer o ar abrir caminho pela garganta. Uma mão agarrou-o pela nuca e jogou-o na grama. O impacto do corpo contra o chão expulsou o pouco de ar que restava em seus pulmões, e de repente ele voltava a aspirar grandes quantidades de ar. Sherlock rolou para o lado a tempo de desviar-se de um pé, que esmagou a relva na qual estivera sua cabeça, e levantou-se com dificuldade.

O rosto do outro lutador era uma máscara de sangue, interrompida apenas pelos dois olhos estreitos e furiosos e pela linha feroz formada por seus dentes.

Aproximou-se de Sherlock e desferiu nele dois socos: um nas costelas, com a mão esquerda; outro na lateral da cabeça, com a direita. A dor dominou o mundo de Sherlock, intensa e atroz. Tudo parecia muito distante. Ele estava caindo, mas não sentiu o impacto quando chegou ao chão.

A escuridão chamou-o, e ele entregou-se de bom grado.



QUANDO SHERLOCK ACORDOU, sua cabeça doía. A dor parecia localizada na têmpora direita e pulsava terrivelmente, acompanhando as batidas do coração. Era como se no centro de sua cabeça houvesse uma massa enorme, macia e latejante, que ele não conseguia ver nem transpor. Ficou deitado no escuro um pouco, sem pensar em nada, apenas embalando a dor, esperando que ela diminuísse. Depois de um tempo, ela arrefeceu.

A última coisa de que se lembrava era de ter sido nocauteado pelo lutador da feira de diversões na campina ao pé do castelo de Farnham. E agora estava em uma cama confortável, com a cabeça apoiada em travesseiros de penas. Isso significava que não estava mais na feira — nem caído na grama lamacenta, nem metido em uma tenda, para recuperar-se. A menos, é claro, que estivesse delirando, o que era bastante possível, considerando-se que ele fora ferido na cabeça.

Não, Sherlock disse a si mesmo com firmeza: precisava trabalhar com a ideia de que o que sentia, via e ouvia era real, não uma criação do cérebro lesionado.

A luz difusa que penetrava pelas cortinas da janela indicava que ainda era de manhã. Sherlock não estava na própria cama, disso tinha certeza. A sua era mais dura, seus travesseiros eram mais irregulares e cheios de caroços. Deve ter sido encontrado por alguém da mansão Holmes e trazido de volta, mas posto em uma cama mais confortável: uma à qual médico e criados pudessem ter acesso mais fácil, talvez. Fez um esforço para ouvir movimentação do lado de fora da janela, mas não havia nada além de algo que parecia o canto distante de pássaros.

Quão encrencado ele estava? Sherlock deixou escapar um gemido. Havia desobedecido às instruções claras de seu tio, e suspeitava de que qualquer tentativa de explicar que pensara estar indo ao encontro de Amyus Crowe seria recebida com severidade. Pior: envolvera-se em uma briga. Pior *ainda*: tinha perdido. Talvez isso não importasse para Sherrinford e Anna Holmes, mas se o pai de Sherlock algum dia viesse a saber disso, ficaria furioso. Um de seus ditados favoritos era: —Um cavaleiro nunca começa uma briga, mas sempre a termina.

Se o menino tivesse sorte, seu tio o confinaria ao quarto durante o mês seguinte e limitaria suas refeições a pão e água. Se tivesse sorte. Se *não*... bem, não sabia ao certo, mas desconfiava de que a punição seria severa. Uma coça, talvez?

Uma surra com a bengala ou um cinto de couro? O tio provavelmente o castigaria com pesar, em vez de raiva, mas não havia uma citação bíblica que dizia algo sobre

—quem poupa a vara prejudica a criança? Isso não seria bom.

Sherlock tocou a cabeça com a mão. Os dedos encontraram um inchaço, e quando ele o pressionou uma dor aguda assaltou-o.

Sentou-se com cuidado. Nem a cabeça nem a barriga gostaram do movimento, mas não reclamaram muito.

O quarto em que estava era revestido com painéis de madeira, e a cama era coberta por um dossel bordado. Sherlock não o reconhecia, e a decoração era diferente da que ele recordava da mansão Holmes. Olhou para o próprio corpo.

Ainda estava vestido, embora alguém tivesse tirado seu paletó. Olhando em volta, Sherlock viu que ele estava pendurado em um gancho atrás da porta.

Afastou o lençol que o cobria e aos poucos se sentou. O mundo pareceu balançar por alguns momentos — como água em um balde, antes de estabilizar. Seus sapatos tinham sido removidos, mas viu que estavam junto ao pé da cama. Devagar, Sherlock inclinou-se e tentou calçá-los sem se abaixar, porque se abaixar seria uma péssima ideia, ele imaginava.

Cruzou o quarto em direção à janela e afastou a cortina, mas a vista que o recebeu era muito diferente da paisagem em torno da mansão Holmes.

O terreno lá fora era plano e deserto, destituído de grama ou plantas. A terra era seca, de um marrom-avermelhado, e, até onde a vista alcançava, coberta por caixas de madeira sobre quatro estacas firmes, que se assemelhavam um pouco com galinheiros, porém menores, e cada uma delas tinha um pequeno buraco na parte de baixo, logo acima do ponto no qual uma base de madeira separava as caixas das estacas que as sustentavam. Sua disposição obedecia a intervalos regulares, como numa grade. Sherlock fez um cálculo mental rápido e estimou que olhava para aproximadamente quinhentas caixas.

Parecia haver fumaça flutuando sobre algumas delas, mas o vento devia estar soprando de forma estranha, porque a fumaça de caixas diferentes movia-se em diversas direções. Algumas, como colunas, subiam; outras inclinavam-se para a esquerda; outras, ainda, para a

direita, e algumas apenas pairavam em torno da entrada das caixas, como se quisessem sair ou entrar.

Uma silhueta surgiu de trás de uma das caixas. Vestia um macacão largo que parecia feito de lona, e sua cabeça estava coberta por uma máscara de musselina fina o bastante para permitir a visão e mantida longe do rosto por aros de madeira. A figura dirigiu-se para outra caixa e ergueu a tampa cuidadosamente. Mais fumaça despreendeu-se do interior e envolveu a cabeça da pessoa. Ela não parecia incomodar-se. Inclinou-se, olhou dentro da caixa, depois voltou a fechar a tampa e removeu da base o que parecia ser uma bandeja de madeira. Então analisou a bandeja por alguns segundos; em seguida, deu alguns passos e a deixou sobre uma pilha de outras bandejas semelhantes.

Finalmente, o cérebro de Sherlock despertou, e ele compreendeu o que via. A nuvem que observara abandonando o corpo do homem no bosque próximo à mansão Holmes, a fumaça que Matty testemunhara, o pólen que ele levava ao professor Winchcombe... finalmente tudo fazia sentido. Aquilo não era fumaça, mas abelhas.

Pequenas abelhas negras. E isso significava que as caixas eram colmeias, e o homem de máscara, um apicultor.

Mas que tipo de abelhas eram aquelas, e para que serviam? Produzir mel?

Defesa? Ou outra coisa? Mais importante: onde raios ele estava? Atrás de Sherlock a porta do quarto foi aberta. Ele virou-se depressa. Dois homens estavam parados na soleira. Vestiam roupas de imaculado veludo negro e corte antiquado —

calças medievais, meias longas, coletes e jaquetas curtas — e tinham o rosto coberto por uma máscara de veludo negro com aberturas estreitas na altura dos olhos.

Um deles fez um gesto por cima do ombro. O significado era claro: Sherlock deveria acompanhá-los. Por um momento, ele rebelou-se — nunca tivera aptidão para seguir ordens que não fossem acompanhadas de uma explicação —, mas uma breve reflexão o fez concluir que, se não fizesse o que os homens mandavam, iriam levá-lo dali carregado. E provavelmente não seriam cuidadosos.

Também ocorreu a Sherlock que acompanhá-los talvez fosse a única maneira de descobrir o que estava acontecendo.

Com o coração disparado, embora mantivesse no rosto uma expressão

calma, até entediada, Sherlock caminhou até a porta. Os dois homens afastaram-se para deixá-lo passar.

O corredor do lado de fora do quarto era decorado de forma opulenta em tons vivos de roxo e vermelho, com um brasão de armas distintamente gravado no papel de parede e bordado nas cortinas de veludo. Um dos homens conduziu Sherlock escada abaixo por degraus largos de mármore branco, enquanto o outro os seguia. Os passos de Sherlock eram o único barulho: os sapatos dos dois sujeitos eram acolchoados e produziam pouco mais que um sussurro ao tocarem o chão.

Quando terminaram de descer a escada, o primeiro homem conduziu o menino para uma porta fechada ao lado de um pesado armário feito de teca. Então puxou a porta e fez um gesto que indicava que Sherlock deveria entrar. Após um breve instante de hesitação, o menino obedeceu.

A porta fechou-se atrás de Sherlock com um baque abafado, mas definitivo.

O aposento além da porta era grande, sombrio e frio. Todas as janelas estavam cobertas por grossas cortinas. Somente alguns raios de luz venciam a penumbra, e Sherlock conseguiu identificar apenas a ponta de uma mesa de madeira maciça, na frente da qual havia uma cadeira pesada. Tudo o mais era escuridão, exceto pelo brilho do que talvez fossem objetos de metal pendurados nas paredes de pedra.

Parecia óbvio o que se esperava que ele fizesse. Nervoso e sentindo gotas de suor frio escorrendo pelas costas, Sherlock deu uns passos à frente e sentou-se na cadeira.

Houve silêncio por um longo tempo, interrompido apenas pelas batidas rápidas do coração do menino. Sherlock forçou os olhos na escuridão, mas não conseguiu discernir nada além da parte da superfície da mesa imediatamente à sua frente. Então, pouco a pouco, começou a identificar um ruído fraco: um rangido cadenciado, como o cordame de um navio enfrentando as ondas de um oceano imaginário. O som parecia ir e vir, quase como se uma brisa suave soprasse intermitentemente a lona de velas içadas, distendendo as cordas molhadas e deixando-as frouxas de novo. Sherlock não conseguia determinar o que era.

Certamente não podia estar em um navio, não é? Vira o terreno do lado de fora da janela do quarto, e o piso não oscilava. Então, que

barulho era aquele? — Você estava no galpão. — Uma voz masculina, pouco mais que um sussurro, soou na escuridão, vinda da outra extremidade da mesa. Parecia haver nela um leve sotaque, que fazia — galpão soar — galpom, mas Sherlock não conseguia distinguir o país de origem do dono daquela voz. — *Por que* você estava no galpão? — Quem é você?

— Sherlock indagou com tom firme, a voz sustentada por uma coragem que não sentia.

— *Por que* você estava no galpão? — a voz persistiu.

Em meio aos rangidos, Sherlock teve de esforçar-se para entender as palavras.

— Meu tio vai ficar preocupado comigo — ele ameaçou. — Grupos de busca sairão atrás de mim. — Não sabia se isso era verdade ou não, mas achou que seria algo apropriado a dizer. Talvez perturbasse o misterioso interrogador.

— Vou perguntar só mais uma vez, e depois você irá arcar com as consequências. *Por que* você estava no galpão? — Não sei do que você está falando.

Algo cortou a escuridão; era fino e negro, e esticava-se como uma serpente dando o bote. O objeto atingiu a bochecha direita de Sherlock antes de recuar para a escuridão. Ele encolheu-se, sentindo o sangue escorrer por sua pele um momento antes de a dor aflorar.

— *Por que* você estava no galpão? — a voz insistiu.

Sherlock tocou a face, que parecia queimar, depois olhou para a mão. As linhas de sua palma estavam sujas de sangue.

— Você me machucou — ele disse, um tanto incrédulo.

O chicote estalou mais uma vez na escuridão. Dessa vez ele viu a ponta, no exato instante em que ela passava bem perto de seu rosto. Havia um nó na fina trama de couro. O estalo do chicote ao atingir o limite do comprimento e recuar coincidiu

com a agonia provocada pelo contato do nó com a cartilagem de sua orelha direita.

Sherlock gritou, levando a mão à lateral da cabeça. E então sentiu o sangue que se acumulava em sua palma e escorria pelo pulso.

— *Por quê...* — Segui um homem que vira sair de uma casa em Farnham! —

Sherlock gritou. — Ele foi para o galpão! A voz ficou em silêncio por um momento, pensativa. Depois: — Por que você seguiu esse homem que saiu da casa? O

sangue quente e úmido que escorria de sua orelha alcançava agora o pescoço. Todo o lado direito do rosto de Sherlock latejava.

— Alguém morreu naquela casa. Eu queria descobrir como.

— Certamente eles morreram vítimas da praga, não foi? — a voz sussurrou.

— É o que as pessoas estão dizendo.

Sherlock mordeu a língua para não falar nada sobre as picadas de abelhas, mas o chicote estalou mais uma vez na escuridão e atingiu sua testa acima do olho esquerdo. A cabeça foi jogada para trás e bateu no encosto da cadeira, gerando ondas de agonia pelo crânio. Quando tentou abrir o olho, o menino percebeu que estava fechado pelo sangue que escorria do corte na testa.

Se continuasse assim, sua cabeça acabaria dilacerada.

— Ele morreu por causa de picadas de abelhas — Sherlock berrou. — Centenas de picadas.

Silêncio. A dor de cada uma das três chicotadas na sua pele fluía como uma única corrente de sofrimento que parecia latejar no ritmo das batidas aceleradas de seu coração.

— Quem mais sabe sobre as abelhas? — Só eu! — Sherlock mentiu.

Outra vez, o chicote estalou na penumbra como uma serpente agressiva, e atingiu seu rosto bem ao lado do olho esquerdo, a um triz da porção sensível e macia do globo ocular. O sangue acumulava-se em seus cílios: eram como glóbulos negros pendurados em seu campo visual.

— Da próxima vez que meu laçao aplicar o chicote, ele o deixará cego do olho esquerdo — a voz avisou. — E na ocasião seguinte, arrancará sua orelha direita. Responda às minhas questões de forma completa, e não minta para mim.

Meu lacaio? , Sherlock pensou. Isso significava que quem formulava as perguntas e o homem que o atacava com o chicote eram duas pessoas diferentes.

Quantas mais estavam escondidas ali, na escuridão, observando e ouvindo? — Já tenho algumas das respostas às perguntas que estou fazendo — continuou a voz sussurrante. — E se suas respostas forem diferentes, você irá sofrer, não só agora, mas pelo resto de sua vida. Quem mais sabe sobre as abelhas? — O professor Winchcombe, em Guildford, e Amyus Crowe, em Farnham. — A voz de Sherlock tremia, devido ao esforço de manter a dor sob controle. — Meu tio Sherrinford.

Amyus Crowe contou ao médico da cidade. Não sei se mais alguém sabe. —

Deliberadamente, deixara o nome de Matthew Arnatt fora da lista, na esperança de que o homem na penumbra não soubesse do amigo, ou não o considerasse importante.

— Gente demais — disse a voz. Sherlock teve a impressão de que o homem falava sozinho, não com ele. Ou com outra pessoa, talvez, alguém que permanecesse em silêncio. — Temos de acelerar a operação. — Uma pausa, como se o homem por trás da voz estivesse pensando, e então: — Leve o menino daqui e mate-o. Faça parecer um acidente. Atropele-o com uma carroça. Certifique-se de que as rodas quebrem seu pescoço.

Sherlock teve uma súbita e horrível visão do texugo morto que encontrara do lado de fora do galpão — aquele cuja parte central do corpo fora esmagada por uma carroça. E agora a mesma coisa iria acontecer com ele.

Mãos agarraram seus ombros e o puxaram da cadeira. Ele saiu pela porta aos tropeços, empurrado pelos dois sujeitos que permaneceram atrás dele em silêncio o tempo todo. Sua mente explorou um caleidoscópio de ideias de fuga, mas todas dependiam do primeiro passo: escapar daquelas mãos que o prendiam e empurravam. Os três foram envolvidos por uma luminosidade repentina quando uma porta foi aberta, empurrada por um dos sujeitos que por um instante soltara o ombro de Sherlock. O menino virou-se, dando um chute, na esperança de ferir o outro homem o bastante para que ele soltasse seu ombro, mas seu sapato encontrou apenas a lateral de uma bota de couro e foi rebatido. Um punho surgiu e acertou um lado de sua cabeça. Inúmeras constelações luminosas dominaram sua visão.

A porta da sala escura fechou-se atrás dos três, revelando Matty Arnatt, que estivera escondido e segurava um porrete de metal. Parecia algo que um cavaleiro medieval teria usado no campo de batalha.

Ele bateu com o porrete na cabeça do homem que estava mais próximo. O

sujeito caiu com a graça de um saco de carvão arremessado para dentro de um porão. O outro soltou Sherlock e deu um passo na direção de Matty. Seu rosto estava contorcido numa máscara de fúria e sua mão enorme projetou-se rumo à cabeça do menino. Sherlock contornou-o e deu-lhe um soco forte entre as pernas. O

homem dobrou-se ao meio, lutando para respirar.

— Por aqui — Matty cochichou, indicando que Sherlock devia segui-lo.

Os dois correram pelos corredores daquela casa desconhecida, com paredes de carvalho escuro, cortinas de veludo negro e estátuas de alabastro incrivelmente branco que retratavam ninfas gregas nuas.

— Onde conseguiu essa clava? — Sherlock gritou enquanto corriam. Ele podia ouvir atrás deles os sons da perseguição.

— Tem armaduras completas e armas medievais espalhadas pela casa toda

— Matty gritou de volta por cima do ombro. — Eu só peguei.

— E o que você está *fazendo* aqui? — Eu tava na feira. Vi como você foi encurralado naquele ringue. Corri para tentar ajudar, mas dois grandalhões saíram carregando você. Eles o jogaram na traseira de uma carroça e o trouxeram para cá.

Eu me pendurei na parte de trás da carroça, onde não me vissem, e saltei quando chegamos aqui. Fiquei procurando você desde então.

— Certo — disse Sherlock. — Onde *estamos*? — A uns cinco quilômetros de Farnham. No sentido contrário ao da mansão Holmes. — Matty passou por uma porta simples e entrou no que parecia ser a ala da criadagem, e de lá seguiu por um corredor de tijolos aparentes que dava em uma porta que se abria para o exterior da casa. Eles saíram para o maravilhoso ar fresco e a radiante luz do sol.

— E você não trouxe as bicicletas? — Como poderia? — Matty gritou, afrontado. — Eu tava pendurado na parte de trás de uma carroça! Ia ser difícil carregar, né? — Tem razão. — Sherlock olhou em volta enquanto corriam. Estavam nos fundos da casa. Em vez de um jardim, havia além de uma varanda pavimentada e de uma mureta, o campo cheio de colmeias que ele vira antes. — Então, como vamos sair daqui? — Achei um estábulo, né? — Matty disse, ainda em um tom ofendido. — Tem cavalos lá! — Não sei cavalgar! Atrás deles, três homens com máscaras e roupas negras surgiram por uma porta de vidro que devia dar em uma sala de visitas. Eles dispersaram-se em direções diferentes. Um deles viu Sherlock e Matty e gritou.

Matty olhou bravo para Sherlock.

— Bom, cê não vai ter muito tempo para aprender, parceiro! — disse.

Matty correu na frente, contornando a casa. Havia diante deles um grande celeiro. Os meninos atravessaram o campo aberto, ouvindo o rápido *tump-tump-tump* dos passos atrás deles. Chegaram ao estábulo e passaram velozmente pela porta aberta.

Lá dentro o ambiente era sombrio, e Sherlock precisou de algum tempo para acostumar a vista. Matty, que já estivera ali antes, seguiu direto para o local onde dois cavalos tinham sido amarrados a pilares de madeira fora de suas baias. Ambos já estavam selados.

— Monte — disse Matty. — Use o lado da baia como degrau.

Os passos do lado de fora do estábulo soavam mais próximos. Agarrando a sela do cavalo menor, Matty pôs o pé no estribo e deu impulso, enquanto Sherlock escalava a lateral de madeira da baia com o pé direito, introduzia o esquerdo no estribo do outro animal, uma grande égua alazã, e tentava copiar o movimento ágil de Matty. Ele acabou subindo na sela mais por sorte que por destreza. A égua olhou calmamente para ele; parecia indiferente ao fato de um estranho de repente subir em seu lombo.

— Vamos! — Matty gritou. Ele segurava as rédeas com uma das mãos e

desamarrava seu cavalo com a outra. Sherlock segurou suas rédeas e tentou lembrar o que Virginia dissera sobre cavalgar. *Guie o animal com os joelhos, não com as rédeas. Use-as para reduzir a velocidade do cavalo.*

Sem olhar para trás, Matty atijou seu cavalo e passou pela porta do

estábulo. Ele parecia presumir que Sherlock simplesmente o seguiria. Sherlock soltou a corda que prendia sua montaria. Uma repentina onda de pânico invadiu-o quando ele percebeu que Virginia explicara como conduzir e como parar, mas não como partir. Hesitante, ele pressionou os dois joelhos contra o corpo da égua.

Obediente, o animal começou a andar. Sherlock inclinou-se para a frente sobre a sela, para compensar o movimento de balanço. Apertou os joelhos com mais força e tentou sacudir a rédea uma vez. A égua passou a trotar, e então acelerou para um meio-galope. Por que as pessoas faziam com que cavalgar parecesse tão difícil?

Tudo se resumia a uma série de sinais e atitudes! O cenário fora do estábulo atingiu Sherlock como uma explosão de cor e ação. Matty afastava-se em alta velocidade, perseguido por um grupo de homens mascarados que, a pé, ficavam para trás. Dois homens mascarados estavam em pé na frente de Sherlock, tentando impedi-lo de passar. Um deles brandia um revólver. Ele disparou contra Sherlock, que sentiu alguma coisa quente roçar seu cabelo. Ele instigou a égua a um galope. O animal avançou entre os dois homens, jogando-os no chão. Usando os joelhos, ele fez a égua aumentar a velocidade. Quando alcançou Matty, sentia-se como se voasse perto do chão.

Momentos depois eles aproximavam-se do muro que delimitava a propriedade. Devia ter uns três metros de altura. Os dois meninos guiaram seus cavalos em uma curva, dirigindo-se aos portões principais. Os dois animais pisoteavam o chão, e o som dos cascos mudou quando passaram da terra macia para o calçamento da via de acesso. Sherlock sentiu frustração quando viu que os portões principais da propriedade estavam sendo fechados. Dois lacaios mascarados que empunhavam espingardas estavam diante deles, e miravam nos cavalos. Sherlock e Matty puxaram as rédeas. Com um jorro de pedregulhos, os animais derraparam até parar.

Um dos homens atirou. O estrondo ecoou forte por toda a área. Sherlock viu de relance o chumbo passar por eles em uma nuvem que se expandia, como uma explosão de mosquitos.

Usando os joelhos para guiar a égua e puxando instintivamente as rédeas para o lado esquerdo, para enfatizar seu desejo, Sherlock virou o animal. Matty fez o mesmo. Os meninos retomaram o galope. A casa erguia-se diante deles, sombria e proibitiva.

Sherlock olhou rapidamente para a esquerda e para a direita e viu homens mascarados que surgiam dos dois lados da casa, armados com

revólveres,

espingardas e ancinhos. A única direção a seguir era em frente, para a entrada principal da casa.

Matty começou a reduzir a velocidade. Ele olhou em volta com insegurança.

Sherlock passou por ele galopando e gritando: — Siga-me! Direita e esquerda estavam bloqueadas. A traseira também. Ele quase podia ouvir a voz do irmão, Mycroft, dizendo: —Quando todas as opções são impossíveis, Sherlock, fique com a que sobrar, por mais improvável que pareça.

A égua, intuindo sua intenção, saltou os poucos degraus da varanda na entrada da casa e seguiu, implacável, para as portas da frente.

Sherlock abaixou-se quando a égua passou pela soleira e seguiu pelo saguão, e sentiu o batente superior roçar seu cabelo. Os cascos do animal patinaram e martelaram no piso de ladrilhos, e o menino quase caiu antes de sua montaria recuperar o equilíbrio. A escuridão do interior do saguão confundiu-o por um instante, mas seus olhos ajustaram-se em segundos e ele impeliu o animal a prosseguir, para além da escada de mármore e rumo aos fundos da casa. Lacaios mascarados saíam por várias portas e recuavam em seguida, apavorados com os dois cavalos, que quase ocupavam todo o espaço. Em vez de seguir para a ala da criadagem, Sherlock guiou a égua para a direita, empurrando uma porta que se abria para o que ele suspeitava ser uma sala de visitas, considerando sua localização e comparando-a com a mansão Holmes. E estava certo.

A sala era espaçosa e clara, com grandes portas duplas de vidro que davam para uma varanda. E, como Sherlock lembrava-se do momento em que fugira da casa, as portas estavam abertas! Em segundos sua égua galopava pela sala em direção à varanda. O menino ouviu um barulho confuso quando o cavalo de Matty derrubou algumas peças da mobília, e em seguida o som dos cascos sobre o piso da varanda.

Adiante, além do campo com as colmeias, Sherlock viu um portão menor, provavelmente uma entrada de serviço, para receber suprimentos e provisões.

Parecia desprotegido. Ele fez sua égua correr para lá, a crina chicoteando seu rosto e a brisa soprando em seus ouvidos. As caixas com as colmeias formavam uma espécie de grade geométrica, que os cavalos atravessaram em linha reta. Nuvens de abelhas levantaram

voo atrás deles, mas a égua era rápida demais, então elas ficaram voando em círculos confusos.

O portão dos fundos estava fechado, mas foi necessário apenas um instante para que Sherlock desmontasse e removesse a tranca. Então, virou-se e olhou para o terreno da propriedade, enquanto Matty o alcançava a meio-galope. Homens mascarados e armados reuniam-se do outro lado das colmeias. Era evidente que não queriam correr o risco de entrar naquela área. Um ou dois já moviam as mãos no ar, tentando espantar as abelhas irritadas que começaram a atacar o que estava mais

perto delas.

— Acho que deu certo — Matty comentou. — Vamos ficar para assistir? —

Não — Sherlock respondeu.



CAPÍTULO ONZE

AMYUS CROWE TERMINOU DE LIMPAR os cortes no rosto de Sherlock usando uma flanela e um líquido de cheiro forte que ardia onde quer que tocasse, e então andou até uma cadeira de vime e sentou-se. Ela rangeu sob seu peso. Crowe deu impulso com os pés, equilibrando a cadeira nas pernas de trás, e balançou-se suavemente. O tempo inteiro seus olhos permaneceram fixos em Sherlock.

Ao lado de Sherlock, Matty estava inquieto, como um animal que quisesse fugir, mas não soubesse a direção mais segura.

— Uma história e tanto — murmurou Crowe.

Por presumir que as palavras do tutor fossem apenas um artifício para romper o silêncio enquanto ele refletia, Sherlock não respondeu. Crowe balançou-se para a frente e para trás, sempre encarando Sherlock.

— Sim, uma história e tanto — ele repetiu depois de um tempo.

O olhar impassível de Crowe estava incomodando Sherlock, então o

menino desviou a vista, observando a sala à sua volta. A casa de Amyus Crowe era um tumulto só, cheia de livros, jornais e periódicos que permaneciam exatamente onde o tutor os deixava. Sobre a lareira, uma pilha de cartas, cravada no meio por uma faca, ficava ao lado de um relógio que marcava quase duas horas. Junto a tudo isso estava o pé de um chinelo, de onde emergia um punhado de cigarros, como se fossem dedos dobrados. O conjunto deveria parecer miserável, mas não havia sujeira nem pó. O lugar era limpo, mas bagunçado. A impressão era de que Crowe tivesse um jeito diferente de guardar as coisas, apenas.

— O que *você* conclui de tudo isso? — Crowe perguntou.

Sherlock deu de ombros. Não gostava de ser objeto da atenção do tutor.

— Se eu soubesse, não teria precisado procurar você — disse.

— Seria muito bom se uma pessoa pudesse sempre fazer toda a diferença —

Crowe respondeu, sem demonstrar nenhum sinal de irritação. — Mas, neste nosso mundo complicado, às vezes precisamos de amigos, e às vezes é preciso ter uma organização que nos dê apoio.

— Cê acha que temos de chamar a polícia? — Matty perguntou, visivelmente nervoso.

— A polícia? — Crowe balançou a cabeça. — Duvido que acreditem em vocês, e, mesmo se acreditassem, pouco poderiam fazer. As pessoas que moram nessa casa que vocês mencionaram negariam tudo. Eles têm poder e autoridade, e

vocês, não. E você tem de reconhecer que a história parece absurda.

— O senhor acredita em nós? — Sherlock questionou.

O rosto de Crowe demonstrou surpresa.

— É claro que acredito em vocês — ele respondeu.

— Por quê? Como disse, a história parece absurda.

Crowe sorriu.

— As pessoas fazem certas coisas quando mentem — disse. — Mentir é estressante, porque é preciso prestar atenção a duas coisas diferentes

ao mesmo tempo: a verdade que se deseja esconder e a mentira que se tenta contar. Esse estresse manifesta-se de certas maneiras. As pessoas não estabelecem contato visual normalmente, coçam o nariz, hesitam e gaguejam mais quando falam. E entram em mais detalhes que o necessário, como se lembrar a cor de um papel de parede ou descrever barbas, bigodes e afins tornasse a mentira mais crível. Vocês contaram a história de maneira objetiva, olhando em meus olhos, sem acrescentar detalhes desnecessários. Até onde posso julgar, estão dizendo verdade... ou, pelo menos, o que acreditam ser verdade.

— Então, o que fazemos agora? — Sherlock perguntou. — Alguma coisa está acontecendo por aqui. Tem relação com as roupas que estão sendo feitas para o Exército, as abelhas e aquele galpão em Farnham. E aquele homem na casa grande...

o barão, eu acho... está por trás de tudo isso, mas não sei o que ele está fazendo.

— Precisamos descobrir, então. — Amyus Crowe voltou a cadeira à sua posição normal sobre as quatro pernas e levantou-se. — Se você não tem fatos suficientes para chegar a uma conclusão, precisa ir atrás de mais fatos. Vamos sair e fazer umas perguntas.

Matty mexeu-se com evidente desconforto.

— Preciso ir — ele resmungou.

— Venha conosco, garoto — Crowe disse. — Você participou dessa aventura, merece descobrir o que está acontecendo. Além do mais, o jovem Sherlock aqui parece confiar em você. — Ele fez uma pausa. — E vou providenciar comida para nós enquanto estivermos fora, caso isso o ajude a se decidir.

— Eu topo — Matty respondeu.

Crowe levou os meninos para fora. No prado que havia ao lado do chalé, Virginia Crowe escovava seu cavalo, Sandia. Ao lado dele havia uma égua alazã ainda maior. Sherlock supôs que fosse a montaria de Crowe. Os dois cavalos que ele e Matty tinham cavalgado para escapar da mansão do barão pastavam tranquilamente um pouco mais adiante.

Virginia ergueu o olhar quando eles se aproximaram. Seus olhos encontraram os de Sherlock, e ela os desviou rapidamente.

— Vamos sair a cavalo — Crowe anunciou. — Virginia, venha conosco

também. Se mais gente fizer perguntas, as chances de conseguirmos respostas mais ou menos decentes irão aumentar.

— Não sei que perguntas fazer — Virginia protestou.

— Você estava ouvindo nossa conversa do outro lado da porta — Crowe disse, sorrindo. — Ouvi Sandia relinchar. E ele só relincha quando você está afastada, mas à vista. E também vi alguma coisa bloqueando a luz do sol por baixo da porta.

Virginia corou, mas continuou a encarar o pai, um tanto desafiadora.

— Você sempre me ensinou a tirar proveito das oportunidades — a menina disse.

— Exatamente. E a melhor maneira de aprender é ouvir.

Crowe montou seu animal e Virginia imitou-o. Sorrindo, ela observou Sherlock e Matty montarem também, e assentiu para Sherlock, manifestando aprovação.

— Nada mau — disse.

Juntos, os quatro seguiram pela estrada num trote rápido, voltando pelo mesmo caminho que Sherlock e Matty tinham seguido até ali. O sol brilhava, pairava no ar o cheiro de lenha queimada, e Sherlock tinha de fazer um grande esforço para convencer-se de que havia mesmo sido nocauteado, aprisionado, interrogado e bruscamente sentenciado à morte. Coisas como essas não aconteciam, certo? Não em um dia ensolarado. Até os cortes no rosto tinham parado de doer.

Virginia aproximou-se com seu cavalo.

— Você cavalga bem — disse. — Para um principiante.

— Tive boa orientação — o menino respondeu, virando-se para ela por um instante antes de desviar os olhos.

— Aquilo que você disse lá em casa... Era tudo verdade? — Cada palavra.

— Então talvez este país não seja tão tedioso quanto eu pensava.

Quanto mais se aproximavam do casarão no qual Sherlock estivera aprisionado, mais nervoso ele se sentia. De repente, Amyus Crowe fez sua égua parar em um ponto de onde ele podia ver os portões da propriedade. Não havia ninguém à vista.

— O lugar é este? — Crowe perguntou.

Sherlock assentiu.

— Vejo marcas de rodas saindo do portão e percorrendo a estrada — Crowe continuou. — Está me parecendo que eles deram no pé.

Sherlock olhou para Virginia com expressão confusa. Ela sorriu.

— Foram embora — explicou a jovem. — Fugiram.

— Ah. Certo. — Ele arquivou a informação para uso futuro.

— Vamos seguir pela estrada para ver o que encontramos — Crowe gritou, já

incitando sua égua. Virginia foi logo atrás. Sherlock e Matty entreolharam-se e foram também.

Cerca de cinco minutos depois encontraram uma taverna — uma construção de tijolos vermelhos assentados naquele estilo diagonal peculiar que Sherlock já notara antes, com reboco branco e vigas negras. Mesas e bancos tinham sido postos do lado de fora, sobre a relva. Havia fumaça saindo da chaminé, e Sherlock sentiu o aroma de carne assada. Na mesma hora sentiu-se faminto.

Crowe parou e desmontou.

— Vamos almoçar — disse. — Matty, Virginia, fiquem aqui e cuidem dos cavalos. Sherlock, você vem comigo.

Sherlock seguiu o americano alto ao interior da taverna. O teto era baixo, praticamente oculto por uma camada de fumaça gordurosa desprendida pelo carneiro que era assado em um espeto na lareira. Serragem fresca cobria o chão. Quatro homens estavam sentados em torno de uma mesa, e olharam desconfiados para os recém-chegados. Um quinto homem estava em uma banquetta perto do balcão e nem lhes deu atenção, aparentemente mais interessado em olhar para sua bebida. O

proprietário, que estava atrás do balcão e limpava canecas com um pano, cumprimentou Amyus Crowe com um movimento de cabeça.

— Boa tarde, cavalheiros. O que vai ser: bebida, comida ou ambos? —

Quatro pratos de pão e carne — respondeu Crowe, e Sherlock ficou impressionado ao ouvi-lo falar sem seu sotaque americano habitual.

Pelo que o menino conseguia identificar, agora sua voz soava como se ele fosse um agricultor ou trabalhador de algum lugar na periferia de Londres. — E quatro canecas de cerveja.

O dono da taverna encheu as quatro canecas e as pôs sobre uma bandeja de metal. Crowe pegou uma para si e gesticulou para Sherlock.

— Leve lá para fora, garoto — disse, mantendo sua voz —local. Sherlock pegou a bandeja e a carregou cuidadosamente para a porta. Notou que Crowe se acomodava em uma banqueta próxima ao balcão.

Do lado de fora, Sherlock viu que Matty encontrara uma mesa e bancos perto da taverna. Virginia permanecia em pé ao lado de seu cavalo. Ele juntou-se a Matty, sentando-se em um banco de onde podia enxergar através de uma das janelas. Matty pegou uma caneca e começou a beber com avidez, segurando-a com as duas mãos.

Sherlock provou um gole da bebida marrom-escura. Era amarga e sem gás, e deixou na boca um sabor desagradável.

— Lúpulo não é comestível, é? — perguntou a Matty.

O menino deu de ombros.

— É possível comer, eu acho, mas ninguém come. Não tem gosto bom.

— Então, por que diabos as pessoas acham que dá para fazer uma bebida com ele? — Sei lá.

Olhando pela janela para o interior da taverna, Sherlock viu Amyus Crowe conversar com o proprietário. Pelo ângulo de inclinação de sua cabeça, Amyus parecia estar fazendo perguntas, às quais o outro homem respondia, ainda lustrando suas canecas com o pano cada vez mais sujo.

Uma garota de avental saiu da taverna carregando uma bandeja com quatro pratos de carne fumegante. Ela aproximou-se, depositou os pratos e os talheres sobre a mesa sem dizer nada e foi embora.

Virginia juntou-se aos meninos, e Sherlock afastou-se para abrir espaço para ela no banco. A menina pegou um pedaço quente de carneiro com o garfo. Quando estava com o alimento diante da boca, interrompeu o movimento.

— Você sabe que não fui eu que escrevi aquele bilhete, não é? — ela

perguntou.

— Agora eu sei. — Sherlock olhou para um ponto distante no meio da paisagem, incapaz de encará-la. — Quando recebi a carta, achei que fosse sua, mas imagino que foi porque eu quisesse que fosse sua. Se eu tivesse parado para pensar, teria percebido que não era.

— Como assim? Ele deu de ombros.

— O papel era delicado e feminino, e a letra era muito precisa. Era como se alguém estivesse tentando fingir ser uma menina. — Ele corrigiu-se. — Quero dizer, uma mulher. Uma jovem mulher. Quero dizer... — Já entendi o que quer dizer. —

Virginia deu um ligeiro sorriso. — Então, o que o faz pensar que não costumo usar papel delicado, ou que minha escrita não é cuidadosa? Dessa vez ele conseguiu encará-la, e o contato visual durou um bom tempo.

— Você não é como qualquer outra menina que conheci na Inglaterra —

explicou. — É única. Ainda estou tentando entendê-la, mas acho que, se quisesse que eu fosse a algum lugar, como a uma feira, você simplesmente teria me convidado. — Ele parou por um momento e pensou. — Ou ainda, mais provavelmente, me comunicado — acrescentou.

Dessa vez foi ela quem corou.

— Acha que sou mandona demais? — Não demais. Só o bastante.

Matty olhava de um para o outro.

— Do que vocês tão falando? — Nada — Sherlock e Virginia responderam em coro.

Sherlock olhou pela janela mais uma vez e viu que Crowe juntara-se aos quatro homens sentados em torno de uma das mesas. Eles pareciam estar se entendendo bem. Crowe acenou para o proprietário da taverna, que começou a encher mais canecas com a cerveja de uma jarra de metal que estava sobre o balcão.

— Seu pai é um homem interessante — Sherlock comentou, virando-se para Virginia.

— Ele tem seus momentos.

— O que ele fazia lá na América? — Era rastreador.

— Como assim? Caçava animais? A jovem balançou a cabeça.

— Não. Caçava homens. Rastreava assassinos que tinham fugido da justiça, e índios que atacavam assentamentos remotos. Ele os perseguia durante dias em regiões selvagens, até aproximar-se o suficiente para surpreendê-los.

Sherlock não conseguia acreditar no que ouvia.

— E fazia o que com eles? Entregava-os à justiça? — Não — ela murmurou. De repente, Virginia levantou-se e voltou para perto dos cavalos.

Sherlock e Matty ficaram em silêncio por um tempo, ocupados cada um com os próprios pensamentos. Algum tempo depois Amyus Crowe saiu da taverna e juntou-se aos garotos, espremendo seu corpo volumoso entre o banco e a mesa.

— Interessante — ele disse, retomando o sotaque americano.

— O que aconteceu? — Sherlock perguntou. — O que eles sabiam sobre a casa? — E como você fez com que eles respondessem às suas perguntas? — Matty acrescentou. — É um estranho por aqui, e as pessoas não costumam se abrir com desconhecidos.

— Então, o melhor é não ser mais um desconhecido — ele respondeu. — Se passar algum tempo sentado ali, conversando com o proprietário, você se torna parte do mobiliário. Depois você se aproxima, entra na conversa se vir uma abertura, e revela alguma coisa sobre si mesmo... quem é, por que está aqui. Eu disse a eles que tava pensando em comprar uma fazenda e criar porcos, porque os novos soldados em Aldershot vão precisar de muita comida. Eles queriam saber quantos soldados vão ser alojados lá, e passamos a falar sobre oportunidades de negócios.

Perguntei se havia alguém por aqui que talvez estivesse interessado em investir numa oportunidade, ou que tivesse terra sobrando, e eles me falaram da propriedade nesta estrada. O proprietário é um homem chamado Maupertuis — um barão, aparentemente, e estrangeiro.

Sherlock olhou para Matty e sorriu. Crowe parecia ter esquecido que também ele era um estrangeiro neste país.

— Ninguém jamais viu esse barão Maupertuis, e todos os empregados da casa chegaram com ele, não foram contratados por aqui, o que não faz dele uma pessoa muito simpática, na visão dos moradores. Suprimentos e tudo o mais são trazidos de outro lugar, e não comprados na região. Enfim, o dono da taverna estava ouvindo nossa conversa e contou que o barão mudou-se hoje cedo. Aparentemente, um comboio de carroças passou pela estrada, todas carregadas de caixas e mobília, e no final do comboio havia uma carruagem negra. Depois de um tempo, ele viu mais carroças, essas carregadas com caixotes grandes cobertos por lençóis. Suspeito que essas eram as colmeias que você mencionou, jovem. Eles devem ter usado

fumaça para acalmar as abelhas e fazê-las dormir. É assim que fazem os apicultores de verdade quando transportam suas colmeias.

— Eles levaram as colmeias embora? Por quê? Amyus Crowe assentiu.

— Essa é uma pergunta muito boa. Se é o caso de uma fuga apressada, por que levar as colmeias junto? Isso só vai atrasar as coisas, e abelhas não são algo impossível de arranjar em outro lugar. — Ele refletiu por um momento. — Parece que a fuga de vocês afugentou-os. Eles não podiam correr o risco de que vocês os denunciassem e a polícia aparecesse ali para investigar. Por isso se mudaram para outro local, e nós precisamos descobrir para onde.

— Podemos segui-los — Sherlock sugeriu.

Crowe balançou a cabeça.

— Eles estão com uma vantagem muito grande.

— Devem estar viajando devagar — o jovem insistiu. — Estão transportando as colmeias. Uma pessoa a cavalo pode alcançá-los.

— São muitas as rotas que eles podem ter seguido — Crowe argumentou.

— Um longo comboio de carroças? As pessoas iriam ver e se lembrariam. E

eles não vão seguir por estradas rurais em más condições de conservação. Vão usar as vias principais. Isso reduz o número de opções.

Crowe sorriu.

— Bem pensado, rapaz.

— O senhor já havia pensado nisso? — indagou Sherlock, franzindo a testa.

— Sim, mas não queria dar as respostas de bandeja para você. Eu queria ver se você seria capaz de pensar em quais deveriam ser os próximos passos, especialmente comigo insistindo na direção contrária. — Crowe levantou-se. —

Conheço algumas pessoas perto de nossa casa que têm cavalos e gostariam de receber alguns xelins. Vou mandá-los atrás do tal comboio. Sugiro que você volte à mansão Holmes e procure apaziguar sua família. Diga-lhes que esteve comigo o tempo todo, isso deve tranquilizá-los. Darei um pulo lá amanhã para contar o que descobri.

Os quatro voltaram juntos, trotando por estradas secundárias e trilhas até se aproximarem de Farnham, e então se despediram. Matty seguiu para o local onde deixara seu barco, enquanto Crowe e Virginia prosseguiram rumo ao chalé em que moravam. Sherlock manteve sua égua parada por um instante enquanto absorvia todos os acontecimentos daquele dia, deixando-os transformarem-se em memórias, em vez de em um amontoado de impressões sensoriais. Pouco depois, guiou seu animal para a mansão Holmes.

Quando chegou, parou um momento para pensar onde deixaria a égua. Afinal, não era dele. Por outro lado, o proprietário anterior parecia ter abandonado o animal, e era muito melhor poder cavalgar que pedalar aquela bicicleta velha e

desengonçada que Matty encontrara. Por fim, Sherlock deixou a égua no estábulo com um fardo de feno. Se ela ainda estivesse lá no dia seguinte, ele interpretaria como um sinal de que deveria ficar com o animal.

O jantar estava sendo servido quando ele entrou na casa. Tinha de comportar-se normalmente, como se nada houvesse acontecido, como se o mundo estivesse exatamente igual ao que era naquela manhã. Ele olhou de relance para as roupas que vestia, tirou um pouco da poeira do paletó com as mãos e dirigiu-se à sala de jantar.

A refeição foi uma experiência surreal. Sua tia tagarelava sobre nada em particular, como sempre, e seu tio lia um livro grande enquanto comia, resmungando alguma coisa de vez em quando. A Sra. Eglantine olhava para Sherlock de seu posto perto da parede. Era difícil juntar a atmosfera calma e civilizada e o fato de ele ter sido nocauteado,

sequestrado, condenado à morte e escapado, tudo nas últimas poucas horas. Estava faminto, apesar da carne que comera na taverna, e encheu o prato com pedaços fumegantes de frango e vegetais, depois cobriu tudo com molho.

— Parece que você está de volta da guerra, Sherlock — a tia comentou enquanto comiam a sobremesa. Isso foi o mais próximo que ela chegou de fazer uma pergunta direta ao sobrinho.

— Eu... caí — ele disse, consciente dos cortes que ainda ardiam no rosto e nas orelhas. — Não estou habituado a andar de bicicleta.

A resposta pareceu satisfazer à senhora, que continuou a murmurar seu eterno monólogo.

Assim que foi possível, Sherlock pediu licença e foi para o quarto. Pretendia ler um pouco e depois, talvez, escrever parte dos eventos do dia em um diário, para que não os esquecesse, mas assim que se deitou teve dificuldade para manter os olhos abertos, e, momentos depois, adormeceu ainda vestido.

Sherlock acordou quando estava escuro lá fora e corujas piavam ao longe. O

menino despiu-se e enfiou-se sob o lençol áspero. Depois caiu num sono profundo, como alguém que mergulha em um lago escuro e misterioso.

O dia seguinte nasceu radiante. Amyus Crowe estava no saguão de entrada quando Sherlock desceu para o café. Ele vestia um terno de linho branco e um chapéu de aba larga.

— Vamos a Londres — Crowe anunciou ao vê-lo. — Preciso resolver alguns negócios, e seu tio deu-me permissão para levá-lo comigo. Será uma aula.

Visitaremos galerias de arte, e vou ensinar-lhe um pouco da história associada àquela grande cidade.

— Virginia também vai? — Sherlock perguntou sem pensar, e imediatamente desejou poder recuperar as palavras, mas Crowe apenas sorriu, e seus olhos brilhavam.

— Sim, é claro — disse. — Eu não poderia deixá-la sozinha aqui no campo, não é? Que tipo de pai eu seria? — Por que Londres? — Sherlock indagou em voz baixa quando terminou de descer a escada.

— O comboio de carroças foi para lá — Crowe respondeu em tom igualmente baixo. — Desconfio que ele tenha outra casa lá, em algum lugar.

Com um quase inaudível farfalhar de saias, a Sra. Eglantine saiu das sombras no fundo do saguão.

— Você deveria tomar seu café antes que eu tenha de tirar a mesa, jovem senhor Sherlock — ela disse, com a voz carregada de uma antipatia suficiente para ser perceptível, mas não para que o menino se sentisse ofendido.

— Obrigado — ele disse, e então se virou para Crowe. — Vamos sair imediatamente? — Vá forrar o estômago — ele respondeu. — Vai precisar de energia. Prepare uma maleta para passar dois dias fora. Esperarei na carruagem lá fora. — Crowe virou-se para a Sra. Eglantine e tirou o chapéu com uma mesura exagerada. — Senhora — disse, saindo em seguida.

Sherlock comeu o mais rápido que pôde, quase sem sentir o sabor dos alimentos. Londres! Ele iria para Londres! E se tivesse muita sorte, poderia ver Mycroft enquanto estivesse lá! Amyus Crowe esperava em uma carruagem de quatro rodas do lado de fora da mansão Holmes. Virginia estava sentada ao lado dele. Parecia desconfortável, ou por estar usando um vestido cheio de babados e um gorro, ou por estar enfiada no veículo fechado, em vez de ao ar livre.

— Você está bonita — Sherlock disse ao sentar-se na frente da menina, enquanto o condutor guardava sua maleta com o restante da bagagem. A jovem encarou-o carrancuda.

O barulho das rodas sobre as pedras do calçamento quando a carruagem partiu abafou sua resposta, mas Sherlock não tinha certeza de que desejava ouvi-la.

Quando chegaram à estação de Farnham, Matty aguardava-os. Amyus Crowe sorriu para o rapaz.

— Recebeu minha mensagem, então? — Fui acordado pelo cara que a entregou. Como soube onde meu barco tava ancorado? — É meu trabalho saber onde está tudo. Meu trabalho e meu deleite particular, também. Quer viajar, meu jovem? — Não tenho muda de roupas nem nada — Matty respondeu.

— Compraremos tudo de que você precisar quando chegarmos a Londres.

Agora, vamos arranjar nossas passagens.

Crowe comprou quatro passagens de segunda classe para Londres, e o grupo desceu à plataforma da estação, enquanto o condutor da carruagem descarregava a bagagem de todos. Ele calculara com perfeição: o trem chegou dez minutos depois, um enorme leviatã, soprando vapor pela frente tubular, os pistões subindo e descendo como braços mecânicos, e as rodas de metal, quase tão grandes quanto

Sherlock, rangendo contra os trilhos.

— Uma locomotiva da categoria Saxão projetada por Joseph Beattie

—

Amyus observou. — Chamada genericamente de 2-4-0. Sherlock, pode me dizer por quê? — Por que Saxão? Ou por que 2-4-0? Amyus assentiu.

— Obter uma informação apropriada depende, sobretudo, da formulação adequada da pergunta — disse. — Refiro-me à designação 2-4-0. Suspeito que a parte do Saxão seja só um capricho histórico concebido pelo engenheiro. Ele também projetou uma locomotiva que chamou de Nelson.

Sherlock deteve-se a observar a locomotiva. As rodas, ele percebeu, não eram separadas por espaços iguais, mas reunidas em grupos.

— Eu diria que é pelo arranjo das rodas — ele arriscou —, mas não deve ser isso.

— Na verdade, é isso mesmo — respondeu Crowe. — Há duas rodas em um eixo único na frente, que giram de forma independente, para permitir que a locomotiva transite nas curvas. Depois, há outras quatro rodas presas ao motor, em dois eixos. Essas são as rodas de tração.

— E quanto ao 0? — Sherlock perguntou.

— Algumas máquinas têm um conjunto de rodas na parte de trás — explicou Crowe. — O “0” indica que esta locomotiva específica não tem esse terceiro jogo.

— Então ela tem um número para indicar que não há nenhum número

—

Sherlock disse.

— Correto — o tutor sorriu. — Pode não ser muito sensato, mas é eminentemente lógico, se você aceitar o sistema que eles adotaram.

Eles escolheram um vagão e acomodaram-se para a jornada. Sherlock nunca estivera dentro de um trem antes, e tudo ali era novidade para ele: a vibração dos assentos, das janelas e das paredes quando estavam em movimento; a fumaça com aquele estranho odor adocicado que pairava no ar; o jeito como a paisagem passava depressa do lado de fora, efêmera mas com uma curiosa consistência. Matty estava abismado e nervoso; Sherlock suspeitava de que o menino nunca antes tivesse experimentado o modesto luxo de um compartimento de segunda classe.

Os bosques desapareceram rapidamente, dando lugar a campos cultivados não com milho, nem com trigo ou cevada; aquelas plantas eram compridas e marrons, tinham pequenas folhas verdes e enroscavam-se em torno de estacas de até uns dois metros de altura cravadas na terra. Sherlock estava prestes a perguntar a Crowe que tipo de planta era aquela quando Matty, notando seu interesse, inclinou-se para a frente para dar uma olhada.

— Lúpulo — disse de forma sucinta. — Para as cervejarias. Essa área é famosa pela qualidade da cerveja que produz. Existem trinta pubs e tavernas só em Farnham.

E assim a jornada prosseguiu, com uma mudança de trens em Guildford, até o grande terminal da estação Waterloo, na efervescente metrópole de Londres.

O lugar no qual Mycroft Holmes morava e trabalhava.



CAPÍTULO DOZE

A ESTAÇÃO WATERLOO CONSISTIA EM uma massa humana inquieta que seguia em todas as direções, carregando todo tipo de caixas, pacotes, malas e baús, tudo sob um enorme teto em arco feito de metal e vidro. O calor do sol era multiplicado pelo vidro, e isso tornava a estação um lugar mais quente que as ruas que a cercavam. Trens deslocavam-se para suas plataformas e cuspiam nuvens de vapor e mais gente ainda, o que aumentava o calor. Sherlock já sentia suor

acumulado no colarinho.

Amyus Crowe imediatamente contratou um carregador e mandou que ele tirasse a bagagem do trem. O carregador, então, acompanhou-os para o lado de fora da estação, até o local onde várias carruagens de aluguel recolhiam passageiros, que formavam uma longa fila. Uma pequena gorjeta convenceu o carregador a levá-los aonde as carruagens recém-chegadas paravam para deixar os passageiros antes de juntarem-se à fila das que aguardavam. Após um breve regateio, eles acomodaram-se em um veículo: entraram por uma porta, enquanto os passageiros anteriores saíam pela outra.

O tutor de Sherlock parecia conhecer Londres, e ordenou ao condutor que os levasse ao hotel Sarbonnier. A carruagem partiu, com Sherlock debruçado em uma janela para ver os arredores, e Matty espiando pela outra.

Os edifícios ali eram imensos quando comparados aos de Farnham, Guildford e outras cidades às quais Sherlock estava habituado. Vários chegavam a ter cinco ou seis andares. Muitos tinham colunas que compunham pórticos e fileiras de esculturas sobre a linha do telhado — algumas claramente retratavam figuras humanas; outras, criaturas míticas com asas, chifres e presas.

Poucos minutos depois eles passavam por uma ponte sobre um rio muito largo.

— É o Tâmis? — perguntou Sherlock.

— Sim — confirmou Crowe. — Um dos rios mais sujos, congestionados e terríveis que tive o desprazer de conhecer.

Ao deixarem a ponte, no outro lado do rio, a carruagem dobrou algumas esquinas até chegar a um prédio construído com pedras alaranjadas. O condutor desceu e ajudou a descarregar a bagagem. Três carregadores emergiram de uma porta giratória na frente do prédio e levaram as malas.

Após entrarem no impressionante saguão de pilares brancos com bases esculpidas, teto de mosaico e piso de mármore, Amyus Crowe dirigiu-se a um longo balcão de madeira.

— Três quartos, por duas noites — ele disse ao funcionário uniformizado atrás do balcão.

O homem assentiu.

— Certamente, senhor — disse, e pegou três chaves de um quadro atrás de si. Quando voltou a virar-se, acrescentou: — O senhor se incomodaria de assinar o livro de registro de hóspedes? Crowe assinou o livro com um floreio, e o recepcionista entregou-lhe as chaves. Elas estavam presas a grandes bolas de bronze

— provavelmente, Sherlock pensou, para que não fossem perdidas facilmente.

— Sherlock e Matthew, vocês ficarão juntos em um quarto — disse Crowe, dando-lhes uma chave. — Virginia terá um quarto para si, e eu ficarei com o terceiro. Sua bagagem será levada a seus aposentos. Matthew, sugiro que procuremos um lugar onde possamos providenciar-lhe roupas e objetos de uso pessoal. — Ele olhou para o menino com um ar crítico. — E um corte de cabelo —

acrescentou. — Sherlock, Virginia, sugiro que deem uma volta lá fora. Virem à direita e sigam até o final da rua, e lá encontrarão algo que talvez julguem interessante. Estejam de volta em uma hora, para o almoço. Caso se percam, peçam informações sobre como voltar ao hotel Sarbonnier.

Acatando a sugestão, Sherlock levou Virginia para fora e virou à direita. Os dois foram imediatamente tragados pela multidão agitada que seguia na mesma direção. Preocupado com a possibilidade de serem separados um do outro, Sherlock estendeu a mão para puxar Virginia para perto. Mas foi a mão da menina, macia e morna, que segurou a sua por um momento. O coração de Sherlock parecia bater duas vezes mais rápido que de costume. Ele a fitou, surpreso. Virginia encarou-o e sorriu, estranhamente tímida.

Em poucos minutos eles chegaram ao final do quarteirão de edifícios. Ali a rua abria para uma praça larga, dominada por uma coluna muito alta que se erguia de um pedestal no centro. Por um instante, Sherlock pensou que houvesse um homem em pé sobre o pilar, e sua mente voltou como um raio à mansão Holmes, onde o tio falara certa noite, durante o jantar, sobre os eremitas ascetas religiosos que abandonavam vida e família para viver no alto de postes, a meditar sobre a natureza de Deus e a comer apenas o que transeuntes lhes jogassem. Um momento de atenção e Sherlock percebeu que a figura no topo da coluna não era uma pessoa viva, mas uma estátua que fora esculpida para dar a impressão de que usava um uniforme da Marinha.

— Quem é aquele? — Virginia perguntou, fascinada.

— Creio que seja o almirante Nelson — respondeu Sherlock. — E, nesse caso, estamos na Trafalgar Square. A estátua e a praça são uma homenagem a uma

famosa vitória naval em 1805.

Na base do pilar havia duas fontes cujos jatos de água brilhavam com todas as cores do arco-íris sob o sol cintilante. Estavam no coração de Londres. Aquele era o ponto central de um Império que se estendia até o outro lado do globo.

E em algum lugar perto dali o irmão de Sherlock, Mycroft, devia estar sentado atrás de uma escrivaninha, ajudando a administrá-lo.

Eles caminharam pela praça por algum tempo, observando as pessoas e apreciando os belos edifícios que se enfileiravam pelas ruas, depois voltaram ao hotel. Chegaram bem na hora: Amyus Crowe esperava por eles no saguão. Com ele havia um menino mais ou menos da mesma idade de Matty Arnatt, mas com cabelos arrumados e roupas decentes, e uma expressão carrancuda no rosto. Sherlock levou alguns segundos para perceber que aquele *era* Matty.

— Não — Matty avisou. — Simplesmente... não.

Sherlock e Virginia riram.

Juntos, os quatro seguiram para o restaurante do hotel e pediram o almoço.

Estavam cercados por mulheres vestidas com seda, crinolinas, penas de pavão, chapéus e luvas, e homens de bigodes brilhantes que trajavam casaca, mas ninguém olhou para eles duas vezes. Foram aceitos como uma família em visita à capital do país mais importante do planeta.

Sherlock pediu costeletas de carneiro, que estavam no ponto certo —

avermelhadas no centro —, acompanhadas de batatas e feijão. Matty e Amyus Crowe escolheram torta de carne e pudim de rim, enquanto Virginia, mais arrojada, aventurou-se com o frango servido com creme e molho francês e pimenta-do-reino.

Enquanto comiam, Amyus Crowe expôs rapidamente a razão de estarem em Londres.

— Antes de virmos, enviei um telegrama a um conhecido meu nesta bela cidade — ele contou entre bocados de comida. — Uma espécie de parceiro de negócios.

Sherlock perguntou-se por um instante em que tipo de “negócio” Crowe estava envolvido, pois ele nunca o mencionara antes. O americano, porém, continuou a falar: — Contei-lhe por qual estrada o comboio de carroças dirigia-se à capital, e pedi que ele o interceptasse e descobrisse seu destino final. Disse-lhe onde estaríamos hospedados, e há pouco ele me enviou um telegrama que informava que as carroças descarregaram várias caixas e afins em um galpão num lugar chamado Rotherhithe. E me disse onde fica o galpão.

— Rotherhithe? — Sherlock perguntou.

— Sim, alguns quilômetros rio abaixo. Uma região pouco salutar, que oferece diversão a marinheiros em terra e na qual várias cargas são armazenadas antes de ser embarcadas nos navios. Não é um lugar onde alguém queira estar

depois do anoitecer. — Ele balançou a cabeça, com ar insatisfeito. — Normalmente, eu não correria o risco de levá-los até lá, mas esse assunto é importante demais. O

barão trama alguma coisa, e ela é muito importante, para que ele esteja disposto a matar por isso. Na verdade, ele já matou. E não irá sentir mais remorso ao eliminar vocês dois que o que sentiria ao pisar uma aranha. O problema é que temos de conferir se as caixas nas carroças são as colmeias que você viu em Farnham, e isso significa que preciso que venha comigo a Rotherhithe, para dar uma olhada, Sherlock. Mas aviso: pode ser perigoso. Muito perigoso.

Sherlock assentiu devagar.

— Eu aceito o risco. Quero descobrir o que está acontecendo, por que ele insiste em tentar me matar.

Crowe olhou para Matty, que comia ervilhas com uma colher.

— Quanto a você, meu jovem, suponho que já tenha visto muitos cais e galpões, considerando que passa a vida a viajar em seu barco. E também suponho que saiba se defender em uma briga.

— Se houver uma briga — Matty respondeu com a boca cheia de ervilhas

—, eu corro. Se não puder correr, eu bato baixo e bato forte.

— Eu mesmo não teria me expressado melhor — Crowe assentiu. — Irei com vocês, é claro, mas é possível que tenhamos de nos separar para observar áreas diferentes.

— E eu? — A voz de Virginia soou com um tom agudo de indignação, e seus olhos cor de violeta cintilavam perigosamente. — O que vou fazer? — Você fica aqui — Crowe respondeu com seriedade. — Sei que é capaz de defender-se em um aperto, mas não tem ideia do que pode acontecer com uma jovem mulher em Rotherhithe. As pessoas que vivem naquela área são piores que animais. Eu jamais me perdoaria se algo acontecesse a você; não depois de... — Ele deteve-se repentinamente. Sherlock olhou para Virginia e viu que seus olhos se encheram de lágrimas. — Fique aqui — Crowe repetiu. — Se nos separarmos, precisaremos saber que alguém aqui poderá receber nossas mensagens e retransmiti-las. Essa é sua tarefa.

Virginia assentiu com a cabeça, sem dizer nada.

Crowe olhou para os dois meninos.

— Iremos assim que estiverem prontos — disse.

Quando atravessavam o saguão do hotel, Sherlock virou-se e olhou para Virginia. Ela o encarava. A jovem tentou sorrir, mas o gesto saiu como uma careta de preocupação. Sherlock sorriu de volta, tentando tranquilizá-la, mas suspeitava de que sua expressão não tivesse sido muito mais convincente que a dela.

Em vez de alugar uma carruagem que os levasse a Rotherhithe, Crowe conduziu os garotos pela margem do Tâmis, onde degraus de pedra esverdeados

devido à presença de algas desciam até o rio malcheiroso e poluído. A margem do outro lado estava escondida por uma nuvem de fumaça e um miasma marrom que parecia erguer-se do próprio rio. Um barco balançava sobre a água. O proprietário estava sentado na proa e fumava um cachimbo.

— Rotherhithe — Crowe ordenou em um tom seco, e jogou-lhe uma moeda.

O homem assentiu, pegou a moeda com agilidade e a mordeu, para garantir que fosse legítima. Crowe e os meninos acomodaram-se na popa, enquanto o condutor manejava os remos e colocava a

embarcação em movimento.

Sherlock achou a viagem estranha e perturbadora. Havia água no fundo do barco, e o menino tentava não olhar para as coisas que flutuavam no rio: detritos humanos, ratos mortos e pedaços de madeira podre recobertos de algas. O cheiro era tão ruim que Sherlock precisava respirar pela boca, e mesmo assim tinha certeza de que podia sentir a fedentina, que cobria sua língua e o fundo da garganta. Ele sentia náusea. Em certo momento outro barco surgiu da névoa e passou próximo a eles.

Alguém gritou um palavrão, e o barqueiro respondeu com um gesto que Sherlock nunca vira antes, embora pudesse traduzir muito bem.

Foram necessários uns vinte minutos para chegar a Rotherhithe, e lá eles desembarcaram em uma escada quase indistinguível daquela pela qual tinham começado o percurso. Crowe subia à frente.

Uma via estreita calçada com pedras irregulares acompanhava o curso do rio e inclinava-se para a rua nas duas margens. Crowe conduziu Matty e Sherlock por ela, passando por imponentes galpões e muros de tijolos, seguindo o fétido Tâmesa e abrigando-se nas sombras sempre que possível. Depois de uns dez minutos, aproximadamente, ele parou. Do outro lado da rua, via-se uma das inúmeras tavernas que era possível encontrar por toda a metrópole. A música estridente de um piano vertical desafinado escapava pela porta e pelas janelas, misturada a uma confusão de vozes que cantavam letras diferentes para a mesma canção. Diversas mulheres abrigavam-se sob o batente de uma porta, e antes de afastarem o olhar ao notarem a presença de Sherlock e Matty observaram Amyus Crowe com interesse.

— Acredito que o galpão fique logo depois da esquina — murmurou Crowe.

Sua atenção estava voltada para tudo em torno deles, à procura de ameaças. —

Acho melhor pararmos um pouco e observarmos a área.

— E se formos vistos? — Sherlock perguntou.

— Eu costumava caçar em Albuquerque — Crowe disse. — Rastreava algumas das feras mais perigosas de lá.

Há certas coisas que se pode fazer para reduzir as chances de ser descoberto.

Para começar, não faça contato visual, porque todos os animais logo identificam olhos. Olhe para as coisas pela visão periférica — é mais eficaz que olhar diretamente para elas, embora não dê para distinguir muito bem as cores. Não se

movimente, se puder evitar, porque os olhos são adaptados para detectar movimento, e não coisas que estejam imóveis. Vista roupas sóbrias, com cores que são encontradas na natureza — o cinza das pedras, o verde do musgo, o marrom da terra.

E não use nada de metal, porque metal não é encontrado na natureza em grandes quantidades. Sigam essas regras, e vocês poderão ficar encostados até em uma parede de tijolos, que as pessoas irão passar os olhos por vocês sem vê-los, e acabarão por voltar-se para algo mais interessante.

— Isso parece magia — Sherlock respondeu, cético.

— Tal qual a maioria das coisas, até que se descubra como são feitas.
—

Crowe olhou para os meninos com ar crítico. — Esses cortes no seu rosto vão ajudá-lo a misturar-se ao ambiente, Sherlock, mas vocês dois estão um pouquinho limpos demais para esta região. Terão de emporcalhar-se um pouco. — Ele olhou em volta. — Muito bem, quero que rolem pelo chão uns minutos. Sujem suas roupas.

— Isso não irá parecer suspeito? — Sherlock perguntou.

— Não se vocês tiverem um motivo — explicou Crowe. — Matty, empurre o nosso jovem Sherlock.

— O quê? — Matty reagiu.

— Faça o que eu digo. E, Sherlock, acerte o ombro de Matty.

A compreensão iluminou a mente de Sherlock.

— E vamos acabar nos atracando no chão, o que vai ajustar nossas roupas ao ambiente e indicar que fazemos parte daqui. Se não fôssemos da região, não brigaríamos no meio da rua.

— Exatamente — Crowe respondeu em aprovação.

Sherlock estava prestes a perguntar por quanto tempo deveriam brigar quando Matty empurrou-o, pondo as duas mãos em seu peito.

— Eu *disse* a você! — ele gritou.

Sherlock conteve um impulso de revidar com um soco no queixo de Matty e acertou-o no ombro.

— Não se atreva — ele respondeu com outro grito, sentindo-se um pouco constrangido.

Matty atirou-se sobre Sherlock, jogando-o no chão. Em poucos segundos os dois rolavam atracados, levantando nuvens de poeira. Sherlock agarrou o braço de Matty, que o segurou pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás.

Sherlock estava quase esquecendo que a briga era só uma encenação quando as enormes mãos de Amyus Crowe agarraram seus ombros e os ombros de Matty e içaram os meninos.

— Já chega, vocês dois — ele disse, empregando mais uma vez a voz —inglesa, porém com um tom mais áspero.

Os dois garotos ficaram frente a frente, tentando conter um sorriso, apesar do perigo da situação. Sherlock olhou-se: o paletó estava rasgado na manga, e tudo nele estava coberto de poeira, pelos de cavalo e outras coisas nas quais ele preferiria nem pensar.

— Não se preocupem — disse Crowe. — Isso sairá quando lavadas. E, se não sair, compraremos roupas novas. Bens materiais sempre podem ser substituídos.

Um bom caçador sabe que qualquer objeto pode ser sacrificado quando se persegue uma presa.

— Que tipo de animais você caçava? — Matty perguntou.

— Eu não disse que eram animais — respondeu Crowe.

Antes que qualquer um dos meninos pudesse pedir explicações sobre essa resposta, ele afastou-se. Os dois seguiram-no, trocando olhares apreensivos.

Crowe parou em uma esquina e olhou para o outro lado.

— O galpão fica ali do outro lado — disse em voz baixa. — Sherlock, fique aqui. Abaixese e brinque com algo: pedras, se conseguir encontrar algumas.

Lembre-se: não faça contato visual, mas observe os arredores com o uso da visão periférica. Matty, você vem comigo. Tomará conta dos fundos do galpão, e eu ficarei em movimento entre vocês dois, indo de um a outro.

— O que estamos procurando? — Sherlock perguntou.

— Coisas que não pareçam normais. Algo que possa nos dizer o que está acontecendo aqui.

Crowe afastou-se com Matty, tendo uma das mãos apoiada no ombro do garoto; enquanto isso, Sherlock seguia suas instruções, agachando-se, pegando um pedregulho do chão e rolando-o de um lado para o outro. Era uma brincadeira tediosa, mas bastava para fazê-lo parecer parte do cenário, e ele logo descobriu que, enquanto aparentemente brincava com a pedra, conseguia acompanhar o que acontecia à sua volta com o uso da visão periférica.

O galpão era um edifício de tijolos cuja frente era constituída quase inteiramente de duas enormes portas de madeira com dobradiças, de modo que se abriam para a rua. Não havia nada de obviamente suspeito ali, e Sherlock perguntava-se se estavam vigiando o lugar certo, ou apenas um prédio escolhido aleatoriamente.

Amyus Crowe voltou após o que pareceu terem sido horas, mas, na verdade, não deviam ter sido muito mais de trinta minutos. Embora vestisse as mesmas roupas de antes, e não tivesse se emporcalhado tão ostensivamente quanto Sherlock e Matty, ele parecia desalinhado. O paletó estava abotoado errado, o que lhe dava uma aparência torta, e a camisa pendia para fora da calça. Ele cambaleava levemente e olhava para o chão à frente dos pés. Parou perto de Sherlock e caiu contra a parede.

— Tudo bem? — ele murmurou.

— Não aconteceu nada — Sherlock respondeu em um tom igualmente baixo.

— Você está bem? — Estou entediado.

Crowe riu.

— Bem-vindo à caça. Longos períodos de tédio interrompidos por momentos de euforia e terror. — Depois de uma breve pausa, Amyus continuou: — Acho que vou dar um pulo naquela taverna ali, ver o que estão dizendo.

— Certo. Não dá para me mandar um copo d'água, não é? — Filho, capaz de a água do Tâmis ser melhor para beber que a de qualquer taverna daqui. Se sentir fome ou sede, apenas registre o fato e o esqueça. Não fique pensando nisso.

Um ser humano pode passar três, quatro dias sem água. Repita isso para si mesmo.

— É fácil falar.

Crowe riu.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — Sherlock disse, querendo manter Crowe ali por mais alguns momentos.

— Claro.

— O que o senhor está fazendo na Inglaterra? O que é aquele —negócio que o senhor mencionou hoje cedo? Crowe sorriu sem exibir nenhum traço de humor e desviou a vista, sem olhar para Sherlock.

— Não foi para ser tutor, isso é certo — disse com um tom suave —, embora essa atividade esteja se tornando um passatempo interessante. Não, fui contratado por... Bem, para facilitar, digamos que foi pelo Governo norte-americano, para procurar homens que tenham cometido crimes, atrocidades, coisas terríveis durante a recente Guerra Civil e deixado o país sem que a mão da justiça pudesse cair sobre eles. Foi assim que conheci seu irmão: ele assinou o acordo que permite que eu esteja aqui. E é por isso que tenho desenvolvido uma rede de contatos úteis, especialmente em docas e portos. Então, quando você me contou que o barão iria acelerar o plano, seja ele qual for, só precisei enviar o pedido de que procurassem as carroças. E devo dizer que fiquei surpreso com a facilidade com que minha gente as encontrou. — Ele voltou a olhar para Sherlock. — Satisfeito? O menino assentiu.

— Não contei essa história a muitas pessoas — Crowe acrescentou. —

Ficarei grato se não a espalhar. — Ele se afastou antes que Sherlock pudesse dizer qualquer coisa.

Sherlock continuou a brincar, rolando a pedra de um lado para o outro, enquanto os minutos passavam lentamente. Ele observava as portas do galpão, mas elas estavam fechadas e nada acontecia à volta. Sherlock já começava a pensar que não havia nada a ser descoberto

ali.

Um barulho repentino que soou atrás de Sherlock quase o fez se virar e olhar, mas ele conteve o impulso em tempo. Deixou o pedregulho rolar um pouco mais

longe, virando-se para pegá-lo e dirigindo o olhar para conseguir enxergar a taverna.

Uma das portas estava aberta e um grupo de homens saía, obviamente alterado pela bebida. Eles reclamaram por um momento, depois se viraram e caminharam na direção de Sherlock. O menino concentrou-se na pedra, escutando para ver se falavam sobre o galpão, ou sobre as colmeias, ou o barão Maupertuis, ou qualquer coisa relacionada com o mistério.

— Quando vamos partir? — perguntou um deles.

— Amanhã cedinho — outro respondeu. Havia algo de familiar na voz, mas Sherlock não conseguia determinar o que era.

— Quem tem a escalação? — perguntou uma terceira voz.

— Tá tudo na minha cabeça — respondeu o segundo homem. — Você vai para Ripon; Snagger, para Colchester; o garoto Nicholson aqui vai para Woolwich, e eu volto para Aldershot.

— Não posso ir para Ascot? — indagou uma voz com sotaque do norte do país; talvez o garoto Nicholson.

— Você vai para onde mandam, querido — respondeu o segundo homem.

Enquanto falava, ele passou perto de Sherlock. Seu pé acertou a pedra, chutando-a para o outro lado do beco. Sem querer, Sherlock levantou a cabeça e encarou o desconhecido.

Era Denny, o homem que Sherlock seguira até o galpão em Farnham, o que estivera presente quando seu amigo Clem pulara no barco de Matty para atacá-los.

O homem que trabalhava para o barão Maupertuis.

Era o fim da invisibilidade. O rosto de Denny no mesmo instante ficou vermelho de raiva.

Sherlock rolou para o lado quando mãos tentaram agarrá-lo. Ele se

levantou de um salto e correu pelo beco. Queria fugir para a taverna, até Amyus Crowe, mas os homens estavam no caminho até a porta. Então Sherlock foi para o lado oposto, para cada vez mais longe de Crowe, de Matty e de tudo o que conhecia.

Atrás do menino, passos retumbavam e ecoavam nas paredes dos prédios. O

ar arranhava sua garganta e o coração batia como se fosse algo preso dentro de sua caixa torácica, debatendo-se para sair. Duas vezes ele sentiu dedos que tocavam sua nuca e tentavam agarrar a gola de sua camisa, e duas vezes precisou desvencilhar-se com uma desesperada explosão de energia. Os perseguidores rosnavam com o esforço enquanto corriam, mas, com exceção desses ruídos, do retumbar das botas no chão e das batidas do coração de Sherlock, a perseguição acontecia em absoluto silêncio.

Quando estava no meio do beco, Sherlock percebeu que ele terminava em uma parede de tijolos. Seus olhos arregalaram-se. Estava encurralado! Virou-se, tentando desesperadamente calcular se tinha tempo suficiente para voltar correndo e

achar outro caminho, mas os homens aproximavam-se. Eram cinco, ele notou com uma espécie de calma apavorada, e todos portavam facas ou porretes. Sherlock não sairia vivo dessa.

De repente, uma voz soou muito claramente em sua cabeça, e ele não conseguia saber se era a voz de seu irmão, de Amyus Crowe ou a sua, mas ela dizia:

—Becos e ruas levam de um lugar a outro. Um beco que termina em uma parede de tijolos é algo ilógico. Não tem propósito, e por isso não deveria ter sido construído.

Sherlock virou-se de novo e esquadrinhou as paredes de tijolos que cercavam o beco. Não havia portas nem janelas, nada além de uma sombra em um canto no qual a luz pálida do sol não conseguia penetrar.

Se havia uma saída, ela estaria ali.

Ele correu para as sombras. Se ali não houvesse nada, ele teria corrido diretamente para a parede, e colidido com ela, mas havia uma pequena brecha. Uma possibilidade de fuga.

A passagem estreita seguia por entre dois prédios. Ele a percorreu

correndo, enquanto ouvia os gritos frustrados dos homens que tentavam encontrar a passagem na escuridão. Em fila única, eles penetraram no corredor estreito, e na parede de tijolos ecoava sua respiração arfante.

Correndo em zigue-zague pela escuridão, Sherlock saiu em uma via larga cercada de portas. Desceu-a correndo, ouvindo atrás de si as botas que batiam no calçamento, e entrou à esquerda em outro beco, ganhando alguns metros de vantagem. Um cachorro que avançara de um vão na parede enquanto ele passava rapidamente acabou fechando os dentes no ar, e então investiu contra os homens que perseguiam Sherlock. O menino ouviu latidos furiosos e palavrões irados enquanto os homens tentavam se afastar do animal e estremeceu ao ouvir o baque de uma bota que batia contra algo macio. O cachorro ganiu e fugiu.

Contornando outra esquina, ao chocar-se com um casal que caminhava ao longo do Tâmis, Sherlock caiu de costas, derrubando também o homem. — Seu pivete! — o homem gritou, levantando-se. — Vou lhe mostrar uma coisa! — Ele começou a arregaçar as mangas do paletó, revelando braços musculosos cobertos por tatuagens azuis que retratavam âncoras e sereias.

— Não toque nele, Bill. Foi sem querer! — A mulher agarrava o braço de seu acompanhante. Sua pele estava branca, consequência da maquiagem malfeita.

Os lábios eram um risco de carmim e os olhos estavam sombreados por um pó preto. O efeito disso tudo era que seu rosto lembrava uma caveira. — Ele é só um menino.

— Pensei que fosse um ladrão — o homem grunhiu novamente, mas de um jeito menos agressivo.

— Tem uns homens correndo atrás de mim — Sherlock explicou, ofegante.

— Preciso de ajuda.

— Você sabe o que fazem com garotos por aqui — disse a mulher. — Não desejo isso nem a meu pior inimigo. Bill, faça alguma coisa. Ajude o garoto.

— Fique atrás de mim — Bill disse. Com as mangas arregaçadas, era evidente que ele ansiava por uma boa briga, sem se importar com quem seria.

Sherlock posicionou-se atrás do grandalhão no mesmo instante em que os homens que o perseguiam surgiam na esquina.

— Parem aí — Bill exigiu em um tom grave, cheio de promessas de violência. — Deixem o menino em paz.

— De jeito nenhum — respondeu Denny, que estava à frente dos cinco homens. Ele levantou a mão, e nela havia uma faca. A luz correu pelo fio da lâmina como um líquido brilhante. — Ele é nosso.

Bill estendeu a mão para pegar a faca, mas Denny jogou-a da mão direita para a esquerda, enfiando-a num golpe no peito de Bill. O homem caiu de joelhos, tossindo sangue, com uma expressão incrédula no rosto, como se não pudesse aceitar que aqueles momentos ali no beco seriam os últimos de sua vida.

Denny sorriu para Sherlock quando Bill caiu para a frente sobre as pedras do calçamento.

— Com você — ele prometeu — não vai ser tão rápido.



CAPÍTULO TREZE

O CORPO TODO DE SHERLOCK pareceu paralisar-se de horror e incredulidade, mas logo uma raiva furiosa invadiu-o. Dando um passo para a frente, ele deu um soco forte na virilha de Denny. O bandido dobrou-se ao meio, sufocado pela dor.

Quando caiu, Sherlock deu um passo para trás e chutou seu queixo. Alguma coisa estalou. O homem gritou por uma boca que parecia ter sido travada, e que pendia para um lado, torta.

A mulher — a acompanhante de Bill — também gritava, um som agudo e intenso que cortava o ar como uma lâmina.

Os outros quatro homens entreolharam-se, incrédulos, depois avançaram com as mãos sujas estendidas para Sherlock. Cada detalhe ficou gravado na mente do menino: a sujeira sob as unhas dos homens, os pelos no dorso de suas mãos, o sangue que formava uma poça no chão, o grito da mulher e o de Denny, que se fundiram em um silvo contínuo de dor. O mundo parecia rodar cada vez mais devagar,

até parar completamente e estilhaçar-se em torno de Sherlock. Ele olhou para a mulher e sentiu a boca seca.

— Sinto muito — disse.

Depois voltou a correr. Dois homens seguiram-no, deixando Denny para trás, caído no chão ao lado de Bill. A mulher apenas ficou lá, parada, olhando para os dois homens, o grito gradualmente se transformando em soluços engasgados, frutos do choque.

Sherlock virou em uma esquina e viu diante de si um enorme edifício abobadado. Parecia completamente deslocado no meio de uma área cheia de arbustos e árvores. Várias ruas — essas largas, não becos — partiam daquele ponto, e havia um movimento intenso e constante de pessoas e cavalos em torno do edifício. Para além dele, Sherlock viu um muro de pedras e, mais longe, a superfície agitada e escura do Tâmis.

Ele correu para lá. Onde havia gente provavelmente haveria também segurança.

Com rapidez, passou desviando-se por entre mulheres e homens bem-vestidos e deslizou por baixo dos varais de uma carruagem, correndo em direção ao prédio. Aproximando-se, Sherlock percebeu que o lugar era decorado com estátuas e mosaicos de ladrilhos. A entrada ampla erguia-se à sua frente, e ele alterou levemente seu curso de modo a ir diretamente a seu encontro. Atrás dele, gritos e

palavrões indicavam que seus perseguidores não tinham desistido.

A entrada dava para um saguão circular, iluminado pelo sol através dos inúmeros vitrais do teto abobadado. A luz conferia ao lugar um ar quase circense, arlequíneo. No centro do edifício havia um buraco cercado por um parapeito, em torno do qual as pessoas estavam dispostas, olhando para alguma coisa lá embaixo.

De um lado, uma ampla escada descia pela borda da abertura circular, mergulhando nas profundezas da terra.

Sherlock atravessou o lugar às pressas, empurrando as pessoas que se aglomeravam em seu caminho, e finalmente chegou ao topo da escada. Olhou para trás e viu os dois homens, que tentavam cruzar o mar de gente. Um deles era careca, com orelhas e nariz deformados, e a pequena parte do cérebro de Sherlock que não tentava desesperadamente bolar possibilidades de fuga pensou que ele talvez tivesse sido um boxeador. O outro era extremamente magro, tinha

faces salientes e queixo pontiagudo. Ambos estavam decididos a capturá-lo, custasse o que custasse. Talvez antes eles pudessem ter desistido, se Sherlock não tivesse fraturado a mandíbula de Denny; agora, porém, estavam motivados, tinham um propósito. Um deles fora humilhado, e por isso Sherlock teria de pagar.

Ele virou-se e começou a correr escada abaixo.

Os degraus desciam numa espiral que contornava um poço imenso, e eram interrompidos de quando em quando por mais patamares planos e parapeitos para, em seguida, continuar a descida até o abismo. Um cheiro subia do poço: uma combinação de umidade, podridão e mofo, um fedor que fazia o nariz de Sherlock coçar e os olhos lacrimejarem. Seus passos tornaram-se mecânicos com a repetição: pisar os degraus que o levavam cada vez mais ao fundo do poço cilíndrico. Ele não tinha ideia do que encontraria no final da descida, mas um olhar dirigido ao alto bastou para mostrar a ele o que o aguardava escada acima. Dois homens do barão de Maupertuis corriam degraus abaixo, ao seu encontro.

Sherlock aumentou a velocidade. O que quer que estivesse no fundo do poço não poderia ser tão ruim quanto a morte certa e provavelmente lenta que o perseguia.

Ele tinha a impressão de ter passado os últimos dias praticamente em corridas e lutas, apenas, e mesmo enquanto seus pés batiam, ruidosos, nos degraus de pedra e sua mão ardia em contato com o corrimão áspero, parte de sua mente trabalhava freneticamente, perguntando-se o que afinal o barão Maupertuis acreditava que ele soubesse, e que seria tão importante, a ponto de ele ter de morrer por isso. O que exatamente o barão pretendia fazer? E por que Sherlock era um obstáculo a seus planos? Antes que percebesse, o menino tinha chegado ao fim da descida. Estava em um salão iluminado por lâmpadas a gás. Dois túneis em arco partiam dali, e ambos seguiam na mesma direção. Os arcos, feitos de tijolos, tinham

quatro ou cinco vezes a estatura de um homem adulto e estavam visivelmente úmidos, onde quer que se olhasse. Ao considerar a direção dos túneis, Sherlock entendeu por quê. Eles passavam diretamente sob o Tâmis, e deviam terminar em um poço semelhante na margem norte.

Se conseguisse chegar ao outro lado, talvez pudesse escapar com vida.

Sherlock entrou correndo no túnel da esquerda. Pessoas vagavam por

ali, como se caminhar sob o leito de um rio não fosse nada especial. Havia até cavalos ali embaixo, e eles eram conduzidos com tranquilidade. Obviamente, não tinham a menor ideia das incontáveis toneladas de água existentes logo acima de suas cabeças, sustentadas apenas por uma alvenaria já em ruínas.

Havia momentos em que ser muito lógico era uma maldição. Aquele era um deles. Sherlock sabia quanta pressão era exercida contra as paredes do túnel. Uma pequena rachadura, e a água invadiria, afogando todo o mundo.

Mas ele continuava a correr. Não tinha opção.

Ou tinha? Enquanto corria, notou que os túneis eram paralelos, ligados por pequenas passagens laterais mais ou menos a cada dez metros. Em todas as passagens, londrinos empreendedores tinham montado barracas para a venda de comida, bebida, roupas e todo tipo de bugiganga. Se conseguisse entrar sem ser visto em uma daquelas passagens, Sherlock poderia retornar pelo outro túnel até o salão, voltar ao galpão e sair à procura de Amyus Crowe.

Ele desviou para a direita, acompanhando o túnel principal, e entrou na primeira passagem que encontrou. Um homem virou-se em sua direção, iluminado por uma lamparina a óleo pendurada em um prego na lateral de sua barraca de madeira. Sua pele era de um tom cinzento pálido, e estava úmida, como a de uma criatura que morasse havia muito tempo no subterrâneo. Ele estava enrolado em um cobertor velho que endurecera com o acúmulo de sujeira ao longo do tempo, de modo que adquirira a aparência de uma armadura bizarra. Seus olhos pareciam ter apenas o preto das pupilas, e ele espiou o menino por um momento.

— Quer um relógio? — perguntou, esperançoso. — É muito bom. Está sempre certo. Sempre preciso. Relógio para corrente, relógio de parede... O que você quiser, eu tenho.

— Não, obrigado — respondeu Sherlock, passando pela barraca. Ocorreu-lhe que o tempo não tinha nenhum significado sob o Tâmis. Ali não havia sol nem lua, não havia dia nem noite. O tempo simplesmente passava. Por que alguém precisaria de um relógio? — Que tal um belo relógio de bolso? Quem tem um nunca precisa perguntar que horas são. Um jovem cavalheiro como você pode impressionar as moças com um relógio numa corrente. É prata de verdade. E também é gravado.

Você pode guardar a foto de seu amor dentro dele.

Prata de verdade, gravado, e certamente roubado.

— Obrigado — Sherlock disse, ofegante —, mas o dinheiro está com meu pai. Ele vai passar por aqui logo. Diga a ele que quero esse relógio e não o deixe ir embora sem comprá-lo.

O vendedor sorriu, e o menino pensou em um crustáceo predador escondido sob uma pedra, aguardando a inesperada presa passar por ali.

Sherlock espiou pela borda no final da passagem, em direção ao poço por onde viera, e praguejou. Os perseguidores deviam ter se separado. Um deles o seguira pelo túnel da esquerda, mas o outro correria pelo da direita. Ele empurrava as pessoas que ficavam em seu caminho, olhando atentamente para todos os homens com menos de vinte anos, para certificar-se. Era evidente que os dois conheciam aquela área muito melhor que ele.

Ele decidiu esperar que o homem atravessasse a entrada da passagem lateral e, só então, voltaria ao salão. Porém, o plano foi apressado por uma súbita agitação às suas costas. Ao virar-se, viu o vendedor da barraca tentando forçar o bandido que seguira Sherlock pelo túnel da esquerda — o careca com orelhas de couve-flor e nariz esmagado — a ficar com um pequeno relógio de corrente. Ele empurrava o homem e gritava palavrões, mas o vendedor, em seu cobertor enrijecido, persistia, cada vez mais parecido com uma criatura de carapaça que habitasse o fundo do mar.

Ele voltou a forçar a caixa para o bandido e exclamou: — Compra para filho!

Compra para filho! O ex-boxeador empurrou-o outra vez, com mais força, e o vendedor esbarrou na lamparina, jogando-a contra a parede. O vidro quebrou-se e o óleo caiu sobre o cobertor sujo. O pavio, ainda encharcado, também caiu sobre o tecido, incendiando-o.

As chamas espalharam-se rapidamente, quando o homem ainda estava sob o cobertor. Agitando os braços, ele disparou para o túnel da esquerda. As pessoas afastavam-se, horrorizadas. O vendedor chocou-se contra um transeunte, e o fogo transferiu-se para a casaca do indivíduo, que cambaleou e bateu com as mãos nas chamas, mas tudo o que conseguiu foi atear fogo também à saia de uma mulher que estava por perto. Um cavalo que era conduzido pelo túnel fugiu ao ver o fogo, arrastando o dono consigo.

Em poucos instantes o túnel ardia em chamas. Roupas pegavam fogo em um instante, seguidas pelo tecido que cobria as barracas, e até pela madeira das armações, apesar da umidade. Fumaça e vapor encheram o túnel com uma nuvem sufocante. Horrorizado, Sherlock afastou-se do fogo e da fumaça e entrou no túnel da direita, que, felizmente, estava livre do fogo.

Contudo, ainda abrigava um de seus perseguidores.

Uma mão peluda agarrou-o pelo ombro.

— Peguei você, moleque — o homem disse. As axilas de seu paletó estavam tão manchadas de sujeira e suor, que o tecido tornara-se rígido e seboso. O cheiro

que emanava de suas roupas era indescritível.

Sherlock debateu-se, mas foi inútil. Os dedos do homem estavam cravados em seu ombro.

— Denny vai querer ter uma conversinha com você — o homem sussurrou, aproximando seu rosto do de Sherlock. Seu hálito dava a impressão de que alguma coisa morrera dentro de sua boca. — E não acho que você vai gostar do que ele tem a dizer.

Sherlock estava prestes a responder quando notou que o piso do túnel lateral movia-se sob a fumaça, ondulava como se tivesse vida. E então ele percebeu que *estava* vivo. Cheio de ratos. Assustados com o fogo, os animais fugiram de suas tocas e corriam, todos, com o mesmo objetivo: a segurança. Um tapete vivo e imundo de pelos pretos e marrons recobria o piso do túnel. Pessoas e cavalos recuavam com terror diante da massa de pelos, dentes e caudas. Uma criança pequena que era arrastada pelos pais tropeçou e caiu. Os ratos passaram por cima dela, cobrindo seu rosto.

O homem que segurava o ombro de Sherlock afrouxou a mão quando sentiu os ratos em torno de seu tornozelo, mordendo-o com os pequenos dentes afiados.

Praguejando, ele tentou espantá-los com as mãos grandes como pás. Sherlock soltou-se de suas garras e mergulhou naquela massa de criaturas vivas, procurando a criança que desaparecera sob a enxurrada voraz. Garras afiadas arranharam seus braços, suas costas, as pernas e a cabeça. Ele sentia um cheiro pungente e acre, como o de urina antiga. Seus dedos fecharam-se ao redor de um braço pequenino, e ele puxou-o com força. Uma menininha emergiu da enxurrada de

ratos, com os olhos arregalados e a boca já se abrindo para gritar.

— Está tudo bem — Sherlock disse, colocando-a de volta nos braços dos pais, que chutavam e batiam nos ratos, tentando mantê-los afastados. Eles pegaram a menina e abraçaram-na com força.

E então o maremoto de roedores desapareceu, exceto por uns poucos retardatários mais fracos. Sherlock ainda os via correndo nas duas direções, afastando-se da fumaça que continuava a emanar da passagem lateral. O bandido que o havia agarrado continuava batendo, desesperado, nas próprias roupas, sob as quais era possível ver massas em movimento, formadas pelos ratos que ali se refugiaram e acabaram presos. Sherlock virou-se, pronto para correr de volta para o lado sul do rio, quando se lembrou de que ainda havia outros dois bandidos. Eles certamente esperariam no alto da escada. Não, sua melhor opção seria o outro lado.

Ele correu pelo túnel, rumo à margem norte do rio. Havia pontes sobre o Tâmis, e barqueiros. Ele encontraria um meio de voltar. Em algum momento.

Sherlock percorreu toda a extensão do túnel, afastando-se cada vez mais do fogo. Homens uniformizados passavam por ele carregando baldes com água — uma

confusa brigada de incêndio encarregada da segurança do túnel. O menino ignorou-os e seguiu em frente.

Finalmente, Sherlock conseguiu chegar ao lado norte do Tâmis. Ali, o poço com a escada em espiral era idêntico àquele no lado sul. Ele subiu os degraus de pedra com grande esforço, praticamente sem energia. Era preciso parar em cada patamar para recuperar o fôlego.

Sair da escuridão do subterrâneo para a luz da tarde foi como sair do Inferno para o Paraíso. O ar tinha um cheiro adocicado, e a brisa em sua pele era fresca. Ele parou por um momento, fechou os olhos e saboreou as sensações. Tão simples, mas ainda assim tão perfeitas.

A área em torno do lado norte do túnel era mais sofisticada que na margem sul. Os cais eram ocupados por navios de todos os tamanhos, cujas mercadorias eram carregadas para cima e para baixo nas pranchas por estivadores grandalhões.

Sherlock caminhou pela margem do rio, afastando-se dos navios, procurando uma ponte pela qual pudesse atravessar para o outro lado. Sabia que havia pontes sobre o Tâmis; só não sabia localizá-las em

relação a Rotherhithe e ao túnel. Mas, logicamente, se ele andasse o suficiente, acabaria por encontrar alguma. Presumia que caminhava na direção certa, é claro — rumo à City, não o contrário —, mas sabia que, se o túnel estava no leste de Londres (e estava) e ele o tinha atravessado do sul para o norte (e ele o fizera), então, se virasse à esquerda ao sair do túnel, estaria na direção certa. O hotel Sarbonnier, no qual estavam hospedados, ficava perto do Tâmsa, na margem norte; então, se continuasse andando, provavelmente o encontraria, mas o que queria mesmo era atravessar novamente o rio e encontrar Amyus Crowe e Matty Arnatt.

Aproximadamente meia hora depois ele encontrou uma ponte: um grande mercado, com duas torres de pedra cinzenta ligadas por uma passarela coberta, na qual havia muitas lojas e barracas. Ele a atravessou sentindo-se cansado, ignorando os gritos dos vendedores que tentavam oferecer qualquer coisa — de um touro inteiro a uma pistola carregada. Londres parecia ser um lugar de possibilidades quase infinitas, desde que se estivesse disposto a pagar por elas.

No final da ponte, ao sul, Sherlock virou à esquerda outra vez, e caminhou por ruas, avenidas, becos e, às vezes, por cima de muros largos, para seguir na direção do galpão em Rotherhithe, onde se perdera de Amyus Crowe e Matty. Os mastros dos navios estendiam-se para o alto ao longo da margem do rio, formando uma floresta de troncos finos. O Tâmsa exalava um odor constante de dejetos humanos. Se Mycroft trabalhava todos os dias neste lugar, merecia uma medalha simplesmente por sobreviver.

A cerca de dois quilômetros da ponte Sherlock passou por um navio que era abastecido por um grupo de estivadores. Eles suavam e reclamavam, tentando

manobrar caixotes grandes pelas pranchas inclinadas sem derrubar nada no rio. Algo no tamanho e no formato daquelas caixas despertou a curiosidade de Sherlock, e ele aproximou-se, permanecendo abrigado em um edifício próximo.

Um homem encorpado que vestia um paletó azul-marinho estava parado perto da entrada e consultava papéis presos a uma prancheta. De vez em quando ele lambia a ponta de um lápis e fazia uma anotação.

As caixas eram idênticas às que Sherlock vira no jardim da mansão na qual fora aprisionado — as colmeias de ripas irregulares. E perto delas havia várias pilhas das bandejas de madeira que ele vira deslizar sob

as colmeias. Elas tinham sido embrulhadas em papel encerado, mas o formato era inconfundível.

Sem querer, acabara encontrando a operação do barão de Maupertuis. Por isso Denny e sua gangue estavam ali.

Sherlock aproximou-se, observando. Algumas colmeias estavam sendo postas sobre um palete, que era erguido por cordas por estivadores suados e então depositado no porão de carga do navio. Só Deus sabia como evitavam que as abelhas atacassem os homens, como acontecera com os dois infelizes em Farnham.

Talvez o barão soubesse de algum método para mantê-las sob controle.

Enquanto Sherlock observava, uma corda presa a um dos cantos de um palete que era içado rompeu-se. O palete pendeu para o lado, e quatro colmeias escorregaram. Elas caíram, tombando lentamente, e quebraram-se nas pedras que havia logo abaixo.

Homens aproximaram-se, correndo em direção ao local, todos carregando baldes de estanho dos quais saía uma espécie de mangueira. Dentro desses baldes havia alguma coisa que produzia fumaça e que parecia induzir nas abelhas um estado de torpor. Algumas escaparam, mas a maioria permaneceu perto das colmeias quebradas, voando como se estivessem bêbadas. Lonas foram jogadas sobre o que restava das colmeias, e tudo foi arrastado pelo chão e jogado na correnteza espumante do Tâmis. Sherlock imaginava que fosse quase impossível reconstruir uma colmeia destruída.

— Sherlock? Uma voz chamou-o em um tom bastante baixo. Ele olhou ao redor do esconderijo em que estava. Não parecia a voz de Amyus Crowe. Nem de Matty Arnatt.

— *Sherlock?* — Dessa vez o chamado soou mais urgente. Ele passou os olhos pela área e de repente percebeu que havia mais alguém ali, também escondido atrás de uma pilha de engradados. Uma figura feminina.

— Virginia? Ela vestia suas calças de montaria e uma jaqueta sobre a camisa simples de linho branco. Encarava Sherlock com os olhos arregalados.

— O que você está fazendo *aqui*? — ela sussurrou.

Sherlock rapidamente se juntou a ela.

— Demoraria muito se eu fosse explicar — ele respondeu.

Virginia o olhou de cima a baixo.

— O que esteve fazendo? Ele refletiu por um instante.

— Nadando num mar de ratos — disse enfim. — Entre outras coisas. Qual é sua história? Virginia desviou os olhos, inesperadamente envergonhada.

— Eu não ficaria de lado enquanto vocês, rapazes, teriam toda a diversão —

ela sussurrou. — Então, vesti minha calça e segui vocês.

— Nós descemos o rio. Em um *barco*. Como você nos seguiu? A jovem encarou-o de um jeito estranho.

— Em outro barco, é claro. Apenas disse ao barqueiro que os seguisse. Ele resmungou, mas eu tinha algum dinheiro que meu pai deixara comigo, e isso o acalmou. Enquanto vocês espionavam o galpão, eu espiava vocês. Depois vi que alguns homens vinham para cá, e nenhum de vocês parecia sair do lugar, então os segui até aqui.

— Eu não a vi — Sherlock disse, surpreso.

— Meu pai ensinou-me todas as técnicas de rastreamento que ele conhece —

ela explicou, orgulhosa. — Se o estou seguindo, —nada é exatamente o que você irá ver. — Virginia fez uma pausa e estendeu a mão para tocá-lo no braço por um breve instante.

— O que você fez foi terrivelmente perigoso — Sherlock disse —, mas estou feliz por vê-la.

A menina deu de ombros.

— Foi melhor que ficar no hotel esperando a volta de vocês.

— Mas por que me seguiu? Por que não foi atrás de seu pai e contou-lhe o que tinha acontecido? — Eu estava seguindo você — ela respondeu simplesmente

—, não ele. Perdi o rastro dele.

— Mas uma garota... sozinha... no extremo leste de Londres... —

Sherlock parou, sem saber como concluiria a frase. — Há gente muito ruim por aqui... —

tentou, e depois começou a explicar exatamente o que acontecera naquela tarde, incluindo o sujeito esfaqueado e o incêndio nos túneis. Era um alívio falar sobre essas coisas, mas ao mesmo tempo Sherlock percebia que correra perigo mortal e ainda não sabia por quê.

— Eles não podem escapar impunes — Virginia disse quando ele terminou.

— Você é só um garoto. Eles podiam tê-lo matado.

— Você também é só uma garota — Sherlock protestou de maneira desastrada.

Virginia sorriu.

— Não falei nesse sentido — ela disse. — Quis dizer que não deveríamos estar envolvidos nesse tipo de coisa.

— Mas estamos — Sherlock observou. — E temos de impedir o que está acontecendo, seja o que for.

— Bem, estou pronta para isso. Estou disfarçada de menino. Achei um chapéu — disse orgulhosa, pegando-o do chão, onde o tinha deixado quando se abaixara. Era um boné de pano. Com uma das mãos, Virginia enrolou os cabelos para trás, enquanto a outra ajustava o boné na cabeça. Com os cabelos escondidos e a jaqueta abotoada até o pescoço, Sherlock entendeu como seria possível que ela fosse confundida com um menino. E ainda havia a calça, é claro. Meninas usavam vestidos, não calças. Ninguém que não a conhecesse teria razões para suspeitar dela.

— Já que estamos aqui — ele disse —, precisamos aproveitar a oportunidade para descobrir o destino desse barco. — Olhou em volta, procurando pelo homem que vira antes, com a prancheta e as folhas de papel. — Acho que aquele homem é o supervisor das docas, o chefe, ou algo desse tipo. Podemos perguntar a ele.

— Perguntar assim, diretamente? — Seu pai deu-me umas boas dicas sobre como fazer perguntas.

Olhando em volta e escolhendo um momento em que ninguém estivesse virado na direção dos dois, Sherlock conduziu Virginia para longe do esconderijo, atravessando o cais até um ponto do muro de

pedras em que eles pudessem se sentar e observar o Tâmis. Ele sentiu um arrepio na nuca, o que indicava a Sherlock que os dois eram observados, mas o menino suprimiu a sensação. Provavelmente naquele momento Denny estaria com um médico ou um cirurgião, presumindo que sua mandíbula estivesse mesmo quebrada, e era bem capaz que os outros homens não tivessem conseguido dar uma boa olhada em Sherlock a ponto de distingui-lo de qualquer outro menino — especialmente agora que estava coberto de terra, fuligem, pelos de rato e talvez outras coisas que ele nem queria considerar. Então eles ficaram ali, sentados no muro, por uma meia hora, ou mais, falando coisas sem propósito e tentando fazer parte do cenário. O supervisor, ou chefe, ou o que quer que fosse, finalmente concluiu seus assuntos com aquele navio e começou a caminhar na direção dos dois. Quando o viu passar, Sherlock olhou para ele e disse:

— Ei, chefe. Tá sabendo de algum trabalho aqui no porto? O homem olhou com desdém para o menino magro.

— Talvez daqui a cinco anos, filho — ele disse, empregando um tom mais ou menos gentil. — Quando tiver músculos em cima desses ossos.

— É que preciso sair de Londres — Sherlock insistiu, com um tom de voz suplicante. — Sou capaz de trabalhar duro. De verdade. — Ele apontou para o barco ali perto. — Eles ali... parece que estão precisando de mais gente.

— Estão — o homem respondeu. — Hoje à tarde faltaram três homens. Mas não acho que você tenha como ocupar uma dessas vagas. Além do mais, aquele

barco não vai levá-lo para muito longe de Londres.

— Por que não? — Ele só vai até a França e depois retorna. Viagem rápida, sem parada para a tripulação descansar. — Ele riu. — Se quer se afastar um pouco daqui, aliste-se na Marinha. Ou fique por aqui bastante tempo, e eles vão acabar aparecendo para levá-lo.

O homem afastou-se rindo.

— França — Sherlock comentou, intrigado. — Interessante.

— Ouvi você dizer que quer fazer parte de nossa tripulação — uma voz falou da proa do navio. Sherlock fez uma careta preocupada e desviou o olhar, mas a voz continuou: — Por que não embarca com a menina? Sim, sabemos que é uma menina. Estamos observando vocês desde que apareceram por aqui. O que é, vocês acharam que fossem

invisíveis? Sherlock voltou o olhar para onde o supervisor parara e os observava. A expressão em seu rosto era solidária, mas séria. Ele não iria ajudá-los.

Segurando a mão de Virginia, Sherlock levantou-se e a puxou, para que ficasse em pé.

— Hora de ir embora — disse, mas ao virar-se percebeu que um semicírculo de marinheiros e estivadores formara-se em torno deles, surgindo do nada. Sherlock ainda tentou correr puxando Virginia, mas mãos pesadas agarraram-no e separaram os dois amigos. Ele se debateu, mas as mãos imobilizaram-no com firmeza. Viu Virginia resistir também, mas então alguém segurou um pano sobre o rosto de Sherlock. Um cheiro amargo e forte de alguma substância química desprendia-se do pano. Sherlock quase sufocou. E de repente ele sentiu que caía num poço escuro e sem fundo que tinha exatamente a cor dos olhos de Virginia, e por um tempo ele dormiu, e sonhou com coisas terríveis.



CAPÍTULO QUATORZE

NOS SONHOS SHERLOCK LUTAVA COM uma serpente enorme. O corpo do animal era tão largo quanto um barril de cerveja, todo músculos e costelas, pelo que ele conseguia ver, e a cabeça era um triângulo plano com dentes que lembravam serras.

Eles lutavam na água, mas no sonho a água era densa e escura como melação. A serpente enrolou-se lentamente em torno dele e apertou-o, tentando quebrar-lhe as vértebras, mas a água espessa dificultava os movimentos do bicho, e Sherlock conseguiu abrir espaço empurrando com força com os braços e as pernas. Quando tentou fugir, porém, a água reduziu de forma grotesca a velocidade com que ele nadava, e a cobra conseguiu envolvê-lo mais uma vez e apertar lentamente seu corpo. E assim continuava o sonho, no qual Sherlock lutava eternamente para escapar e a serpente eternamente se empenhava em capturá-lo.

Quando finalmente acordou, ele sentiu como se tivesse transcorrido muito tempo. A boca e a garganta estavam secas, e, quando tocou o palato com a ponta da língua, ela ficou grudada. Também estava

faminto.

Depois de um tempo, sentiu-se suficientemente forte para sentar-se sem vomitar. E o que viu afastou temporariamente todas as preocupações com sede, fome e enjoo.

Estava deitado em uma cama coberta por um dossel bordado. Os travesseiros eram macios, de penas, e as paredes do quarto eram revestidas com carvalho. As tábuas do piso eram envernizadas e cobertas com tapetes ricamente estampados.

Era o mesmo quarto no qual acordara depois de ter sido nocauteado na luta na feira; o quarto da casa na periferia de Farnham.

Mas como era possível? O barão Maupertuis tinha abandonado aquela mansão, deixando-a vazia. Com certeza, ele não podia ter retornado tão depressa, certo? Por que o faria? Sherlock saiu da cama e ficou em pé. Passou a mão pelo rosto e se surpreendeu ao sentir uma substância seca em torno da boca e do nariz.

Esfregou a substância, removendo-a de sua pele, e então olhou para os dedos.

Estavam cobertos por resíduos de alguma coisa preta. Esfregando os dedos um no outro, descobriu que se tratava de uma substância ligeiramente pegajosa.

Sherlock lembrou-se do pano que fora pressionado contra seu rosto. Algum produto químico? Uma droga para fazê-lo dormir? Parecia ser o caso.

E Virginia! Uma súbita onda de raiva apagou os últimos resquícios de sono e

náusea de sua corrente sanguínea. O que acontecera com Virginia? Se alguém a tivesse machucado ele iria... Ele iria o quê? Matá-los? No momento não estava exatamente em condições de fazer isso.

Precisava obter informações. Descobrir o que estava acontecendo, e por quê.

Só então poderia fazer alguma coisa.

Sherlock caminhou até a janela e abriu as cortinas, esperando ver a terra seca avermelhada e as centenas de colmeias que estavam lá fora da última vez que ele estivera no quarto, mas o que viu o fez recuar

um passo, com grande surpresa.

Perto da casa havia uma praia de areia cinzenta que recebia ondas cobertas de espuma de um mar que se estendia até o horizonte retíssimo. O céu era de um azul brilhante. Ao longe, Sherlock podia ver algumas velas.

Ele fechou os olhos por um momento e pensou. Estaria alucinando? Era possível, ele imaginou, mas o sonho com a cobra e a água espessa fora marcado por uma sensação bizarra e ilógica que, pensando bem, significava que de alguma forma ele sabia que estava sonhando, enquanto *aquilo* era consistente e racional.

Seria o cenário além da janela apenas isto: uma pintura perfeitamente executada que dava a impressão de praia, mar e céu azul, quando tudo não passava de pigmentos em uma tela? Ele abriu os olhos de novo e observou. À distância, pairando acima das ondas, havia algumas pequeninas formas brancas parecidas com um “W”. Aves brancas planando na brisa marítima. Isso não podia ser forjado em uma pintura. O que quer que houvesse lá fora, era real.

E como não havia mar perto de Farnham, a conclusão lógica era de que ele não estava mais perto de Farnham, provavelmente nem na Inglaterra. O supervisor das docas dissera que o navio iria para a França. Aquilo devia ser a França, então. E

o quarto? O motivo devia ser algo prosaico, como o fato de o barão Maupertuis ser um homem apegado aos hábitos, alguém que gostasse de manter o ambiente à sua volta tão familiar quanto possível, onde quer que estivesse. Presumindo que a mansão na periferia de Farnham não fosse o lar de sua família, ele provavelmente devia tê-la reformado e decorado, para deixá-la parecida com o lugar que chamava de lar. O que bem podia ser este... *chateau* francês? Era esse o nome que davam?

Sentindo-se estranhamente satisfeito consigo mesmo por ter desvendado algo que, ele supunha, tivera a pretensão de confundi-lo e desestabilizá-lo, Sherlock nem se virou quando a fechadura da porta estalou e ela foi aberta. Já sabia o que veria: dois homens vestidos em calças medievais, meias, coletes e jaquetas pretas, usando máscaras pretas com aberturas na altura dos olhos. Como da última vez. Ele contou até dez em silêncio, depois se virou. Ele estava parcialmente certo — os dois sujeitos na porta estavam vestidos exatamente como ele lembrava —, mas havia um terceiro homem entre eles. Na verdade, ele quase ocupava todo o espaço da entrada, de tão grande

que era. Seus braços eram grossos como as pernas de um homem

comum e as pernas pareciam troncos de árvore. As mãos tinham o tamanho e a forma de pás, mas era a cabeça o que mais chamava a atenção. Era careca, mas havia tantas cicatrizes escuras nela, que, à primeira vista, parecia que estava coberta de cabelo. O homem vestia um longo casaco de couro marrom sobre um terno cinza largo, e o corte do casaco sobre o corpo forte dava a impressão de que ele era ainda maior.

— O barão quer vê-lo — ele disse. A voz soava como o atrito entre duas mós.

— E se eu não quiser ver o barão? — Sherlock indagou em um tom sereno.

Os dois sujeitos de preto entreolharam-se, mas o homem das cicatrizes limitou-se a balançar a cabeça.

— O que o barão quer, o barão tem. Nenhuma outra opinião além da dele tem importância.

— E se eu me recusar a acompanhá-los? — Então o carregaremos.

Sherlock sabia que agia de maneira infantil, mas queria demonstrar que não era apenas um prisioneiro passivo, que ele tinha opiniões próprias.

— E se eu me agarrar à porta e recusar-me a soltá-la? — Nesse caso quebraremos seus dedos e o levaremos do mesmo jeito. — O homem sorriu, mas não havia alegria em sua expressão. Era só um exibir de dentes, como um tigre que se preparasse para atacar. — De você o barão só precisa do que for necessário para responder a algumas perguntas. Isso significa que ele só precisa de sua cabeça, para que seu cérebro pense e sua boca fale, e de seu peito, para que seus pulmões respirem e o mantenham vivo. O restante é opcional. A escolha é sua.

Sherlock ficou parado por um momento, só para provar que sabia que tinha escolha, e a exercia, e então caminhou para a porta. O homem com as cicatrizes na cabeça não se moveu até que o menino quase colidisse contra seu corpo, e então se afastou para o lado apenas o suficiente para deixá-lo passar pela porta.

— Meu nome é Sr. Surd — ele disse quando os três acompanhavam Sherlock ao longo do corredor. — Sou o servo e assistente pessoal do barão. Tudo o que ele quiser que seja feito, eu faço. Se o barão desejar

um cálice de vinho madeira, é meu dever servi-lo. Se ele quer sua cabeça numa bandeja, é meu dever cortá-la e entregá-

la a ele. Não é um prazer, não é um sacrifício. É só trabalho. Está entendendo? —

Sim — Sherlock respondeu. — Era você quem empunhava o chicote na última vez que encontrei o barão, não era? Nas sombras.

— Só um trabalho — repetiu o homem das cicatrizes. — Mas, de fato, sinto satisfação com um trabalho benfeito.

O corredor era idêntico ao que ele recordava da casa em Farnham, assim como a escada que descia para o saguão de entrada. Sherlock teve de controlar-se para não procurar as marcas de ferradura de quando ele e Matty fugiram. Não era a

mesma casa. Era outra, que por coincidência se parecia com aquela em que ele estava agora.

Virginia estava em pé do lado de fora do aposento no qual, Sherlock supôs, o barão Maupertuis os estaria aguardando. Havia dois homens mascarados com ela, junto a um grande armário de teca.

— Você está bem? — Sherlock perguntou.

— Tive sonhos estranhos — ela disse. — Cavalgava Sandia, mas ele estava indócil, e eu não conseguia controlá-lo. Seguimos cavalgando por uma paisagem que parecia se desmanchar nos lugares para os quais eu olhava. — Ela estremeceu, como se quisesse se livrar da lembrança. — E você? — Cobras — Sherlock resumiu.

— Que droga era aquela que usaram conosco? Minha cabeça ainda está confusa.

— Acho que era láudano: morfina dissolvida em álcool. Meus pais costumavam dar à minha irmã. Reconheci o cheiro. É feito a partir de papoulas.

— Papoulas? — Virginia riu. — Nunca gostei de papoulas. São flores muito macabras.

O Sr. Surd passou por eles e abriu a porta da sala na qual o barão os esperava. Ele fez um gesto que indicava que deveriam entrar.

O lugar estava na escuridão, como antes. Havia duas cadeiras diante

de uma mesa enorme, cuja extremidade mais afastada era envolvida pelas sombras. Pesadas cortinas pretas cobriam as janelas, impedindo a entrada da luz do sol, e as poucas áreas de parede que Sherlock conseguia ver eram adornadas por espadas e escudos.

Junto a uma parede havia uma armadura completa, arranjada de forma a criar a impressão de que havia nela um cavaleiro que segurava uma espada.

O Sr. Surd fez um gesto para que eles se sentassem. Sherlock pensou em se negar a fazê-lo, mas viu algo nos olhos do criado que sugeria que ele esperava, e até desejava, que o menino recusasse, para que pudesse fazer alguma coisa dolorosa e permanente, que o obrigaria a obedecer. Então Sherlock se sentou, e Virginia também, ao lado dele. O Sr. Surd e os outros quatro homens encaminharam-se para a escuridão do outro lado da sala.

O silêncio tomou conta do ambiente por algum tempo, exceto pelo ranger de cordas e madeira sob pressão, que Sherlock ouvira na última vez.

Então uma voz baixa e áspera, como folhas secas sacudidas pelo vento, disse: — Você insiste em interferir nos meus planos, e não passa de uma criança.

Fui forçado a abandonar uma de minhas casas por sua causa.

— Você parece gostar de que suas casas sejam construídas e decoradas de forma idêntica — Sherlock disse. — Por quê? Prefere que as coisas sejam sempre iguais? Novamente, o silêncio dominou a sala por um tempo, e Sherlock esperou a

qualquer momento ouvir a ponta do chicote surgir da escuridão, rasgando sua carne, mas, em vez disso, a voz respondeu: — Quando encontro algo que me agrada, não vejo motivo para tolerar algo que seja diferente. O projeto e a mobília de uma casa, um modelo de governo... Quando descubro alguma coisa que funciona, quero reproduzi-la, de modo que todos os lugares aonde eu vá sejam iguais. Acho isso...

reconfortante.

— E por isso mantém todos os criados mascarados. Porque assim pode acreditar que são sempre os mesmos, esteja você onde estiver.

— Muito perspicaz.

— E neste momento estamos... onde? Na França? — Reconheceu a paisagem? Sim, esta casa fica na França. Vocês dois foram mantidos adormecidos no navio que os trouxe até aqui, e na carruagem que os transportou do porto até esta mansão.

— Mas e o Sr. Surd? — Sherlock perguntou. — Só há um dele.

— O Sr. Surd é insubstituível. Ele vai aonde eu vou.

— E seu nome é barão Maupertuis, não é? — Mais uma vez você me surpreende. Não sabia que meu nome era tão conhecido.

— Eu... concluí a partir das evidências.

— Muito astuto. Realmente, muito astuto. Parabéns pela capacidade de dedução. E o que mais você concluiu? Virginia tocou a mão de Sherlock num aviso silencioso, mas ele se orgulhava das investigações que fizera, dos fatos que descobrira, da trama que começava a alinhar. E, ele pensou, importava que Maupertuis soubesse que seus planos não eram mais secretos.

— Sei que você tem criado abelhas, e sei que elas são de uma espécie estrangeira, mais agressiva que qualquer uma que seja europeia. Isso significa que não as está criando para produzir mel, mas por causa de suas picadas. Você quer que elas firam ou matem pessoas. — Seu cérebro estava em alta velocidade, movendo os fatos, deslocando-os, para formarem padrões dos quais antes ele quase nem suspeitava. Amyus Crowe queria ensiná-lo, treiná-lo, mas o barão Maupertuis o levava a sério. Ouvia suas deduções como se elas realmente significassem alguma coisa, como se não fossem apenas respostas teóricas a problemas fictícios, como raposas e coelhos. — Você também tem uma fábrica de roupas: uniformes militares, acho. — Sherlock parou por um segundo. Havia alguma coisa que ainda não apreendera, um destino lógico importante para o qual ele tinha todas as etapas do caminho, menos a última, o que requeria um salto intuitivo. — Seu empregado...

Wint, acho que era esse o nome dele, roubou algumas dessas roupas e escondeu-as em casa. Ele foi atacado por abelhas. Outro homem que trabalhava na propriedade de meu tio como jardineiro trabalhara antes em Farnham, em uma fábrica de roupas, a sua, imagino. Ele também foi morto por abelhas. Será que ele pegara algumas

roupas para uso próprio? Roubara-as de você? — A névoa que ocultava o destino lógico final dissipava-se, e Sherlock prosseguiu, triunfante: — Então existe alguma coisa nas roupas que faz com que

as abelhas as ataquem. Elas não são perigosas quando estão nas caixas, nos engradados, mas quando as pessoas as vestem... as abelhas são atraídas por elas, e atacam quem as esteja usando.

A mão de Virginia apertava a dele com força, mas Sherlock a ignorou.

— Aqueles homens que estavam no galpão em Rotherhithe... Eles falavam sobre enviar as caixas para Ripon, Colchester e Aldershot. Todos esses lugares são bases militares. Então, se as roupas são enviadas para bases do Exército, provavelmente são uniformes. O que você fez? Conseguiu algum tipo de contrato com o Governo para fornecer os uniformes do Exército britânico? Os soldados usam seus novos uniformes, provavelmente quando se preparam para embarcar para a Índia, e então... — Os pensamentos corriam na frente de Sherlock, mas de repente sincronizaram, como num estalo. Seu pai. Aldershot. Índia. Uniformes. — E então você solta as abelhas, e elas atacam todos os recrutas, os soldados e os oficiais do Exército britânico — murmurou, assustado com a conclusão a que a lógica o levava.

— Milhares de mortes, todas misteriosas e inevitáveis — o barão sussurrou a partir das sombras que envolviam o outro extremo da mesa. — Um golpe desmoralizador contra o coração do Império Britânico, e desferido pela humilde abelha, provedora do mel que abastece milhares de chás da tarde. A ironia é...

interessante.

— Mas por quê? — A mente de Sherlock estava dominada pela imagem do pai, com o rosto inchado e coberto de bolhas, caindo e sufocando enquanto as abelhas picavam-no repetidas vezes.

— Por quê? — A voz do barão ainda estava baixa, mas de repente vibrava com uma malignidade até então ausente. — *Por quê?* Porque sua naçãozinha patética tem delírios de grandeza que a levaram a conquistar meio mundo. Seria difícil encontrar um país menor que a Inglaterra. Vocês não passam de um pontinho no mapa. Em qualquer globo do mundo, os cartógrafos são incapazes de escrever a palavra —Inglaterra dentro dos limites da ilha, de tão pequena que ela é. Mesmo assim, vocês têm a arrogância, a temeridade, a pura ilusão de acreditar que o mundo foi criado para submeter-se a seu benevolente comando. E o mundo simplesmente curvou-se e permitiu que vocês fizessem isso! Espantoso. Mas existem homens no mundo, militares, que não irão deixar que seu instinto feroz e predador siga adiante.

As fronteiras do Império Britânico devem retroceder, nem que seja somente para que os demais países tenham espaço para respirar, para viver. Eu... represento... um grupo formado por esses homens. Alemães, franceses, americanos, russos, todos se uniram para conter suas ambições territoriais. Vocês não vão descansar enquanto o vermelho do Império Britânico não se espalhar pelo mapa; nós não descansaremos

enquanto não o removermos de tudo o que não for sua ilha insignificante. — Ele parou. — Além das Honduras Britânicas, na América Central, talvez. Vocês podem ficar com as Honduras Britânicas.

— Então você planeja destruir o Exército britânico com um único golpe.

— Não é bem um único golpe, mas uma enfermidade progressiva, que irá acometer soldados, mais ninguém. As abelhas, como você sabe, são particularmente caracterizadas pela agressividade e territorialidade. Foram criadas para ser agressivas e, nossa, como se reproduzem rapidamente! O contaminante com que impregnamos os uniformes será absorvido pelo corpo dos soldados e exalado pelo suor. Se as abelhas sentirem o cheiro dessa substância, atacam imediatamente.

Assim que forem libertadas de seus novos lares, elas voarão pela Inglaterra por um período de vários meses, picando e matando todos os soldados que encontrarem pelo caminho. Criaremos mais abelhas em locais secretos espalhados pela Europa para o próximo estágio dos ataques. O terror, o medo, o absoluto pânico serão nossos aliados mais eficientes. Uma praga misteriosa que acomete soldados. E a Inglaterra será relegada à posição que merece: a de uma nação de terceira categoria.

— Mas... e os dois homens que morreram... seu empregado e o jardineiro de meu tio? Não faziam parte de sua trama, faziam? Houve um farfalhar e um rangido nas sombras, como se o barão Maupertuis estivesse dando de ombros. Ou como se o fizessem dar de ombros.

— Eu sabia que alguns funcionários estavam roubando peças dos uniformes, mas não me incomodei. Esse foi meu erro. Uma das colmeias foi derrubada por um cavalo, e as abelhas escaparam. Elas ficaram muito agressivas, ferozes, e quando sentiram o cheiro do contaminante nos uniformes roubados, atacaram. O Sr. Surd teve de resgatar a rainha e atrair as abelhas sobreviventes de volta. Uma missão de grande bravura.

— Apenas uma tarefa, senhor — respondeu o Sr. Surd do fundo da sala.

Embora já tivesse deduzido sozinho a maior parte da história, a ousadia do plano deixou Sherlock sem fôlego. E, por mais aterrorizante que ele fosse, o menino não conseguia identificar nenhuma falha óbvia. Se as abelhas fossem tão agressivas quanto Maupertuis dizia, e se os uniformes fossem distribuídos com a eficiência que ele pretendia, tudo daria certo. Iria dar *certo*.

— Meu irmão irá detê-lo — Sherlock disse em um tom calmo. Essa era sua última esperança.

— Seu irmão? — Sim, meu irmão.

Sherlock ouviu um sussurro na escuridão. Soava novamente como o tom grave do Sr. Surd.

— Ah — Maupertuis disse com sua voz fina —, seu nome é Sherlock Holmes. Seu irmão, portanto, deve ser Mycroft Holmes. Um homem astuto. Já o

marcamos como alguém interessante para o nosso grupo. Parece que você puxou a ele.

— Já enviei um telegrama ao meu irmão e contei o que está acontecendo —

Sherlock revelou com toda a calma possível.

— Não — o barão corrigiu-o. — Não enviou. Caso contrário, não teria julgado necessário investigar meu barco. Mycroft Holmes teria mandado os próprios agentes fazerem o trabalho.

Os próprios agentes? Sherlock de repente percebia a extensão do poder do irmão.

Mais cochichos no fundo da sala.

— Talvez tenhamos de cuidar de seu irmão mesmo assim — o barão Maupertuis sussurrou. — Se sua inteligência é uma indicação da dele, é bem possível que ele descubra nossos planos e tente impedi-los. Você e ele morrerão na mesma semana, talvez até no mesmo dia. Na mesma hora, se eu puder planejar, porque sou um homem que aprecia a limpeza. Além do mais, poupará seus pais dos gastos de um segundo funeral.

Todo o custo da arrogância de Sherlock atingiu-o de súbito. Ao desvendar com orgulho toda a terrível trama e demonstrar sua astúcia ao barão Maupertuis e, pior, exibir o poder e a influência do irmão, Sherlock condenara-os à morte.

— Creio que me disse tudo o que sabe — Maupertuis continuou —, e estou surpreso com quanto conseguiu decifrar. É evidente que teremos de ser mais sigilosos no futuro. Obrigado por isso, pelo menos.

— Por que Londres? — Sherlock perguntou depressa, sentindo que a situação se aproximava do desfecho e que sua vida e a de Virginia seriam encerradas em breve. — Por que, em vez de, digamos, Portsmouth ou Southampton, transferiu as colmeias para Londres, antes de trazê-las para a França? — Sua fuga obrigou-nos a realizar a mudança antes do que pretendíamos — Maupertuis sussurrou. — Não havia ancoradouro disponível em Portsmouth nem em Southampton, e o navio aguardava em Londres nossa ordem para zarpar. Levar as colmeias para Londres não foi eficiente, mas foi inevitável. E com isso você deixa de ter utilidade para mim. Você e essa menina que está sentada a seu lado. Eu pretendia ameaçar a vida dela, como forma de forçá-lo a falar, mas não foi necessário aplicar força alguma. No máximo, o problema foi fazê-lo calar-se.

Sherlock olhou para Virginia, sentindo o rosto corar de mortificação, mas ela sorria para ele.

— Você impediu que eu fosse torturada — ela sussurrou. — Obrigada.

— De nada — Sherlock respondeu de forma automática, sem muita certeza de que deveria mesmo aceitar os créditos por isso.

— Sr. Surd — a voz do barão Maupertuis soou das sombras. Embora sussurrasse, sua voz podia ser ouvida em todos os cantos da sala. Era habituada ao comando. — Precisamos acelerar nossos planos. Dê a ordem. Solte as abelhas do forte. Quando elas encontrarem o caminho para a ilha e percorrerem o país, os uniformes já terão sido distribuídos. E então o caos irá reinar!



AS PALAVRAS DO BARÃO ECOARAM, enervantes, pela sala. Da escuridão soaram ruídos de atividade enquanto um criado saía para transmitir as ordens. Sherlock olhou para Virginia. Ela estava pálida, mas mantinha a boca firme em uma linha que denotava determinação. Ele tocou sua mão fria, e ela devolveu-lhe um sorriso suave.

A determinação de Virginia deu a Sherlock a coragem para continuar.

— Trata-se de um plano grandioso — ele disse para a escuridão —, mas não vai dar certo.

Houve silêncio por um momento, rompido apenas pelo rangido que Sherlock lembrava da casa em Farnham, como o som do cordame molhado de um navio sendo distendido pelo movimento constante da embarcação.

— Você parece muito confiante — soou a voz do barão. — Para uma criança.

— Pense nisso: só porque dois homens morreram em consequência de seu plano, isso não quer dizer que ele seja perfeito. Há várias substâncias que podem remover os contaminantes dos uniformes, por exemplo. Lembre-se: chove na Inglaterra. Chove muito. Alguns soldados terão os uniformes lavados antes que as abelhas consigam localizá-los, especialmente os oficiais. — Agora Sherlock pegava embalo, e sua mente disparava ideias sobre como o plano colossal de Maupertuis estava fadado ao fracasso. — Alguns soldados talvez prefiram os uniformes antigos, e continuarão a usá-los, ou irão encomendar um novo a um alfaiate militar, em vez de vestir os que você produziu. Não sei como é na França, na Alemanha e na Rússia, mas os ingleses não gostam que lhes digam o que fazer e o que vestir. Eles arrumam jeitos de contornar esse tipo de ordem.

— E quanto às abelhas propriamente ditas? — Virginia acrescentou de repente. — Quantas delas realmente chegarão à ilha? De quantas abelhas você precisa para cobrir todas aquelas áreas nas quais o Exército mantém suas bases?

Você tem o bastante? E se uma frente fria passar no país e matar as abelhas, ou se houver na Inglaterra alguma outra coisa que as coma, ou se elas simplesmente se estabelecerem em algum lugar, construirão uma colmeia e passarem a fazer parte da vida natural do país? É muito provável que se misturem às abelhas locais, abelhas inglesas, e percam todos os traços agressivos dos quais seu plano depende.

— Todos esses fatores foram considerados — o barão respondeu com sua voz áspera. Aos ouvidos de Sherlock, contudo, ele soava inseguro pela primeira vez.

— E mesmo que alguns uniformes sejam lavados, que algumas abelhas morram, e daí? Muitos ataques serão bem-sucedidos ainda assim. Muitas mortes ocorrerão. O

Exército britânico ficará paralisado pelo medo. *Paralisado.*

— Você não entende como o povo da Inglaterra pensa, não é? — Sherlock debochou. Sua mente revia as aulas da escola, o que lera nos jornais sentado no gabinete do pai, o que ouvira do irmão Mycroft. — Já ouviu falar na Carga da Brigada Ligeira? De repente o som dos rangidos cessou na escuridão. Sherlock teve uma súbita sensação de que muitos ouvidos tornavam-se mais atentos ao que ele dizia.

— Ah, sim — o barão chiou. — Ouvi falar na Carga da Brigada Ligeira.

Mesmo assim, Sherlock continuou: — Em 1854, durante a Guerra da Crimeia, os soldados do 4º e do 13º batalhões dos Dragões Ligeiros, do 17º dos Lanceiros e do 8º e do 11º dos Hussardos receberam ordens de atacar as linhas russas durante a Batalha de Balaclava. Eles marcharam por um vale no qual canhões russos estavam posicionados nas duas laterais e na frente, e continuaram a marchar.

Seguiram ordens, sem entrar em pânico e sem amotinar-se. Não estou dizendo que a obediência cega às ordens seja algo bom, mas disciplina é algo de tal forma absorvido pelo soldado britânico, que o sustenta como se uma estaca de ferro estivesse cravada ao longo de suas costas. Eu sei o que digo. Meu pai é um oficial.

Eles não entram em pânico. Nunca. Não, mesmo que ocorram mortes, elas serão tratadas como um surto de varíola ou cólera. Você não entende? *Eles vão ignorar.* É

isso o que os britânicos *fazem*. Por isso o Império Britânico é tão vasto e tão forte.

Nós simplesmente ignoramos as coisas de que não gostamos.

— Você fala bem — disse o barão —, mas não acredito em suas palavras. É

óbvio que você quer acreditar que seu Império é construído sobre

bases inabaláveis, mas está enganado. As bases estão podres, e o edifício irá desmoronar se receber um empurrão forte o bastante. Você quer acreditar que o dia de amanhã será igual ao de ontem, mas não será. O mundo irá mudar, e a balança do poder irá inclinar-se a favor de meus associados na Câmara Paradol.

Câmara Paradol? O que seria aquilo? Enquanto Maupertuis falava, Sherlock memorizava o que podia ter sido um importante lapso do qual Mycroft gostaria de saber.

Presumindo que o menino tivesse a chance de ver o irmão novamente.

— Você quer acreditar que seu irmão seguirá como um homem importante no Governo britânico — Maupertuis continuou —, mas ele não será. Como o restante dos colegas, ele será levado pela maré da história. Quando o seu paisinho pretensioso virar uma mera província de alguma nova superpotência europeia capaz de igualar-se à América em tamanho e força, Mycroft Holmes e sua laia não terão mais nenhuma utilidade. Sua classe não será necessária na nova ordem mundial.

Todos irão acabar à mercê da guilhotina ou do garrote. Não sobreviverão.

A voz de Maupertuis tornara-se um chiado, tal era a paixão com que ele declamava seu discurso venenoso contra um país e um povo pelos quais sentia um ódio evidente. Por que odiava tanto a Grã-Bretanha? Sherlock tentou determinar o que poderia funcionar melhor: uma argumentação racional ou provocar-lhe reações mais emocionais? De um jeito ou de outro, o desfecho era incerto. O mais provável era que Sherlock e Virginia acabassem mortos.

— Ele é maluco — Virginia disse em voz baixa, mas firme. —

Completamente doido. E seu plano também é pirado. O resultado que ele pretende alcançar é impossível. Goste ou não, a Inglaterra é uma potência mundial. Ele não pode mudar isso.

— Fico surpreso — disse o barão — por você defender esse país com tanta veemência, menina.

Virginia ergueu a cabeça quando ele falou, surpresa por ser incluída tão repentinamente nos pensamentos de Maupertuis.

— Por que a surpresa? — ela indagou. — Não gosto de ver inocentes serem mortos. Isso é incomum? — Seu país esteve sob o jugo da

Inglaterra por mais de dois séculos — o barão comentou. — Tudo na América era determinado por Londres. Vocês eram só mais um território, como Hampshire ou Dorset, porém mais extenso e mais distante. Vocês tiveram de rebelar-se contra o controle britânico e livrar-se da opressão de Westminster.

— E fizemos isso por meio de uma luta limpa — ela respondeu. — Não usamos truques, nem tramas, nem planos secretos. Se precisamos enfrentar guerras, então é assim que elas têm de ser: limpas, abertas e justas. Deveria haver regras na guerra, também, como no boxe.

— Ingênua — murmurou o barão. — Tão ingênua! E tão inútil! Você e o garoto morrerão antes de descobrir que sua preciosa ordem mundial terá sido superada.

— Você gosta de agir nas sombras, não é? — ela continuou, e havia um tom crítico em sua voz que fez Sherlock encará-la, imaginando o que ela pretendia fazer.

— O lutador bem-sucedido ataca das sombras e volta a esconder-se nelas, de forma que o inimigo maior e mais forte não saiba onde atacar — sussurrou o barão.

— Assim será a guerra no futuro. É assim que um oponente menor pode vencer outro muito maior. Pela astúcia.

— Prefere as sombras? Então vejamos o que acha da luz do sol — ela gritou, levantando-se de um salto. Sherlock sentiu uma repentina atividade na escuridão do outro lado da sala enquanto o Sr. Surd preparava-se para atacar com seu chicote de ponta metálica. Virginia, porém, correu para um lado, e o chicote atingiu o encosto da cadeira da qual ela acabara de levantar-se. Ela agarrou as cortinas de veludo

preto que cercavam a sala e puxou-as com força. Sherlock ouviu o som de tecido sendo rasgado à medida que o veludo soltava-se do trilho. Em seguida, com um barulho que lembrava uma tempestade distante, o material todo despencou no chão em uma avalanche vagarosa de tecido macio, deixando que o brilho da luz do sol invadissem a sala.

Por toda a sala, mascarados cobriram os olhos, mas os de Sherlock estavam fixos na figura do barão, sentado em uma cadeira muito grande à cabeceira da mesa.

Era, de fato, o mesmo homem de olhos cor-de-rosa e cabelos brancos que ele vira na carruagem em Farnham. Ele apertava os olhos sensíveis contra a luz, protegendo o rosto com uma das mãos,

enquanto a outra pegava os óculos de lentes escuras, e os colocava. Seus braços eram finos e tortos, como os galhos de um velho carvalho, e a cabeça pendia sobre os ombros. Ele vestia o que parecia ser um uniforme militar: preto, com uma faixa dourada ornamentando o peito e os pulsos. Havia alguma coisa em torno da testa, uma espécie de armação de madeira. De repente ele endireitou a cabeça, e por detrás das lentes escuras os olhos cravaram-se em Sherlock com tanta intensidade, que o menino quase podia sentir seu calor. Ele notou que havia cordas presas à armação, e que elas se esticaram no exato instante em que a cabeça de Maupertuis empertigou-se.

O Sr. Surd estava ao lado do barão, e as cicatrizes em sua cabeça, destacadas sob a luz que entrava pela janela, pareciam um ninho de vermes sobre um crânio. Ele encarava Sherlock e Virginia com a promessa de morte nos olhos, brandindo o chicote.

— Não! — o barão sussurrou. — Eles são *meus*.

Os olhos de Sherlock foram inexoravelmente atraídos para o corpo retorcido do barão Maupertuis. Havia mais cordas presas a armações de madeira nos pulsos e nos cotovelos do barão, e outra armação maior envolvia seu peito. Cordas mais grossas subiam a partir da armação do peito, e ao segui-las com os olhos até o teto da sala Sherlock percebeu que todas estavam presas a uma grande viga de madeira sobre o barão, como se formassem uma grua. A extremidade da viga mais próxima a Sherlock cruzava com uma outra, menor, equipada com ganchos e rodas de metal presas a pequenos eixos. As cordas passavam por esses ganchos e rodas, e Sherlock acompanhou-as de volta até o local onde criados mascarados, vestidos de preto, seguravam suas pontas. Devia haver vinte, talvez trinta cordas, todas conectadas a partes do corpo do barão. E o menino observou, incrédulo, alguns desses criados puxarem as cordas com toda a força, enquanto outros deixavam frouxas as cordas que seguravam ou simplesmente as mantinham esticadas, sem puxá-las. E ao fazerem isso o barão ergueu-se da cadeira.

Ele era uma marionete: uma marionete humana completamente operada por terceiros.

— Grotesco, não? — sussurrou o barão. A boca e os olhos pareciam ser as únicas partes do corpo que ele podia movimentar sem ajuda. A mão direita foi erguida e apontou para o corpo, mas o movimento realizou-se pela manipulação de uma série de cordas presas ao pulso, ao cotovelo e ao ombro, e de cordas menores atadas a anéis em seus dedos, e tudo se movia não pela vontade do barão, mas porque criados

mascarados antecipavam o que ele faria, se pudesse. — Esse é o legado que me deixou o Império Britânico. Você mencionou a Carga da Brigada Ligeira, menino. Um acontecimento tedioso, sem propósito, baseado em ordens mal compreendidas, em uma guerra que nunca deveria ter sido travada. Eu estava lá, naquele malfadado dia, com o conde de Lucan. Eu era seu oficial de ligação com a cavalaria francesa, que estava em seu flanco esquerdo. Vi quando chegaram as ordens de lorde Raglan. Eu sabia que estavam malformuladas, e que Lucan não as entendera corretamente.

— O que aconteceu? — perguntou Sherlock.

— Meu cavalo estava no meio da Carga e assustou-se com um tiro de canhão. Eu fui jogado da sela e caí na frente de centenas de cavalos ingleses. Eles passaram galopando por cima de mim. Duvido até que tenham me visto. Senti meus ossos partirem-se sob os cascos. As pernas, os braços, as costelas, a bacia e o crânio. Cada osso importante de meu corpo foi fraturado, e quase todos os pequenos. Eu parecia um quebra-cabeça.

— Você deveria ter morrido — Virginia sussurrou, e Sherlock não sabia se o comentário era uma demonstração de pena ou remorso.

— Fui encontrado por meus compatriotas depois de os ingleses terem sido dilacerados pelos canhões russos — continuou Maupertuis. — Eles levaram-me do campo de batalha. Cuidaram dos meus ferimentos. Emendaram meus ossos da melhor maneira possível, ajudaram na cicatrização, mas meu pescoço fora quebrado, e, embora meu coração ainda batesse, eu não podia mover as pernas. Eles não se atreveram a me levar para muito longe, então fiquei em uma tenda, suportando o calor fedorento e o frio gélido da Crimeia por um ano. Um *ano* inteiro. E em cada segundo, cada minuto, cada hora, cada dia, cada semana e cada mês que passei ali, amaldiçoei os ingleses e sua mania de simplesmente acatar ordens, por mais estúpidas que sejam.

— Estar lá foi escolha sua — Sherlock comentou. — Você vestia um uniforme. E sobreviveu, enquanto centenas de homens bons morreram.

— E todos os dias eu desejo ter morrido com eles. Mas eu estou vivo e tenho um objetivo: pôr de joelhos o Império Britânico. Começando por você, criança.

Enquanto cuspi as palavras, Maupertuis pareceu flutuar no ar e aterrissar sobre a mesa com suavidade. As cordas acima dele

distenderam-se, puxadas pelos

titereiros mascarados. Um rangido soou quando cordas e madeira sustentaram o peso do corpo do barão. De alguma forma, os criados adivinharam o que ele queria que fizessem. Sherlock imaginou que eles deviam trabalhar com o barão havia tanto tempo, que sabiam instintivamente o que ele pensava e conseguiam traduzir suas intenções para a forma de ação imediata. Quando os pés de Maupertuis tocaram a mesa, Sherlock levantou-se de um salto. Virginia fez o mesmo, a seu lado.

— Barão! — gritou o Sr. Surd. — O senhor não precisa cuidar disso pessoalmente. Deixe-me matar as crianças em seu nome! — Não — o barão sibilou.

— Não sou um aleijado! Eu mesmo eliminarei esses pirralhos intrometidos! Todos aqueles meses, tanto tempo paralisado projetando este arreo... não serão desperdiçados. *Eu mesmo os matarei!* Está entendendo? — Deixe-me ao menos matar a menina — Surd insistiu. — Deixe-me fazer pelo menos isso pelo senhor.

— Muito bem — o barão aceitou. — Eu cuido do garoto, então.

Como se não tivesse peso, Maupertuis flutuou na direção de Sherlock. Seus pés moviam-se quase sem tocar a mesa. Ele estendeu as mãos para o garoto, e por um momento Sherlock pensou que o barão o estivesse convidando para subir na mesa, mas cordas e fios distenderam-se subitamente dentro da manga do uniforme militar do barão e uma lâmina brilhante escorregou para fora de uma bainha presa em seu antebraço. Os dedos esqueléticos fecharam-se em torno do cabo, não tanto para controlar a lâmina, mas para dar a ela alguma direção.

Sherlock recuou até uma armadura que estava ao lado da porta. Agarrou a espada da mão metálica, derrubando todo o conjunto.

O menino percebeu que o Sr. Surd saía da escuridão, e que seu chicote pendia ameaçador de sua mão, mas então o barão saltou de cima da mesa, brandindo a lâmina em sua direção. A estrutura que o sustentava tinha uma base de rodas, e havia mais criados atrás dela, empurrando e puxando, movimentando-a pela sala.

Maupertuis podia chegar a qualquer parte dela em segundos, mais depressa do que Sherlock era capaz de mover-se.

O barão atacou com seu sabre. Sherlock bloqueou a investida de

maneira inábil, e o impacto das armas lançou ondas de dor pelos músculos de seu ombro.

Faíscas desprenderam-se quando as lâminas entraram em contato. O barão fez uma investida, aproximando-se de Sherlock e desferindo um golpe descendente em direção à sua cabeça. O menino rolou para a esquerda e a arma rasgou o encosto da cadeira em que momentos antes ele estivera sentado, quebrando a madeira e provocando uma chuva de fragmentos por todos os lados.

Sherlock olhou desesperado para a direita. Virginia afastava-se do Sr. Surd, que desenrolava o chicote. Ele a atacou, e a ponta metálica cortou o ar como uma serpente dando o bote. Virginia se encolheu, mas era tarde demais. O golpe cortou sua bochecha. Sangue espalhou-se em forma de flor por seu rosto.

Sherlock queria muito ajudá-la, mas nesse momento o barão aterrissou com suavidade à sua frente. Investindo contra os pés do homem, o menino moveu a espada em um arco, tentando cortar alguma das cordas que o sustentavam, mas os criados mascarados puxaram seu mestre para trás, para fora do alcance de Sherlock.

O rosto branco e cadavérico do barão distendeu-se num sorriso sinistro. Ele atacou: o pé direito deslizava sobre o tapete e o braço direito empunhava o sabre e esticava-se para a frente numa investida perfeita, enquanto o pé esquerdo impulsionava o corpo. Sherlock ouvia os grunhidos dos criados que, nas sombras, usavam toda a força no mecanismo que sustentava o barão. A lâmina avançou na direção da garganta de Sherlock. Ele tentou bloquear o golpe, mas tropeçou em uma dobra do tapete e caiu de costas, batendo com a cabeça no chão.

— Fui o maior espadachim de toda a França! — Maupertuis gabou-se.
— E

ainda sou! Virginia gritou, e Sherlock olhou instintivamente em sua direção. O Sr.

Surd encurralara-a contra a parede. Havia outro corte em seu rosto, agora na testa. O

vermelho do sangue era ofuscado pelo tom cobre dos cabelos, brilhando na luz do sol que penetrava pela janela descortinada. Sherlock tentou aproximar-se dela, mas a lâmina do barão apareceu inesperadamente, rasgando a gola da camisa e abrindo uma linha de fogo em seu peito. Levantando-se de um salto, o garoto recuou

rapidamente, movendo a espada diante de si, numa tentativa desesperada de bloquear as investidas do barão.

Com um ranger de cordas e da estrutura de madeira, o corpo do barão levitou e voou para a frente de um jeito que nenhum espadachim humano poderia fazer. Ele moveu o sabre no sentido horizontal, como se fosse uma foice. Apesar da alegação de que fora um grande espadachim, qualquer noção de técnica deve ter sumido de sua mente naquele momento. Ele apenas atacava aleatoriamente, e os braços de Sherlock já estavam cansados de bloquear os golpes. Os músculos queimavam e os tendões estavam tensos como cordas de um violino.

Alguma coisa passou voando perto da cabeça de Sherlock, e ele se virou para olhar. Era uma luva de metal, parte da armadura que ele derrubara. Virginia a pegara do chão e a arremessara contra o Sr. Surd, que protegia o próprio rosto. A menina apanhou uma bota de metal e a lançou. Atingiu o Sr. Surd bem em cima de um olho, e ele praguejou.

Sherlock recuou enquanto Maupertuis se aproximava, com o ranger das cordas causado pelo esforço de sustentar o homem desfeito. Como os criados mascarados conseguiam coordenar seus movimentos com tanta perfeição?

Maupertuis caminhava também como qualquer outra pessoa. Havia até certa arrogância em seus passos.

O barão levantou seu sabre até perto de sua orelha esquerda e atacou no sentido diagonal e descendente, contra a cabeça de Sherlock. O menino bloqueou o

golpe. O encontro das duas lâminas lançou uma chuva de fagulhas em todas as direções, como insetos cintilantes, que queimaram os ombros e o pescoço de Sherlock.

Não havia esperança: Maupertuis era um mestre espadachim, mesmo limitado como estava, com todos os movimentos controlados por criados anônimos.

Ou esses empregados eram mestres espadachins também — uma possibilidade na qual Sherlock quase podia acreditar — ou haviam treinado com o barão por tanto tempo, que operavam instintivamente, como se constituíssem um único organismo, sem a necessidade de comunicação ou pensamento. Quantos milhares de horas Maupertuis teria passado treinando-os, até que fizesse deles quase uma extensão de sua vontade? Sherlock recuou, mas seu cotovelo e seu ombro

chocaram-se contra algo duro. A parede! Não tinha mais para onde fugir.

O cotovelo de Maupertuis foi puxado para trás e o sabre avançou como um raio. Desesperado, Sherlock escorregou para o lado, e a lâmina cortou a gola de sua jaqueta, encaixando-se no vão entre dois blocos de pedra. Sherlock tentou afastar-se, mas estava preso pela lâmina, espetado como uma borboleta em um quadro.

O menino preparou-se, à espera de que Maupertuis removesse a lâmina para desferir o golpe final, de modo que pudesse escorregar para baixo e escapar. Mas, em vez disso, Maupertuis levantou a mão esquerda. Cordas e fios moviam-se como tendões, e alguma coisa surgiu da manga de sua casaca. Por um momento Sherlock pensou que fosse uma faca, mas havia algo estranho na ponta. Era uma espécie de disco metálico com uma borda serrilhada.

Alguma coisa zumbiu na escuridão atrás de Maupertuis e o disco começou a girar, espalhando cintilantes raios de luz para todas as direções. Sherlock sentia o deslocamento de ar bem próximo ao rosto à medida que o barão aproximava mais e mais o disco giratório de seu olho direito.

O desespero invadiu-o. Não era páreo para aquele oponente. Não sobreviveria por muito tempo àquele tipo de punição.

Mas precisava salvar Virginia.

A ideia deu-lhe forças para um último esforço. Ele se retorceu, tirando o braço da manga da jaqueta e caindo no chão de pedras no mesmo instante em que o disco acertava a parede, abria nela uma fenda rasa e espalhava faíscas vermelhas e fragmentos de pedra. O barão praguejou e tentou retirar o sabre do buraco entre os blocos.

Se Sherlock não podia vencê-lo com sua habilidade de espadachim, ele o faria com a capacidade de seu cérebro. Tudo o que tinha de fazer era identificar uma única vulnerabilidade, algo que pudesse explorar. E precisava ser algo relacionado com os movimentos do barão. Essa era sua fraqueza. Sherlock tentou mais uma vez cortar as cordas que o sustentavam, mas o barão anteviu esse tipo de ofensiva e

bloqueou a lâmina sem nenhuma dificuldade, usando a serra giratória em sua mão esquerda, enquanto a direita recuperava a lâmina presa à parede.

Ao recuar Sherlock quase tropeçou nos restos da cadeira em que

estivera sentado, que fora quebrada pelo sabre do barão. O menino ouviu o som da madeira quando a chutou, e o esboço de um plano surgiu em sua mente. Sem perder tempo na consideração dos detalhes, Sherlock abaixou-se e pegou o maior pedaço da cadeira com a mão esquerda: uma parte formada pela maior porção de um braço, parte do assento e uma perna entalhada. Quando o barão investiu contra a testa desprotegida de Sherlock, o menino levantou o pedaço da cadeira. A lâmina enterrou-se profundamente na madeira. Antes que o barão pudesse puxá-la, Sherlock empurrou a madeira, levantando a espada acima da cabeça do barão. O dorso de sua mão roçou numa das cordas que sustentavam Maupertuis. Ele virou a madeira, quase arrancando a arma da mão do barão, e prendeu-a atrás de várias outras cordas, depois a virou novamente, até a posição anterior. Preso entre as cordas, o pedaço de madeira ficou suspenso no ar. Sherlock soltou-o, e em seguida segurou, primeiro, uma, e, depois, outra das cordas restantes, e usando toda a força dos músculos enroscou-as para trás da madeira.

— O que está *fazendo*? — o barão gritou.

Mas era tarde demais. As cordas que o mantinham em pé eram agora uma cama de gato, presas pelo pedaço de cadeira. Maupertuis balançava, impotente. Os criados no fundo escuro da sala empregavam toda a força, mas não conseguiam nenhum resultado. Não tinham êxito em remover o pedaço de madeira do meio das cordas.

Sherlock deu um passo para trás e moveu a espada contra as cordas, cortando cinco ou seis delas. Com a súbita remoção da tensão, elas ricochetearam em um canto da sala. Os braços do barão caíram, inertes, e sua cabeça pendeu para um lado.

— Você vai pagar por isso — ele sibilou.

— Mande a fatura — Sherlock respondeu em um tom calmo. Ele virou-se para onde Virginia estava, pronto para partir em socorro da amiga, quando a viu descer com força o pontudo elmo da armadura sobre a cabeça do Sr. Surd. O homem caiu no chão, inconsciente e sangrando.

— Eu ia ajudar você — Sherlock disse.

— Estranho — ela respondeu. — Eu também ia ajudá-lo.



CAPÍTULO DEZESSEIS

— AGRADEÇA AOS CÉUS A EXISTÊNCIA do barão Maupertuis — Sherlock disse em um sussurro sincero ao fechar a porta da sala de jantar atrás dos dois. Não havia fechadura, então ele usou o peso do corpo para empurrar o armário de teca que ficava ao lado da porta. As pernas do móvel rangeram com o deslocamento pelo piso de ladrilhos.

— Por quê? — Virginia perguntou com irritação, somando seu peso ao do amigo. O móvel foi empurrado para a frente da porta, de modo a impedir que fosse aberta. — O que ele fez por nós? Os criados do barão Maupertuis deviam ter chegado à porta da sala, alcançando-a pelo lado de fora, porque ela se abriu um pouco e bateu contra o móvel. Os homens sacudiram-na algumas vezes, mas o móvel não se deslocou.

— Ele gosta de que todos os lugares nos quais mora sejam iguais. Por isso, sei onde fica o estábulo. Venha! — Ele indicou o caminho para a parte de trás da casa, até uma porta que levava ao exterior, e quando se certificou de que não havia nenhum criado de Maupertuis à vista, Sherlock e Virginia contornaram o *chateau* rapidamente e encontraram o estábulo. A julgar pela posição do sol, era o meio da manhã.

Eles foram mantidos dopados por pelo menos uma noite, talvez mais.

Sempre prática, Virginia imediatamente começou a selar dois cavalos.

— O que iremos fazer, Sherlock? Estamos em outro país! Nem falamos o idioma local! — Na verdade — ele corou —, eu sei.

— Você sabe o quê? — Falar o idioma local. Um pouco, ao menos.

Ela virou-se e olhou para Sherlock de um jeito esquisito.

— Como assim? — A família de minha mãe é de origem francesa. Ela fazia questão de que aprendêssemos a língua. Dizia que era nossa herança familiar.

Virginia estendeu a mão para tocá-lo no braço.

— Você nunca fala sobre sua mãe — disse. — Fala sobre seu pai e seu

irmão, mas nunca sobre ela.

— Não — ele confirmou, sentindo um nó na garganta. Virou-se para que ela não pudesse encará-lo. — Não falo.

Virginia terminou de ajustar os arreios nos cavalos.

— Então, uma vez que você *fala* o idioma local, para onde vamos? Pedimos ajuda a alguém? — Vamos para um porto — Sherlock disse.
— Maupertuis deu

ordens para que as abelhas fossem soltas. Se não conseguirmos impedir que isso aconteça, elas matarão pessoas. Talvez não tantas quantas Maupertuis espera, mas alguns soldados britânicos certamente morrerão. Temos de impedir que elas sejam libertadas.

— Mas... — Uma coisa de cada vez — ele disse. — Vamos para o litoral.

De lá, poderemos enviar um telegrama a meu irmão, ou algo assim. Qualquer coisa.

Virginia assentiu.

— Montando, então, mestre espadachim.

Ele sorriu.

— Você também foi bastante magnífica lá dentro. A jovem sorriu.

— Fui mesmo, não fui? Eles montaram e cavalgaram para longe do *chateau* no mesmo instante em que gritos começaram a soar e um sino estridente deu o alarme. Sherlock sabia que em pouco tempo estariam longe demais para ser capturados.

Pararam no primeiro vilarejo para perguntar onde estavam. Ambos estavam famintos, mas não tinham dinheiro francês, então só podiam limitar-se a olhar com desejo para as salsichas expostas nas vitrines dos armazéns e para as baguetes, longas como o braço de Sherlock, empilhadas em bandejas. Um fazendeiro disse a Sherlock que eles estavam a alguns quilômetros de Cherbourg. O homem apontou a estrada que eles deveriam tomar, e a dupla seguiu viagem.

Em certo momento Virginia olhou para Sherlock com um ar crítico.

— Nada mau — disse. — Você cavalga como se estivesse sobre uma bicicleta, não uma criatura viva, mas ainda assim... nada mau.

Eles pararam novamente, meia hora depois, junto a um pomar de pereiras.

Então, encheram seus bolsos com as frutas e comeram-nas, com o suco a escorrer pelo queixo, enquanto retomavam a cavalgada. A paisagem passava depressa, familiar e, ao mesmo tempo, diferente de tudo o que Sherlock conhecia na Inglaterra.

Sua cabeça latejava como as batidas dos cascos de seu cavalo. Ele precisava decidir o que fariam quando chegassem a Cherbourg.

Quando chegaram, ele ainda não tinha nenhuma ideia.

A cidade fora construída na encosta de uma colina que descia até as brilhantes águas azuis de um porto. Os cascos dos cavalos batiam ruidosamente contra as pedras do calçamento, e eles foram forçados a reduzir a velocidade para passos lentos, de modo que pudessem atravessar a multidão aglomerada entre as barracas e as lojas nas sinuosas ruas. Era uma cena que poderia ser vista em qualquer local da costa sul da Inglaterra, exceto pelas roupas e, também, pela preponderância de queijos nas barracas.

Ele e Virginia desmontaram e, relutantes, deixaram os cavalos presos a uma cerca. Alguém cuidaria deles. Sherlock testou seu conhecimento do idioma local

perguntando se havia algum posto do telégrafo na região, e ficou arrasado ao ser informado de que o mais próximo ficava em Paris. Como mandariam notícias para Mycroft? Tinham de achar um navio e voltar à Inglaterra. Essa era sua única esperança.

Encontraram o escritório do capitão dos portos e pediram informações sobre navios ou barcos que iriam para a Inglaterra. O homem disse que havia muitos.

Atencioso, recitou todos os nomes. Quatro eram barcos locais que faziam comércio entre países, transportando produtos como queijos, carne, cebolas. Ele poderia recomendá-los aos capitães.

O quinto barco era um pescador inglês que ancorara inesperadamente naquela manhã.

Chama-se *Sra. Eglantine*.

Ouvir aquele nome foi como ser atingido no rosto por um balde de água fria.

Por um momento assombroso Sherlock teve certeza de que a Sra. Eglantine — a governanta da casa de seus tios — era a idealizadora de tudo aquilo, mas em seguida o bom-senso prevaleceu: alguém usava o nome como uma bandeira, para atrair a atenção de Sherlock. E conseguiu.

O *Sra. Eglantine* era um barco pequeno, e estava atracado em um píer na extremidade do porto. Redes de pesca envolviam-no como teias de aranha. Amyus Crowe e Matty Arnatt aguardavam os dois ao lado da prancha de embarque.

Virginia correu para os braços do pai. Ele levantou a filha do chão, abraçando-a com força. Sherlock bateu nas costas de Matty.

— Como souberam onde nos encontrar? — perguntou. — Como souberam até mesmo em que *país* procurar? — Você precisa lembrar que sou rastreador por ofício — explicou Crowe. — Quando você não voltou ao hotel e percebemos que Ginny tinha desaparecido, tentamos refazer seus passos. Ouvi comentários sobre o fogo no túnel Rotherhithe e fiz algumas perguntas até descobrir que um menino parecido com você fora visto correndo para fora de lá. Enquanto isso, nosso Matty aqui foi atrás do barco que levou Ginny para as docas. Quando chegamos lá, o navio de Maupertuis tinha zarpado, mas encontramos um supervisor que se lembrava de tê-

los visto sendo levados a bordo. *Arrastados*, ele disse. O navio içara velas imediatamente, mas ele recordou que ouvira os marujos comentarem como era breve a viagem pelo canal da Mancha até Cherbourg. Então, alugamos um barco de pesca e viemos procurar por vocês. Chegamos pouco tempo depois do navio de Maupertuis. Ou eles vieram devagar, ou pararam em algum lugar pelo caminho. Não sei o que foi. — Sua voz era consistente e sensata como sempre, e as palavras nada revelaram sobre seu estado mental, mas Sherlock tinha a impressão de que ele parecia mais velho, mais cansado. Crowe mantinha um braço sobre os ombros da filha, puxando-a para perto. Ela não parecia querer afastar-se. — Descobri que o

barão tem uma casa perto daqui, e já me preparava para contratar alguns homens da região e formar um grupo quando os vi chegar. Uma conveniente confluência de caminhos, eu diria.

— Faz sentido — disse Sherlock. — Procurávamos o porto mais próximo do *chateau* de Maupertuis. O navio dele atracaria ali, obviamente, e o senhor seguia esse mesmo navio. Sendo assim, todos acabaríamos nos encontrando em Cherbourg em algum momento. —

Ele sorriu. — A única coisa incrível é que o senhor conseguiu um barco com o nome da governanta da casa de meus tios. Quais são as chances reais de algo assim acontecer? — O nome do barco era *Rosie Lee* —

Crowe respondeu, sorrindo. — Mas eu imaginei que um nome mais conhecido pudesse atrair seu interesse, se você estivesse na área tentando voltar à Inglaterra.

Eu ia batizá-lo de *Mycroft Holmes*, mas o capitão informou-me de forma incisiva que todos os barcos recebem nomes de mulher.

— Você *esperava* que escapássemos do barão? Crowe assentiu.

— Eu teria ficado decepcionado se vocês não conseguissem. Você é meu discípulo e Ginny tem meu sangue. Que tipo de professor eu seria se vocês dois ficassem parados e deixassem que os fizessem prisioneiros? O tom era brincalhão, e seu rosto exibía um sorriso, mas Sherlock sentiu que havia em Crowe certa tensão, talvez até medo, que começara a dissipar-se com o surgimento dos dois. Ele estendeu uma grande mão e segurou Sherlock pelo ombro.

— Você a protegeu — disse em voz mais baixa. — Eu lhe agradeço.

— Sei que tudo o que o senhor fez para chegar aqui foi lógico — Sherlock respondeu em um tom igualmente baixo — e deu certo, mas e se não tivesse dado?

E se não conseguíssemos fugir, ou se tivéssemos seguido em direção diferente, ou se estivéssemos em extremos diferentes do porto, se embarcássemos em outro navio? O

que aconteceria? — Então tudo teria sido diferente — disse Crowe. — Estamos onde estamos porque as coisas aconteceram como aconteceram. A lógica pode reduzir consideravelmente nossa margem de erro, mas existe sempre o acaso a ser considerado. Desta vez tivemos sorte. Da próxima... quem sabe? — Não espero que haja uma — próxima vez — disse Sherlock. — E ainda temos de interromper os planos do barão.

— Quais são eles? — Crowe perguntou intrigado. — Consegui sacar algumas coisas, mas não tudo.

Sherlock e Virginia contaram rapidamente sobre as abelhas, os uniformes impregnados e o plano para matar parte considerável do Exército britânico alojada em acampamentos na Inglaterra. Crowe

também duvidou da eficiência do plano, como Sherlock, mas sabia que haveria algumas mortes, e que até uma única morte já seria demais. As abelhas tinham de ser contidas.

— Mas como as abelhas vão conseguir achar o caminho através do mar para

a ilha, e depois localizar os alojamentos? — Crowe perguntou.

— Estive lendo sobre elas na biblioteca de meu tio — respondeu Sherlock.

— As abelhas são criaturas incríveis. Elas conseguem distinguir centenas de cheiros diferentes, em concentrações muito, muito menores que as que seriam necessárias ao homem, e podem viajar quilômetros à procura da origem desses cheiros. Eu não me surpreenderia se isso fosse possível. — Ele fez uma pausa, recordando. — O barão falou sobre um forte. Ele disse a seu braço direito, o Sr. Surd, que as abelhas teriam de ser soltas de um forte. Sabe se existe alguma fortificação ao longo da costa, ou no litoral da Inglaterra, que ele possa utilizar? — Não é esse tipo de forte — Matty Arnatt interrompeu.

— Como assim? O que quer dizer? — Tem fortes construídos no canal da Mancha, perto de Southampton, Portsmouth e em Wight, como ilhas — ele explicou.

— Foram edificadas ali por precaução, caso Napoleão decidisse invadir a Inglaterra.

Agora a maioria está deserta, porque a invasão nunca aconteceu.

— Como sabe disso? — estranhou Virginia.

Matty franziu a testa.

— Meu pai esteve alojado num desses fortes quando era da Marinha. Ele me contou tudo sobre eles.

— E o que o faz pensar que Maupertuis pode estar usando um deles?
—

Sherlock questionou.

— Você falou do ódio que ele tem pelos ingleses por causa do que aconteceu com ele. Faz sentido ele usar contra nós os fortes que

construímos para nos defendermos dos franceses, né? Crowe assentiu.

— O garoto tem razão. E, embora o navio dele tenha zarpado de Londres muito antes de Matty e eu conseguirmos uma embarcação, eles só chegaram a Cherbourg pouco antes de nós. Devem ter parado em um desses fortes para deixar as colmeias.

— Mas tem um monte — Matty comentou. — Não dá para procurarmos em todos.

— Ele não iria querer que as abelhas tivessem de voar muito — Sherlock comentou. — Procuramos pelo forte mais próximo da costa. E ele iria preferir deixá-

las perto de uma base militar de tamanho considerável. Precisamos de um mapa da Inglaterra e da costa, e temos de traçar retas que liguem os fortes às bases do Exército britânico. Precisamos saber qual é a linha mais curta. — Ele encarou os olhares espantados de Amyus Crowe e Virginia. — É só geometria — acrescentou.

— E o que vamos fazer quando acharmos o forte certo? — perguntou Matty.

— Podemos voltar ao litoral britânico e enviar uma mensagem para Mycroft Holmes — sugeriu Crowe. — Ele poderia enviar um navio da Marinha Real ao forte.

— Demoraria demais — disse Sherlock, balançando a cabeça. — Nós mesmos precisamos ir até lá. Agora.

No final, eles fizeram as duas coisas. O *Sra. Eglantine*, em breve novamente *Rosie Lee*, zarpou de Cherbourg enquanto Crowe e Sherlock traçavam linhas nos mapas para identificar o forte mais provável. Quando chegavam ao local, muitas horas depois, o sol se aproximava do horizonte e a costa da Inglaterra era uma linha escura à distância.

— Este barco pesqueiro logo será visto — Crowe preveniu-os. — Mesmo com as velas arriadas, o mastro será visto, isso se presumirmos que eles estejam montando guarda, o que eu faria se estivesse no lugar deles.

— Há um barco a remo preso à lateral — Sherlock disse. — Vi quando embarcamos. Matty e eu podemos remar até o forte. Vocês seguem para a Inglaterra e dão o alerta.

— Que tal eu remar até o forte, e você, Ginny e Matthew seguirem para a Inglaterra? — Nenhum de nós sabe velejar — comentou Sherlock. Seu coração batia acelerado no peito, diante do que acabara de se propor a fazer, mas não conseguia pensar em nenhuma alternativa. — Além do mais, o Almirantado e o Gabinete da Guerra darão mais atenção ao relato de um adulto.

— É lógico — Crowe concordou relutante.

— Quando atracarem, se estiverem perto dos portos de Portsmouth e Chatham, de Deal, Sheerness, Great Yarmouth ou Plymouth, há estações de semáforos nesses locais. Se entregar em uma delas uma mensagem, elas podem fazê-

la correr o país através de uma cadeia de semáforos, até chegar ao Almirantado. É

mais rápido que um telegrama, provavelmente.

Crowe assentiu, sorriu e estendeu a mão grande e calejada para apertar a de Sherlock.

— Voltaremos a nos encontrar — disse.

— Estou contando com isso — respondeu o menino.

Sherlock e Matty desceram ao bote e remaram com força, indo rapidamente para a praia em que ficava o forte. Um barco a remo podia aproximar-se sem ser visto, mas um pescueiro, por mais que parecesse inofensivo, seria notado. Conforme tinham combinado, Crowe e Virginia seguiram viagem para a costa inglesa, de onde poderiam enviar uma mensagem de alerta ao Governo.

Virginia mantinha-se em pé junto à balaustrada do *Sra. Eglantine*, que se afastava do barco a remo, e olhava para Sherlock. Ele olhou para trás, perguntando-se se algum dia voltaria a vê-la.

O mar era verde-acinzentado e estava agitado, e os meninos remavam com força. O forte era uma silhueta escura no horizonte que parecia nunca se aproximar, por mais que eles remassem. Sherlock sentia nos lábios o gosto de sal. Enquanto remava, ele pensava em como tinha conseguido se envolver naquela estranha

aventura.

Depois de um tempo, o menino ergueu a cabeça e viu que o forte

estava a poucas dezenas de metros de distância: um amontoado de pedras molhadas, cobertas por algas, que parecia emergir das águas do canal da Mancha. De alguma forma, conseguiram aproximar-se sem ser percebidos. O lugar parecia vazio, deserto. Ele observou o parapeito fortificado, de onde poucas décadas antes forças britânicas vigiavam a área em busca de navios franceses. Sherlock não via ninguém. Ninguém mesmo.

O barco percorreu os últimos metros até o forte e parou junto de uma escada de pedra molhada e escorregadia que se elevava da água.

Rapidamente, Matty amarrou a corda do bote a uma barra de ferro enferrujado que fora cimentada entre as pedras, e os dois meninos subiram os degraus. Sherlock quase caiu, e Matty teve de agarrá-lo para impedir que ele fosse parar na água.

— Como iremos saber que não é tarde demais? — Matty perguntou.

— Já anoiteceu. As abelhas dormem à noite. O criado do barão não teve muito mais tempo que nós para chegar aqui. As abelhas serão soltas de manhã.

Quando alcançaram o topo da escada, ajoelharam-se atrás de uma mureta de pedras que contornava toda a parte externa do forte. Os vãos entre as pedras estavam cheios de musgo.

Sherlock observou o patamar superior — tecnicamente, supunha, deveria chamá-lo de deque, embora esse —navio não fosse a lugar nenhum —, mas a área estava deserta, exceto por rolos de corda, tufos de alga marinha e uma ou outra caixa quebrada de madeira.

Do outro lado do forte ele viu o brilho súbito de um fósforo iluminar um rosto barbudo marcado por uma cicatriz. Quem estava no comando do forte posicionara guardas. Ele e Matty teriam de ser cuidadosos.

O guarda afastava-se de onde estavam, e Sherlock o viu passar por uma abertura na plataforma de pedras, que era cercada em três lados por um guarda-corpo de madeira. Devia haver ali uma escada por onde seria possível entrar na fortificação. Sherlock puxou a manga da camisa de Matty e o trouxe mais para perto.

Ele estava certo. Degraus de pedra levavam para baixo, para a escuridão. O

cheiro de umidade e podridão subia até onde eles estavam.

— Venha — Sherlock sussurrou —, vamos descer.

Os dois desceram rapidamente os degraus que conduziam às entranhas do forte. No início, o espaço parecia ser escuro como o fundo do inferno, mas depois de alguns momentos os olhos de Sherlock adaptaram-se e ele identificou lamparinas presas à parede a intervalos regulares. Estavam em um corredor curto que parecia levar a um cômodo mais amplo, mais escuro, ao qual o brilho alaranjado da luz das

lamparinas quase não chegava.

Sherlock e Matty seguiram pelo corredor até um local em que as paredes abriam-se de repente. O espaço circular devia ocupar a maior parte do andar em que estavam. Pilares de pedra separados por poucos metros sustentavam o teto, mas o que fez Sherlock prender a respiração foram as colmeias, enfileiradas de forma a seguir um padrão regular sobre o piso. Havia centenas delas. Com centenas de milhares de abelhas em cada colmeia, significava que havia mais ou menos um milhão de abelhas agressivas a poucos metros. Sherlock sentiu a pele pinicar, uma reação inconsciente à proximidade das abelhas, como se os insetos caminhassem por seus ombros e descessem por suas costas.

Independentemente de o plano de Maupertuis funcionar ou não por toda a Inglaterra, a presença de tantas abelhas agressivas em um mesmo lugar era, definitivamente, algo muito perigoso para qualquer pessoa naquela região.

— Diga que não iremos levá-las escada acima e jogá-las por cima da mureta para o canal — Matty sussurrou.

— Não vamos levá-las escada acima e jogá-las por cima da mureta para o canal — Sherlock confirmou.

— Então, o que vamos fazer? — Não sei bem.

— Como assim, não sabe bem? — Ainda não pensei em nada. Tudo tem sido um tanto corrido.

Matty bufou.

— Você teve bastante tempo no pesqueiro.

— Eu estava pensando em outra coisa.

— É, eu percebi — Matty disse. Depois ficou em silêncio por um momento.

— Podemos atear fogo às colmeias — sugeriu.

Sherlock balançou a cabeça.

— Olhe a distância entre elas. Conseguiríamos queimar uma ou duas colmeias, mas o fogo não se alastraria o suficiente para queimar todas elas, e as abelhas acabariam nos atacando.

Matty olhou em volta.

— O que elas comem? — perguntou.

— Do que está falando? — Estamos no canal da Mancha. Não há flores aqui, e duvido que elas queiram comer algas marinhas. Do que as abelhas estão se alimentando? Sherlock pensou um pouco.

— Boa pergunta. Não sei. — Ele olhou à volta. — Vamos dar uma olhada por aí, ver se encontramos algo. Nós nos separamos e nos encontramos do outro lado. Não se deixe capturar.

Matty foi pela esquerda, Sherlock seguiu pela direita. Ao olhar para trás, Sherlock notou que a escuridão já havia tragado Matty.

As fileiras de colmeias pelas quais ele passava formavam um padrão quase hipnótico. Não via nenhuma abelha — talvez a escuridão as mantivesse confinadas às colmeias —, mas acreditava poder ouvi-las: um zumbido baixo, soporífico, quase como se não fosse ouvido de forma consciente. Havia armações de madeira instaladas em vários pontos do espaço cavernoso. Algumas sustentavam bandejas de madeira, outras estavam vazias. Sherlock perguntou-se onde vira bandejas como aquelas antes. Havia nelas algo familiar.

Uma figura grotesca surgiu na escuridão: um homem encoberto por um macacão de lona com a cabeça protegida por um véu de musselina sobre uma armação de bambu. Ele estava debruçado sobre uma grande caixa — uma das muitas que Sherlock agora podia ver alinhadas ao longo daquele trecho da parede curva que delimitava o espaço. Quando se levantou, ele segurava uma bandeja como as outras que Sherlock vira apoiadas nas armações parecidas com cavaletes e caminhou na direção das colmeias. Uma névoa fina parecia erguer-se da bandeja que ele carregava.

A lembrança surgiu no exato instante em que o homem vestido com

um macacão de apicultor parou ao lado de uma armação e encaixou nela a bandeja. Vira apicultores com aquele mesmo traje na mansão do barão Maupertuis, na periferia de Farnham, removendo bandejas semelhantes das colmeias. De repente tudo se encaixou: as bandejas, a névoa que se desprendia delas, o gelo que ele vira o grandalhão Denny descarregar do trem em Farnham e a pergunta de Matty sobre como as abelhas se alimentavam na ausência de flores. Tudo era perfeitamente lógico! Abelhas colhiam pólen de flores, estocando-o em finos pelos de suas patas até chegarem à colmeia, e usando-o então como alimento. Ponha uma bandeja sob uma colmeia e crie algum tipo de —portal pelo qual as abelhas tenham de passar para entrar na colmeia, e poderá colher parte do pólen de suas patas com bandejas especialmente posicionadas. Ponha as bandejas no gelo e você pode guardar o pólen para quando precisar dele — por exemplo, quando as abelhas forem mantidas em algum lugar onde não haja flores. Espalhe as bandejas, e as abelhas poderão colher o pólen nelas sem nem sequer perceber que essa é a segunda vez que recolhem o mesmo pólen.

Ao pensar em Farnham e na estação, outra lembrança chamou a atenção de Sherlock: algo que Matty dissera. Alguma coisa sobre pó. E padarias. Sherlock vasculhou o arquivo da memória, tentando lembrar as palavras.

Sim. Pó. Farinha. Matty mencionara um incêndio que ocorrera na padaria em que ele trabalhava. Ele dissera que um pó como a farinha era altamente inflamável quando ficava suspenso no ar. Se uma pitada de farinha pegasse fogo, as chamas espalhavam-se de pitada em pitada mais depressa do que um homem era capaz de correr.

E, se funcionava com farinha, talvez funcionasse também com pólen.

— Uma moeda por seus pensamentos — disse uma voz atrás dele.

Sherlock virou-se sabendo o que veria.

O Sr. Surd, fiel servidor do barão Maupertuis, estava nas sombras. A tira de couro de seu chicote tocava o chão, junto ao seu pé.

— Deixe para lá — ele disse, avançando para Sherlock. — Se o barão quer saber o que passa por sua cabeça, eu a entregarei a ele, para que tire a informação pessoalmente.



CAPÍTULO DEZESSETE

SHERLOCK DEU UM PASSO para o lado. Surd virou-se para acompanhá-lo, e ouviu-se o som da ponta de metal do chicote arranhar o chão.

O rosto de Surd era uma máscara de polida indiferença, mas as cicatrizes que cobriam sua cabeça estavam vermelhas e inchadas, tamanha a fúria.

— O barão brigou com você? — Sherlock provocou. — Permitir que fugíssemos daquela maneira não deve ter sido bom para sua reputação. Aposto que o barão descarta criados inúteis com a mesma facilidade com que outros homens jogam fora um palito de fósforo usado.

O rosto de Surd permaneceu impassível, mas sua mão moveu-se e o chicote estalou. Sherlock virou a cabeça para o lado uma fração de segundo antes que a ponta de metal arrancasse sua orelha.

— Esse é um bom truque de circo, mas já vi outros muito melhores por aí —

o menino continuou, tentando não deixar a voz tremer e traí-lo. — Talvez Maupertuis deva contratar um atirador de facas.

O chicote avançou mais uma vez, e o estalo da ponta perto da orelha esquerda de Sherlock ensurdeceu-o por um momento. Ele pensou ter desviado, mas um fio de sangue repentino e morno no pescoço e uma dor aguda e crescente na lateral da cabeça sugeriam que a ponta metálica entrara em contato com o alvo.

Sherlock cambaleou para o lado, levando a mão à orelha. A dor não era tão forte, ainda não, mas ele queria mudar a posição em que estavam, e aquele ainda não era o local desejado.

— A cada provocação vou tirar uma fatia de carne de seu rosto — Surd avisou com tranquilidade. — Você vai acabar implorando para morrer, e eu só vou rir. Vou rir.

— Ria enquanto pode — respondeu Sherlock. — Talvez eu possa

persuadir o barão a contratar-me para a sua vaga. Pelo menos já provei que sou mais competente que você.

— Vou mantê-lo vivo só até que a garota veja o que fiz com você — ele continuou, como se Sherlock não tivesse falado nada. — Ela não vai querer olhar para seu rosto. Vai gritar quando o vir. Como vai ser essa sensação, garoto? Como vai ser? — Você fala demais — respondeu o menino, dando mais um passo para o lado.

Surd também se moveu.

As caixas de madeira que continham as bandejas de pólen estavam agora diretamente atrás de Sherlock. Ele levou a mão direita para trás e cerrou os dedos em torno da beirada de uma das bandejas. Ela estava fria por causa do gelo sobre o qual repousava.

— O que está fazendo, menino? — perguntou Surd. — Acha que tem alguma coisa aí que possa salvá-lo? Está enganado. Muito enganado.

— A única coisa que irá me salvar será meu cérebro — Sherlock falou, puxando a bandeja para a frente do corpo. O pólen desprendeu-se dela, um pó amarelado que o fez tossir.

Surd brandiu o chicote outra vez, mirando no olho direito de Sherlock, mas o menino segurou a bandeja como um escudo, e o chicote enroscou-se nela. A ponta metálica afundou na madeira e ficou presa. Sherlock puxou com força e arrancou o cabo da mão de Surd, um Surd surpreso, e jogou o chicote para o lado.

Surd rugiu como um touro e atacou, os braços muito abertos. Sherlock agarrou outra bandeja da caixa e quebrou-a na cabeça de Surd. O homem cambaleou para trás, envolvido numa nuvem sufocante de pó amarelo. Se sobrevivesse, teria ainda mais cicatrizes na cabeça.

Por outro lado, se Surd sobrevivesse, Sherlock com certeza estaria morto.

Ele adiantou-se e agarrou as orelhas do homem. Erguendo um joelho, puxou a cabeça de Surd para baixo, atingindo-o no rosto. Seu nariz quebrou com um estalo tão alto quanto o do chicote. Mais uma vez cambaleou para trás, e seu sangue descia pelo queixo e pela boca.

Antes que Surd pudesse atacar novamente, Sherlock pegou o chicote do chão e puxou a ponta de metal da bandeja de madeira, soltando a tira de couro. Quando o grandalhão careca, que urrava como um louco, ergueu-se na nuvem de pólen e correu na direção de Sherlock, o

menino estalou o chicote. Jamais usara esse tipo de arma antes, mas observar Surd lhe ensinara como fazer. O chicote desenrolou-se na direção do bandido careca, e a ponta metálica atingiu-o no rosto. Surd foi jogado para trás com o impacto.

Bem em cima de uma das colmeias.

Ela caiu, e Surd caiu com ela, *dentro* dela. A madeira partiu-se ao atingir o chão, e o grandalhão foi coberto pela substância melada e pegajosa que havia dentro da colmeia.

E por abelhas. Milhares de abelhas.

Elas cobriram seu rosto como um gorro vivo, penetrando no nariz, na boca e nas orelhas, picando todos os lugares por onde passavam. O homem gritava; um som fino, um assobio que se tornava cada vez mais alto. Ele rolava, tentando esmagar as abelhas, mas conseguiu apenas derrubar outra colmeia.

Momentos depois era impossível ver o Sr. Surd sob o cobertor de insetos que

picava cada centímetro de sua pele. Seus gritos eram abafados pelas abelhas que entravam em sua boca.

Sherlock recuou, horrorizado. Jamais vira nada parecido antes. Estivera lutando por sua vida, mas o que acontecia com o Sr. Surd era tão horrível, que ele se sentia nauseado. Matara um homem.

— Não posso deixá-lo sozinho nem por um minuto, não é? — Matty disse atrás dele.

— Acha que gosto de me meter em brigas? — Sherlock disse, consciente de que sua voz tremia, à beira da histeria. — Parece que elas me perseguem.

— Bem, parece que você consegue se virar com elas — Matty reconheceu.

— Eu sei o que fazer — Sherlock respondeu, esforçando-se para manter a voz controlada. Ele apontou as nuvens de pó amarelo que flutuavam pela caverna no interior do forte. — Há bandejas de pólen empilhadas naquelas caixas. Precisamos espalhar o pólen por todo esse espaço.

— Por quê? — perguntou Matty.

— Lembra aquela história que você me contou sobre a padaria em Farnham?

— Sherlock indagou.

Os olhos de Matty foram iluminados por uma súbita compreensão.

— Entendi — ele disse. Em seguida, seu rosto ficou novamente sombrio. —

Mas, e nós? — Temos de pôr um fim nisso, e tem de ser agora. Somos menos importantes que as centenas, talvez milhares de pessoas que irão morrer, se não impedirmos.

— Mesmo assim... — Matty disse. De repente ele riu da expressão chocada de Sherlock. — Estou brincando. Vamos em frente.

Juntos eles agarraram tantas bandejas quantas foram capazes, retiraram o pólen amarelo e frio das caixas de gelo e correram pelos espaços entre as colmeias, de modo a deixar o pó se espalhar em nuvens atrás deles. Em dez minutos o ar estava cheio de partículas em suspensão, e os dois meninos não conseguiam enxergar mais que três metros diante do nariz. Era difícil respirar sem engasgar.

Sherlock agarrou Matty pelo ombro.

— Vamos — disse Cegados pelas nuvens de pólen, tentaram encontrar o caminho para o corredor e a escada, atravessando densos aglomerados amarelos e tentando não derrubar nenhuma colmeia.

Um pé de Sherlock chutou algo macio, e ele quase caiu. Quando olhou para baixo, viu uma massa inchada e vermelha que ele quase não reconheceu como o rosto do Sr. Surd. Os olhos tinham desaparecido por entre as dobras de pele inchada, e a boca estava repleta de abelhas mortas.

Apesar de tudo, o menino sentiu um forte impulso de ajudar o homem moribundo, mas era tarde demais. Tomado de forte enjoo e sentindo um estranho frio

interior, seguiu em frente.

Chegou a uma parede de pedra. Direita ou esquerda? Escolheu o lado esquerdo e guiou Matty, puxando-o pela camisa.

Pareceram horas, mas provavelmente não se havia passado mais de

um minuto quando os meninos encontraram o corredor. Sherlock virou-se e olhou para trás: não havia nada além de uma nuvem de pó amarelo.

Ele estendeu a mão e pegou uma lamparina do gancho na parede de pedra.

Com a lâmpada na mão, pensou nas abelhas, seres inocentes de tudo, menos do fato de serem o que eram.

Ele não tinha escolha.

Jogou a lamparina. Ela descreveu um arco no ar e desapareceu ao mergulhar na nuvem de pólen. Momentos depois os meninos ouviram o barulho do vidro que se quebrava no chão.

Seguido de um impressionante *vuump!* quando o pólen pegou fogo.

Um punho invisível empurrou o peito de Sherlock. Ele foi jogado para trás no corredor. O próprio ar à sua frente parecia queimar, e ele sentiu as sobrancelhas e os cílios chamuscados. Caiu no chão com violência e rolou. Matty aterrissou em cima dele.

O corredor atrás dos dois abria-se para um inferno de chamas. Cobrindo a boca com a mão, Sherlock conduziu Matty escada acima, até o alto do forte. O ar passava com velocidade por eles, alimentando o fogo lá embaixo.

Guardas corriam de um lado para o outro, gritando em meio ao pânico coletivo que reinava no alto do forte. O céu estava escuro, e havia uma linha vermelha fina no horizonte, que mostrava onde o sol estivera. Ninguém prestou atenção aos dois meninos que passaram correndo, desceram a escada para o mar e saltaram para o barco a remo.

Enquanto se afastavam remando, Sherlock virou-se para olhar. Todo o forte ardia em chamas. Os capangas de Maupertuis, do alto, jogavam-se na água. Alguns estavam pegando fogo e caíam como estrelas cadentes cortando a escuridão até o mar.

Era uma imagem que Sherlock jamais esqueceria.

A jornada para a costa inglesa foi uma mistura de braços doloridos, pele ardendo e completa exaustão. Mais tarde Sherlock tentaria entender como ele e Matty tinham conseguido chegar sem naufragar, perder-se ou ser levados pela correnteza.

De alguma maneira, Amyus Crowe previra aonde eles iriam chegar. Talvez tivesse feito um cálculo baseado nas marés e na direção do vento; talvez tivesse apenas adivinhado. Sherlock não sabia e, francamente, nem se importava em saber.

Só queria envolver-se em um cobertor e subir em uma cama confortável, e dessa vez

tudo aconteceu exatamente como ele desejava.

Ele acordou na manhã seguinte e as gaivotas gritavam do lado de fora da janela do quarto e o sol refletia-se na superfície do mar, lançando desenhos de ondas em movimento no teto do quarto. Ele estava faminto. Empurrando as cobertas, Sherlock vestiu roupas que não lhe pertenciam, mas eram do tamanho certo e tinham sido deixadas para ele nas costas de uma cadeira. Depois desceu a escada que não se lembrava de ter subido e chegou ao salão de uma taverna que, obviamente, alugava quartos para viajantes. E para aventureiros.

Um terreno aberto estendia-se diante da taverna e terminava em uma encosta que descia até o mar. Sherlock teve de estreitar os olhos contra a forte claridade do sol. Matty Arnatt estava sentado à mesa do lado de fora e devorava um farto café da manhã. Amyus Crowe estava a seu lado, fumando um cachimbo, sentado.

— Dia — Crowe cumprimentou-o, animado. — Fome? — Poderia comer um cavalo.

— Melhor não deixar Ginny ouvir esse comentário. — Crowe indicou uma cadeira vazia. — Sente-se. A comida logo ficará pronta.

Sherlock sentou-se. Os músculos doíam, os ouvidos ainda zuniam por causa da explosão e os olhos estavam secos e coçavam. De alguma forma, ele se sentia diferente. Mais velho. Vira pessoas morrerem, causara a morte de outras, fora drogado com láudano e torturado com um chicote. Como poderia voltar para a Escola Deepdene para Meninos agora? — Tudo se resolveu? — ele perguntou depois de um tempo.

— Seu irmão recebeu a mensagem que enviamos e imediatamente entrou em ação. Acredito que neste momento um navio da Marinha esteja a caminho do forte napoleônico, mas, considerando o que você balbuciou ontem à noite, creio que não irão encontrar mais que um punhado de cinzas. E, mesmo que o Governo britânico consiga convencer as autoridades francesas a revistar o *chateau* de Maupertuis, acho que o encontrarão vazio: ele já terá escapado com os criados.

Mas o plano do barão ruiu como um castelo de cartas soprado pelo vento, graças a você e ao Matthew aqui.

— Jamais teria dado certo — Sherlock comentou, lembrando o confronto entre ele, Virginia e o barão. — Não do jeito que ele queria.

— Talvez. Talvez não. Mas creio que algumas pessoas teriam morrido, e vocês as salvaram. Podem agradecer a si mesmos por isso. E seu irmão também irá agradecer-lhes, quando chegar.

— Mycroft está vindo para cá? — Ele já está no trem.

Uma mulher com um avental saiu da taverna carregando um prato no qual parecia haver tudo o que uma pessoa poderia desejar para o café da manhã, mais várias outras coisas que Sherlock nem mesmo conseguiu identificar. Ela sorriu e

deixou o prato sobre a mesa diante do menino.

— Mande para dentro — Crowe disse. — Você merece.

Sherlock parou por um momento. Tudo à sua volta parecia ao mesmo tempo muito destacado e ligeiramente distante.

— Está se sentindo bem? — perguntou Crowe.

— Não sei — o menino respondeu.

— Você passou por muitas coisas. Foi nocauteado, foi drogado com láudano, sem falar de várias brigas e de uma remada considerável. Tudo isso afeta seu organismo.

Láudano. Ao lembrar os sonhos estranhos que tivera sob o efeito da droga enquanto era levado para a França, Sherlock sentiu uma ponta de... O quê?

Melancolia, talvez. Tristeza. Não poderia ser... saudade? O que quer que fosse esse sentimento, Sherlock afastou-o. Ouvira relatos sobre pessoas que se tornaram dependentes dos efeitos do láudano, e não queria seguir por esse caminho. De jeito nenhum.

— Como está Virginia? — ele perguntou, querendo mudar de assunto.

— Aborrecida por ter perdido toda a diversão. E sentindo falta de sua égua, é claro. Ela quer sair pela cidade, mas eu disse que não poderia ir sozinha. Acho que irá gostar de saber que você acordou.

Sherlock olhou para o mar.

— Não consigo acreditar que acabou — ele disse.

— Não acabou — Crowe respondeu. — Agora tudo isso faz parte da sua vida, e sua vida continua. Não pode separar esses eventos, como se fizessem parte de uma história, com um começo e um fim. Você é uma pessoa diferente por causa deles, e isso significa que a história nunca acabará de verdade. Mas, como seu tutor, minha pergunta é: o que você aprendeu com tudo isso? Sherlock pensou por um minuto.

— Aprendi que as abelhas são criaturas fascinantes e terrivelmente negligenciadas — respondeu, enfim. — Acho que quero saber mais sobre esses bichinhos. Talvez, até tentar mudar a opinião das pessoas sobre eles. — Ele fez uma careta. — Acho que devo isso às abelhas, depois de ter matado tantas delas. —

Sherlock olhou para Matty Arnatt. — E você, Matty? O que aprendeu? Matty ergueu os olhos do prato.

— Aprendi que você precisa de alguém que tome conta de você, ou então suas ideias lógicas acabarão por matá-lo.

— Está se oferecendo para esse posto? — Amyus Crowe perguntou, e seus olhos estavam iluminados pelo bom humor.

— Sei não — respondeu Matty. — Qual é o pagamento? Enquanto Amyus ria e Matty protestava dizendo que falava sério, Sherlock mirava o mar inalterável,

atemporal, tentando imaginar o que aconteceria em sua vida dali em diante. Sentia-se como se tivesse entrado em uma via que nem mesmo sabia que existia. O que encontraria no final dessa estrada? Alguma coisa moveu-se na periferia de sua visão, atraindo a atenção do menino. Ele olhou para um lado, além da taverna, para onde a estrada passava, estendendo-se em duas direções. Uma carruagem aproximava-se, um veículo preto puxado por dois cavalos negros. Por um momento, pensou que Mycroft tivesse chegado, e começou a levantar-se.

Mas, em seguida, acompanhada de um arrepio gelado, veio a visão de um rosto esquelético de olhos cor-de-rosa, que o fitava intensamente através da janela, antes de uma mão enluvada puxar a persiana e a carruagem seguir seu caminho.

Soube, então, que estava certo: nada voltaria a ser como antes. O

barão Maupertuis e a Câmara Paradol ainda estavam à solta, e eles nunca iriam descansar.

O que significava que ele também nunca descansaria.

FIM



SOBRE O AUTOR

ANDREW LANE, que por anos atuou como redator de imprensa especializado em televisão, é autor de vários romances ambientados no universo de conhecidas séries da rede BBC inglesa, como Doctor Who, Torchwood e Randall and Hopkirk (Deceased), além de obras de não ficção dedicadas a filmes e personagens famosos, como James Bond.

Vive em Dorset, no sul da Inglaterra, com a mulher e o filho, em meio a uma vasta coleção de livros sobre Sherlock Holmes, acumulada ao longo de vinte anos

— o que, agora ele afirma, foi uma despesa mais que justificada.

Digitalização de Menina Veneno

Conversão para ePub de Clubinho

Revisão final de LeYtor

Table of Contents

Folha de Rosto

Dedicatória

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Sobre o Autor

Créditos

Document Outline

- Folha de Rosto
- Dedicatória
- Prólogo
- Capítulo um
- Capítulo dois
- Capítulo três
- Capítulo quatro
- Capítulo cinco
- Capítulo seis
- Capítulo sete
- Capítulo oito
- Capítulo nove
- Capítulo dez
- Capítulo onze
- Capítulo doze
- Capítulo treze
- Capítulo quatorze
- Capítulo quinze
- Capítulo dezesseis
- Capítulo dezessete
- Sobre o Autor
- Créditos